

VIKTOR D. SALIS

MITOLOGIA VIVA

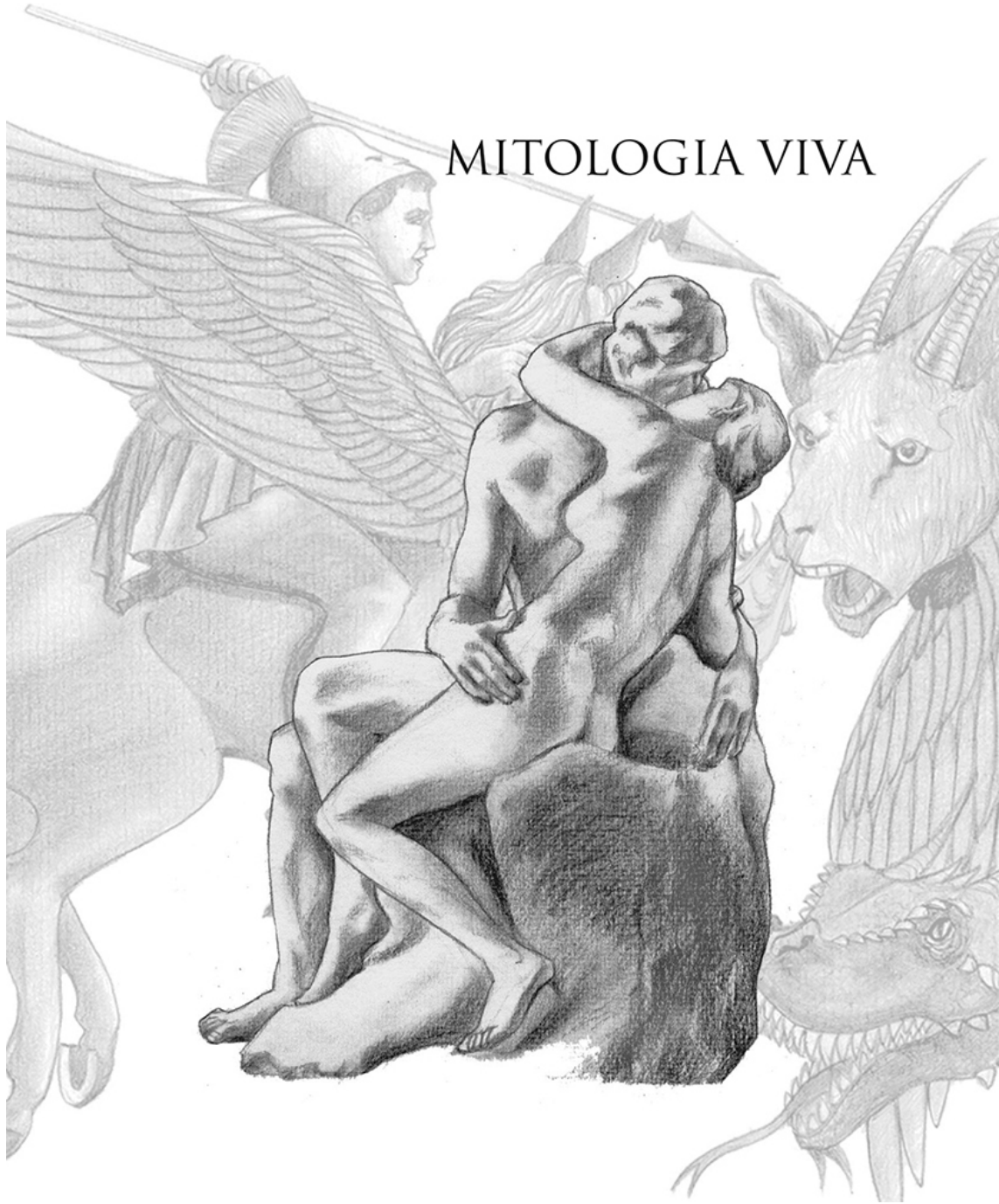
*Aprendendo com os deuses
a arte de viver e amar*



NOVALEXANDRIA



MITOLOGIA VIVA



VIKTOR D. SALIS

MITOLOGIA VIVA

*Aprendendo com os deuses
a arte de viver e amar*

ILUSTRAÇÕES DE WILLIAM VALERIANO

NOVALEXANDRIA

© Copyright, 2003 - Viktor D. Salis
2ª edição 2011 - Em conformidade com a nova ortografia

Todos os direitos reservados.

Editora Nova Alexandria
Avenida Dom Pedro I, 840 São Paulo - SP
01552-000 São Paulo - SP
Fone/fax: (11) 2215-6252
www.novaalexandria.com.br
novaalexandria@novaalexandria.com.br

Preparação de originais:

Maria Luiza Favret

Revisões:

Wilson Ryoji Imoto

Maria Clara Fontanella

Ruy Cintra Paiva

Revisão da 2ª edição:

Thiago Lins

Ilustrações do miolo:

William Valeriano

Capa:

Ilustração de William Valeriano e montagem de Antonio Kehl

Editoração Eletrônica:

GAPP design

Dados para Catalogação

Viktor D. Salis

Mitologia viva – Aprendendo com os deuses a arte de viver e amar

Editora Nova Alexandria, São Paulo, 2003

ISBN 978-85-7492-262-1

1. Mitologia grega 2. Deuses da Grécia

3. História

CDD 291

Consagro esta obra:

À memória e glória dos deuses do Olimpo.

À busca da Paideia, no seu eterno ideal de formar “homens obras de arte”

Aos meus alunos, que tanto me ensinam.

À minha mãe, pela sua paciência e infinita compreensão.

À memória de meu pai e de meu irmão.

Agradecimentos para Conceição Queiroz, cujo
apoio tornou possível esta obra.

Sumário

I 14

Introdução 14

O que são os mitos e para que servem? 16

II 20

O enigma da Esfinge e o Oráculo de Delfos 20

Quem és tu, que fazes aqui? De onde vieste? Para onde vais? 23

III 28

Quem eram os deuses do Olimpo? 28

Zeus, o maior dos deuses – a energia criadora 37

Hera, a maior das deusas – a força da fecundidade e da consolidação 39

Apolo, o deus da luz, da beleza, das artes e da profecia 40

Ártemis, a deusa que honra e protege o sagrado na natureza 44

Atená, a deusa da sabedoria, da equidade e da justiça 47

Afrodite, deusa da beleza, do amor e da entrega 52

Ares, deus protetor do espírito de luta 57

Héfestos, deus das ferramentas para se viver na Terra 62

Héstia, deusa protetora do sagrado do lar e do interior de cada um 66

Hermes, o deus condutor dos caminhos e meios para se viver na Terra. O condutor das almas para a ressurreição 71

Deméter, deusa da fertilidade e da arte de morrer e voltar a viver. O rapto de Perséfone 76

Dioniso, deus do vinho, do êxtase e da alegria. O mito do bode expiatório 87

Posseidon, deus dos mares e sacudidor da terra, aquele que exige o cumprimento das tarefas inadiáveis 93

Hades ou Plutão, deus dos mortos e vingador dos falsos juramentos 96

A Hierarquia Olímpica 103

IV 108

Os grandes mitos para se aprender a arte de amar 108

Orfeu e Eurídice 110

Para descer ao “nosso inferno” e libertar a alma prisioneira 110

casamento de Eros e Psiquê 115

Para aprender a fazer tudo na vida com amor e paixão 115

Teseu e Ariadne 124

a arte de vencer nossa brutalidade e encontrar o fio da vida 124

Jasão e Medeia 134

Para entender a força do amor e do ódio 134

Afrodite e Adônis 142

Para aprender que a beleza e o amor foram feitos para ser dados, e nunca guardados 142

Helena de Troia e Páris Alexandre 146

para entender os desvarios do amor 146

Narciso, Eco e Pan 154

para aprender a não amar quem só ama a si mesmo e não entregar a vida por um amor 154

Prometeu e Pandora 158

As quatro eras cósmicas e a origem do masculino e feminino – um mito belo e exemplar 158

O Hermafrodita 166

Para conhecer os princípios masculinos e femininos que regem a vida 166

Os grandes mitos dos heróis para se aprender a arte de viver e evoluir 171

Os doze trabalhos de Hércules 173

As etapas da Paideia para formar um homem “obra de arte, ético e criador” 173

Perseu e a Medusa 197

A morte nos olhos e o terror do outro; sobre a coragem para enfrentar o medo do desconhecido 197

Uma introdução a Édipo e Antígona 202

Édipo Rei 204

Para aprender que mesmo o mais maldito dos homens pode tornar-se o mais evoluído e ser eleito imortal pelos deuses 204

Antígona 210

Para se conhecer a verdadeira nobreza do feminino 210

VI 217

Os grandes mitos exemplares para aperfeiçoar a arte de viver 217

O Fênix redivivo 219

Para aprender como renascer das cinzas 219

Quimera e Belerofonte 223

Para aprender a não buscar ideais impossíveis que nos destroem 223

Ácteon e Autonóe 227

Para respeitar o sagrado da natureza 227

O rei Erisictão 231

Para não devorar os outros e acabar devorando a si próprio 231

Sísifo: o mais astuto dos mortais que tentou enganar a morte 235

Para aprender que quanto mais se economiza a vida mais se encontra a morte 235

Os monstros míticos 238

Para conhecer e aprender a lidar com as forças da psiquê cósmica 238

VII 245

Os grandes princípios míticos 245

Do caos à criação 247

As eras de Urano e Gaia, Kronos e Rea, Zeus e Hera. Para conhecer as etapas da evolução cósmica 247

Os Mistérios de Eleusias 255

Uma introdução para se aprender a arte da libertação do ciclo da vida e da morte 255

Geometria sagrada e os segredos das pirâmides 265

Para conhecer a magia dos números 1, 3, 7, 9 e 12 265

Sobre o autor 271



INTRODUÇÃO

O QUE SÃO OS MITOS E PARA QUE SERVEM?

A origem dos mitos perde-se na noite dos tempos, sem que ninguém possa dizer de onde vieram. São narrativas fascinantes, porém absurdas para quem quiser enxergar nelas algo palpável e “real”. E não adianta procurar nessas histórias verdades científicas, pois, ao fazê-lo, perderão toda sua beleza e fascínio.

Mas, se são fantasias absurdas, para que servem então? Para levar-nos para longe da realidade e embalar-nos em sonhos impossíveis? E ainda assim ficamos apaixonados pelos mitos e maravilhados com eles. Falam de coisas que nos dizem respeito e parecem responder a tantas e tantas perguntas sobre o mistério e o absurdo de existir. Que estranho! Parece que, quando passamos a conhecer um mito, “já sabíamos sem saber”. Ele nos soa tão familiar e, principalmente, toca nosso coração – se nosso realismo permitir e não exigir que o descartemos como bobagem ou simples mentira (da qual, afinal, mito é sinônimo).

Na antiguidade, longe de indicar algo falso, os mitos eram considerados a linguagem que os deuses utilizavam para ensinar a nós, pobres mortais, a arte de viver, amar e nos aproximar deles. Eram narrativas fantásticas e ambíguas, porque os deuses nunca se comunicam de forma direta conosco; não é muito diferente do que ocorre quando consultamos um astrólogo ou um vidente. As respostas que buscamos nunca são transparentes e diretas – exigem nossa intervenção e interpretação para ganhar sentido e direção. É como se adentrássemos um mundo mágico (esta palavra deriva de mito...), no qual se abrem novas possibilidades e esperanças para um futuro sempre incerto, mas tão sonhado e desejado.

Os mitos não podem – e nunca quiseram – competir com a ciência e a razão. Eles nos abrem as portas para outra realidade: o mistério de viver, com seus dramas individuais e coletivos, suas angústias, medos, alegrias e anseios. Eis o ponto em que a ciência e a razão sempre

fracassaram redondamente! Alguém se atreve a explicar sua própria existência de modo científico, racional e previsível? Se conseguir, é porque já morreu e ainda não foi notificado da data de seu enterro...

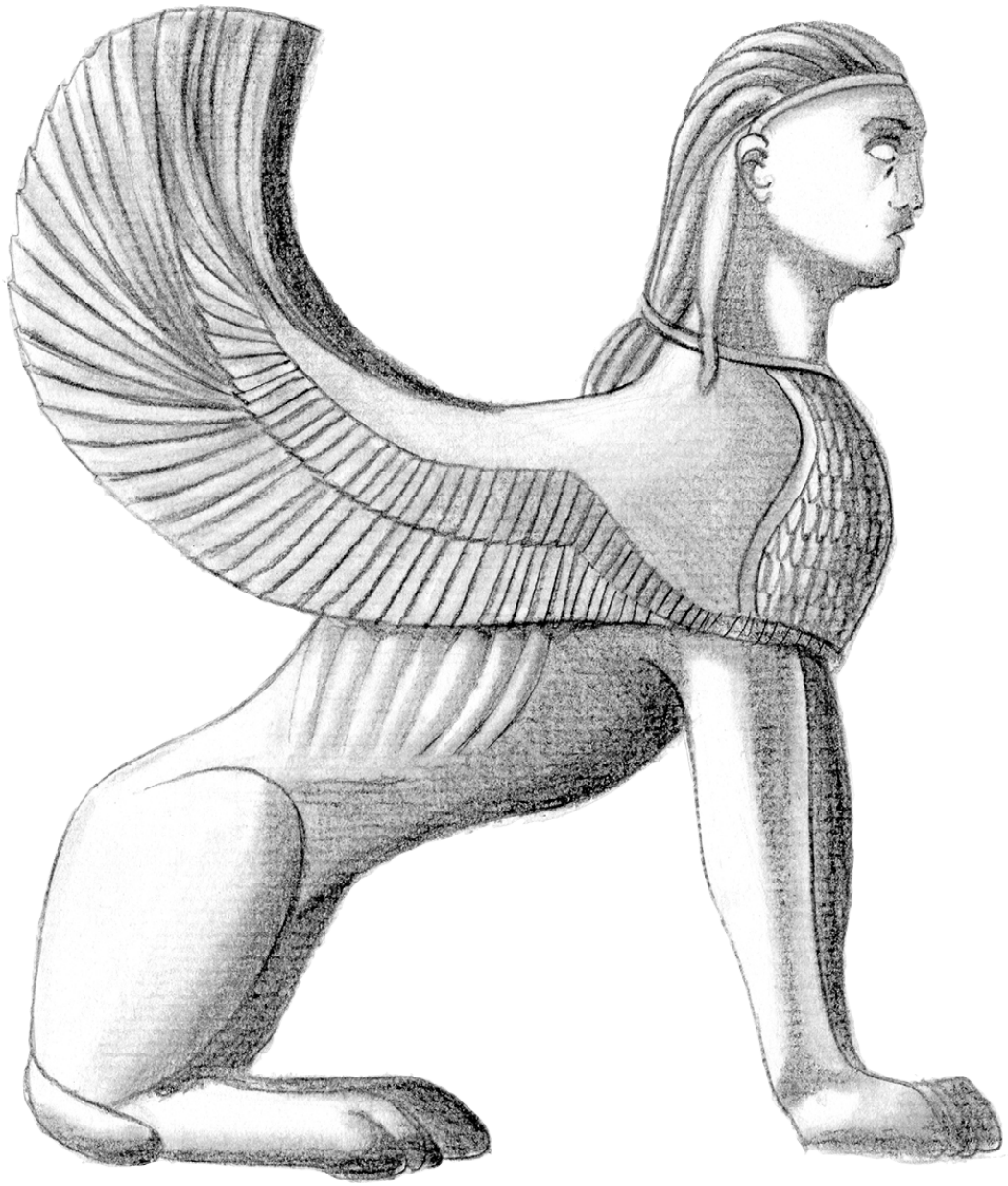
Eis a beleza dos mitos, que tanto nos fascinam e apaixonam: eles não preveem, mas abrem portas e possibilidades para nossa vida. Por isso são fantásticos e ambíguos. Exigem nossa participação e tomada de posição. Enfim, cobram de nós a coragem de viver, e não simplesmente vegetar. Assim, cada um tem o desafio de recriar um mito – qualquer mito – para sua vida, de acordo com sua visão e compreensão. Tanto ontem como hoje, eles cumprem o papel dos oráculos e videntes de nosso íntimo.

Este pequeno livro apresenta uma coletânea dos mitos mais consagrados da tradição grega, numa linguagem simples, tal como eram descritos na antiguidade. Além disso – talvez o mais importante –, o leitor encontrará nele o significado oculto de cada mito e como seus ensinamentos podem ser aplicados por qualquer pessoa em sua vida e em seu cotidiano.

O autor.



O ENIGMA DA ESFINGE E O ORÁCULO DE DELLOS



QUEM ÉS TU, QUE FAZES AQUI? DE ONDE VIESTE? PARA ONDE VAIS?

A Esfinge era um monstro mitológico, com cabeça de mulher, corpo de leão e asas de águia. Essa tradição originou-se no Egito e passou para a Grécia. Sua principal estátua ficava no templo de Apolo, no chamado Oráculo de Delfos. “Esfinge” é uma palavra do egípcio arcaico que significa apertar a garganta até sufocar ou mesmo asfixiar. Já “oráculo” é uma palavra em parte grega e em parte latina que significa “profeta”, “adivinho”.

Delfos era um local sagrado onde Apolo, o deus da luz e das profecias, era consultado por meio de sua grande sacerdotisa, chamada de Pítia ou Pitonisa, nome que quer dizer “aquela que vence a escuridão”. A Esfinge era famosa por seus enigmas, mas todos tinham uma mesma finalidade: “Decifra-me ou te devoro”, ou seja, aquele que não os decifrasse era por ela devorado. Um desses enigmas, muito conhecido, era mais ou menos assim: “O que é, o que é? De manhã anda de quatro, ao meio-dia, sobre duas pernas, e pela tarde, com três pernas”. Naturalmente, referia-se ao homem, que em criança engatinha, quando adulto anda sobre duas pernas e ao envelhecer necessita da terceira perna, que é a bengala. Essa charada era um truque, na verdade, pois o homem é muito mais do que apenas isso.

Na verdade, os enigmas da Esfinge poderiam ser resumidos nestas perguntas: “Quem sou eu e o que faço aqui? De onde venho? Para onde vou?”. São essas as perguntas que todos faziam no Oráculo de Delfos para a Pítia. E, até hoje, cada um de nós busca respostas para elas. Achamos que não estamos no mundo à toa, que tanto o passado como o futuro envolvem um significado que nos cabe descobrir e entender. Ninguém se conforma em ser apenas um amontoado de reações químicas e orgânicas sem sentido, que apenas segue as leis da biologia.

Sentimos que há algo maior, espiritual, que habita em nós, e queremos encontrar um caminho para esse mistério que culminará com nossa morte física, mas não espiritual.

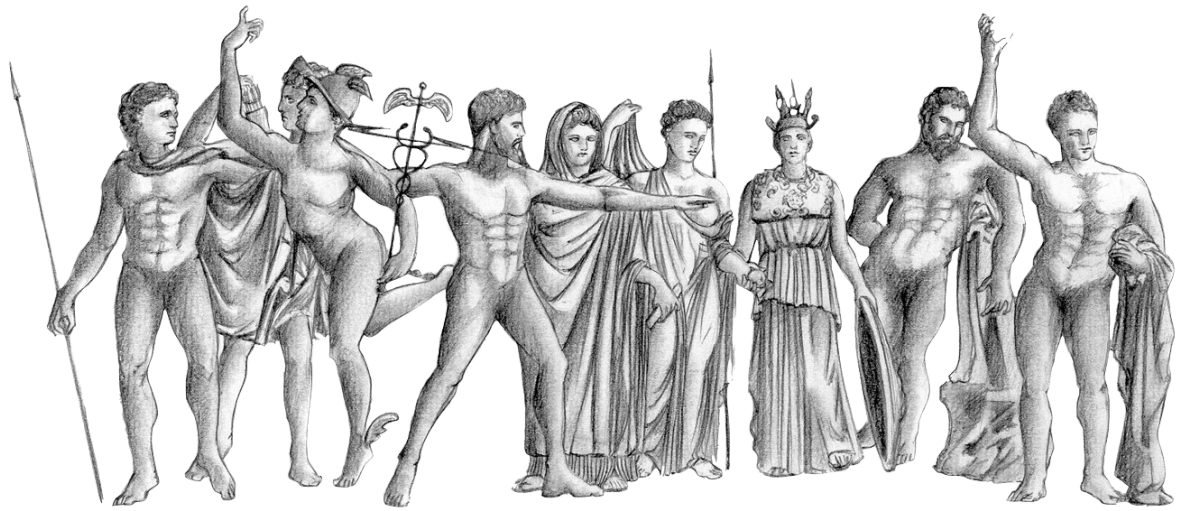
Aliás, é por isso que a Esfinge nos sufoca e ameaça nos asfixiar. É o que sentimos quando nada sabemos sobre nós, quando as incertezas nos invadem e o tempo nos angustia, pois passa cada vez mais depressa. Enfim, são muitas as indagações sobre o passado não compreendido e o futuro incerto. Ao contrário, quando conseguimos decifrar ou entender algo sobre nosso passado, presente ou futuro, sentimos enorme alívio, e o aperto no peito e na garganta parece sumir... até voltar de novo, quando irromper outra indagação. Procuramos então um psicólogo, um astrólogo, um adivinho que leia cartas, jogue búzios, ou buscamos as respostas em nossas crenças ou superstições.

E, ontem como hoje, a ciência não ajuda a decifrar o mistério de viver. Precisamos buscar outro tipo de saber. A Esfinge nos persegue, e procuramos oráculos de toda espécie para não sermos por ela devorados. A verdade é que eles sempre foram e serão necessários para acalmar nossa angústia e ansiedade perante um futuro incerto, o passado desconhecido e o presente fugidio. Este escapa de nossas mãos com tal velocidade que o tempo não é suficiente para entendermos o que acabou de acontecer.

A Esfinge também tinha a função de oráculo, pois exigia que buscássemos os caminhos para nossa trajetória neste planeta chamado Terra, para não sermos devorados pelo medo, pela angústia e pelo desconhecimento do que viemos fazer aqui. Agora podemos entender o que significava esse monstro. Tinha cabeça feminina porque esta representa a intuição. É dessa maneira que devemos indagar, pois a razão e a lógica são inúteis para investigar o mistério da existência. Além disso, é preciso fazê-lo com sensibilidade – outra característica do arquétipo feminino. O corpo da Esfinge era de leão porque é preciso ter coragem e força para indagar. Além disso, sem saúde forte não se vai a

nenhum lugar. Mas, cuidado! Saúde não se obtém somente com alimentação saudável e exercícios físicos (hoje tão na moda). Isso apenas responde pela parte física. Devemos cultivar a saúde mental e espiritual. Sem isso, de nada adiantará todo o nosso esforço, pois levando uma vida apressada e ansiosa, em busca de ter mais e mais, destruimos a nós mesmos. Ou, ainda, se vivermos alimentando raivas, invejas e ciúmes, o resultado poderá ser pior. Isso é mais danoso à saúde do que o álcool e as drogas juntos. Finalmente, a Esfinge tinha asas de águia porque o caminho do homem é para o alto, para os deuses ou, como dizemos hoje, para a espiritualidade. Novamente, para o alto não significa lutar para provar que somos melhores do que os outros – isto é tolo, vão, e somente nos rebaixa. Voar para o alto muito menos significa conquistar cada vez mais bens materiais – não custa lembrar que tudo ficará aqui. Voar para o alto é saber nos bastar e buscar a única coisa que levamos para a eternidade: a sabedoria e a espiritualidade ou, como diziam os antigos, a nobreza, a beleza e a bondade.

Eis a chave do enigma da Esfinge para a modernidade: conhece-te a ti mesmo, depois aos outros, e finalmente ao mundo – e então, finalmente, serás um homem capaz de voar para o alto. Não esqueça também que o homem deve realizar duas viagens ao longo de sua vida: uma para dentro e outra para fora. Não carregue fardos desnecessários nas costas, pois assim nunca poderá alçar voo e jamais conhecerá a verdadeira liberdade do ser. Lembra também que liberdade não é sinônimo de irresponsabilidade. Ao contrário, o verdadeiro homem livre é responsável por si mesmo e pelos outros – e o faz com paixão. Finalmente, encontra um meio de transformar tudo que és em nobreza, beleza e bondade, e assim a Esfinge nunca te devorará, pois tua existência estará decifrada – serás um livro aberto, e que belo voo alçarás.



QUEM ERAM OS DEUSES DO OLIMPO?



Na antiguidade grega, a religião e a mitologia eram constituídas por um casal supremo – Zeus e Hera – e outros doze deuses, que eram seus pares complementares. Havia duas maneiras de entendê-los:

A primeira, mais simples e concreta, era a chamada visão de

Homero, que encontramos na *Ilíada* e na *Odisseia*. Nessa visão, os deuses só se diferenciavam dos homens por serem mais poderosos e imortais. Tinham, além de forma humana, paixões, rancores, ciúmes, preferências, enfim, todos os atributos humanos.

A segunda maneira de entendê-los é encontrada em Hesíodo, em suas obras *A Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*. Nelas é mostrada uma concepção metafísica e abstrata dos deuses, algo próximo das religiões modernas. Eles não eram apenas poderosos e imortais, mas potências e manifestações cósmicas em busca de uma ordem que superasse o caos. Todos eram formas da criação e buscavam consolidá-la. Essa visão, mais profunda e exata, era a dos sacerdotes e iniciados. Ontem, como hoje, sempre existiram duas maneiras de ensinar a religião: uma, mais simples, destinada ao povo, e outra, mais profunda, destinada aos iniciados.

Infelizmente, apenas chegou até nós a visão mais simples, e esta, mesmo assim, foi banalizada. Na verdade, ambas estavam corretas. Os antigos sabiam que, por exemplo, seria muito difícil para uma criança ou um camponês entender que Zeus e Hera eram “as potências complementares da criação, sendo ele a força que se expande infinitamente, e que tudo o que toca se multiplica, enquanto ela é a potência fecunda, que busca consolidar tudo que é criado – como aliás convém ao arquétipo feminino, cujo atributo fundamental não é apenas dar a vida, mas dela cuidar para fortalecê-la”.

Em linguagem mais simples (de Homero), isso era explicado de maneira muito mais fácil de entender: Zeus era a paixão que não se continha, e por isso era infiel a sua esposa, tendo inúmeras relações extraconjugais, das quais nasceram muitos deuses, semideuses e heróis. Já Hera morria de ciúmes dele e estava sempre tentando aniquilar as amantes (ou os amantes) de seu esposo e os filhos nascidos dessas uniões. No entanto, os que sobreviviam às suas perseguições ou eram aceitos por ela (é o caso de Hércules, a quem Hera deu sua filha por esposa quando ele se tornou imortal), ou eram metamorfoseados em

forças cósmicas, ou ainda consagrados (é o caso de Dioniso ou Baco).

Dessa maneira, os antigos conseguiam ensinar às crianças e às pessoas mais simples a religião de um modo mais humano e apaixonante, usando uma linguagem mais acessível, que todos entendiam. A criação é constituída pelo amor e pela paixão, e nem sempre é possível contê-la ou mesmo prevêê-la. Talvez seja isso o que tanto nos encanta na mitologia. Os deuses eram cheios de paixões que resultavam num constante renovar, sendo um exemplo a ser seguido pelos homens. A única possibilidade aqui na Terra é a criação, e ela não é possível sem paixão, pois está voltada à multiplicação da vida, e não à sua destruição. Na verdade, se tivessem tido a oportunidade de conhecer como ensinamos a religião na modernidade, os deuses iriam achar-nos muito chatos e sem graça. Além disso, ficariam horrorizados se soubessem o quanto já matamos em nome de Deus. Vejam-se a Inquisição, as Cruzadas, a caça às bruxas, a Guerra Santa etc. E não devemos confundir a perseguição de Roma aos cristãos com a tradição mitológica grega, uma vez que a religião romana era muito diferente da grega, embora alguns deuses tenham sido por ela adotados, mas exercendo funções totalmente diferentes e modificadas para o uso do imperialismo guerreiro e conquistador próprio de Roma.

Vale notar ainda que, na antiga religião grega, encontramos deuses e deusas, ou seja, tanto o arquétipo masculino como o feminino são divinizados, algo que nunca mais aconteceu nas religiões modernas, sendo o feminino sumariamente suprimido delas. O mesmo se pode dizer com relação aos Messias, pois são todos masculinos (Moisés, Cristo, Maomé), e às funções eclesiásticas (papa, bispo, cardeal, padre, aiatolá, imã, rabino), que também foram vetadas às mulheres, sendo-lhes permitido no máximo retirar-se para um convento e... ficar quietas! Myrcea Eliade, em sua obra *História das crenças e religiões*, notou muito apropriadamente que o monoteísmo das religiões modernas só foi possível com a supressão de um dos arquétipos, no caso o feminino, e que isso, longe de representar um avanço ou progresso em relação às

chamadas religiões “pagãs”, foi um retrocesso. O arquétipo feminino – e as mulheres, claro – foi simplesmente retirado das funções religiosas, sociais e políticas nas culturas ocidentais. O fato é que até hoje, com todos os avanços dos últimos cinquenta anos, ainda estamos muito longe de nos aproximar do papel e da relevância do arquétipo feminino (e da mulher) que existiu na antiguidade, especialmente antes do século V a.C. – a partir daí deu-se a grande guinada para sua supressão. Só podemos lamentar que muitos estudos sérios sobre esse assunto caíam no erro de analisar o papel da mulher somente a partir dessa época e tirem suas conclusões (equivocadas) para toda a antiguidade helênica e egípcia. Para um estudo correto e profundo desse assunto, recomendo a obra fundamental de Werner Jaeger, *Paideia: a formação do homem grego*, da Editora Martins Fontes.

A classificação e a descrição das funções dos deuses a seguir foram baseadas e inspiradas nas obras de Homero, *A Ilíada* e *A Odisseia*; de Hesíodo, *A Teogonia*, *Os trabalhos e os dias*, *O certame* e *O escudo*; e na obra capital de Apolodoro de Atenas, *Biblioteca*. Infelizmente, com exceção de *A Ilíada*, *A Odisseia*, *A Teogonia* e parte de *Os trabalhos e os dias*, não há traduções das outras obras para a nossa língua, a não ser em Portugal.

Os antigos reuniam os deuses de acordo com suas funções, que apresentamos sinteticamente a seguir:

- **Zeus:** deus da criação e da expansão.
- **Hera:** deusa da fecundidade, da consolidação e do fortalecimento.
Zeus e Hera são o casal supremo, infinitamente mais poderosos que os demais, e são pares complementares. Homero lembra-nos de que a distância que os separa dos outros deuses é a mesma que separa os homens dos deuses.
- **Apolo:** deus da profecia, da luz, da beleza, da música, da poesia e das artes.
- **Ártemis:** deusa que honra e protege o sagrado na natureza.
Os dois são irmãos gêmeos e pares complementares também.

- **Atená:** deusa da sabedoria, da justiça e da equidade.
- **Afrodite:** deusa do amor e da entrega (também conhecida pelos romanos como Vênus).
- **Ares:** deus do espírito de luta e dos combates. Foi desvalorizado em sua forma guerreira pelos gregos e supervalorizado nessa mesma forma pelos romanos, que eram um povo belicoso e conquistador. Era por eles conhecido como Marte.

As divindades que têm o nome começado com a letra A (isto não é casual) eram chamadas de “deuses da transcendência”, porque cada um, a seu modo, ensinava aos homens as artes para se elevar espiritualmente.

- **Héfestos:** deus das ferramentas e dos instrumentos.
- **Héstia:** deusa protetora do sagrado do lar e do interior de cada um. Era representada por um fogo sempre aceso no interior das casas e que não podia nunca se extinguir.
- **Hermes:** deus condutor das almas após a morte no caminho para voltarem a viver (todas as religiões antigas acreditavam na regeneração das almas em outro corpo – séculos mais tarde, o espiritismo inspirou-se nessa ideia). Era, além disso, o condutor dos homens na Terra.

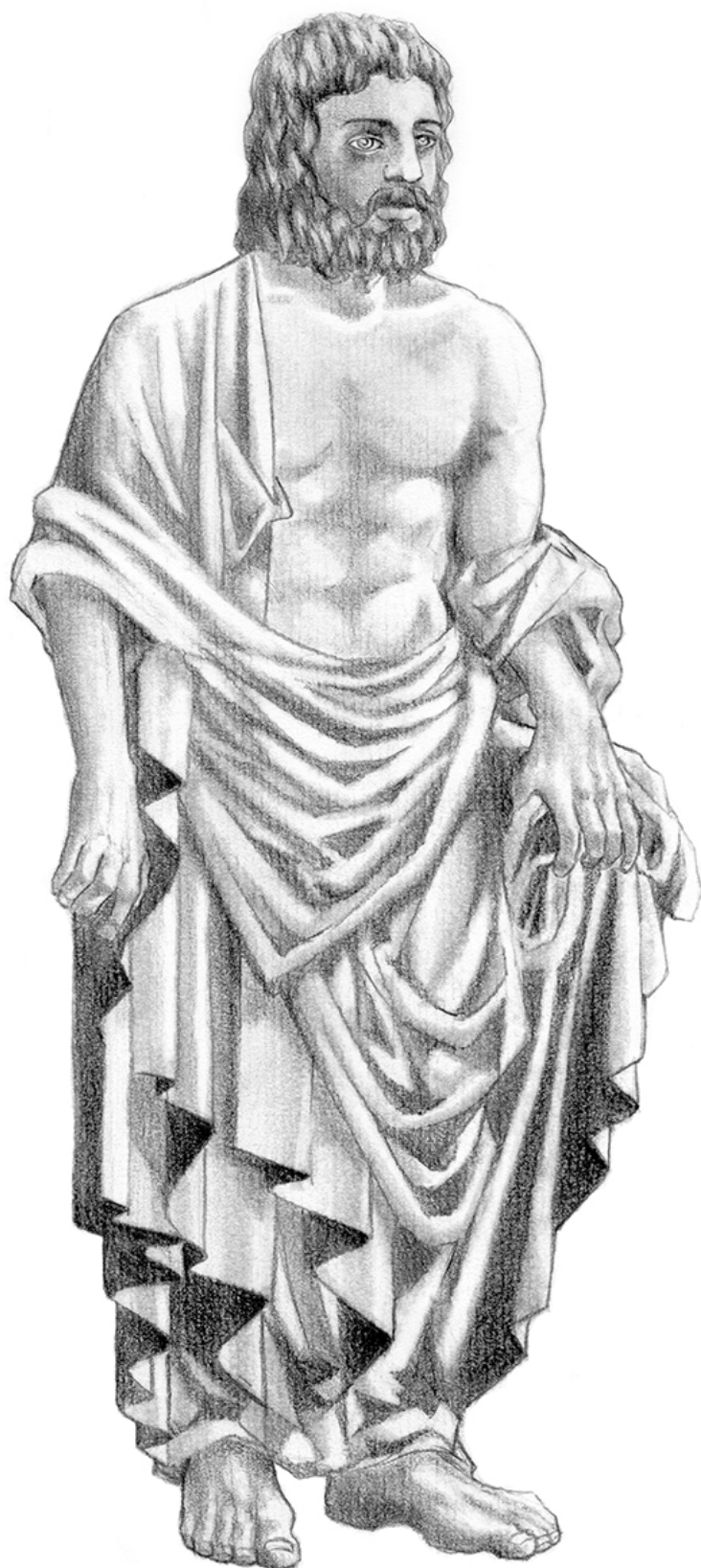
As divindades que têm nome iniciado com a letra H (na verdade, é o E com som longo em grego – *eta*) eram chamadas de “divindades da permanência”, porque ensinavam aos homens as artes para se viver na Terra. A deusa Hera as presidia. Também nesse caso, não é casual que os nomes comecem com a letra H.

- **Deméter:** deusa da fertilidade e das artes para se voltar a viver. Simboliza as estações do ano e a regeneração da natureza.
- **Dioniso:** deus do vinho, do êxtase e da alegria. É o deus que ensina a conviver com o outro, por excelência. No período romano, era conhecido como Baco e seus atributos foram completamente degenerados, sendo associados com orgias e bacanais, típicos da decadente Roma, em seus costumes e sua ética.

Esses eram chamados de “deuses da imanência”, porque ensinavam aos homens como adentrar o mistério do interior da terra, em si mesmos e nos outros. Presidiam os famosos “Mistérios de Eleusias” (da libertação) e também não é casual que seus nomes comecem com a letra D – o conhecido *delta* em grego. Essas questões serão abordadas nos tópicos dedicados a cada um desses deuses.

- **Posseidon:** deus dos mares e das tarefas inadiáveis para se viver. Irmão mais velho de Zeus, era conhecido como “o deus das origens”, porque tudo veio dos mares para os antigos e lá nada pode ser adiado ou postergado.
- **Hades ou Plutão:** também era irmão de Zeus. É o deus dos mortos e vingador dos falsos juramentos. Era conhecido como “deus do abissal”, juntamente com sua esposa Perséfone, também chamada de “a juíza infernal”. Juntos presidiam o julgamento dos mortos para avaliar se poderiam voltar a viver. O nome desse deus em grego não começa com a letra H, mas com A.

Vejamos agora como eram esses deuses e o que ainda podem nos ensinar nos dias de hoje:



ZEUS, O MAIOR DOS DEUSES — A ENERGIA CRIADORA

Significava o impulso divino que está sempre em ação. Tudo o que toca se multiplica e se expande. É o conúbio entre o temporal e o eterno, pois renova a vida infinitamente. É a potência que se expande em criações que consolidam a vida. Luta eternamente para vencer o caos e a destruição.

Seus símbolos são a águia, a linha reta e o ouro. A águia representa a busca pela Criação. A linha reta é a impossibilidade de ter seu rumo desviado; a palavra “caráter” daí se originou, estando associada com retidão, mas não com rigidez. Já o ouro é o símbolo do eterno e da verdade, pois não sofre a ação do tempo. Cultuar Zeus significa praticar a criação, sendo seu instrumento, e opor-se à destruição e ao caos.

Na visão popular e pedagógica de Homero, Zeus é o conquistador por excelência: está sempre envolvido em amores extraconjugais, dos quais nascem muitos deuses, semideuses e heróis. Sempre arquiteta ardis para escapar de sua esposa ciumenta, Hera. No Capítulo VII contaremos a história de seu nascimento e a origem dos deuses que o precederam, chamados de Titãs (potências masculinas) e Titeias ou Titanesas (potências femininas).



HERA, A MAIOR DAS DEUSAS — A FORÇA DA FECUNDIDADE E DA CONSOLIDAÇÃO

É par complementar de Zeus (e ele, dela), tendo os dois atributos do feminino por excelência: a fecundidade e a dedicação para conservar e fortalecer toda a obra criada. E, realmente, de nada adianta o esforço da criação se não houver proteção e dedicação à obra criada. É preciso cuidar e proteger para que a obra possa vingar. Assim, Hera é, por excelência, o princípio materno que cuida e consolida tudo o que é criado. Sem cuidado e dedicação, não há criação que sobreviva e se consolide. Sem criação, não há o que cuidar e consolidar, pois tudo cai num vazio que beira a dissolução do caos.

Na visão popular de Homero, Hera é fiel, virtuosa, intocável e insensível à corte dos celestes. É uma torre de marfim inexpugnável, e seu amor é possessivo e exclusivo. Não se cansa de perseguir as paixões ilícitas de seu esposo Zeus, procurando a vingança.

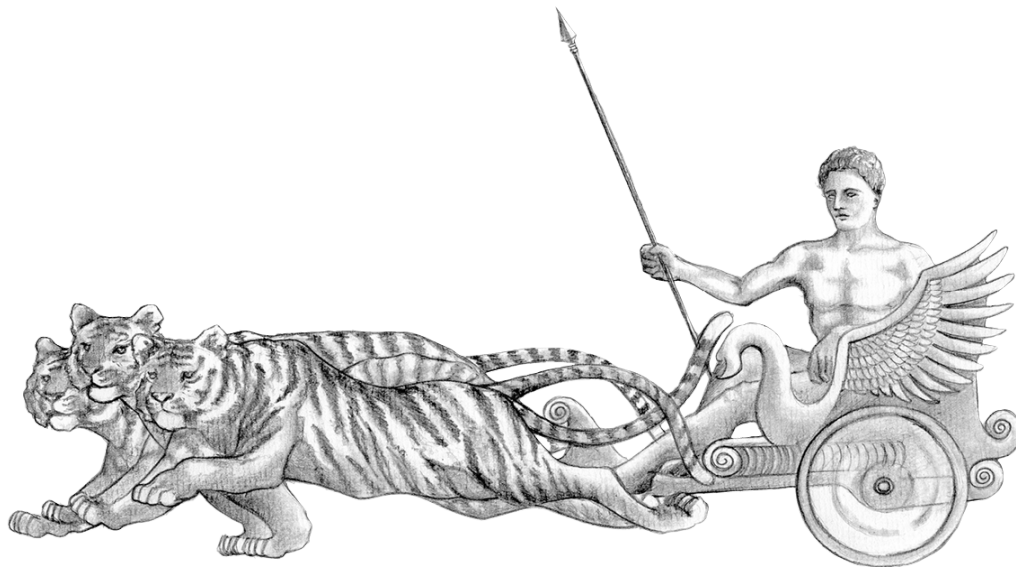
Recebeu de sua avó Gaia (a grande Terra) as romãs de ouro como presente de casamento. Eram o símbolo e o auspício da fecundidade eterna. Vemos assim que Zeus e Hera são os pares complementares dos quais surge e se consolida a obra criada, sendo os arquétipos masculino e feminino por excelência. Ele é a potência que se expande e se multiplica infinitamente. Ela é a potência que contém, pondo à prova, consolidando e fortalecendo a criação, que somente assim é possível, e tudo que é passível de existir no universo deverá submeter-se a essas leis. Seu animal sagrado é o pavão, símbolo de seu encanto e de sua beleza.

Assim, esse casal é um exemplo a seguir para nós humanos e mortais, cabendo a cada um encontrar dentro de si – seja homem ou mulher – sua porção Zeus e sua porção Hera, cultivando-a e aperfeiçoando-a. Para os antigos gregos, os deuses deviam ser imitados pelos humanos. Afinal, somos instrumentos deles. Assim, imitá-los é procurar em cada um de nós os meios para contribuir com a infinita

criação e sua consolidação.

APOLO, O DEUS DA LUZ, DA BELEZA, DAS ARTES E DA PROFECIA

É também chamado de Foibos – o iluminante, o deus-luz. É irmão gêmeo de Ártemis, sendo que ambos são fruto da união de Zeus com Leto – deusa primordial cujo nome quer dizer “aquela que liberta”. A tradição conta que Hera, ao saber da união de seu esposo com Leto, tudo fez para impedir seu parto na Terra, ordenando que lugar algum a recebesse para dar à luz.



Mas havia uma pequena ilha flutuante de nome Ortúgia (Codorniz), que muito ansiava pelo direito de ter um lugar fixo no oceano. Zeus ordenou que o deus dos mares, Poseidon, lhe concedesse esse direito se ela recebesse Leto para ter seus filhos. Assim foi feito, e quando nasceu Ártemis, e em seguida Apolo, essa ilha foi declarada o santuário de Apolo e Ártemis, e seu nome passou a ser Delos – “aquela que aclara, que abre as portas da compreensão e dos significados ocultos”.

Veja só que bela sucessão de símbolos: daquela que liberta (Leto) e da força da criação (Zeus) nasceram Apolo e Ártemis, ou seja, a criação

uniu-se com a força que liberta para que pudessem surgir Apolo (que quer dizer a totalidade da luz) e Ártemis (que quer dizer aquela que honra e protege o sagrado na natureza, em sânscrito). Retornaremos às funções de Ártemis no próximo tópico.

Criação (Zeus), libertação (Leto), luz (Apolo), sagrado na natureza (Ártemis): eis a síntese do que os homens devem aprender com essa união sagrada e seus frutos. O caminho do homem deve buscar a criação para se libertar, e dessa união nascerá sua luz interior (a intuição e a sabedoria); finalmente, deve unir-se ao sagrado na natureza, pois é aqui que está contida toda a sabedoria. Honrando e respeitando a natureza, poderá abrir as portas para compreender o mistério maravilhoso que é a vida, e adentrar e desvendar a si próprio.

Apolo, ao nascer, recebeu três presentes: do deus das ferramentas, Héstos, ganhou uma aljava cheia de flechas de ouro infalíveis – para atingir em cheio os que desprezam a busca da luz (intuição), da beleza (que está em tudo que é vivo) e das artes (que é a continuação da criação de seu pai, Zeus); de seu pai recebeu um coche de ouro puxado por cisnes imortais para levar o Sol todos os dias em sua carreira do nascente ao poente (Apolo, no entanto, não é o deus-sol – este se chama Hélios, e está a serviço de Apolo. Este sim é o princípio que tudo ilumina, inclusive o próprio Sol); de sua mãe Leto recebeu o dom da profecia e a visão das coisas ocultas.

O pai de Apolo, Zeus, ordenou-lhe que descesse à Terra e, num local elevado, próximo ao monte Parnaso, erigisse um santuário onde realizaria suas profecias por um oráculo. Esse local foi chamado Delfos – que quer dizer local de irmanação e de encontro dos homens com os deuses. Sua interlocutora (a sacerdotisa mais importante da Grécia antiga), a Pítia ou Pitonisa, era quem falava em seu nome. Como já foi dito, o nome Pítia significa aquela que sobrepuja a escuridão, a ignorância, e pode profetizar. Aliás, a palavra “profeta” quer dizer “ir além da luz, avançar no futuro”. Não é isso o que todos buscamos? Mas somente será possível se abandonarmos a visão das coisas concretas e

lógicas e aprendermos a ver o invisível pelo exercício de intuição – esta é a luz de Apolo.

A tradição também conta que, quando Apolo chegou ao local escolhido por seu pai para fundar o Oráculo de Delfos, nele habitava uma terrível serpente chamada Python, que tudo enegrecia (a palavra “piche” deriva desse nome). Isso significava que ela tudo fazia para impedir a iluminação pela sabedoria da intuição; era o símbolo do instinto primitivo e da ignorância que domina os homens que se deixam arrastar por suas vontades e desejos em estado bruto.

Travou-se terrível batalha entre Apolo e a serpente, que durou quatro dias, quando finalmente ele a venceu e enterrou no centro do santuário. Sobre seu cadáver colocou uma enorme pedra de formato cônico que chamou de “umbigo do mundo” ou “centro da luz”. Isso porque é graças a essa vitória que a luz da sabedoria é agora possível. E esta é uma lição para todos, incluindo nós, modernos. Somente quando conseguimos enterrar nossa ignorância e instinto cego é que se podem abrir as portas da verdadeira sabedoria. Desejos e vontades caprichosos, invejas, ciúmes e cobiças jamais elevam o homem – mesmo aquele cheio de diplomas. Ao contrário, remetem-no para a cegueira de si, do outro e do mundo à sua volta. Como vemos, o caminho proposto por Apolo é sempre atual.

Na versão popular de Homero, Apolo era de uma beleza estonteante e comandava um séquito de efebos (belos e belas jovens) que com ele aprendiam a música, a poesia e todas as formas consagradas ao nobre, bom e belo e à criação. Esse era o caminho da sabedoria proposto a eles e também a nós. É triste constatar que a modernidade banalizou esse ideal de beleza dos antigos gregos e travestiu o culto de Apolo em uma busca de ideais de beleza meramente física e superficial. Nada mais errôneo. Além disso, essa visão apenas reflete o desvairado narcisismo e o culto das aparências em que nossa cultura ocidental está mergulhada.

Outra confusão foi feita pela psicologia moderna, que também

confundiu Apolo, em sua busca pela luz, com a tendência em ser introspectivo, meditativo e contemplativo. Mais ainda, criou um tipo psicológico que chamou de “apolíneo”, em oposição ao outro que chamou de “dionisíaco” (que será explicado melhor mais adiante). O Apolíneo designaria pessoas voltadas ao mental, seja de forma racional, ou às práticas meditativas orientais, como ioga etc.

Isso criou uma visão falsa da luz de Apolo. Ele nada tem de contemplativo, ou lógico, ou mental. Representa a alegria do nobre, bom e belo, da música e da criação. É o raio de luz que abre os caminhos da escuridão, da incerteza e da ignorância de nós mesmos e dos outros, ajudando a revelar nosso enigma da Esfinge. É a intuição, que mediante seu poder oracular exorta todo ser vivo a buscar em si essa luz.

Seus animais sagrados eram os cisnes, cuja beleza e serenidade majestosa até hoje admiramos. Seu instrumento era a lira de sete cordas, cada uma representando, segundo a tradição, uma vibração da alma. Aprender a tocar a lira era a mesma coisa que aprender a “tocar” nossa alma, com harmonia e beleza. Eis um desafio para a modernidade.

Finalmente, Dioniso não é seu oposto nem está voltado ao mundano, ao vulgar e aos prazeres do vinho e do sexo. Veremos adiante que, na verdade, é seu par complementar.

ÁRTEMIS, A DEUSA QUE HONRA E PROTEGE O SAGRADO NA NATUREZA

A irmã gêmea de Apolo é também seu par complementar. Se Apolo conduz a luz do Sol, Ártemis conduz a luz da Lua. Ele é a exterioridade do masculino, enquanto ela é a interioridade do feminino. Por isso governa a vida com os ciclos da Lua, os ciclos da fecundidade da Terra e do feminino.

Também recebeu de seu pai, Zeus, uma aljava cheia de flechas de ouro infalíveis. Utilizava-as para atingir mortalmente quem ousasse transgredir ou desrespeitar as leis da natureza. Daí nasceu sua fama de caçadora, mas na verdade isso é uma simplificação romana da mitologia

grega. Entre os romanos, era chamada de Diana, a caçadora, e disparava as flechas a seu bel-prazer. Nada mais incorreto quanto ao significado e à função de Ártemis. Ela representa algo de que hoje começamos a tomar consciência: a natureza, quando é agredida e desonrada, vinga-se espalhando desertos, fome e desolação. Estas são as flechas certeiras de Ártemis, que o homem moderno, com toda a sua tecnologia, não se mostrou ainda capaz de compreender e deter.

Ártemis pediu a seu pai, Zeus, para permanecer virgem e intocada, e isso quer dizer que a natureza deve assim ser honrada, e assim permanecer tanto quanto possível. O progresso não pode ser o reverso da natureza, muito menos provocar sua devastação, pois pagaremos um alto preço por isso (na verdade, já estamos pagando). As flechas de Ártemis são a poluição, os desertos e a fome, sem falar nas doenças advindas do desrespeito à natureza. Ela é a misteriosa deusa lunar porque exige que os ciclos da natureza e da fecundidade sejam honrados e consagrados para que a vida na Terra possa continuar a florescer. Ao destruímos e extinguirmos inúmeras espécies de animais e plantas, simplesmente preparamos nossa própria cova, no meio de um deserto que nós mesmos construímos.



Não por acaso era considerada a protetora das parturientes, e em seu nome eram decretadas severas leis de contenção à caça de animais e ao abate de árvores. Seus animais sagrados eram a corça, porque era capaz de percorrer a floresta com extraordinária velocidade sem partir um único galho das árvores, sendo uma lição de respeito à natureza para

nós, humanos, e as codornizes, por ela protegidas porque amavam percorrer longas distâncias e nada destruíam por onde passavam.

Seu culto advém da deusa Ísis, no antigo Egito, que se constitui, por sua vez, na origem arcaica da Páscoa judaica e cristã. Tratava-se de uma festa primaveril que celebrava as cheias do Nilo e a fecundidade das fêmeas prenhes. Nessa época, a caça e as colheitas eram terminantemente proibidas. Era quando as crias estavam para nascer, e os frutos, para amadurecer. Além disso, o consumo de ovos era proibido, porque estavam galados.

Não soa irônico que justamente nessa época nossas tradições religiosas apregoem o consumo de ovos? Pois é, marketing das igrejas modernas para impor novos costumes, ou ignorância e desprezo da modernidade ao sagrado das leis da natureza? Ou ambas as coisas? Seja como for, não sabemos mais respeitar as fontes da vida. Ao praticarmos um consumismo cego e ignorante, esgotamos perigosamente os recursos de nosso planeta.

Mas as leis de Ártemis não se aplicavam apenas à natureza em geral. Incluía nossa vida interior e o respeito a nossos limites e nossas possibilidades. Afinal, o homem é parte da natureza. Referiam-se à preservação de nós mesmos, física e espiritual. E não estamos falando dos hábitos modernos de frequentar academias de ginástica e praticar a chamada “alimentação saudável”, tão em voga. Isso nada adianta se corremos o dia todo em busca de mais conquistas materiais e *status*. Ficamos ansiosos, estressados e atropelamos todos, a começar por nós mesmos. Onde está a chamada vida natural e harmônica do homem moderno, tão cara a Ártemis e aos antigos? Somente na alimentação? É pouco, pouco demais. Onde estão os alimentos e os exercícios espirituais do homem de hoje? No trânsito engarrafado que enfrenta ao sair da academia, ou do restaurante vegetariano ou de comida natural? Ou nos *reality shows* e novelas a que assiste ao chegar em casa? É assim que pretendemos construir nossa paz e harmonia interior?

As leis de Ártemis são um alerta para o homem moderno. Se quiser

uma vida realmente saudável, ele terá de começar a respeitar a si próprio, pois seu corpo e espírito são a versão microcósmica do macrocosmo que é a natureza. As leis são as mesmas e exigem harmonia interior e exterior, física, psíquica e espiritual. E esta harmonia exige paz, serenidade e, principalmente, menos pressa; implica ritmos pessoais, com a certeza e lenta fluidez das quatro estações.

Eis a receita para quem não quer ser mortalmente atingido pelas flechas de Ártemis, afinal somos nós que quase sempre as disparamos contra nós mesmos.

ATENÁ, A DEUSA DA SABEDORIA, DA EQUIDADE E DA JUSTIÇA

Nasceu da cabeça de seu pai, Zeus. A tradição conta que este se casara nos tempos primordiais com uma deusa chamada Métis (a prudência), antes de unir-se a sua esposa e irmã Hera (veja a história da origem dos deuses primordiais no Capítulo VII). A grande mãe Gaia, avó de Zeus, alertara-o que, se tivesse um filho dessa primeira união, ele o destronaria, arrebatando-lhe a supremacia sobre o Olimpo e os demais deuses. Para que não se realizasse tão terrível profecia, Zeus engoliu sua esposa Métis, que já se encontrava grávida. Passado algum tempo, Zeus sentiu uma tremenda dor de cabeça, a tal ponto que pediu a Héstos, deus das ferramentas e seu filho também, que lhe abrisse a cabeça com um machado. Assim que ele o fez, nasceu Atená já adulta e com todas as suas armas e símbolos de ouro, tornando-se sua filha amada.

O mito da origem e do nascimento de Atená que acabamos de relatar tem um significado revelador: a força criadora (Zeus) necessita da prudência (Métis), pois sem ela a criação pode desembocar em seu oposto, a destruição. Aliás, não é o que tem ocorrido com a humanidade? Quantas invenções não puseram em risco sua própria existência, em vez de consolidá-la? A grande lição desse mito é que não pode haver criação sem prudência, uma vez que seu sentido é consolidar a vida e fortalecê-la, jamais colocá-la em risco. Mas há mais:

quando criação e prudência se unem, nasce a sabedoria – que é Atená. Como se tudo isso não bastasse, nasce da cabeça. De onde mais poderia ser? A fórmula agora é fácil de entender, mas continua difícil de realizar: aprenda a ser criativo com prudência, e você conquistará a sabedoria. Mas é a única possibilidade para evoluirmos, ontem, hoje e sempre.

O nome Atená é de origem sânscrita (língua arcaica da Mesopotâmia), indicando que era uma divindade cultuada pelos caldeus e sumérios desde pelo menos 4000 a.C. Lá era conhecida como A-Hanná, originando no hebraico Hánna – ou simplesmente Ana nas línguas latinas, como dizemos hoje. Quem diria que Atená e Ana são o mesmo nome? Mas o importante mesmo é seu significado, que é “sabedoria plena”. E realmente é isso o que ela representa: prudente e sábia, é a protetora da verdade e da justiça.



Atená nasce armada não porque seja uma deusa guerreira, mas porque está pronta a combater em defesa desses princípios. É, além disso, virgem como sua irmã Ártemis, pois, segundo Hesíodo, “é de todos e não pode pertencer a ninguém”. Aqui vemos o significado arcaico de virgindade, que é totalmente diferente do moderno, não tendo nada a ver com sexualidade resguardada. Significava simplesmente não pertencer a ninguém, por ser de todos – como

convém à sabedoria: está disponível para todos sem ser de ninguém. Além disso, sempre será virgem, porque dela emana a verdade, e somente a verdade, sendo portanto eternamente pura e intocada.

Atená é a inimiga implacável da injustiça e de toda manifestação de ódio ou vingança, combatendo a força bruta e os instintos e desejos cegos. Sua ave predileta é a coruja, e sua árvore, a oliveira, significando as formas do saber que encontramos na natureza: a coruja, com seu olhar atento, e a oliveira, com sua capacidade de frutificar mesmo em solos praticamente áridos. Assim, percebemos que o saber nasce quando nosso olhar e mente estão atentos e somos capazes de criar nas condições mais adversas – porque, quando temos tudo nas mãos, tornamo-nos burros, indolentes e preguiçosos. Veja como ficam as pessoas que passam o dia vendo televisão ou jogando videogame.

A tradição conta também que Atená protege e favorece os heróis, mas estes tinham um significado diferente na antiguidade: não eram os super-homens de hoje, que fazem justiça com as próprias mãos, mas pessoas comuns que lutam pela verdade e pelas leis da ética da vida, que eram simplesmente o direito sagrado de nascer, viver e morrer com dignidade e honra!

Na versão mais popular e pedagógica de Homero, tanto na *Ilíada* como na *Odisseia*, vemos Atená protegendo os heróis e perseguindo Ares, apresentado como o deus da guerra, espalhando ódio e violência. Mais de uma vez, é surrado por Atená. Como os jovens aprendiam esses poemas de cor, desde muito cedo ficavam sabendo que seu caminho era o de Atená, pois o saber sempre vencerá o maior dos brutamontes. Além disso, a vida se encarregaria de surrar aqueles que não seguissem o caminho de Atená – o da sabedoria.

Não podemos deixar de notar que a justiça e a sabedoria estavam encarnadas em uma deusa, o que denota duas coisas importantes: primeiro, uma valorização do feminino como fonte do saber – algo que as sociedades judaico-cristã-islâmicas ainda não nos permitiram recuperar; segundo, mas não menos importante, o próprio significado

de sabedoria. Trata-se aqui de não confundi-la com o pensamento racional e lógico, atributo do arquétipo masculino. A sabedoria que emana de Atená é mais sutil e profunda: trata-se da intuição, que é própria do arquétipo feminino. Mais uma vez, a modernidade confundiu os atributos de Atená, “masculinizando-os”. Nada mais errôneo.

Voltando a seu mito, um de seus mais belos símbolos eram as “Nikés”, com o significado de “Vitórias Aladas”. Eram anjos femininos que Atená enviava ocasionalmente aos homens para que com eles pudessem apreender a sabedoria, sempre vitoriosa sobre a ignorância. Vale notar que a palavra “anjo” tem origem grega e significa “mensageiro”, sendo muito anterior ao cristianismo e mesmo ao judaísmo. As Vitórias Aladas eram o símbolo da vitória da sabedoria e da justiça. A mais famosa representação artística que sobreviveu até os nossos dias é a Vitória de Samotrácia, que hoje se encontra no Museu do Louvre, em Paris. É de uma beleza estonteante, e sua graça, sensualidade e fluidez revelam tudo o que a vitória da sabedoria, da verdade e da justiça pode alcançar, afastando qualquer possibilidade de que possa ser conseguida com a rigidez e aspereza do pensamento racional.

A tradição conta também que a cidade de Atenas um dia recebera uma Niké enviada por Atená, que era a padroeira da cidade. Os atenienses, no afã de não perder essa dádiva da deusa, cortaram-lhe as asas e erigiram-lhe um templo na entrada da Acrópole, na esperança de que com eles permanecesse para sempre. Esse templo chamou-se “Niké Apta” – Vitória sem Asas. Claro que não adiantou, pois cometeram a imprudência fatal: a sabedoria, a verdade e a justiça não podem ser presas! Morrem sem asas, ou seja, onde não existir liberdade de expressão e de pensamento, não haverá lugar para elas. Além disso, não podem ser aprisionadas nem mesmo dentro de um templo, pois somente se realizam quando podem voar, quer dizer, expressar-se livremente, doa a quem doer. Esqueceram ainda que Atená e seus anjos são virgens, não podendo pertencer a ninguém. A verdade, a justiça e a

sabedoria estão acima dos homens.

Eis a grande lição para nós: pobre daquele que quer ser o dono da verdade ou praticar a justiça com as próprias mãos. Só é pior que isso aquele que aprisiona o saber tentando tirar vantagens ou explorar os outros. Pratica na verdade a disseminação da ignorância, do egoísmo e da brutalidade, mesmo que tenha doutorados ou outros títulos acadêmicos.

Finalizando, os grandes atributos e símbolos de Atená eram:

- o pensamento brando;
- a lança, símbolo da equidade;
- o elmo, símbolo da sabedoria;
- o escudo, símbolo da prudência;
- o freio aos instintos e desejos cegos.

As Vitórias Aladas – símbolo de que a verdade e a justiça não pertencem a ninguém; elas voam e se instalam naqueles que estiverem dispostos a lutar por elas e mesmo morrer – são os verdadeiros heróis.

A Serpente Erecta enredada no escudo de Atená é o símbolo da evolução do homem e, dada a riqueza do mito, será dedicada a ela um tópico no Capítulo VI.

Nada mais belo e engrandecedor do que cultuar Atená – é simplesmente praticar seus atributos, deles não se apoderando. Desafio proposto ao homem, tão arcaico e moderníssimo ao mesmo tempo.

AFRODITE, DEUSA DA BELEZA, DO AMOR E DA ENTREGA

Chamada de Vênus pelos romanos, seu nome significa, para alguns, “nascida da espuma do mar” e, para outros, “a essência de Zeus”. O esperma de Urano, atirado com seus genitais ao mar quando foi castrado por seu filho Kronos, originou Afrodite (veja Capítulo VII). A força fecundante, em contato com a branca espuma do mar, produziu a paixão incomensurável, que não pertence a ninguém. Na antiga tradição

grega, Afrodite, com seus inúmeros amores, é eternamente virgem, pelos mesmos atributos que encontramos em Ártemis e Atená: não é de ninguém, mas de todos, e absolutamente fiel à sua natureza e essência, que é espargir o amor e a paixão por toda a face da Terra. Suas aves amadas eram a pomba e o pardal, seus mensageiros, e sua flor predileta era a rosa vermelha, pois esta simbolizava a paixão ardente.

Segundo Hesíodo, nasceu na ilha de Chipre (por isso era chamada de “a Chíprea”), mas outros autores afirmam que seu nascimento ocorreu na ilha de Cítera (daí ser também chamada de “a Citereia”). Seja como for, todos concordam que nasceu depositada numa alva concha. As Horas dela cuidaram vestindo-a e ornando-a magnificamente, além de impedirem que o tempo passasse para ela, mantendo para sempre sua beleza, sua juventude e seu frescor (só mesmo uma deusa poderia ter essas dádivas da imortalidade que tanto cobizamos – quem não busca os atributos de Afrodite?).

Já segundo Homero, era filha de Zeus e Niobe (divindade obscura, com poucas referências; dizia-se que fora sua primeira esposa, mas quase não existem registros sobre essa união). Afrodite é mencionada frequentemente na *Ilíada*, onde lhe são dedicados vários versos e hinos, mas aqui ela assume um caráter mais humano e passionai.

Quando foi levada para o Olimpo, todos os deuses, inclusive o próprio Zeus, encantaram-se com ela e passaram a cortejá-la. Ares, Apolo e Héfestos eram os que mais a desejavam, mas o grande Zeus determinou que seu esposo seria Héfestos, deus coxo e o mais feio dentre todos. Quando lhe perguntaram por que fizera tal escolha, Zeus respondeu que “a mais bela das criaturas terá de ser capaz de amar a mais feia, pois o belo foi feito para ser dado e espargido, e jamais guardado”. E esta passou a ser a lei de Afrodite, que considerava indigno todo aquele que guardasse sua beleza para si ou somente para alguém igualmente belo, passando a persegui-lo e impor-lhe duros castigos. Que grande lição para nós, modernos, engolfados num narcisismo desvairado, tão bem retratado em “Sampa”, de Caetano

Veloso, quando diz: “Narciso acha feio o que não é espelho...”. Que bom seria se Afrodite retornasse e castigasse merecidamente aqueles que impõem sofrimentos aos outros com seu orgulho e arrogância, apenas porque foram mais bem dotados em sua aparência física do que os outros! Melhor ainda seria se nos ensinasse a espalhar a beleza e não cobrar por ela.

O domínio de Afrodite não conhece limites na antiguidade, tendo sido encontrados mais de novecentos templos ou santuários erigidos para seu culto, espalhados por todas as cidades gregas. Vale notar que são raros no Império Romano, onde, ao contrário, proliferavam centenas de templos dedicados ao deus da guerra, Marte. É que se tratava de uma civilização na qual a arte de amar ocupava um lugar central, sendo inclusive parte fundamental da educação dos jovens. Pois é, tinham aulas e discutiam sobre aquilo que chamavam de “a arte de amar”, que incluía o aprendizado dos diálogos sedutores, dos sorrisos graciosos e encantadores, das doces mentiras, enfim, das doçuras do amor. Já pensaram que maravilha seria se tivéssemos tido essas aulas? Que falta nos faz não termos logo cedo aprendido a arte de amar... Quantas cabeçadas e sofrimentos inúteis...

Afrodite tinha três manifestações que revelavam suas funções como deusa do amor e da beleza:

- **Afrodite Urânia** (celestial) protegia as uniões e os casamentos.
- **Afrodite Pandemos** (a de todos, sem ser de ninguém) protegia todas as formas de amor desinteressado. Seus seguidores eram chamados de “hetairos” e “hetairas”. Optavam por não se casar, dedicando sua vida ao amor, às artes e principalmente à disseminação do saber, sendo mestres e mestras voltados à educação dos jovens – e isto incluía sua iniciação sexual. Eram muito respeitados e admirados, constituindo uma opção de vida para o homem e a mulher. Aspásia foi uma das mais famosas hetairas de Atenas, e Péricles, seu governante, muito a admirava. Sócrates orgulhava-se de poder frequentar os

simpósios (discussões filosóficas) que aconteciam em sua casa. Muitos autores escreveram que ela era amante de Péricles, o que é totalmente equivocado, pois as hetairas geralmente não se prendiam a ninguém.



Além disso, hoje sabemos que seus brilhantes discursos políticos, proferidos na Ágora, eram na verdade redigidos por Aspásia... Finalmente, devemos observar que os hetairos e as hetairas não vendiam favores jamais, pois isso era considerado desonra e

prostituição – algo severamente condenado na antiguidade grega, ao contrário do que muitos autores incorretamente escreveram. O amor liberto e desinteressado era muito valorizado, mas não o “interessado” (sic).

- **Afroditite Apostrofia** (que não deixa desviar) protegia os homens e as mulheres de cair na tentação de se vender para obter vantagens. Isso era considerado prostituição e começou a proliferar a partir de meados do século V a.C., marcando o início da decadência da civilização grega.

Em seus muitos templos havia sacerdotes – homens e mulheres – especializados na iniciação sexual dos jovens. Chamados de Pórneos e Pórneas, suas funções eram consideradas sagradas. Foi durante o Império Romano que esses ritos de iniciação se descaracterizaram e degeneraram em orgias, originando-se então o significado pejorativo dos atos e palavras que daí derivaram (pornô, pornográfico etc.). Como vemos, a prática de relações sexuais antes do casamento está longe de ser uma conquista moderna da emancipação sexual. Era costume há mais de 25 séculos, por uma sociedade que hoje chamamos de arcaica... E ainda há mais: praticavam essa emancipação com pessoas competentes, para isso preparadas, além de seu valor ritual. Hoje, para nossa tristeza, isso acontece de qualquer jeito, num motel qualquer, na imensa maioria das vezes. Melancólico, não?

Afroditite representa a arte de amar por excelência, mas trata-se de uma arte voltada ao cultivo do amor genuíno e desinteressado. Não defende o amor único, e muito menos confunde fidelidade com exclusividade. Não considera ilegítimo ou prostituinte amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo ou ao longo da vida, desde que com sentimentos verdadeiros. Seu culto considerava que mesmo o amor exclusivo a uma pessoa seria condenável se estivesse baseado em conveniências e sentimentos falsos, inclusive em um casamento. Mas também condenava severamente a falta de recato, seja no homem ou na

mulher, que era o apaixonar-se e o entregar-se de modo desvairado, praticando uma sexualidade sem limites. Isso era considerado a autodestruição da dignidade e da honra, seja no homem ou na mulher. A arte de amar era vista como o elixir da vida e não se restringia ao sexo, mas significava amar o mundo, as pessoas, enfim, tudo que é vivo. Hipócrates, o pai da medicina, costumava dizer que “quem não ama, adoecer”, que “a mais grave fonte da doença é ser falso em seus sentimentos com os outros e consigo” e que “entregá-los a qualquer um e de qualquer jeito é plantar dentro de si a desvalia, que resultará numa alma e corpo doentes”. Essas lições da arte de amar, mais do que nunca, servem para nós e para sempre. A tecnologia não mudará jamais a essência do homem, que sempre almejou e almejará realizar-se no amor verdadeiro. Mas é preciso começar por si próprio e jamais confundir o narcisismo com o amor-próprio, como tanto se faz hoje em dia.

Afrodite e Eros eram conhecidos na antiguidade como aqueles que insuflavam a paixão não apenas entre os mortais, mas entre os deuses também. Grandes histórias de amor daí se originaram e nos fascinam até hoje: Helena de Troia e Páris Alexandre, Jasão e Medeia, Fedra e Hipólito, Orfeu e Eurídice, Teseu e Ariadne, Eros e Psiquê, Narciso e Eco, e tantas outras que envolveram a própria deusa com outros deuses e mortais. Algumas serão contadas mais adiante neste livro – não todas, claro, pois isso requereria vários volumes, mas as mais significativas, para aprendermos algo com elas sobre a arte de viver e amar.

ARES, DEUS PROTETOR DO ESPÍRITO DE LUTA

Ares era chamado de Marte pelos romanos, que lhe rendiam grandes cultos e homenagens e erigiram-lhe centenas de templos. Tratava-se de uma civilização guerreira, que cultuava o deus da guerra, do ódio e da destruição. Já na civilização helênica, sua força bruta e sanguinária passou por uma profunda transformação, e ele passou a ser identificado com o poder do espírito de luta justo e da força da sedução. Seu

relacionamento com a deusa do amor, Afrodite, terá um papel decisivo nessa metamorfose, como veremos a seguir.

Homero brinda-nos com várias passagens na Ilíada em que Ares é fragorosamente derrotado pela deusa da sabedoria, Atená, pois a força bruta contra ela nada pode. E este conselho era destinado a refrear os impulsos agressivos dos jovens na Paideia. Em outro verso, é o próprio Zeus, seu pai, que o repreende severamente: “Deus inconstante, és o mais odioso dos olímpicos; somente a discórdia, os combates e as disputas te comprazem. Cruel como és, se não tivesses a mim como pai, há muito tempo terias caído para a última categoria dos moradores do céu”.



Já em Hesíodo, na sua obra *A Teogonia*, é chamado de Ares, o Brônzeo. Isso significava que ele não era de ouro – símbolo da justiça e

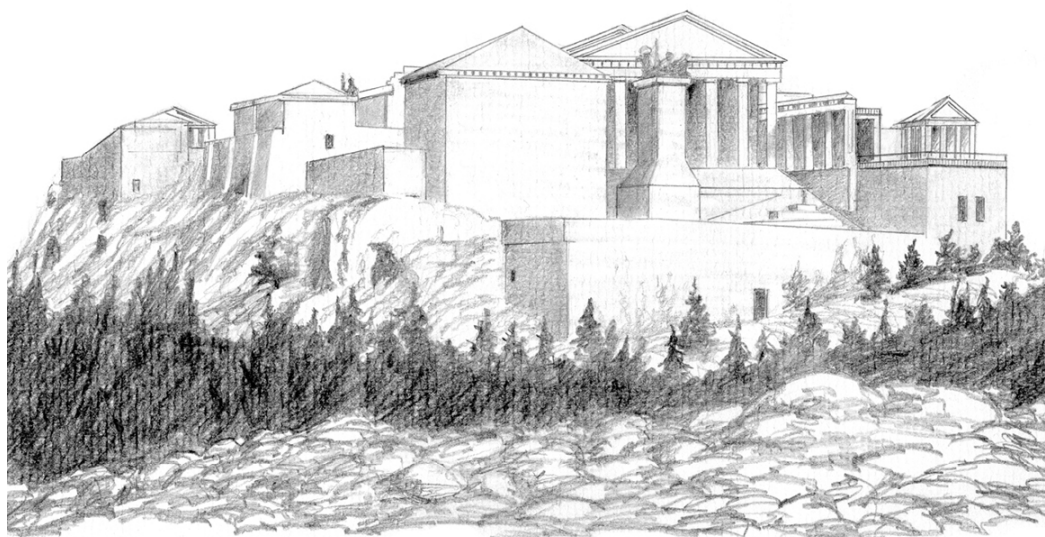
da eternidade –, mas sim de bronze, símbolo da guerra e da discórdia, dirigindo um carro com dois cavalos: Phobos, o medo, e Deimos, o terror. Essa desvalorização de uma divindade guerreira já se encontra muito cedo na civilização helênica, ao contrário da romana, como já notamos. Novamente, em Hesíodo, ele aparece na obra *Os trabalhos e os dias* como aquele que deverá trazer o espírito de luta justo, não a conquista sanguinária e bárbara.

O sentido pedagógico era claro: os jovens deveriam desde cedo domar seus impulsos e instintos desgovernados, buscando a sabedoria, que é Atená, e Afrodite, que é o amor e a força da sedução. O que aconteceu com Ares na *Ilíada* ocorreria com eles, os jovens, caso não o cultuassem corretamente, ou seja, deveriam cultivar um espírito combativo, governado pela justa medida, e jamais pelo desvario. E, mais, o caminho do espírito de luta é justo, não pode ser de outro modo. Ares é, portanto, uma divindade que serve de alerta no panteão olímpico, pois representa a evolução de uma divindade primitiva para um patamar mais elevado. Se os deuses correm o risco de ser perturbados por uma potência brutal e desvairada, que dirá então dos homens...

Dois mitos são considerados fundamentais na evolução dessa divindade: o primeiro foi seu julgamento numa colina que ficou conhecida como “Areópago” (a colina de Ares), o segundo foi o fruto de suas inúmeras uniões com a deusa do amor, Afrodite, que descrevemos a seguir.

No mito que culminou com seu julgamento, consta que Aglaura, filha de Cécrope, o primeiro rei mítico de Atenas, tivera com Ares uma filha chamada Alcite. Esta foi violada por Halirote, filho de Posseidon, e Ares matou-o. Para julgar o assassino, Posseidon recorreu ao conselho dos deuses, que se reuniu em uma colina em frente à Acrópole de Atenas. O tribunal absolveu-o, mas exigiu uma expiação, que era submeter-se a trabalhos como servo por determinado período. Decidiu-se então que também todas as causas dos mortais

seriam julgadas nessa colina e que mesmo um deus não poderia ficar impune. Portanto, a nenhum mortal caberia não responder por seus atos. Observamos aí a força do mito civilizatório e a questão de todos serem iguais perante a justiça. Essa colina também ficou conhecida como o lugar onde os impulsos sanguinários de Ares foram finalmente subjugados pela justiça e a sabedoria, pois consta que Zeus delegou a sua filha Atená presidir o tribunal. Novamente encontramos aqui a deusa da sabedoria e da justiça vencendo a força bruta e sanguinária.



Os amores de Ares e Afrodite são o tema mítico que transformarão as características de Ares e seu culto. Passará a ser encarado como o deus que vence pelo justo combate e pela força da sedução e do encantamento, e não mais pela força e pela violência brutas, sendo assim cultuado já nos tempos de Homero. Vê-se com clareza a força civilizatória desse mito. Mas vamos a mais um mito que, além de ilustrativo, é muito divertido, e que relata uma das uniões de Ares com Afrodite.

Diz a tradição que a deusa do amor, que também era a esposa de Héstos, o mais feio dos deuses, tinha Ares como amante.

Encontravam-se secretamente na morada de Afrodite no Olimpo, mas Hélios (o Sol) viu tudo e contou para o esposo de Afrodite. Este, com o coração cheio de rancor, fabricou em sua oficina uma teia invisível, tão forte que nem os deuses poderiam rompê-la, e colocou-a em seu leito como armadilha. Simulou então que partiu para Lemnos, sua cidade mais amada. Ares, que o espiava, correu louco de desejo para os braços de Afrodite. Ambos dirigiram-se para seu leito, mas, quando se deitaram, imediatamente uma rede invisível envolveu-os, aprisionando-os, sem que pudessem escapar. Héfestos, que entretanto regressara, convocou todos os deuses para assistir ao espetáculo do flagrante, e exclamou: “Zeus poderoso e demais deuses poderosos e imortais, corram, venham rir e indignar-se. Eu sou feio, mas a filha de Zeus, Afrodite, me deprecia e ama o deus guerreiro e feroz, Ares, que é belo e esguio. Vejam como estão deitados em meu leito, acariciando-se; sinto aflição ao vê-los, e espero que logo este leito tão macio traga-lhes também aflição”. Todos riram muito do que viram, naturalmente, e ante a insistência dos deuses, e com a promessa de que Ares pagaria um valor estipulado pelo adultério, Héfestos concordou em soltá-los.

Mas Apolo e Hermes, que estavam presentes, ao saberem do valor estipulado como compensação pelo adultério, comentaram entre si: “Que me dizes, irmão? Por esta bela deusa não vale a pena pagar o valor estipulado?”, comentou Apolo, ao que Hermes respondeu, cheio de malícia: “Eu pagaria de bom grado muitas vezes!”. E os dois caíram na gargalhada.

Vemos, por essa passagem, que mesmo entre os deuses o adultério não era visto como uma falta muito grave, sendo facilmente reparado com uma compensação, e de fato isso era bastante comum na antiga Grécia, até o século V a.C., quando passou a predominar a falocracia e entraram em vigor leis severas de repressão à conduta das mulheres, restringindo inclusive seu livre trânsito.

Outro mito sobre seus amores relata o resultado de uma das inúmeras uniões de Ares com Afrodite, que foi o nascimento de

Harmonia, a mais amada das deusas do Olimpo. O significado é claro: o impulso agressivo uniu-se ao amor, e assim gerou Harmonia. Após o nascimento dessa filha, Ares passou a ser visto como um deus domesticado pelo amor. Sua força agora estava fundada no espírito combativo, e não mais destrutivo, pois gerava a harmonia, pela força da sedução e do combate justo. O que se observa, a partir daí, é que ele deixa de ser representado como um deus armado e aparece como um jovem sedutor poderoso, mas sentado sobre as armas.

A história de Ares mostra o caminho em direção à civilização da violência pelo amor, sendo exatamente isso o que gera a harmonia. Nada poderia ser mais exemplar para a modernidade, seja no plano social, seja no individual: domar a própria violência e metamorfosear-se em sedutor da vida é o desafio sempre proposto ao homem.

HÉFESTOS, DEUS DAS FERRAMENTAS PARA SE VIVER NA TERRA

O mais feio dos deuses do Olimpo (na verdade, o único) foi, segundo Hesíodo, engendrado por Hera, esposa de Zeus, mas sem a participação de ninguém. Já Homero conta na *Ilíada* que Héstos era filho de Zeus e Hera e teria ficado coxo porque, ao intervir numa briga entre seus pais, quis tomar o partido da mãe, e o pai atirou-o Olimpo abaixo. Dizem que caiu por nove dias e nove noites, quebrando uma perna ao atingir o solo.

Não deixa de ser uma ironia – mas com importante significado – que o mais feio dos deuses fabrique para eles e para os homens os mais preciosos e importantes utensílios e ferramentas. Encontramos essa mesma questão em Michelangelo, o famoso escultor e pintor renascentista. Dizem que ele, para compensar sua feiura, pintou e esculpiu algumas das mais belas obras de arte que a humanidade já conheceu. Veja-se a *Pietá*, o *Moisés* e a Capela Sistina, para citar apenas algumas de suas obras imortais.

A psicanálise diria que isso é a compensação de um sentimento de autodesvalorização – o famoso complexo de inferioridade. Mas que bela

compensação! O problema é que muitos procuram cercar-se de objetos de alto valor para compensar sua pretensa inferioridade. O que a psicanálise não explica é por que alguns poucos conseguem transformá-la em obras geniais, enquanto a maioria utiliza soluções medíocres, não raro prejudiciais a si próprios e aos outros.

Mais uma vez encontramos duas versões consagradas na descrição dos atributos e qualidades de Héstos.

Hesíodo descreve-o como “os instrumentos dos deuses”, ou o que encontramos na Bíblia: “as mãos de Deus”.

Já para Homero é aquele que fornece maravilhosas ferramentas para os deuses, mas principalmente para os homens poderem viver na Terra. Seu símbolo é a bigorna, e sua oficina divina fica no interior do vulcão Etna, na Sicília.



Aquiles é por ele presenteado com uma armadura, o que o torna

praticamente invencível, contrariando outra versão que descrevia seu corpo como invulnerável, com exceção de seu calcanhar. Daí derivou a famosa expressão “calcanhar de Aquiles” como sinônimo do único ponto fraco de alguém. Aquiles foi atingido mortalmente no calcanhar por uma flechada de Páris, amante de Helena de Troia, por sinal com fama de mau arqueiro, devido a sua pontaria ruim...

Havia um culto de grande importância na antiguidade, que era consagrado a Héstos e Atená, chamado de “Os Mistérios dos Cabiros”. Era uma das importantes “Escolas dos Mistérios”, dedicada ao cultivo da sabedoria (Atená), aliada aos instrumentos (Héstos). Simplesmente buscava a arte de transformar o saber em instrumentos práticos para a vida, desafio até hoje presente, que poderíamos traduzir da seguinte maneira:

Não basta saber, é preciso praticar – e praticar sem sabedoria é tolo e perigoso. Ou seja, os instrumentos resultantes do saber (a tecnologia, diríamos hoje) podem ser letais se não estiverem orientados pela ética e pela justiça. Provas disso não nos faltam, e podemos dizer que esse é um dos grandes desafios do século XXI, seja no nível pessoal ou coletivo. Nunca a humanidade e o planeta estiveram tão ameaçados em sua existência devido ao uso irracional e inconsequente da tecnologia. Nunca a saúde física e mental do homem esteve tão ameaçada também. Já são corriqueiros os casos de surtos de esquizofrenia devido à permanência por tempo excessivo diante da tela de um computador...

O alerta arcaico é de uma modernidade extraordinária, mais uma vez. A moderação e a sabedoria no uso dos recursos tecnológicos são fundamentais, cabendo a cada um encontrar sua justa medida (o “Metron Áriston”, de que falavam os antigos). A eletrônica não pode e jamais poderá representar e muito menos substituir a vida, a não ser à custa dela.

As ferramentas do homem são uma oferta dos deuses para nos ajudar a viver, e não para produzir doenças ou exterminar a vida. Sua grande virtude é dar aos homens instrumentos para percorrerem os

caminhos da ressurreição alquímica dos metais.

Do ferro (que simboliza nossa condição mortal) em direção ao ouro – que representa a busca da imortalidade, ou seja, devemos buscar os instrumentos que nos aproximem de Deus e não os que semeiam a destruição – dos outros e de nós mesmos. Vale a pena parar para pensar um pouco nisso para descobrir se as conquistas que almejamos (quase sempre materiais) nos ajudam realmente a viver e ser mais felizes ou se, na verdade, tecem lentamente nossa autodestruição por meio de doenças, angústias, ansiedades etc.

Héfestos, Hera, Hermes e Héstia eram divindades consagradas para nos ensinar a viver na Terra, sendo por isso chamados de “divindades da permanência”. Mas isso não quer dizer que cultuá-los era aprender as técnicas de permanecer aqui para sempre. Ao contrário, significava aprender a viver para poder libertar-se em busca da imortalidade. Ou, de forma mais simples, aprender a viver de forma a mais desapegada possível, uma vez que, ontem, hoje e sempre, tudo deixaremos aqui, menos a riqueza interior que cultivarmos e conquistarmos.

HÉSTIA, DEUSA PROTETORA DO SAGRADO DO LAR E DO INTERIOR DE CADA UM

A tradição conta que Zeus concedeu a Héstia o privilégio de sentar-se no centro da casa e da cidade, sendo venerada em todos os templos e em todas as casas.

Se Afrodite é o fogo do amor que derrete o corpo, Héstia é o fogo sagrado guardado no interior de toda casa e no íntimo de cada ser.

Seu nome romano é Vesta, e dele derivou a palavra “vestir” e a denominação de vestíbulo à entrada de toda casa. O significado original da palavra “vestir” é “resguardar-se”, e vestíbulo queria dizer “local onde se prepara para o resguardo”. Mas o que tem a ver resguardo com essa deusa? É que seu culto estava centrado na privacidade – do lar e do interior de cada ser –, como algo sagrado e fundamental para qualquer civilização e para a educação de qualquer cidadão.

Cada ser humano deveria ser um templo vivo, atuando ao mesmo tempo como sacerdote e guardador de seu fogo sagrado, que não era senão o mais íntimo de seu ser, que deveria compartilhar somente com os deuses. Trata-se aqui de um respeito ao direito à privacidade, lamentavelmente esquecido na modernidade.

A invasão e o desrespeito à intimidade do ser humano tornaram-se lugar-comum, seja por meio de *reality shows*, novelas ou simplesmente do estímulo a uma curiosidade mórbida e ao hábito da maledicência. Não há mais uma educação para o recato e o respeito à privacidade alheia, a tal ponto que qualquer um de nós se vê obrigado a resguardar-se com todo o cuidado da curiosidade alheia, pois ela é quase sempre mal-intencionada.

Héstia, como deusa protetora do segredo do lar, era representada por um fogo aceso no centro da casa, que a esposa não poderia jamais deixar apagar, sendo considerada sua guardiã e sacerdotisa. Nesse local eram realizados os sacrifícios e se preparavam os alimentos, além de servir de lareira durante o inverno. Vale notar ainda que em volta desse fogo era costume colocar um anteparo de madeira que servia de calendário, pois nele eram grafados os eventos religiosos, as datas festivas e até lembretes. Como era um local visto por todos que moravam na casa, funcionava como a sua “agenda”. Era a senhora da casa que controlava esse local, cabendo-lhe ainda a importante decisão sobre quem poderia nele adentrar, se não fosse da família. Tinha assim uma função social e sacerdotal.



Cabia ainda a cada um aprender a cultivar dentro de si “os segredos

de Héstia”, e este aprendizado era considerado parte fundamental da educação do jovem. Algo que poderíamos hoje traduzir como aprender a ter recato e respeitar a própria privacidade e a alheia.

E talvez aí esteja uma sugestão para aprendermos também, afinal não há nada de mais venenoso para a alma do que a maledicência e a invasão à privacidade nossa e dos outros. Os segredos de Héstia nada mais são do que o respeito ao direito de ser, que devemos praticar com todos, a começar por nós mesmos.

Parece que, infelizmente, a modernidade viciou-se em perscrutar a vida alheia, sem se perguntar o que ganha com isso. Na verdade, só perde, pois o revide é rápido e danoso. Mas os programas de televisão e toda a mídia em geral valem-

-se dessa curiosidade mórbida para atrair espectadores com todo tipo de expedientes e sensacionalismo barato. E por que faz tanto sucesso? Certamente porque, no lugar de buscarmos um enriquecimento da vida interior, procuramos preencher nosso vazio com a curiosidade a respeito da vida alheia... Triste, não?

Mas o caminho proposto por Héstia (e pelo deus Hermes, que conheceremos a seguir) é de buscarmos justamente esse enriquecimento tão bem sugerido pela máxima socrática: “Conhece-te a ti mesmo”.

A curiosidade é um bem quando direcionada à conquista do saber e tem como finalidade abrir novas possibilidades para a vida, e não para destruí-la – e a primeira forma de destruí-la chama-se “fofoca” ou maledicência.

Se queremos falar dos outros, que tal começarmos aprendendo a falar bem?...

Se queremos conhecer os outros, que tal começarmos respeitando e aceitando seus costumes, religião e hábitos diferentes dos nossos?

Isso, sim, enriquece a alma e espelha o entendimento e o respeito “à curiosidade, valorizando a vida”.

Finalmente, cada cidade tinha um santuário na Ágora. Era uma praça central onde se praticava o comércio, a política, a filosofia, o teatro e os

encontros sociais das cidades.

Nesse santuário ficava uma pira com seu fogo eternamente aceso, aos cuidados de uma sacerdotisa eleita a cada ano. Ela devia ter grande sabedoria, pois era consultada por todos sobre suas dúvidas e angústias interiores. Simbolizava, além disso, que era a guardiã dos costumes, valores e sabedoria da cidade. Seu nome dignitário era “Prítanis”, que quer dizer “reitor” ou “reitora”. Aliás, daí vem o cargo de reitor nas universidades como autoridade máxima do saber. Será que é mesmo hoje? Será que algum reitor da modernidade está capacitado a nos ajudar a encontrar alguma luz para nossas angústias e dúvidas interiores? Ou será que, do alto de seus diplomas e mais diplomas, sofre mesmo assim de “burrice das coisas da vida”? (sic)

“Ó sublime Héstia” – saúda-a Homero em um verso da *Ilíada* –, “estás nas moradas de todos os deuses imortais, e no interior de todos os homens que vivem na terra e no interior de todas as cidades; dá-nos o privilégio de saber como nunca apagar seu fogo eterno e não permita que esta chama jamais se extinga.” Cultivar o fogo de Héstia em nosso interior – que belo desafio para nós, que pode ser assim resumido:

Cultive seu interior e não se exponha inutilmente. Não perscrute o interior alheio. Só alimente a curiosidade com recato e modéstia, e que esteja voltada para construir, e não para prejudicar o outro e a vida. Só converse sobre seus maiores segredos com Deus, com *mais ninguém*, e respeite o direito ao silêncio do outro – seja seu esposo ou esposa, seu filho ou sua filha, seu amigo ou sua amiga, ou uma pessoa desconhecida.

HERMES, O DEUS CONDUTOR DOS CAMINHOS E MEIOS PARA SE VIVER NA TERRA. O CONDUTOR DAS ALMAS PARA A RESSURREIÇÃO

Hermes é um deus singular na mitologia grega. Não tem lugar fixo na hierarquia olímpica. É o único que pode deslocar-se do Olimpo para a Terra e para o mundo subterrâneo dos mestres. Por isso tem asas na cabeça – para ensinar os homens a se elevar – e nos pés – para ensinar

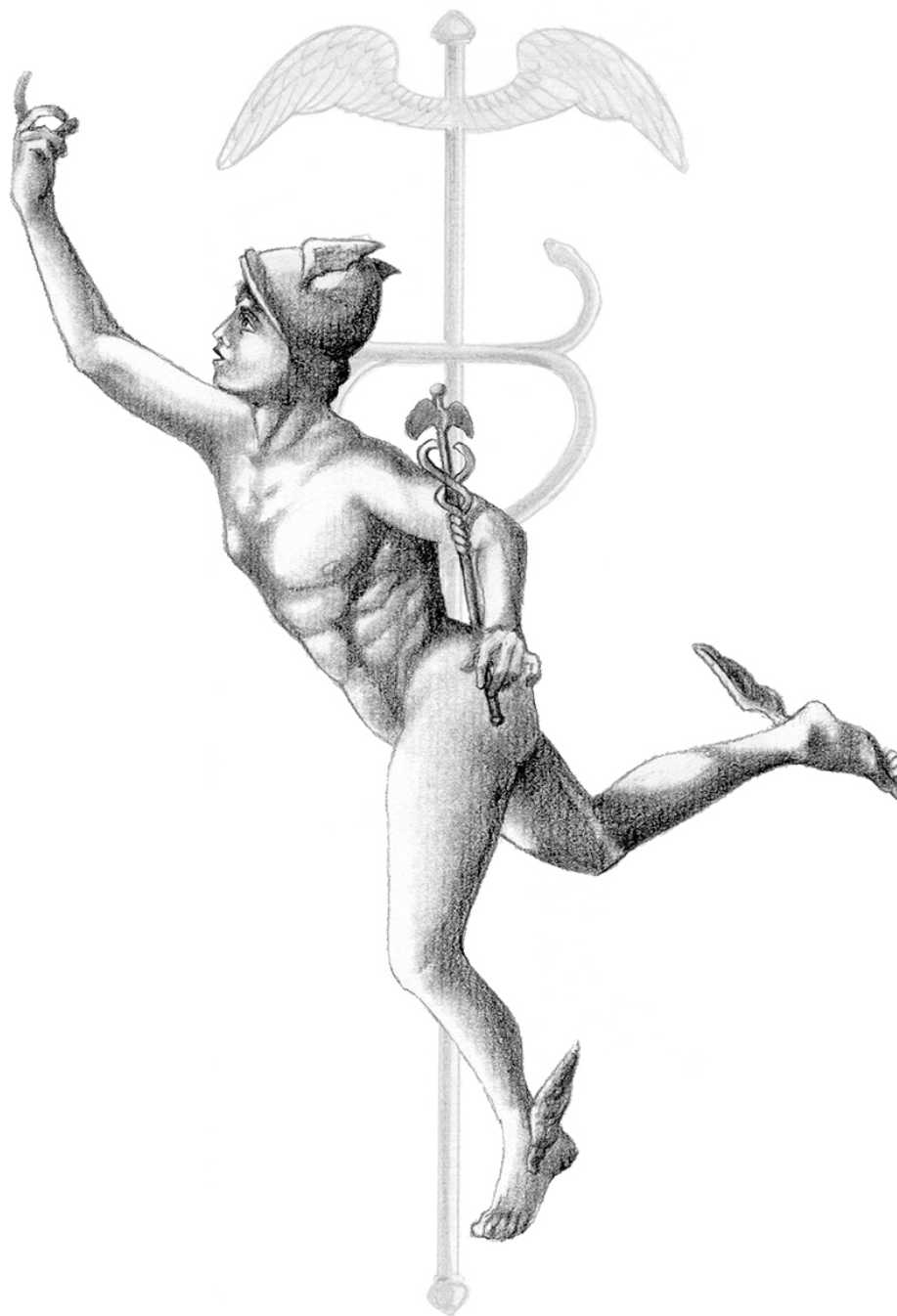
os homens a descer, pois “quem não souber descer jamais servirá para subir” (Tábua das Esmeraldas, conjunto de ensinamentos sagrados, atribuída ao próprio Hermes). Queria isso dizer que quem não aprender a ser simples e humilde jamais poderá se aproximar dos deuses.

É filho de Zeus e Maia (a aparência, a ilusão), significando que a criação, ao unir-se à aparência e à ilusão, deu origem a uma divindade que ensinou aos mortais as muitas possibilidades e meios para viver na Terra e que, se muitas podem ser verdadeiras, outras podem ser falsas. Seu culto remonta a épocas muito arcaicas e as evidências apontam sua origem no deus egípcio Toth.

Nasceu em uma gruta e seu nome deriva do sânscrito “Hermú”, que significa a pedra guardiã sagrada da ressurreição. Examinaremos adiante seu significado.

Homero dá na *Ilíada* uma versão muito divertida de seu nascimento e das primeiras peripécias com seu irmão, o deus Apolo. Conta que nasceu no Monte Cileno e que “naquela aurora tocou a lira pela noite e praticou o célebre roubo dos bois sagrados de Apolo”. Ao sair de sua gruta, Hermes encontrou uma tartaruga, matou-a e limpou seu casco, e das tripas de uma ovelha esticou sete cordas que prendeu no casco... Assim nasceu a primeira lira, que se pôs a tocar.

Ao pôr do sol, dirigiu-se à Pieria, onde se encontravam os bois sagrados de Apolo. Apoderou-se de cinquenta reses e, para dissimular sua fuga, retirou-se andando de frente para trás, apagando com arbustos seus rastros e os dos animais. Chegou com o rebanho em Pilos, escondeu os bois e imolou dois, dividindo a carne em doze partes, uma para cada deus, e assou-a como oferenda. Ele próprio nada comeu e retornou para casa contando a sua mãe o episódio. Esta admoestou-o, e seu irmão Apolo, como tinha o dom da profecia, logo descobriu tudo. Dirigiu-se ao monte Cileno e exigiu a devolução dos bois, mas o pequeno Hermes recusou-se a fazê-lo.



Decidiu então levar o pleito ao próprio Zeus, que muito se divertiu ao saber do ocorrido, ordenando, no entanto, a restituição do rebanho sagrado a seu dono.

Hermes não se deu por vencido e, para aplacar a ira do irmão, pôs-se a tocar a lira. Apolo ficou imediatamente fascinado e aceitou o

instrumento em troca dos bois.

Tão logo as mãos de Apolo tocaram o instrumento, ele se transformou na famosa lira de ouro que sempre o acompanhará como um de seus mais importantes símbolos.

Hermes recebeu, além de bois, um cajado de ouro de Apolo, no qual imediatamente entrelaçaram-se duas serpentes, formando seu símbolo, o caduceu, que será erroneamente associado à medicina. Veremos adiante sua função e significado.

Finalmente, Hermes recebeu de Apolo o dom da adivinhação, mas não o da profecia, sendo considerado o deus protetor dos jogos de azar.

Em Hesíodo, na *Teogonia*, esse deus é descrito como o “Psicopompo”, o condutor das almas após a morte no caminho da ressurreição e do voltar a viver. Com efeito, os antigos gregos e egípcios acreditavam que após a morte voltavam a viver em um novo corpo e que encontrariam esse caminho por meio de Hermes.

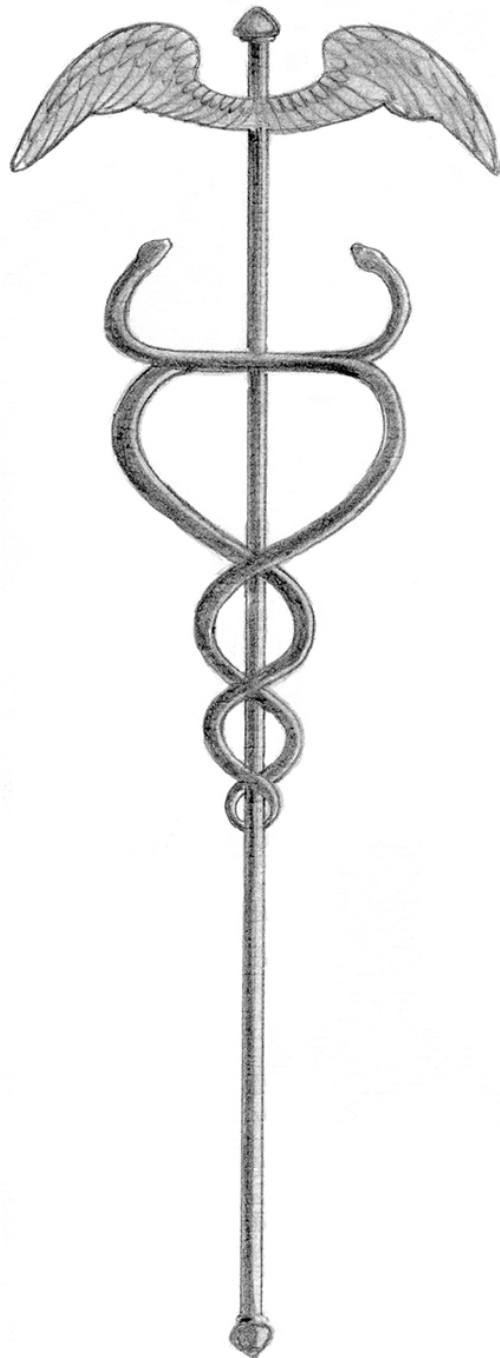
A palavra “hermético” tinha esse significado original, ou seja, cada um deve descobrir seu caminho – com a ajuda de Hermes – para conquistar a vida após a morte. Essa busca só poderia ser feita pelo diálogo interior com Hermes, não sendo possível com mais ninguém. Esse diálogo adquiriu então uma conotação de secreto ou incompreensível, o que a modernidade redefiniu como sendo “hermético”, quer dizer, “indecifrável”. Isso apenas revela como nos tornamos superficiais e incapazes de ouvir nossa voz interior (que não deve ser confundida com consciência moral!).

Em todo o caso, é evidente que Allan Kardec aí inspirou suas teorias para fundar na modernidade o espiritismo.

O culto de Hermes tinha enorme importância na antiguidade. Ele é retratado como de extraordinária inteligência, tolerância, benevolência e indulgência, o que o fazia muito amado pelos deuses e pelos homens. É acima de tudo o arauto do Olimpo e indica os caminhos do destino aos homens. Seus símbolos são as asas nos pés e na cabeça, cujo

significado já esclarecemos, e o cajado de ouro (o caduceu), que passamos a explicar agora:

- É de ouro e retilíneo, porque indica o caminho para a imortalidade.
- Tem no topo um oito aberto. O círculo significa o divino (pois este não tem começo, meio ou fim), e o semicírculo é a dualidade dos princípios divinos, o masculino e o feminino.
- As duas serpentes entrelaçadas no cajado significam a ambiguidade fundamental da condição humana, a morte e a vida, a essência e a aparência, e a dualidade do amor, que é sacrifício e desejo, alma e matéria, alegria e tristeza, busca e perda, e assim por diante.



É, mais do que tudo, a maravilhosa esperança, sempre renovada, de viver e amar. Para Hermes, tudo é alegria e graça, e condena severamente aqueles que levam a vida muito a sério. Tudo nele encontra uma solução, sendo considerado o deus mais amigo dos homens e em especial dos adolescentes, que o adoravam por seu

humor e “brejeirice”.

Tão popular era, que todas as casas tinham na frente uma estátua ou estela de Hermes com o falo ereto, símbolo de que a casa era fecunda e plena de paixão. (O falo ereto não tinha nem de longe o significado que o moralismo judaico-cristão lhe conferiu.)

Era ainda considerado o deus da comunicação – interior e exterior. Em cada esquina das cidades helênicas, uma estela de Hermes funcionava como indicador de direção, nomeando os logradouros, e tinha inscrições para ajudar os transeuntes a encontrar seu caminho interior. Algumas dessas inscrições ficaram famosas, e citamos algumas, tão úteis ontem como hoje e sempre:

- “O microcosmos é idêntico ao macrocosmos; lá encontrarás o conhecimento dos deuses e do universo.” Ou seja, é no seu interior, que é idêntico à imensidão cósmica, que você encontrará deus e o entendimento dos mistérios do incomensurável.
- “A riqueza é destinada ao uso; seu acúmulo é tolo e vão; tudo deixarás aqui.”
- “Você deve partir daqui com o corpo completamente gasto. Gaste-o, mas gaste-o bem; transforme tua matéria em nobreza, beleza e bondade e partirás daqui leve como uma pluma, pronto para renascer.”

Iniciação e hermetismo para os antigos gregos não eram senão a arte de aplicar esses ensinamentos de Hermes, não tendo nada de esotérico ou misterioso. Ao contrário, eram fórmulas muito práticas para atingir a verdadeira espiritualidade.

É sempre de se lamentar que os romanos o tenham vulgarizado como o deus mensageiro e profeta do comércio e dos ladrões, imagem que passou para nós. Mas seus ensinamentos estão aí, ao nosso alcance, para quem quiser percorrer os caminhos da libertação da alma.

DEMÉTER, DEUSA DA FERTILIDADE E DA ARTE DE MORRER E VOLTAR A

VIVER. O RAPTO DE PERSÉFONE

Ao lado de Gaia, a grande mãe e potência matriz universal, Deméter era cultuada como a divindade que representava a terra cultivada e as artes da ressurreição.



Presidia a escola dos Mistérios de Eleusias (libertação), dedicada às artes de libertar do ciclo da vida e da morte e atingir a imortalidade (processo chamado de Telos).

Tinha caráter tríplice:

- Era a deusa da agricultura, sendo-lhe atribuída a invenção do arado e da arte da fertilização da terra.
- Era a deusa que presidia a construção das sociedades humanas e, em particular, das leis do matrimônio.
- Era a divindade que presidia a sorte dos mortos, juntamente com sua filha Perséfone, considerada a juíza infernal, mito que abordaremos adiante.

“A mais divina das deusas gerou Pluto, a riqueza, unindo-se em doce amor com o herói Jasion, num alqueire três vezes arado” (Hesíodo, *Os trabalhos e os dias*).

O nome Deméter é a união de dois radicais: *dias*, “deus”, “Zeus”, e *meter*, “útero” (daí a mitra papal) e queria dizer “o útero de Zeus”. Isso significa que sua essência não pode ser outra coisa senão a fecundidade da criação.

É ainda a deusa que de sua união com Zeus (a Criação) gerou Perséfone – a alma da terra –, que simboliza a força oculta que transforma a semente em planta, e esconde em suas trevas o tesouro dos metais.

Se “Gaia é todo o possível” (Hesíodo, *Teogonia*), Deméter é o fruto escolhido e cultivado. Enquanto a primeira representa a fecundidade feminina em seu estado mais primordial, que tudo que toca se reproduz, Deméter é o arquétipo feminino em sua forma mais evoluída: não reproduz qualquer coisa, mas somente o mais elevado e elaborado.

Podemos dizer que essas duas divindades representam a evolução do arquétipo feminino desde sua forma mais primitiva até a mais evoluída, e é claro que entre esses dois extremos situam-se todas as possibilidades do feminino, indo desde a mais desvairada fecundidade até a mais branda e serena escolha.

Enquanto Gaia é mãe universal e sua fecundidade é inesgotável e até mesmo cega, Deméter representa a arte de cultivar o melhor para ser

reproduzido, seja uma semente ou um ser humano. Claro que não está aqui implícito qualquer racismo, mas a consciência de que é preciso saber quando e como fazê-lo. Tem configuração precisa, buscando a fecundidade regrada pela justa medida (Métron Áriston). Domina a superfície do solo e dos seres, sendo força que faz prosperar e crescer.

Dá aos homens o benefício da vida civilizada e as leis que constituem e protegem a família e o matrimônio. Protege e inventa ainda tudo aquilo que possa tornar a vida mais abundante e doce. Mas sua dádiva mais popular é o conhecimento do cultivo do trigo. Deméter é a essência do pão, enquanto Dioniso é a do vinho. É evidente sua influência na vida cristã: o pão representa o corpo e o vinho, o sangue de Cristo.

Como outras divindades gregas, tem origem egípcia, com o nome de Ísis Terrestre.

Em sua forma mais popular, Homero retrata-a na *Ilíada* como a deusa da agricultura e aquela que permitiu aos homens fundar as cidades, abandonando o nomadismo, a partir do momento em que aprenderam a cultivar a terra, não precisando mais sujeitar-se ao extrativismo para sobreviver; graças a ela, puderam fixar-se.

Já Hesíodo dá novamente uma concepção mais profunda dessa deusa. Acrescenta a seus atributos descritos por Homero como sendo aquela que preside os Mistérios de Eleusias (libertação) e que governa os ciclos da natureza, onde tudo morre no inverno para renascer na primavera.

Governa ainda o nascer e o renascer de todos os homens, o que era conhecido na antiguidade grega como metempsicose – o renascer de uma alma em outro corpo.

Mas os dois autores coincidem sobre a origem desses mistérios – os mais célebres de toda a Grécia – e a busca de Deméter por sua filha – episódio que ficou conhecido como “O rapto de Perséfone” e que foi relatado num extenso poema que Homero lhe dedicou na *Odisseia*. Explicitaremos seu significado a seguir.

Segundo uma versão, o rapto ocorreu nos campos de Nisa. A jovem deusa está brincando com suas companheiras quando vislumbra ante seus olhos um narciso de rara beleza.

No momento em que vai colhê-lo, a terra entreabre-se e surge Hades que, com o consentimento de Zeus, toma-a em seus braços e leva-a para junto de si, apesar dos gritos e dos apelos da sua mãe, Deméter. Outros mitógrafos, inclusive Ovídio, dizem que seu rapto aconteceu na Sicília, próximo da cidade de Etna.



Deméter não ouve mais que os últimos lamentos de sua filha. Desesperada, põe-se a procurá-la, perguntando a todos seu paradeiro, mas ninguém tem coragem de dizer-lhe a verdade – nem deuses nem mortais.

Durante nove dias e nove noites, a incansável Deméter percorre a terra sem que sua boca toque o néctar e a ambrosia (os alimentos dos deuses). No décimo dia encontra Hecate (deusa infernal), que a conduz perante Hélios (o Sol), o único capaz de dizer-lhe onde está Perséfone. E, de fato, ele lhe diz: “Tenho compaixão de sua dor por causa de sua graciosa filha, mas não foi outro senão o próprio Zeus quem permitiu que seu irmão Hades (o deus infernal dos mortais) a raptasse para torná-la sua esposa. Mas ele não é genro indigno para ti, pois não te esqueças que é teu irmão também”. (Zeus, Hades, Posseidon e Hera, Héstita e Deméter são todos filhos de Kronos e Rea – veja o Capítulo VII.)

Nada disso adianta. Deméter recusa-se a permanecer no Olimpo e passa a perambular pelas cidades dos homens. Está tão desfigurada que nenhum mortal a reconhece em suas andanças. Um dia, chega ao palácio do prudente Celeu, rei de Eleusias.

Tendo sentado próximo do poço Partênio, vê chegarem até ela suas quatro filhas: Calídice, Clesídice, Demo e Calitóe, em busca de água.

As jovens, curiosas, interrogam Deméter e convidam-na a entrar na casa de seus pais.

Deméter diz-lhes que tinha sido arrebatada de sua terra natal, Creta, por piratas e que conseguira fugir, chegando a esses lugares desconhecidos para ela. Oferece seus serviços, e Calídice explica-lhe então quem são seus pais. Eles têm um filho temporão, e podem confiar a ela sua educação.

Metanira, esposa de Celeu, é consultada e aceita prontamente. Dirige-se então à casa e, assim que a deusa atravessa o umbral da casa, deixa por onde passa um esplendor divino que causa respeito, medo e admiração em Metanira. Esta cede seu assento e convida-a a sentar-se.

Homero conta que Deméter recusa sentar-se no lugar da rainha e que a criada Yambé oferece-lhe então um assento com uma capa branca. A deusa senta-se e entreabre seu peplo, continuando, no entanto, silenciosa e cabisbaixa. Nada come, e nem mesmo de água se

serve. Mas a bela Yambé, uma criatura alegre e feliz, faz-lhe numerosas graças para alegrá-la, o que finalmente consegue.

Segundo uma tradição mais recente, Yambé era filha de Pan e da ninfa Eco. Os versos cantados para Deméter teriam dado origem à poesia e à rítmica jâmbica. Os órficos substituíram seu nome pelo de Baubo.

Clemente de Alexandria cita como sendo de Orfeu a seguinte observação:

“Baubo” levantou sua roupa e mostrou as partes do corpo que não devem ser expostas e o jovem Yacos, que estava chegando em casa, acaricia-a e brinca com ela. Então a deusa alegra-se e sorri. Toma o vaso onde está o ciceão e bebe. A bebida, feita de água, farinha grossa e poleo (planta do gênero menta), é a única coisa que Deméter aceita da bondosa Metanira.

Tendo aceito a proposta de criar seu filho Demofonte (ou Triptólemo), este cresce parecido com um deus. Não é amamentado e não se alimenta, pois Deméter unta-o com ambrosia e sopra suavemente sobre ele, tendo-o em seus braços.

À noite, envolve-o com a força do fogo sagrado, sem que seus pais saibam. Para eles, era um milagre que seu filho crescesse tão forte e cheio de energia.

E, se não fosse a curiosidade de Metanira, teria a deusa salvo a criança da desgraça da velhice e da mortalidade. Uma noite, sua mãe sai do quarto e vê o filho envolto pelo fogo. Apavorada, sai pela casa aos gritos e tenta tomar o filho de Deméter, cometendo o erro fatal.

A deusa retira então o fogo divino, entrega-lhe a criança e diz-lhe, tomada de fúria: “Este menino eu teria posto ao abrigo da velhice e da morte, teria cercado de honras imortais, mas agora não é mais possível subtraí-lo nem da morte nem das Moiras” (divindades que determinavam a duração da vida de cada mortal).

Já Ovídio apresenta outra versão em sua obra *Metamorfoses*. Mostra Celeu como um velho que encontra Deméter na floresta. Sua filha

conduzia duas cabras colina abaixo. Tem também um filho pequeno, mas que está muito doente.

Ao vê-la assim perdida na floresta – Deméter metamorfoseara-se numa velha –, roga-lhe que permaneça em sua cabana.

Agradecida, responde-lhe: “Tenha muito tempo de vida e goze muito os prazeres de ser pai, meu bom ancião, porque eu perdi minha filha. Quão mais feliz és do que eu”.

O ancião deseja-lhe então que encontre a filha perdida e roga-lhe que não desdenhe sua cabana e que nela encontre pousada e descanso. A deusa finalmente cede e no caminho colhe uma papoula – planta que faz dormir – e distraidamente leva-a à boca, pondo fim assim a sua longa abstinência.

Como rompe o jejum no início da noite, os iniciados nos Mistérios de Eleusias não se alimentam até o momento da aparição das estrelas. Apenas chegam, Deméter compreende a dor do ancião. O pequeno filho está à beira da morte. A deusa então suavemente toca seus lábios com sua boca divina e imediatamente a doença desaparece.

“Quanto poder tem o simples sopro dos deuses” – comentou Ovídio. Então o jovem encheu-se de energia e alegria, contagiando imediatamente toda a família. Chamou-o então de Triptólemo (“aquele que subjugará a fome”).

À noite, a deusa, para serenar o menino, dá-lhe leite com o suco da papoula e, madrugada adentro, inicia o ritual para torná-lo imortal, colocando-o em fogo sagrado.

O final é semelhante ao descrito na versão anterior.

Deméter diz à mãe, Metanira: “O excesso de amor desnaturou-te; tua proteção maternal torna inúteis meus benefícios. Teu filho não será mais que um simples mortal e será o primeiro entre os homens a lavrar e semear. Este será o prêmio de seus esforços”.

Segundo Homero, a deusa retoma então sua forma original, em todo seu esplendor, e diz: “Eu sou Deméter, a honrada por todos, encanto e proveito dos deuses e dos mortais. Que o povo desta terra erga em

minha honra um santuário em cima de Calícoros. Eu mesma os iniciarei nos meus mistérios”.

Dizendo isso, parte, deixando atrás de si um rastro de esplendor.

Celeu obedece às ordens de Deméter, e logo ergue-se um templo que se torna sua morada, pois ela se recusa a retornar ao Olimpo. Consumida pela tristeza da perda da filha, dá aos homens um terrível ano para as colheitas.

“Nem uma única semente germinou, e os homens teriam morrido de fome, e os deuses ficariam privados de ser honrados e receber sacrifícios se Zeus não se apercebesse disso e refletisse” – conta Homero.

Ante a ameaça de ver perecer de fome a raça humana, Zeus procura por todos os meios acalmar o rancor de Deméter. Todos os deuses tentam, mas são em vão todos os magníficos presentes que lhe oferecem. Ao contrário, diz-lhes que não subirá ao Olimpo nem permitirá que a terra novamente brote, antes de seus olhos virem novamente sua filha.

Zeus então pede a Hermes que se dirija ao Hades (nome do mundo dos mortos e também do deus dos mortos) e traga Perséfone de volta. O deus infernal obedece e entrega Perséfone, mas antes dá-lhe para comer grãos de romã, “doce fruto que faria com que não permanecesse para sempre ao lado de sua mãe”.

Ovídio conta outra versão sobre a romã:

Perséfone teria infringido uma lei que lhe exigia abstinência quando, errando pelos jardins do Hades, a jovem deusa inocentemente tirou uma romã de uma árvore carregada e seus lábios espremeram sete grãos. Somente Ascálafo a viu, impedindo, com sua revelação, o regresso definitivo de Perséfone. Como vingança, ela o transformou em ave sinistra.

Quando retorna à terra, as primeiras palavras de Deméter à filha são: “Filha, não comeste nada antes de vires ao meu encontro? Senão, se tiveres provado grãos de romã, retornarás à profundidade da terra e lá

ficarás por quatro meses, e os restantes oito, comigo e os deuses do Olimpo”.

E, realmente, Rea (sua divina avó), enviada por Zeus, chega a seu lado e diz-lhe que agora o filho de Kronos convida-a a ficar dois terços do ano entre eles, e não mais que um terço no Hades. Deméter aceita esse compromisso, e imediatamente a terra e os campos voltam a florescer.

Antes de retornar ao Olimpo, a deusa instrui e inicia Triptólemo, e nomeia sacerdotes em seus mistérios, alertando-os a não se descuidar deles nem divulgar, por que “o profundo respeito aos deuses cala a voz”. E prossegue: “Feliz, entre os homens que habitam a terra, aquele a quem as coisas santas tenham sido reveladas; o homem não iniciado não tem tal destino nem em vida, nem depois da morte em sua turva visão”.

Esses últimos versos são do hino homérico e consagram os mistérios de Eleusias presentes em todo o mundo helênico desde época muito remota.

Há três aspectos fundamentais que devemos abordar no mito de Deméter e o rapto de sua filha Perséfone.

- A fecundidade como uma sabedoria – e não meramente um instinto reprodutor.
- O necessário desapego aos filhos e sua inevitável partida para que possam cumprir seu destino.
- O significado da iniciação em uma escola dos mistérios.

A primeira questão remete à da evolução do arquétipo feminino.

Da potência onipresente de Gaia – que tudo fecunda – à elaborada sabedoria de Deméter, de onde e quando a semente deve multiplicar-se.

Eis aí o desafio proposto à evolução do feminino: reprodução desvairada ou sabedoria em permiti-lo? Claro que esse é mais um desafio da educação dos instintos, não importa se masculinos ou

femininos.

Ao contrário das propaladas propagandas feministas da modernidade, a brutalidade dos instintos não escolhe sexo para se instalar. Em outras palavras, se a agressividade e a dominância do masculino devem ser educadas, a feminilidade desvairada, em todas as suas manifestações, também. Nem o feminino nem o masculino devem ou podem ser utilizados como instrumento de conquista e prevalência.

A segunda questão é própria do feminino. Sua amada filha, Perséfone, terá de seguir seu próprio destino, malgrado a tristeza da mãe por perdê-la. Ou seja, é preciso que a máxima arcaica prevaleça: “Quem ama liberta, jamais se apodera”. De pouco adiantará protestar porque o filho ou a filha desejam seguir caminhos diversos daqueles por nós sonhados. Seu destino não pode – e jamais poderá – ser traçado e nem mesmo sugerido por nós. Não somos seus proprietários, mas os deuses.

A tristeza de Deméter por perder sua filha por uma determinação maior deve servir-nos de alerta. O destino de nossos filhos nada tem a ver conosco, e tentar entrelaçá-los somente resultará em desastre certo: deixamos de cumprir nossos desígnios para cumprir os anseios dos filhos, e eles deixarão de cumprir seu destino para realizar nossos anseios. E, nesse entredoramento de almas, nem pais nem filhos poderão libertar-se para cumprir seus destinos. Que triste massacre resultará se não aprenderem a praticar o desapego pelos filhos...

A terceira questão não tem menos importância. Trata-se da iniciação aos mistérios da vida, que os antigos chamavam de Eleusias.

Trata-se aqui de compreender que tudo, mas tudo mesmo, é “alugado” neste planeta chamado Terra. De nada adiantarão as escrituras que garantem a posse após a morte. Aliás, alguém já viu uma escritura que garanta a posse do corpo após a morte?... (sic)

A lei de Deméter é clara e eterna: “Teu corpo deixarás aqui para que com ele eu fertilize a terra para gerar outras vidas. Esta é minha lei – que determina que os mortos deverão ser enterrados. Servirão de adubo

para as outras vidas que haverei de gerar. Empresto a matéria que te compõe e exijo a devolução para prosseguir o milagre da eterna ressurreição dos corpos. Esta é minha lei!”

Eis a grande lição de desapego para a modernidade. Estamos cercados de academias e rituais falsificadores que pregam a conservação de nossos corpos. Tudo tolo, vão e inútil...

Mais uma vez Hermes tinha razão: precisamos reaprender a gastar bem nossa matéria e partir leves como uma pluma. Não há castigo maior do que ficar preso à Terra, e este é o segredo fundamental dos mistérios de Eleusias – a libertação.

DIONISO, DEUS DO VINHO, DO ÊXTASE E DA ALEGRIA. O MITO DO BODE EXPIATÓRIO

O nome Dioniso provém da união de dois radicais – dias (deus) e nisso ou nissa. Há muita controvérsia sobre o real significado dessa palavra. Uma corrente de estudiosos baseia-se em autores antigos que relatavam a vinda desse deus da Índia, de um lugar mítico chamado Nissa. Já outros, mais voltados ao estudo das escolas dos mistérios da antiguidade – onde o deus Dioniso tem lugar central –, preferem a tradição, considerando essa palavra como oriunda de Nissi (ilha).

Seria, portanto, o deus-ilha, significando aquele que veio ensinar aos homens os caminhos para romper seu isolamento original (egoísmo e narcisismo, diríamos hoje) e abrir os caminhos para o encontro do outro. Assim, é o deus da socialidade, o redentor por excelência, e aqui encontramos seu verdadeiro significado, que explicitaremos melhor a seguir.

A saga de seu nascimento é relatada num mito que tem origem nas tradições do antigo Egito e influenciou profundamente a tradição cristã, juntamente com a deusa Deméter.

Conta Homero na *Ilíada* que Zeus apaixonou-se por Sêmele, filha de Cadmo e Harmonia. Sua esposa Hera, tomada de ciúmes, provocou-a dizendo-lhe que certamente se iludia e que não era o tonitruante Zeus

que a amava, mas um mortal qualquer. Desafiou-a ainda a ver a verdadeira face do deus, se quisesse ter certeza de quem a amava. Hera sabia que Zeus prometera a Sêmele que lhe concederia qualquer graça, menos a imortalidade. Valendo-se dessa promessa e tomada de curiosidade, Sêmele pediu-lhe para vê-lo. Ele tudo fez para demovê-la da ideia, mas como insistisse, e os deuses jamais voltam atrás em suas promessas, teve de ceder.



Surgiu então em toda a sua potência, e a terra abriu-se com seus raios e trovões, incendiando tudo a sua volta, inclusive a incauta e curiosa Sêmele, que morreu envolta pelas chamas. Como estava grávida de Zeus, este correu e abriu-lhe o ventre, retirando ainda vivo o feto que nele se abrigava.

Rasgou então sua coxa e colocou nela o pequeno Dioniso, que tinha

apenas seis meses de gestação, e costurou-a. Daí a conhecida expressão “barriga da perna”.

Vale observar o significado iniciático e pedagógico desse episódio: as forças divinas não podem ser contempladas com os olhos dos mortais – elas podem ser fatais. O divino deve ser intuído no interior do ser ou no milagre da vida e da natureza. Querer vê-lo ou tocá-lo é profanação e poderá custar a vida.

A vingança de Hera custou a vida de Sêmele, mas não impediu o nascimento de Dioniso, que aconteceu três meses depois. Zeus retirou-o de sua coxa quando completou a gestação e entregou-o a Hermes para que cuidasse dele, pois “tem os segredos dos caminhos para a redenção da alma” (Hesíodo, *O escudo*).

Nasceu assim a primeira divindade do panteão olímpico, filho de um deus com uma mortal. O nascimento de Cristo, milênios mais tarde, tem evidente inspiração nesse mito, sendo ele também filho de um deus com uma mortal. Mas esta tradição é mais arcaica ainda, remontando ao mito egípcio de Ísis e Osíris, como veremos adiante.

Antes de prosseguir, devem ser explicados alguns mal-entendidos que a mitologia romana e a tradição judaico-cristã propalaram a seu respeito.

Dioniso – ou Baco – ficou conhecido como o deus das bacanais e das orgias, sendo associado com decadência moral e decrepitude. Isso de fato ocorreu durante a degradação dos costumes do Império Romano, mas de modo algum corresponde às suas verdadeiras características e seu culto na antiguidade grega.

Nunca é demais ressaltar que o que a religião grega tinha (até o século V a.C.) de sagrado, mítico e elevado, a religião romana transformou em utilitarista e a serviço de suas conveniências guerreiras e conquistadoras, além de decadente e mundana. A ideia que herdamos de paganismo como uma religião decrépita e imoral vem dos romanos, não da antiguidade grega. Nesse sentido, o levante cristão foi mais do que justificado, sendo uma tentativa de reconquistar os valores éticos e

da vida, reduzidos a frangalhos pelo Império Romano. Infelizmente, a Igreja, que passou a representar o cristianismo, nunca esteve à altura dessa inadiável tarefa, cometendo barbáries e atrocidades nos dois milênios subsequentes a Cristo – em nome Dele (Cruzadas, caça às bruxas, “Santa” Inquisição, Índice Papal etc.).

Dioniso ou Baco (assim era conhecido entre os gregos; o nome Baco não é de origem romana, mas frígia) traz o vinho aos homens, assim como Deméter lhes dá o trigo e a cevada. Daí o vinho passou para a tradição cristã como sendo o sangue de Cristo, e o pão, seu corpo. A cerimônia da eucaristia tem sua origem nessa tradição (a hóstia e o vinho).

O mito conta, segundo Hesíodo, que o jovem Dioniso cresceu sob os cuidados de Hermes e das ninfas das florestas. Trouxe a videira e o vinho para alegrar a vida dos homens. Em sua homenagem, surgiu o hábito de reverenciá-lo com uma festa que se chamava, nos primórdios de Roma (quando os valores e a ética ainda eram elevados), *Comemoriám*, que originou a palavra “comemoração”. Queria isso dizer que, quando os homens se reunissem em festa, deveriam imitar os tempos em que viveram ao lado dos deuses (no paraíso perdido). Portanto, fariam de conta (por alguns momentos) que eram imortais com a alegria e a abundância que conheceram no paraíso. Daí que, nessas festas, nada poderia faltar. Deveriam esquecer as preocupações e a premência do tempo, pois só os mortais têm pressa e angústias. Ao esquecerem a pressa, faziam de conta que eram imortais, pois o tempo desaparece quando estamos felizes e amamos. Esse era o sentido da comemoração: recordar o tempo em que vivemos no paraíso ao lado dos deuses e éramos imortais.

Que tal recuperarmos esse significado dionisíaco para as festas de hoje, tão próximas da decrepitude das bacanais romanas, em que as pessoas bebem ou se drogam para esquecer que estão vivas e não mais para recordar que poderiam retornar ao lado dos deuses?

Agora tocamos no verdadeiro significado das antigas bacanais ou

festas dionisiacas. Longe de serem orgias em que o sexo, o comer e o beber eram praticados de forma desvairada (como hoje), eram festividades religiosas nas quais se buscava o êxtase e a alegria.

O vinho tinha função religiosa, e dizia a máxima dionisiaca: “Beber para inebriar o espírito, elevando-o até os deuses, jamais embriagá-lo para rebaixá-lo às profundezas do caos”.

Dioniso é o sete vezes ressurrecto. Diz a tradição que sua bondade despertou a fúria dos Titãs (potências devastadoras), que o despedaçaram sete vezes, e sete vezes ele renasceu. Finalmente, seu pai, Zeus, tomou seu coração e espalhou sua bondade pelo universo, impedindo assim que fosse novamente despedaçado. Reuniu ainda as partes de seu corpo e enterrou no centro do templo de Apolo. Sobre sua lápide havia a inscrição: “Quem não souber descer jamais servirá para ascender e alcançar os deuses”. E isso revela mais uma face de Dioniso: é pela humildade e simplicidade (este é o verdadeiro significado de mundano) que os homens ascenderão, jamais pela arrogância e pela prepotência. E o fato de ter sido enterrado no templo de Apolo é revelador: a luz de Apolo jamais será alcançada por meditações ou “reclusões espirituais” – tão em voga hoje. Será na simplicidade do cotidiano.

Vemos assim mais uma força em Dioniso: é chamado o Eros Sacro pelos antigos, opondo-se ao hedonismo, tão praticado pelos romanos e na modernidade, ou seja, a prática de uma sexualidade barata e desvinculada de seu sentido maior – o conhecimento e a revelação do outro, o desenvolvimento da capacidade de amar e respeitar o próximo. Tem assim uma função libertadora em seu ritual de inebriar, e jamais de entretenimento e desvario, sendo esta a diferença entre o beber sacro e o beber pagão, que hoje tanto praticamos.

Como já foi mencionado, o mito de Dioniso remonta às arcaicas tradições egípcias e funda-se no mito de Ísis e Osíris.

Esses deuses foram enviados por Amon-Rá – deus maior da religião egípcia – para ajudar os homens na árdua tarefa de evoluir e conquistar

um lugar ao lado dos deuses. Da mesma maneira, é aqui relatado o despedaçamento de Osíris por potências destruidoras. Sua esposa Ísis pacientemente parte em peregrinação para encontrar as partes de seu corpo e ressuscitá-lo. Encontra todas, menos o falo, que substitui por um simulacro de madeira. Na verdade, ordenou que a força do falo perdido de Osíris espalhasse suas sementes por toda a terra, fecundando-a. E aqui está um princípio que será mais tarde tão caro à tradição grega e cristã. De nada adiantará despedaçar a bondade e a fecundidade: quanto mais o fizerem, mais ela se espalhará e fecundará a terra e os humanos.

Ao menos essa era a esperança de Ísis, de Dioniso e mais tarde de Cristo. Como vemos, todas essas tradições têm origem no Egito, com razão chamado de “a mãe de todas as tradições”, inclusive das orientais, mas este é assunto para outro livro.

O mito do despedaçamento de uma divindade, sua ressurreição e o espargir de sua bondade – e não sua destruição, como pretendiam seus detratores – é o tema fundamental de todas as religiões fundadas no amor e na aceitação do outro em sua diversidade.

Trata-se de um tema multimilenar, que originou o mito do “bode expiatório” cujo significado resumiremos a seguir.

Esse mito originou a tragédia grega, que era consagrada ao deus Dioniso. Trata-se da culpa imerecida de sofrer e morrer. Quem não lembra que “Jesus sofreu e morreu para salvar a humanidade”? E não era justamente Ele quem menos merecia? O despedaçar de Osíris e Dioniso antecede-o e abre as portas para uma dura e árdua reflexão. São sempre os que menos merecem os que mais sofrem e padecem. Mas que justiça é essa que faz vítimas os mais inocentes e bondosos? Não deveria ser aplicada aos mais injustos e maus?

Sofrer e morrer sem merecer, viver e regozijar-se sem merecer – eis o paradoxo que está presente em nosso cotidiano no simples fato de que, à nossa mesa, algum ser (animal ou vegetal, pouco importa) morreu sem merecer para continuarmos vivos. E por que ele, e não nós, em seu

lugar? Eis a condição dos pobres mortais que somos: ao contrário dos deuses, vivemos à custa da morte alheia. E não há lei que possa justificar essa brutalidade. Por isso rezamos à mesa (em qualquer religião), agradecemos o fato de estarmos vivos, sem merecer, à custa da morte alheia (sem merecer!).

Por isso agradecemos a Ísis e Osíris, Dioniso, Buda, Cristo e a tantos outros pelo fato de estarmos vivos – sem merecer – e rezamos para que não sejamos os próximos a ser servidos na mesa de outrem.

Aprender a arte de não se alimentar da morte – ou ao menos minimizá-la – era o principal objetivo de todas as escolas dos mistérios da antiguidade e das tradições iniciáticas.

E isso não se resume aos alimentos servidos à mesa. Trata-se aqui de aprender a não devorar o outro em banquete macabro. Eis o nascimento do verdadeiro ato social, que o deus Dioniso preside. Trata-se daquele que abre os braços para receber o outro em ato de confraternização, e não de devoramento.

A arte dionisíaca busca o aprendizado de viver sem causar o sofrimento e a morte alheia, nem na mesa nem na vida. E isso está muito longe dos modismos da “alimentação natural”, cujo único objetivo é o prolongamento da vida para que possamos ter mais tempo para devorar os outros – e com mais eficiência.

POSSEIDON, DEUS DOS MARES E SACUDIDOR DA TERRA, AQUELE QUE EXIGE O CUMPRIMENTO DAS TAREFAS INADIÁVEIS

É o irmão mais velho de Zeus. Há evidências de que seu culto como deus maior do Olimpo precedeu o de Zeus. Em Corinto, os Jogos Poseidônicos (equivalentes aos Jogos Olímpicos) datam pelo menos do século XIII a.C., cinco séculos antes dos Olímpicos, cujo início oficial data de 776 a.C., ou seja, século VIII a.C.

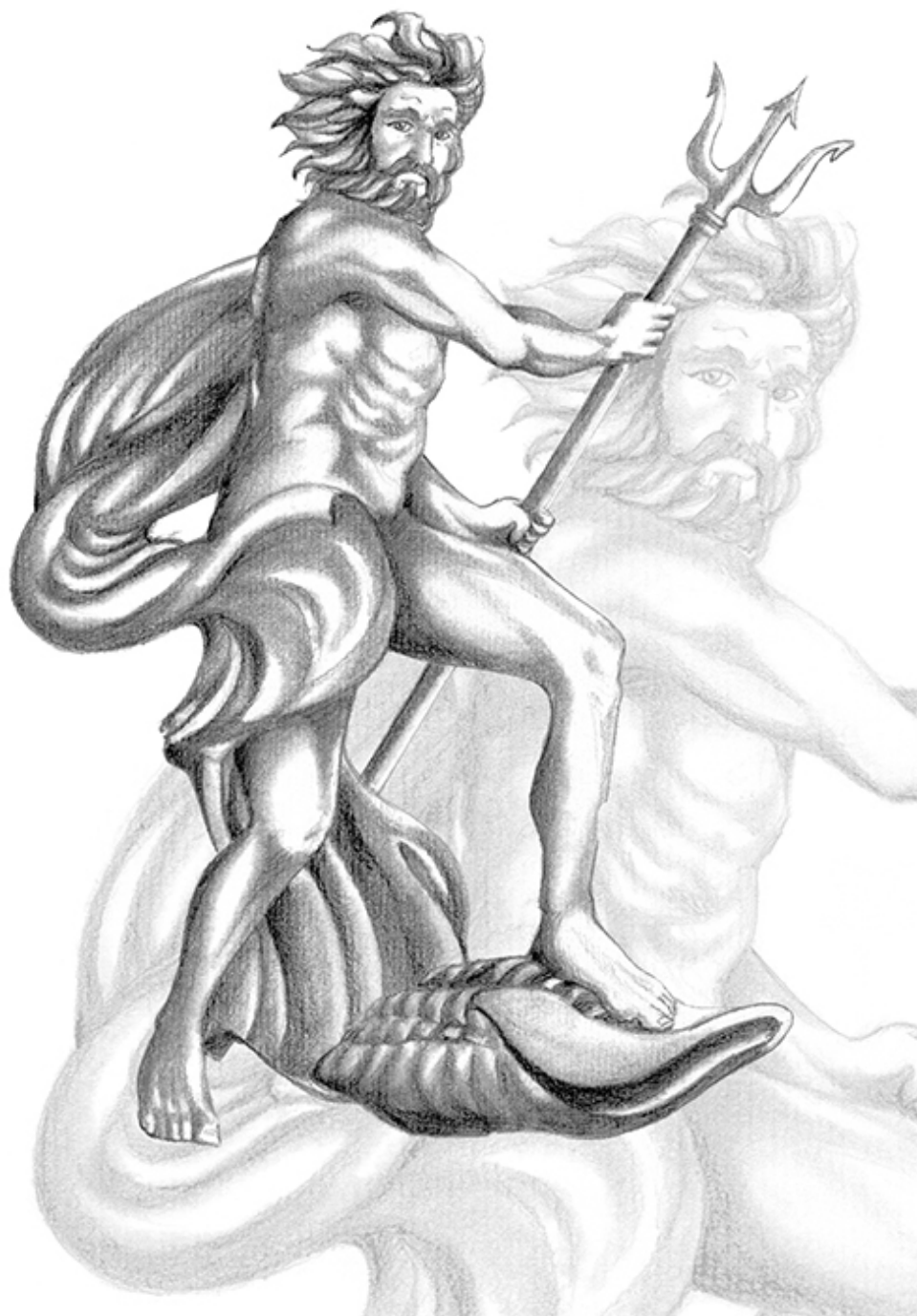
Tudo indica que seu culto foi paulatinamente substituído pelo de Zeus Olímpico, e isso significa que a civilização helênica evoluiu de um culto que glorificava a força primordial e cega do elemento água pela

energia criadora, como fundamento cósmico e religioso.

Posseidon representa a força das potências cegas e devastadoras, que os mares tão bem personificam. Se a vida neles se originou, é nele também que os seres vivos tão facilmente encontram a morte. Mesmo hoje, com toda a tecnologia do século XXI, pouco ou nada se pode fazer contra a fúria de suas inúmeras manifestações. Por isso, os filhos de Posseidon são potências cegas representando a fúria dos oceanos.

Homero glorifica essa divindade em diversos cantos da *Ilíada*, mas há uma passagem especialmente bela no canto XXII: “Começo a cantar Posseidon, deus poderoso sacudidor da terra e do límpido mar. Sua força até Zeus desafia...”.

Se Zeus é a força da criação pela paixão, Posseidon é a força do inevitável e do inadiável. É a urgência das leis fundamentais da vida, e por isso estava associado às tarefas essenciais para mantê-la. Nunca realiza nada por paixão, mas sempre por absoluta necessidade. É a força da tarefa que se sobrepõe à paixão.



Assim Hesíodo descreve esse deus: “Potência da água e do interior da terra, princípio da geração, e sacudidor da terra e dos mares...”.

Vale notar que Poseidon é por excelência uma força do interior da terra, e não apenas dos mares. É o mistério que sacode e desperta os vulcões também. Enfim, é a potência imanente por excelência. Embora

habite os mares, preside os vulcões e os terremotos, sendo, ontem como hoje, uma força a ser temida e respeitada, contra a qual os homens pouco ou nada podem fazer.

Seu símbolo é o tridente de ouro, que representa a união do celeste, do terrestre e do abissal. E isso quer dizer que sua força sacode e domina não apenas os mares mas também a terra e o ar.

Hoje começamos a compreender novamente essa questão. Se os mares são assustadores, é de lá que emana toda a vida na terra e no ar. Respeitá-los e conservá-los é a tarefa mais inadiável que se impõe para a modernidade. E esta metáfora deve ser transposta para cada ser vivo.

A água é o fundamento da vida e da morte. Suas leis são implacáveis, e pouco, muito pouco, nossa ciência desvendou sobre elas. É uma ironia que o homem lance sondas interplanetárias para a exploração do espaço sideral e ainda saiba pouquíssimo sobre as profundezas dos mares e do interior da terra. Ironia ainda maior é que saiba tão pouco de si e das leis interiores que regem sua vida. Ele não se dá conta de que as leis de Poseidon são tarefas inadiáveis que se impõem a cada ser.

A mesma força que sacode as marés e os vulcões abala nosso interior e nossa saúde física e mental quando não respeitamos nossos próprios ritmos e “marés”. A vida, para seguir seu fluxo, exige que obedeçamos a suas leis. Em outras palavras, há limites que se impõem à civilização e ao progresso, e estes não podem custar a destruição da natureza, pois ela se vingará (e isso já está acontecendo). E essas leis se aplicam ao homem: ele não pode transgredir as leis de equilíbrio e harmonia em nome de sua pretensa modernidade.

Não é demais recordar que o país com mais recursos tecnológicos e desenvolvimento (os Estados Unidos) é o maior poluidor do planeta, o campeão mundial dos enfartes, da Aids, do câncer e dos surtos psicóticos... Será que as conquistas tecnológicas são tão saudáveis assim para o ser humano e para nossa morada (este pequeno e frágil planeta chamado Terra)? Será que este excesso de artificialismo – que a

tecnologia produz em nossas vidas – não resulta desastroso para a saúde física e mental? Cabe a cada um buscar seu ponto de equilíbrio e compromisso, mas ninguém até hoje escapou incólume ao transgredir as leis da água (de Poseidon). A vida é uma sucessão de tarefas inadiáveis para se manter. E essas tarefas estão voltadas à compreensão e aceitação das leis da natureza – que tecnologia e modernismo algum poderão alterar –, a não ser à custa da própria vida.

HADES OU PLUTÃO, DEUS DOS MORTOS E VINGADOR DOS FALSOS JURAMENTOS

Diz Poseidon irritado ao senhor do Olimpo na *Ilíada*: “Kronos gerou com Rea três irmãos: Zeus, eu e Hades, que reina sobre os mortos. A herança paterna foi dividida em três partes, correspondendo a cada um a sua: quando a sorte foi lançada, coube-me o mar espumante; a Hades as imensidões subterrâneas do Érebo (outro nome para o mundo dos mortos), e Zeus obteve o amplo céu dos ares e das nuvens. A terra e o vasto Olimpo permaneceram nossos e indivisíveis”.

Daí vemos que o mundo subterrâneo é de Hades. A palavra “inferno” deriva do latim *in-sferum*, que significa “mundo inferior” e “interior” (subterrâneo) da esfera que representava o cosmos.

Seu reino é a morada dos mortos, e sua figura é sombria e temível. Seu nome inspira terror e evitava-se ao máximo pronunciá-lo. Hades era uma designação geral das forças ocultas que presidem a morte e a regeneração dos corpos (metempsicose) e passou também a chamar-se Plutão, divindade benfeitora, e não apenas temível, cuja existência está ligada também à fertilidade da terra.

É irmão de Zeus, de Poseidon, de Hera, de Héstia e de Deméter. Teve a mesma sorte dos demais, sendo engolido pelo seu pai, Kronos. Foi devolvido à luz depois da derrota definitiva de Kronos por Zeus. Quando os Titãs, com um retorno ofensivo, ameaçaram a nova dinastia divina, Hades ajudou a combatê-los.

Hades nada tinha a temer, pois graças a um capacete de pele de cão

podia tornar-se invisível, envolvendo-se em nuvem impenetrável. Era um presente dos Ciclopes, que deram também o raio a Zeus e o tridente a Poseidon.



Lemos no poema homérico a Deméter que, com o consentimento de Zeus, Hades raptou Perséfone quando colhia flores, colocando a sua

frente um prodigioso narciso para enganá-la. Ela correu a colhê-lo e então, por vontade de Zeus, a Terra abriu-se para agradar o insaciável Hades.

A vista desse narciso causou a admiração de todos os imortais e mortais, e de suas raízes saíam cem bulbos e exalava um inebriante perfume que cobria o vasto céu e se espalhava por toda a Terra. Assim, Hades pôde distrair a donzela e raptá-la com seus imortais corcéis em seu carro de ouro. E, por ordem de Zeus, nenhum deus ou mortal ouviu seus lamuriantes gritos de socorro.

Vemos em outro poema da *Ilíada*, dedicado a Deméter, suas atribulações para encontrar a filha Perséfone. O conflito entre Hades e Deméter terminará com um compromisso: Perséfone ficará um terço do ano com seu esposo, e os dois terços restantes, com sua mãe.

Ela aceita Hades por esposo e passa a reinar “sobre tudo o que morre e respira” e a gozar das maiores honras entre as divindades.

Esse ir e vir de Hades para a Terra e sua volta ao mundo subterrâneo são simbolizados no ato de comer as sementes de romã, que representam a regeneração dos corpos ou metempsicose. Modernamente, essa concepção religiosa – que na verdade é arcaíssima – foi chamada de reencarnação.

Hades vem do grego A-Dis, que significa “o não visto”, “o que é interdito aos olhos humanos”, e simboliza a morte e o processo de passagem de uma vida para a outra (regeneração). Naturalmente, esse período, em que ocorria a metamorfose da morte em uma nova vida, não podia ser “visto” por nenhum mortal.

Os principais cognomes de Hades eram o repulsivo, o monstruoso, o miraculoso (aquele que devolve a vida), o terrível, o odioso, o entristecedor, o implacável (vingador dos juramentos e das mentiras), o insensível, o invisível, o noturno, o vigoroso. Sempre eram utilizados para evitar pronunciar seu nome.

Acima de tudo, Hades é o deus dos mortos, os quais recebe em seu mundo hipocônio (subterrâneo). Como vingador dos juramentos,

também se ocupa dos vivos, quando resolve castigá-los por juramentos falsos. Sua morada era o Érebo, segundo Homero, e localizava-se entre o céu e a terra, equidistante do Tártaro, que era onde as almas condenadas se dissolviam, retornando ao caos primordial (quer dizer, não voltavam mais a viver).

Hades governa a mais secreta das leis, fundada no amor e na regeneração dos corpos – o voltar a viver. Dante Alighieri immortalizou o mundo subterrâneo de Hades com seus nove níveis na *Divina comédia*. Ao copiá-lo da tradição helênica, trouxe para a cristandade a mesma concepção. Já no Hades, conforme as faltas, cada mortal era colocado em um nível para arder e se purificar; se caísse para o nível mais profundo (o nono), seria condenado ao sofrimento eterno.

Na concepção helênica, esses nove níveis eram etapas da purificação para preparar a alma para uma nova vida (a metempsicose). Não deve surpreender que a ideia de sofrimento tenha se imposto na *Divina comédia*, uma vez que professou os cânones cristãos de “sofrimento aos pecadores”. A tradição mítica helênica não via o Hades como um lugar de sofrimentos, mas de purificação e preparação para uma nova vida, sendo a permanência das almas nele provisória. Somente uns poucos lá permaneciam: eram aqueles que mereciam o castigo supremo por uma falta imperdoável contra os deuses. É o caso de Sísifo, Tântalo, Íxion e outros. Alguns deles terão sua história e significado relatados em outro capítulo deste livro. A razão desse terrível castigo era sempre esta: estavam impedidos de regenerar em outro corpo, ou seja, perdiam o direito de ter um destino a cumprir e, assim, a evolução de sua alma estava interrompida por determinação dos deuses. E qual poderia ser a razão para o tão terrível castigo de perder o direito de continuar evoluindo pela ressurreição em outro corpo?

Trata-se aqui de uma concepção religiosa a respeito da vida e da morte, radicalmente diversa da tradição judaico-cristã. O bem mais precioso para essa concepção regeneracionista (voltar a viver em um corpo novo) era o direito de conservar um destino a cumprir, ou seja, o

direito de prosseguir em busca da evolução e do aperfeiçoamento da alma, através de muitas vidas. Ter um destino, por outras palavras, nada tinha a ver com a moderna (e falsa) concepção de que destino era similar à predeterminação dos fatos e acontecimentos na vida de uma pessoa. Para os antigos, ter um destino era o direito de manter a luta e a autodeterminação na incansável busca por uma evolução cósmica e pessoal, em que a vontade e a liberdade individual eram fundamentais, e não sujeitas aos caprichos imponderáveis do tipo “estava escrito” etc.

Só havia um caminho proposto aos homens para a consecução de seu destino: encontrar os meios para cumprir o máximo juramento de Hades, que era dedicar a vida à nobreza, à beleza e à bondade. Este era considerado o juramento a ele, sendo a condição para voltar a viver, e por isso era chamado de “vingador dos juramentos”. Isso simplesmente queria dizer que quem não dedicasse sua vida a encontrar meios para evoluir em direção ao nobre, bom e belo era traidor de Hades e de seu destino. A liberdade individual residia em encontrar os meios para cumprir essa exigência, e isso era chamado de destino.

A atualidade desse desafio é evidente: encontrar os meios para levar uma vida dedicada às máximas exigidas para Hades é mais que uma premência. É a única razão que justifica estarmos aqui neste planeta chamado Terra, no meio desta imensidão cósmica. Ou será que viemos para cá somente para ter um apartamento maior e o carro do ano? O desafio para o homem do século XXI é reaprender a pensar o sentido de sua existência, e era isso que Sócrates queria dizer quando enunciava: “Quem não sabe o que está fazendo aqui jamais servirá para viver, está morto e só ele não sabe disso”.

Assim, entendemos por que Hades era o guardador dos juramentos – e vingador, caso fossem falsos. É o juiz infalível por excelência, ou o Cristo Víndice da tradição cristã. Seu cão Cérbero é o guardador da soleira da morte: dócil com quem entra, mas implacável com quem tenta sair. Somente os que praticaram seus juramentos libertam-se da morte, quer dizer, de Cérbero – a lei fatal.

Aqueles que dedicaram sua vida a permanecer aqui, a qualquer custo e sacrifício (de si mesmos e dos outros) encontrarão Cérbero na soleira da morte, ou seja, será muito difícil para eles voltar a viver, correndo ainda o risco de permanecer presos no Hades, perdendo o bem mais precioso: o direito de ter um destino a cumprir.

Pior que isso, só a dissolução de sua alma, perdendo-se no caos primordial.



O desafio é claro: é de nossa responsabilidade manter viva a chama da alma em sua busca pela eternidade. Ela não é líquida e certa (a imortalidade da alma), mas árdua conquista pela prática da nobreza, da beleza e da bondade. A imortalidade da alma não é um direito inalienável dos homens, mas uma árdua conquista.

A HIERARQUIA OLÍMPICA

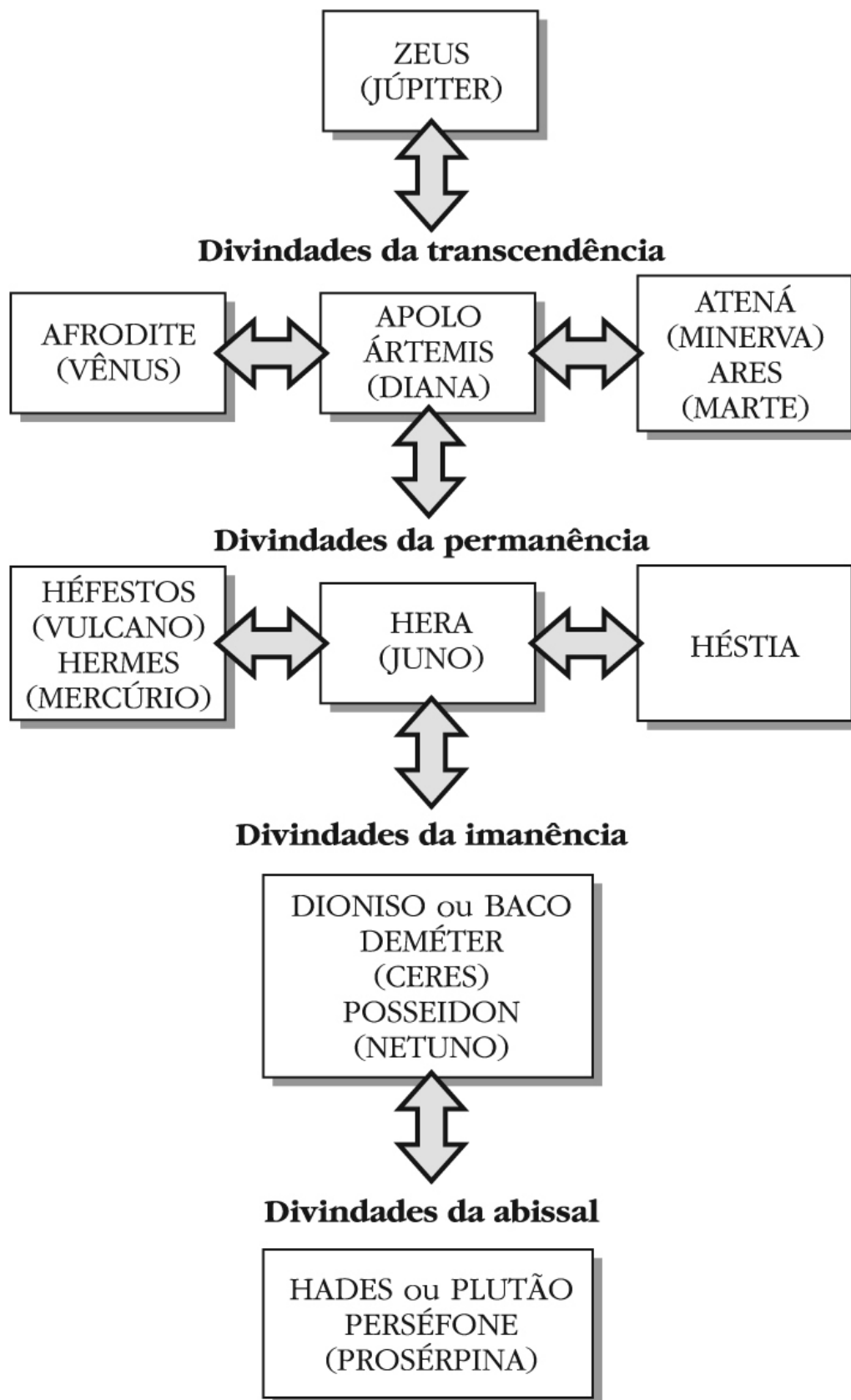
O diagrama a seguir é uma descrição da hierarquia olímpica. Os nomes entre parênteses são da tradição latina ou romana, embora seu significado, para essa cultura, tenha sido muito diferente da antiguidade grega.

É preciso que se note que a proximidade de Zeus com os demais deuses é aparente. De acordo com Homero, na *Ilíada*, a distância que separa Zeus e Hera dos demais deuses é a mesma que separa os homens dos deuses. É um erro achar que os deuses olímpicos estavam todos num mesmo plano e que Zeus e Hera eram apenas os maiores. Havia, na verdade, uma enorme distância entre o casal divino e os demais deuses. Além disso, eles exerciam funções diferentes.

Logo abaixo de Zeus estão as chamadas divindades da transcendência, que eram aquelas dedicadas às artes mais elevadas, ou seja, o amor, o culto ao sagrado, à luz, à música e às artes em geral e ao espírito combativo justo.

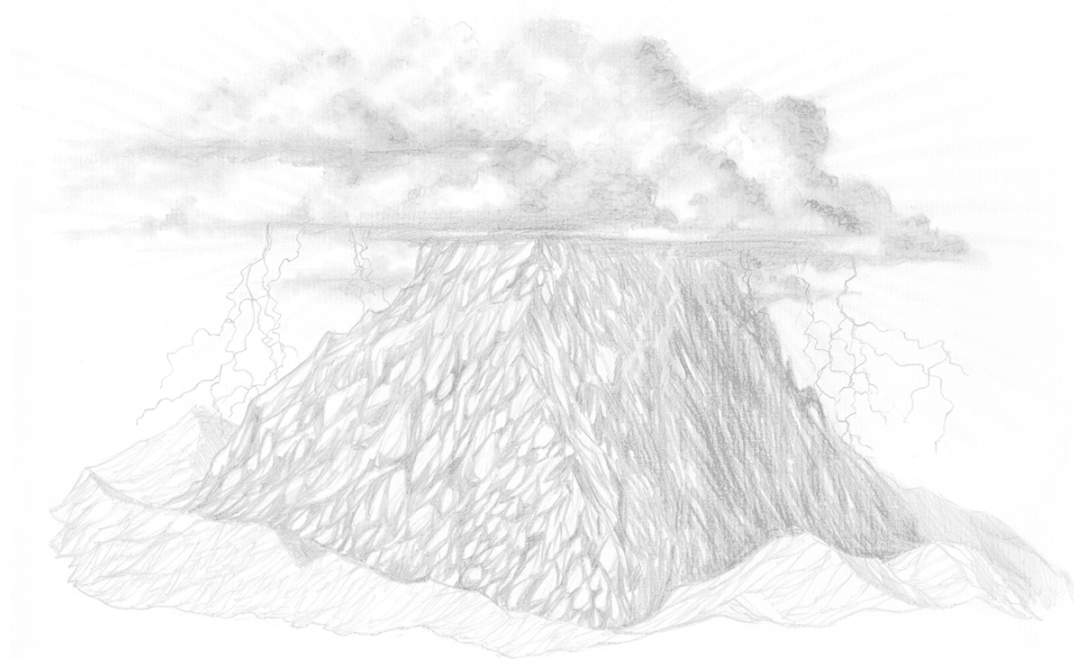
A seguir estão as divindades chamadas da permanência, tendo Hera no centro geométrico da hierarquia. É preciso notar que essas divindades não são inferiores às descritas acima. Muito pelo contrário, elas equivalem-se, exercendo, no entanto, funções diferentes. Essas divindades eram consagradas à arte de viver na Terra.

Logo depois encontramos as divindades consagradas à imanência, ou seja, aos mistérios do interior da Terra, de seu cultivo e da arte do renascimento – o que os antigos chamavam de morrer e voltar a viver.



Finalmente, vemos, ao pé do diagrama, as chamadas divindades consagradas ao abissal, que eram aquelas que regiam o reino dos mortos. Estavam consagradas à purificação e à preparação para uma nova vida.

Zeus e Hera (ele encontrando-se no topo do diagrama, e ela, no centro) são os que governam essa hierarquia, e não devemos confundir as posições superiores e inferiores das divindades com o fato de terem maior ou menor importância, mas sim com anterior e posterior. Ou seja: as divindades que estão na parte mais baixa do diagrama são as fundamentais para a arte de viver na Terra, enquanto as que se encontram no topo são consagradas à preparação da conquista da imortalidade, isto é, são consagradas ao que na antiguidade era denominado o caminho do herói. Para um estudo mais aprofundado desse caminho, veja-se o livro de minha autoria, *Paideia: para formar um homem obra de arte, ético e criador no século XXI*, ou *Os doze trabalhos de Hércules para o caminho do herói em busca da eternidade*, Edições Viktor D. Salis. Veja-se também *O herói das mil faces*, de J. Campbell, Companhia das Letras.





OS GRANDES MITOS PARA SE APRENDER A ARTE DE AMAR

ORFEU E EURÍDICE

PARA DESCER AO “NOSSO INFERNO” E LIBERTAR A ALMA PRISIONEIRA

Orfeu é filho de Apolo ou Eagro, segundo a versão de que tinha um pai mortal, e Calíope, a mais digna das musas. Seu casamento com Eurídice é a mais perfeita alegoria do homem em busca de sua imortalidade, sendo por muitos considerado o “Proto-Cristo”. Vem à Terra para sofrer e ensinar.

Seu nome deriva de Aour (luz) e Rophae (cura), das antigas línguas mesopotâmicas (sumério e aramaico). Significa “aquele que veio curar pela luz”. Já Eurídice (seu par complementar) deriva de Euris (encontrar) e Dyke (a justa medida). Eurídice é aquela que nos ajuda a encontrar a justa medida (a justiça divina), sendo considerada na antiguidade o equivalente feminino de Cristo. Representa um arquétipo perdido em nossa tradição, em que o masculino e o feminino eram divinizados e consagrados em seu caráter messiânico.

É desnecessário ressaltar que, em nossa tradição judaico-cristã-islâmica, o feminino foi massacrado, perdendo seu lugar sacro e religioso, inclusive em nosso século.

Ambos estão predestinados a ensinar aos homens o caminho da criação e sua via será o amor. Na verdade, o orfismo ficou conhecido como a primeira religião do amor que se instalou em solo europeu, sendo considerado o fundamento original e arcaico do cristianismo.

Por ordem de Apolo (deus da luz e do entendimento), seu culto instalou-se na Trácia, tendo este nome significado especial: origina-se da antiga língua egípcia, na qual se pronunciava Rachiwa, e significa “espaço etéreo”, “luz do firmamento” ou “Terra Santa”. De fato, a Trácia (região ao norte da Grécia) era considerada a terra sagrada, ponto de encontro entre os homens e os deuses, tendo uma ilha como santuário maior – a Samotrácia. Lá foi encontrada talvez a mais bela obra de arte

da antiguidade que chegou até nós: a Vitória de Samotrácia, que simbolizava um anjo feminino enviado pelos deuses aos homens para trazer a sabedoria e o caminho da iniciação.



Orfeu recebeu de seu pai, o deus Apolo, uma lira de sete cordas e o poder de encantar a todos que o ouviam tocá-la. Conta ainda o mito que, quando tocava, até os animais mais ferozes se tornavam dóceis e as pedras viravam em sua direção para ouvi-lo. A lira simbolizava o poder mágico e encantatório da música, considerada na antiguidade a linguagem dos deuses e tendo o poder de transmitir sua suprema beleza e harmonia. De fato, quem aprendesse a ouvi-la, compreenderia a harmonia cósmica e se aproximaria dos deuses. Quando conhece Eurídice, Orfeu por ela se apaixona, e ela corresponde a seu amor. Ao chegar o dia de suas núpcias, no entanto, ocorre uma tragédia. Há várias versões, mas a mais mencionada pelos autores antigos é que, quando passeava pelos bosques, cheia de felicidade, uma víbora picou-

a no calcanhar, causando sua morte. Outra versão conta que certas sacerdotisas cultoras da morte e do mal, invejosas de sua felicidade, deram-lhe de beber um cálice com vinho envenenado. O resultado é o mesmo: Eurídice morre no dia de suas núpcias, para desespero de Orfeu, que não se conforma em perdê-la.

Roga a seu pai Apolo que a traga de volta, e este, condoído pela sua dor, envia Hermes em seu auxílio, pois ele é o único dos deuses que pode adentrar o mundo dos mortos (o Hades), onde Plutão e sua esposa Perséfone reinam supremos. Como já vimos anteriormente, o Hades é um lugar de passagem e purificação, para a preparação em direção a uma nova vida. Somente lá permanecem os que foram condenados ao castigo supremo: perder o direito de voltar a viver e de ter um destino a cumprir. Cumprem esses infelizes terríveis tarefas que denunciam o vazio de sua existência, sem uma busca que lhe dê sentido.

Quando desce ao Hades, guiado por Hermes, Orfeu lá encontra Íxion, que gira eternamente uma roda sem que ela nada realize. É a metáfora da roda do destino, que está vazia e sem sentido. Lá está também Sísifo rolando uma pedra até o topo de uma colina; quando quase consegue levá-la ao alto, ela cai para começar tudo de novo. O sentido é o mesmo: seu esforço será sempre vão e inútil.

Ao chegar ao Hades, consegue convencer Plutão e Perséfone tocando a sua lira com doçura. Perséfone, a juíza infernal, concede devolver Eurídice para o mundo dos vivos desde que, no caminho de volta em direção à superfície da terra, Orfeu não olhe para trás. Mas ele duvida das palavras de Perséfone, sendo assaltado pela dúvida. “Será que Perséfone me enganou? Será que Eurídice está mesmo logo atrás?” Não resiste e olha, para perder para sempre sua amada Eurídice.

É nesse ponto que nasce a tradição órfica. Apolo ordena-lhe que retorne aos humanos para ensinar-lhes o que aprendeu e diz-lhe: “Orfeu, liberta tua alma prisioneira. Só então encontrarás Eurídice”. Mas o que significa isso? É que Orfeu quis Eurídice só para ele, e por isso

perdeu-a. E Apolo, ao exigir que ensine o amor aos homens, está tornando Orfeu seu messias. “Eurídice viva teria me dado a embriaguez e a estultícia da felicidade. Morta, fez-me achar a sua e a minha verdade. Assim, por amor, me liberto e me sacrifico.”

Vemos nessas palavras de Orfeu o significado da arte de amar. Trata-se de encontrar o outro em si, e a si no outro, libertando a ambos. É a mais elevada forma de amar, é o amor-religião, sacro e erótico a um só tempo. É a doutrina do verbo revelado e da ressurreição. Todos teremos de descer aos nossos infernos para aprender a libertar a alma prisioneira e renascer. (Este é o significado original da ressurreição de Cristo na Páscoa.)

A arte, o amor e a morte têm em cada ser humano encontro com data marcada. A morte nos encontra em cada existência, mas a arte e o amor podem postergá-la por muitas existências, sendo as únicas formas de superação da morte. Quem ama não se importa com a morte; quem cria, também não. Mas somente quem desceu aos infernos da alma poderá libertar-se. É a prova necessária.

Era chamada de religião do *Kallos* (a busca do nobre, bom e belo por meio do Eros sagrado). Eurídice é o belo que resiste além da morte, é o sublime feminino divinizado. Com Orfeu denuncia nosso parentesco com os deuses e obriga-nos a assemelhar-nos a eles. Ensinam-nos que o amor que se apodera do outro é falso, e que só é verdadeiro o amor que liberta.

A diferença entre a tradição judaico-cristã e a órfica é que, enquanto a primeira funda-se num deus masculino e seus enviados também são masculinos (Moisés e Cristo), no orfismo os enviados dos deuses trazem os arquétipos masculino (Orfeu) e feminino (Eurídice), divinizando a ambos. É que nossa tradição glorifica o pai austero e implacável, enquanto no orfismo é glorificado tanto o eterno masculino quanto o feminino (a mãe natureza). Trata-se de uma religião do amor, na qual, ao contrário da nossa, não prevalece a repressão, mas um erotismo sagrado, de um colorido deslumbrante, em que o homem e a mulher

ocupam seu devido lugar sacro e religioso. Eis aqui um desafio para a modernidade: recuperar o valor sacro do feminino.

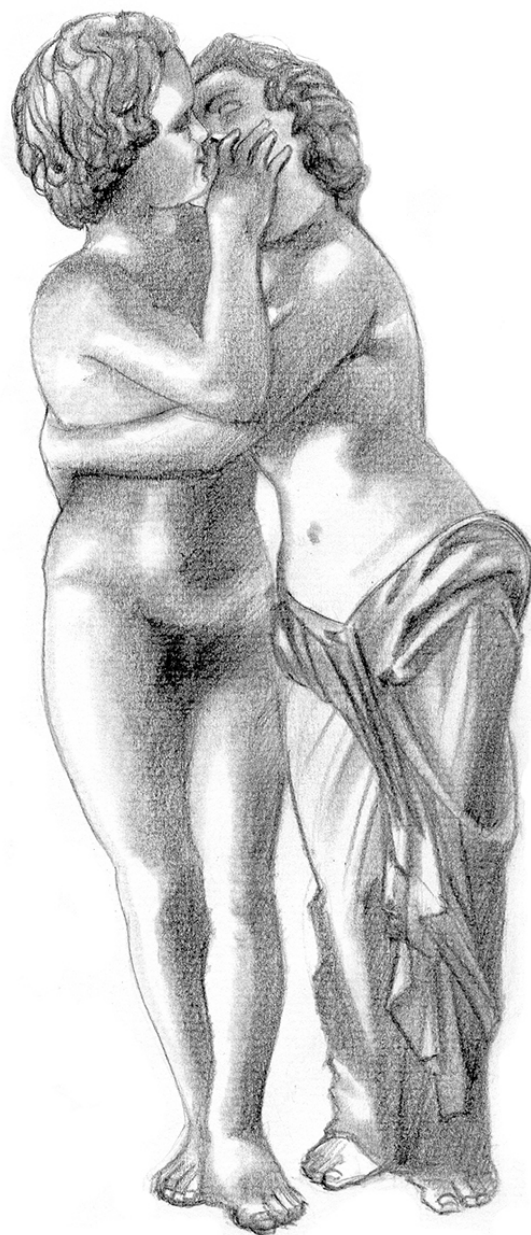
CASAMENTO DE EROS E PSIQUÊ

PARA APRENDER A FAZER TUDO NA VIDA COM AMOR E PAIXÃO

Eros tinha na antiguidade dois significados: um, mais profundo e metafísico, descrito por Hesíodo em sua obra *A Teogonia*, como sendo “o princípio motor cósmico que tudo une e atrai – dos astros e os planetas até os seres vivos”.

Já em Homero encontramos a versão mais popular de Eros. É filho de Ares com Afrodite, sendo representado como aquela criança sapeca dotada de asas e uma aljava cheia de flechas do amor que atira a esmo para todos os lados, atormentando a vida dos deuses e dos mortais, com paixões repentinas e inusitadas. Homero conta ainda, numa passagem muito divertida na *Ilíada*, que Eros causou tantas confusões entre os deuses do Olimpo (pois estava provocando com suas flechas inúmeras paixões indevidas entre eles) que o grande Zeus mandou chamar sua mãe Afrodite e disse-lhe: “Dá um irmão para este teu filho sapeca, pois só assim poderemos sossegar um pouco dos tormentos que suas flechas cheias de amor incendiário estão nos causando”.

E assim Afrodite teve com Ares outro filho, que se chamou Anteros, e seu significado, mais uma vez, é revelador. Vem do grego *anti* e *eros*. Mas isso não quer significar o contrário de Eros, porque a palavra *anti*, no grego antigo, significa “diverso e complementar”, e nunca o seu contrário, sendo esse significado conferido muito mais tarde nas línguas latinas. Desse modo, Anteros quer dizer “o amor diverso e complementar”, ou seja, o amor do sexo oposto ou simplesmente de alguém diferente de nós, que haverá de nos completar.



Vemos que nessa metáfora de Eros e Anteros encontra-se o caminho para todo ser humano, ou seja, todos um dia encontraremos Anteros (uma paixão que nos complemente), e só então poderemos “sossegar”. E, realmente, os homens precisam um dia encontrar a pessoa que os complete, para poder cumprir seu destino com serenidade.

Eros, como filho de Ares e Afrodite, será aqui o personagem de nossa história, e não o Eros metafísico, que deixaremos para outra

ocasião. Ele tinha, na verdade, várias aljavas cheias de flechas, cada uma delas bem diferente das outras. Uma continha flechas cheias do fogo da paixão; outra trazia flechas cheias de desprezo; outra ainda tinha flechas doces; e, finalmente, uma última estava cheia de flechas amargas.

Também não usava sempre o mesmo par de asas. Às vezes, voava com asas brancas, que representavam a pureza do amor; outras vezes, voava com asas de abutre, pois “o amor às vezes é cruel e devorador”.

É importante não confundir esse Eros que flechava a todos de modo inusitado com o amor livre e o sexo desenfreado que se pratica hoje. Isso era chamado na antiguidade de hedonismo, ou seja, o sexo e o prazer como um fim em si mesmos.

O amor de Eros tem um sentido sagrado, e o fato de estarmos sujeitos a suas flechadas não quer dizer que estaríamos nos apaixonando por qualquer um e a toda hora.

Psiquê também tem duas versões no pensamento grego arcaico. Mais uma vez, na versão mais metafísica de Hesíodo, “é o princípio que anima a matéria formando os humanos” (é o barro primordial que formou a humanidade, sendo composto dos quatro princípios fundamentais: terra, fogo, ar, água). Já em Homero é uma belíssima donzela, que será a personagem central do mito, que passamos a relatar.

Eros gostava de voar com os olhos vendados por sua mãe Afrodite, a deusa do amor e da beleza. Atirava as flechas ao léu (pois o amor é cego). Trazia consigo uma tocha para arder os corações e uma coroa de rosas para espalhar aos amores correspondidos. Acompanhava também os heróis, como Hércules, Teseu e Perseu, pois no amor muito vale a força, a persuasão e a astúcia, mas também a eloquência das doces mentiras. Afrodite e a Fortuna também acompanhavam o amor no início, mas com frequência a desgraça e a pobreza vinham a seguir.

Psiquê era uma princesa belíssima e todos adoravam-na, prestando-lhe culto e admiração. Mas, estranhamente, ninguém queria se casar

com ela, pois dizia a tradição que a união com alguém muito belo só traria riscos e dissabores. Seu pai, que tinha mais duas filhas, desejava muito que ela se casasse, e resolveu consultar o oráculo de Delfos, para saber o que fazer. Quando foi recebido pela Pítia (a sacerdotisa de Apolo que fazia as previsões, as profecias e os vaticínios), ouviu dela aterrorizado que deveria abandonar Psiquê num rochedo próximo da cidade onde morava e que um monstro terrível iria buscá-la. E, ainda, que somente assim suas duas outras filhas poderiam casar-se, visto que, sendo mais jovens, a lei determinava que somente quando uma filha mais velha se casasse estaria aberto o caminho para o casamento da mais nova. Foi então levada num cortejo fúnebre para ser abandonada nesse rochedo, e a pobre Psiquê lá ficou esperando pela chegada do terrível monstro.

Entrementes, a deusa Afrodite estava muito irada com a infeliz jovem, pois ela esvaziara seus templos, uma vez que todos se dirigiam ao palácio onde morava para admirar sua beleza. Além disso, as leis de Afrodite exigiam entrega ao amor, e ela própria não admitia que ninguém amasse algo ou alguém mais do que ela. Psiquê desobedecera a Afrodite e ela declarou: “Quem é amado, deve sofrer as consequências; não pode ficar num pedestal sendo admirado; não pode ser apenas amado aqui na Terra, pois somente os deuses é que podem ser somente amados e admirados”. Assim, vemos que Psiquê representa aquele que vive ao largo de Eros, pois é amada mas não ama a ninguém, querendo ser apenas contemplada, nada entregando de si.

Voltando à nossa história, Psiquê vislumbrou um lago de águas límpidas, próximo do rochedo onde fora abandonada, e para lá se dirigiu, buscando refrescar-se e banhar-se. Afrodite, para dar sequência ao seu castigo, chamou seu filho Eros e disse-lhe: “Vá até onde Psiquê se encontra e faça-a sofrer. Vá com todas as suas aljavas. Prepare todas e atire-as de uma só vez. Somente assim ela aprenderá as leis de Afrodite”.

E, assim, o pequeno Eros, mais do que feliz por poder realizar mais

uma de suas travessuras, dirigiu-se ao lago onde estava Psiquê. Encontrando-a, de uma distância segura tomou seu arco e preparou-se para atirar todas as flechas: as doces, amargas, cruéis e tantas outras, pois assim é o amor. Mas, no instante em que se preparava para dispará-las, Psiquê voltou seu rosto distraidamente em sua direção. Ela não o viu, mas Eros ficou tão deslumbrado com sua beleza que deixou escapar as flechas, que por sua vez resvalaram, ferindo sua mão. E assim o feitiço virou contra o feiticeiro. “O amor foi ferido pelo amor”, Apolodoro, Biblioteca. Ou seja, foi o próprio Eros, para desespero de Afrodite, que se apaixonou por Psiquê.

Eros correu para seu palácio e, feito da ferida, ordenou que lhe trouxessem Psiquê. O deus dos ventos, Zéfiro, foi encarregado de trazê-la. Ela aguardava um monstro, mas de repente foi envolvida por um vento poderoso que a levou pelos ares, até chegar a um palácio deslumbrante como nunca vira.

Foi imediatamente vestida com as mais belas roupas, sendo levada para um belíssimo salão, onde lhe serviram as mais doces iguarias. Ao anoitecer, foi levada para seu quarto, onde permaneceu só.

Quando a madrugada se iniciava, uma doce figura, que ela não podia ver, no entanto, devido à escuridão, adentrou e deitou-se a seu lado. Teve então a mais extraordinária noite de amor que uma jovem poderia esperar.

Pouco antes do amanhecer, a misteriosa personagem partiu, sem que ela pudesse ver seu rosto. E isto se repetiu noite após noite: sempre adentrava seu quarto, amava-a e silenciosamente partia antes do amanhecer.

Um dia, no entanto, Psiquê pediu-lhe que a deixasse voltar por um dia ao palácio de seu pai, para contar-lhe o quanto estava feliz e que, na verdade, não se casara com um monstro, mas com a mais doce e deslumbrante das criaturas, embora não pudesse vê-lo. Eros relutou muito em deixá-la partir, alertando-a de que “o amor e a felicidade não devem ser revelados a ninguém”, mas, como ela insistisse, concordou.

Partiu então em direção ao palácio de seu pai e, encontrando-o, contou-lhe a imensa felicidade que estava vivendo. Seu pai, que não esperava mais encontrá-la viva, não podia conter-se de alegria. Correu então ao encontro de suas duas irmãs, para contar-lhes também, mas elas desdenharam Psiquê. A primeira disse-lhe: “Como podes saber que ele não é um monstro, se jamais o viste?”. E a segunda completou: “Certamente ele está te engordando, para em seguida devorar-te!”. E continuou: “Por que não acendes uma lamparina quando ele estiver dormindo a teu lado, para veres com quem estás? Assim saberás como temos razão”. E Psiquê, ingênua e pueril, ficou extremamente preocupada. Também, pudera: o nome de suas irmãs tudo revela. A primeira chamava-se “Tristeza”, e a segunda, “Inquietação”...

Quando retornou ao palácio de Eros, cheia de curiosidade, seguiu o malfadado conselho de suas irmãs. Ao anoitecer, como sempre, Eros deitou-se com Psiquê, adormecendo depois do amor. Ela tomou uma lamparina e acendeu-a, para ver quem estava a seu lado. No entanto, no momento em que vislumbrou a fulgurante beleza de Eros, assustou-se, deixando cair gotas do óleo ardente sobre a delicada pele do amante, fazendo-o despertar.

Ele virou-se para ela e disse: “Quiseste ver o amor; ele não pode ser visto. Você deveria saber que o amor sempre parte quando conhecido”. E, assim dizendo, abriu suas asas e partiu.

O palácio imediatamente se desfez, e Psiquê voou pelos ares, retornando ao rochedo onde Eros a encontrara. Vale notar aqui o significado dessa metáfora: ver o amor significa tentar conhecê-lo racionalmente, e não há amor que resista a essa investida. O amor deve ser vivido e aceito, jamais entendido, seja pela razão ou pelo intelecto. A arte de amar passa pelo mistério da aceitação do outro como ele é; perscrutar e querer conhecê-lo “psicologicamente” é rota certa para o desastre. O amor, quando conhecido, morre.

Entrementes, a deusa Afrodite estava mais irada ainda com Psiquê. Afinal, ela não só esvaziara seus templos como lhe roubara seu próprio

filho, quando esta o enviara para castigá-la. Dizem ainda que, como toda mãe, estava com ciúmes da nora. Afinal de contas, deusas também são sogras...(!)

A pobre Psiquê passou a perambular pelos campos, desesperada e sem saber o que fazer. Foi quando encontrou um templo de Afrodite, e para lá correu na esperança de que, ao fazer uma oferenda à deusa do amor, pudesse ter seu amado de volta. Colheu então flores e incenso para lá fazer uma oferenda em seu altar. No entanto, qual não foi sua surpresa quando a estátua que ornava o templo transformou-se na própria Afrodite. Esta disse para a aterrorizada Psiquê: “Agora você se lembrou de me cultuar. Agora, depois de esvaziar meus templos e roubar meu filho, que adoeceu por sua causa, pela tristeza de amar-te. Saiba você que vou castigar-te. O amor é árdua conquista e requer labor para sua renovação. Você o destruiu com sua curiosidade. Para ser amada, terás de mostrar o quanto vales, pois só a beleza de nada adianta; só amores superficiais trará. Eu te transformarei em escrava do amor, e tens sorte, devo dizer. Aprenderás por mim sofrendo, pois só assim se aprende a amar. Realizarás trabalhos para mim e, se passares por estas provas, terás então finalmente aprendido a arte de amar”.

A primeira prova que Afrodite lhe deu foi separar os cereais de vários tipos num só dia. Era uma tarefa imensa, pois eram de muitas qualidades e em quantidade enorme. Mas as formigas condoeram-se de Psiquê e ajudaram-na. Desse modo, ela conseguiu realizar o feito, para surpresa de Afrodite. Conquistou assim a primeira etapa da arte de amar, que passa pelo aprendizado de viver e obter as coisas fundamentais, que são os alimentos.

A segunda prova foi tosquiar belíssimos carneiros com lã de ouro. Afrodite queria sua lã para tecer um casaco para si própria. No entanto, eles eram carnívoros, e foi o deus Hélios (o Sol) que se condoeu dela desta vez e disse-lhe: “Cuidado! Você terá de atravessar um rio para chegar até eles, mas somente poderás fazê-lo quando eu estiver no alto de minha carreira. É só neste momento que eles estarão dóceis,

deixando-se tosquiar e não te devorando”. Assim o fez Psiquê, conseguindo colher a lâ, para enorme surpresa de Afrodite. Esta decidiu então dar-lhe o terceiro e decisivo trabalho: “Minha beleza cansou-se com os dissabores que você me proporcionou. Quero que desças até o Hades (o mundo subterrâneo dos mortos) e vá até a deusa Perséfone pedir-lhe algo que só ela tem: a caixa da beleza eterna, pois só com ela recuperarei meu eterno fulgor, que você desgastou”.

A pobre Psiquê, desesperada, não viu outra saída senão atirar-se do alto de um penhasco para morrer. Só assim poderia entrar no mundo dos mortos. Mas o deus Hermes, o único que poderia adentrá-lo, condeu-se e veio em seu auxílio, para levá-la viva. Assim pôde chegar até Perséfone, que lhe entregou a misteriosa caixa com a seguinte recomendação: “Cuidado ao levá-la para Afrodite. Lembra bem que só os deuses podem abri-la”. Partiu então para o longo caminho de volta à superfície da terra, trazendo o que esta lhe pediu. No caminho, no entanto, começou a divagar: “Se a deusa Afrodite, que é imortal, tem sua beleza cansada e desgastada, que dirá eu, que sou uma pobre mortal e tanto tenho sofrido no meu amor e nestes árduos trabalhos? Acho que ela não se incomodará se eu abrir a caixa e retirar um pouco da beleza eterna para mim, recuperando assim meu frescor também”. E assim o fez. Mas, no momento em que a abriu, de lá escapou o “sono Estígio” (era o sono dos mortos, ou seja, o eterno custa a morte a nós, pobres mortais).

Somente os deuses podem almejar a beleza eterna e, se algum mortal cobiçá-la, encontrará em seu lugar a morte. Isso serve de alerta para aqueles que passam a vida buscando conservar para sempre sua beleza. Na verdade, desgastam-se tanto nessa busca inútil que param de viver, conservando-se e economizando-se incansavelmente. O resultado é que não alcançam a beleza eterna dos deuses e ainda por cima desperdiçam sua vida em rituais de contenção e conservação. Morrem duplamente. É como se vivessem estando mortos. Não vivem nem como mortais e muito menos como imortais...

Zeus, que a tudo acompanhara, considerou então que Psiquê já sofrera o suficiente e que Afrodite deveria reconciliar-se com ela. Ressuscitou-a, utilizando seus poderes, e tornou-a imortal. Ordenou a seguir que se celebrasse no Olimpo o casamento de Eros com Psiquê, mediante o seguinte juramento, que deveria de ora em diante ser praticado por todos os mortais:

“Jura, jura que nada farás nem dirás em tua vida que não seja em nome de Eros (o amor verdadeiro)”.

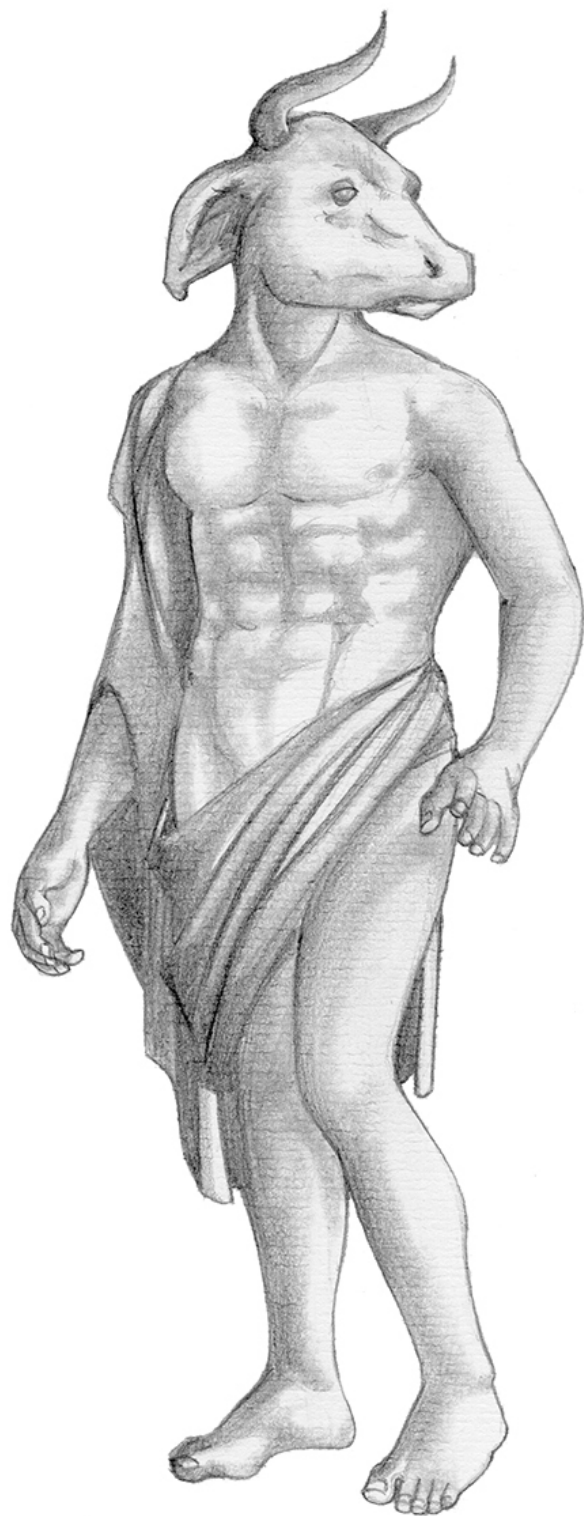
O significado dessa metáfora é da maior importância, porque representa a união necessária de nosso psiquismo com Eros para podermos encontrar nosso destino (caminho) e vivermos aqui na Terra. Ou seja, o único caminho proposto aos homens pelos deuses é viver apaixonado por tudo, e isso começa por amarmos e aceitarmos quem somos e o outro como realmente é, e não aquilo que idealizamos de nós e dos outros.

TESEU E ARIADNE

A ARTE DE VENCER NOSSA BRUTALIDADE E ENCONTRAR O FIO DA VIDA

Teseu e Ariadne são heróis da tradição cretense que, por sorte, chegou até nós com a literatura tebana e ateniense. Infelizmente, a escrita minoica nunca foi decifrada, a não ser a quarta escrita, que é muito mais simples. Da civilização minoica, bem mais antiga que a helênica, pouca coisa existe e, apesar das fantásticas descobertas arqueológicas, sabe-se muito pouco sobre essa civilização extraordinariamente avançada. É certo que ela é uma das bases, juntamente com a civilização egípcia, da civilização helênica, sua herdeira, que surgiu milênios mais tarde.

Em primeiro lugar, é importante saber mais sobre o famoso touro que originou esse mito. Existiu um touro de rara beleza em Creta, onde esse animal era considerado sagrado. Todo o palácio de Cnossos, em Creta, era ornado por chifres sagrados, os famosos chifres de ouro que representavam o touro como animal a ser superado. Isto, por sua vez, foi erroneamente associado às touradas espanholas, uma vez que essas lutas não existiram na civilização minoica. O touro é encontrado em quase todas as representações artísticas e tinha função pedagógica: representava para a civilização minoica um instinto selvagem a ser vencido.



Já o monstro chamado Minotauro tinha cabeça de touro e corpo de

homem, ou seja, reunia as desvantagens dos dois, pois o homem é fraco fisicamente, perto do touro, mas é inteligente. O touro é forte fisicamente, perto do homem, mas não possui inteligência. Se, no entanto, a criatura tivesse cabeça de homem e corpo de touro, teria as vantagens dos dois. O touro, como já foi dito, é o desafio a ser vencido. Ele é o instinto selvagem, não apenas sexual, mas de violência. Observe-se que esse monstro com cabeça de touro e corpo de homem devora o próprio homem, ou seja, é antropófago.

O mito conta que Minos (que na linguagem cretense quer dizer faraó) um dia viu num templo o próprio deus Poseidon, o Netuno romano, deus dos mares. Como Creta é uma ilha, evidentemente o deus do mar era muito cultuado. Minos disse ao deus dos mares que provaria sua devoção e, pela graça e glória de ter um grande império, far-lhe-ia um sacrifício com o que tivesse de melhor. Poseidon, querendo uma prova, fez sair dos mares o mais belo touro branco de que se tinha conhecimento até então. Quando Minos viu o touro, ficou entre a cruz e a espada, uma vez que prometera sacrificar o mais belo animal que jamais tivesse visto em toda a sua vida. Era de uma beleza extraordinária, inspirando no rei o sentimento que os homens têm de apoderar-se das coisas belas e guardá-las para si. Minos achou que Poseidon não se incomodaria, e sacrificou o mais belo touro de seu rebanho, no lugar do touro branco. Portanto, enganou-o, mas os deuses veem aquilo que os homens não veem e, ao saber que fora ludibriado, Poseidon ficou profundamente irado. Pediu a Afrodite que insuflasse uma louca paixão pelo touro branco em Pasifae, esposa de Minos. Assim aconteceu, mas ela não sabia como se entregar ao touro, e pediu a Dédalo, famoso arquiteto de Minos, que fabricasse um simulacro de madeira onde ela pudesse acomodar-se na forma de uma novilha e manter relações sexuais com o touro.

Surgiu desse episódio a palavra “dedal”, ou seja, aquilo que se encaixa, pois se tratava de uma peça com a forma de dedal em que, da cintura para baixo, ela se transformava em novilha. E, assim, ela

manteve relações sexuais com o touro, nascendo dessa relação o monstruoso Minotauro. Portanto, Pasifae representa o instinto cego que, ao não se governar, deixa nascer qualquer coisa. Surgiu então um monstro com as desvantagens do touro e do humano. Esse animal monstruoso era exatamente o antípoda dessa civilização. Note-se que seus palácios não eram murados, e somente civilizações muito elevadas não precisavam cercar com grossas muralhas seus palácios, porque tinham meios diplomáticos de defesa muito mais competentes que a muralha e a força. Além disso, a organização social e política dessa civilização era extraordinária. Os desenhos que sobreviveram mostram uma liberdade de expressão e delicadeza do masculino e feminino poucas vezes igualada na história da humanidade. As célebres Damas de Azul, pintadas em um mural, mostram total delicadeza e nunca, na história da pintura, surgiram mãos tão perfeitas (bem retratadas), a não ser a partir do século XIX. Há leveza e liberdade, cheia de sensualidade e graça, numa grande valorização do feminino. Com os murais encontrados pode-se compreender o grau de evolução que atingiram e como elas se contrapõem à violência e brutalidade de um animal como o touro. Por isso ele era tão adorado: representava algo que fora vencido, pois aquele que o adora é porque tem medo, porque sabe que pode chegar ao mesmo nível do touro. Sócrates dizia: “Quem venceu os vícios não é aquele que está livre deles, mas aquele que sabe tão bem deles, que os vigia sempre”.

Assim, Pasifae uniu-se ao belo touro branco, nascendo dessa união o Minotauro, um monstro que possuía uma brutalidade imensa, pois se alimentava somente de carne humana. Minos pediu ao arquiteto Dédalo que construísse, nos subterrâneos do palácio, um labirinto onde pudesse confinar o monstro, pois ele devorava as pessoas que encontrava pela cidade. E assim ele foi confinado no famoso labirinto de Creta. Hoje suspeita-se que esse labirinto realmente existiu no palácio de Cnossos, em suas catacumbas. Há também textos que relatam outra versão: o monstro seria o resultado de uma relação

incestuosa. Criado no campo com enorme selvageria, tornou-se muito violento, não podendo ser dominado, e isso era contra todos os princípios da civilização minoica, ou seja, não dominar a violência, o instinto. Assim, ele foi preso, tornando-se uma figura popular.

O mito ainda relata que Poseidon enfureceu o touro branco. Foi dominado e levado para a Arbórida, uma região da Grécia, e libertado. Ao ser solto, passou a devastar a região, chegando a uma cidade próxima a Atenas, chamada Maratona. Desse modo, ficou conhecido como o touro de Maratona, um animal que não podia ser sacrificado, visto que era sagrado. Por essa ocasião, quem governava Atenas era o rei Egeu. Este tinha ido a uma cidade próxima, cujo rei queria muito ter um filho da estirpe do rei Egeu, de modo que o embriagou, trazendo sua filha Etra para unir-se a ele. No entanto, na mesma noite, Poseidon, o deus dos mares, uniu-se a essa mesma princesa, e dessa união nasceu Teseu, o famoso herói de Atenas que tinha dois pais: Poseidon e Egeu. O rei partiu para Atenas, mas deixou uma espada fincada em uma rocha, dizendo a Etra que, se realmente nascesse um filho dele, ele seria capaz de desenterrar a espada da rocha quando atingisse a idade da força (em torno de quinze a dezesseis anos). Passado o tempo, Teseu, que era cheio de fôlego e energia, achou a rocha e desenterrou a espada. Sua mãe então lhe contou toda a verdade e disse que ele deveria ir a Atenas reclamar seu trono. No período em que viajou para Atenas, realizou os famosos trabalhos de Teseu, que estão em seu templo e representam grandes feitos. A primeira prova era vencer as armas de ferro, porque o verdadeiro herói supera o ferro, símbolo da condição mortal; a segunda prova era vencer a crueldade, porque o homem deve vencê-la e estar acima dela; a terceira prova era não se entregar à animalidade para só assim atingir a elevação espiritual; a quarta era vencer a soberbia; a quinta, a violência; e a sexta, a traição.

Teseu chegou a Atenas e encontrou Egeu, seu pai, casado com a terrível Medeia. Ela havia dito a Egeu que lhe daria poções mágicas para ter filhos caso ele a desposasse, e assim instalou-se em Atenas. Mas eis

que surgiu Teseu, o filho do rei. Conta o mito que, ao vê-lo, Medeia percebeu que ele poderia estragar seus planos, e disse a Egeu: “Este estranho, muito falado pelos seus feitos extraordinários, é perigoso porque pode destronar-te. Convida-o a vir ao nosso palácio e dá-lhe um cálice com vinho envenenado. Não corra riscos”. E, assim, o pobre Teseu veio conhecer seu pai, que lhe preparou a bebida envenenada. Porém, no momento em que o rei entregou-lhe o cálice, viu o cabo da espada que enterrara na rocha, e imediatamente, percebendo a trama da esposa, reconheceu seu filho. Ao ver que seus planos falharam, Medeia retirou-se para um local muito distante chamado Amédia, dando origem a uma civilização conhecida como Média ou Pérsia.

Nessa mesma ocasião, o touro de Maratona estava devastando a cidade justamente quando ocorriam os Jogos Pan-Atenaicos. É importante que se saiba que os Jogos Olímpicos não eram os únicos nem os mais importantes da antiguidade. Cada cidade grega possuía seus jogos, e em Atenas realizavam-se os Jogos Pan-Atenaicos. Assim, Androgeu, o jovem filho de Minos, muito belo e varonil, tendo vencido todas as modalidades dos jogos que se realizavam em Atenas, disse que dominaria o touro de Maratona. Mas morreu ao enfrentá-lo, para tristeza e ódio de seu pai, Minos. Enfurecido porque seu filho fora morto pelo touro de Maratona, e sabendo de sua origem, pois esse touro era a causa de tantas desgraças, Minos partiu com uma armada para enfrentar Atenas e vingar-se da cidade, mas não conseguiu entrar. Entrementes, Teseu ofereceu-se para enfrentar o touro branco, conseguindo vencê-lo e sacrificando-o a Zeus. O rei Minos não aceitou a morte do filho e tentou cercar Atenas, mas o máximo que conseguiu foi provocar uma enorme fome, devido ao cerco muito prolongado. Os atenienses, desesperados, foram ao oráculo de Delfos consultar a Pitonisa e ver o que poderia ser feito. Ela lhes respondeu que o único modo de se livrarem da maldição da fome era cederem às exigências de Minos. Para vingar a morte de seu filho, ele exigia que durante sete anos fossem entregues os mais belos sete rapazes e as mais belas sete moças para a

fome insaciável do Minotauro. Os atenienses perceberam que não tinham saída e foram obrigados, na presença de Minos, a abrir as portas de Atenas e permitir que ele escolhesse os mais belos jovens para serem levados por uma nau comandada pessoalmente pelo rei de Creta, para serem devorados pelo Minotauro ou perderem-se no labirinto para sempre. Esse era o alto preço pela morte de Androgeu.

Assim iniciou-se a grande tragédia que durante sete anos deveria acontecer. Contudo, na terceira remessa, Teseu ofereceu-se para ir, dizendo a seu pai que, se vencesse o Minotauro, aquele suplício cessaria. E, assim, foi feito um acordo com Minos, que concordou com o pedido de Teseu. Os deuses, condoídos com a bondade de Teseu, enviaram a própria Afrodite para comandar a nau, levando os sete rapazes e as sete moças, entre os quais estava Teseu. Pouco antes de partir, disse Egeu a seu filho: “Leve velas negras e velas brancas. Este barco parte com velas negras, porque é luto para nós, atenienses, ver estes que vão embora. A nossa mais alta estirpe, as nossas mais profundas esperanças partem, pois aqui estão os sete mais belos e as sete mais belas. Tudo o que de melhor há em Atenas vai para a morte. Mas leve velas brancas também, pois se tiveres sucesso no teu feito, volta com elas enfunadas, para que eu, do alto do penhasco, possa alegrar-me ao vê-lo chegar. Se a nau estiver com velas negras, morrerei, porque não suportarei, mais uma vez, esta dor de ver nossa juventude morrer”.

Quando estavam em alto-mar, Teseu resolveu revelar sua identidade a Minos, que retornava para Creta no mesmo navio e lhe disse que, além de ser filho do rei Egeu, era também filho de Poseidon. Minos pediu a Teseu que provasse sua origem divina, tirando seu anel e jogando aos mares, pois, sendo filho de Poseidon, o deus não permitiria que se perdesse o anel. Teseu atirou o anel ao mar e, imediatamente, Poseidon, juntamente com sua esposa Anfitrite, cercou-o e mandou as Nereides buscarem o anel por todos os sete mares. Elas o trouxeram imediatamente de volta, no dorso de um golfinho. Para

espanto de Minos, ele teve de compreender que estava diante do filho de um deus, passando a dar-lhe um tratamento especial. Foi quando disse a Teseu: “Terás a honra de conhecer minha filha antes de morrer”. A nau aportou em Cnossos e, chegando ao palácio, como era de costume, os jovens participaram de um banquete. Teseu foi apresentado à bela Ariadne que, seguindo a sugestão imposta por Afrodite, imediatamente se apaixonou por ele.

Ariadne propôs ajudar Teseu, dizendo-lhe que, se a levasse do palácio com ele, ela lhe daria o segredo para sair do labirinto do qual ninguém escapava. Entregou a Teseu o famoso *mithos*, novelo antigo usado para preparar a lã, dizendo que o desenrolasse, conforme entrasse no labirinto. Seguindo as instruções de Ariadne, Teseu desenrolou o novelo, encontrou o terrível Minotauro e conseguiu matá-lo. Ao vencê-lo, salvou os demais, e todos retornaram a Atenas. Ao partirem, Ariadne e Teseu iniciaram sua grande aventura, da qual existem inúmeras versões. Uma delas diz que Ariadne voltou com Teseu para Atenas e lá viveram para sempre. Outra, a mais conhecida, diz que Ariadne foi deixada em Naxos, casando-se com o deus Dioniso, por ordem dele. Assim, Teseu partiu. Voltando, sozinho ou não, pela alegria de retornar a Atenas, esqueceu de colocar as velas brancas no barco, uma vez que a embarcação tinha ainda as velas negras. Assim, seu pai, esperando ansiosamente sua volta, ao longe avistou as velas negras e, em seu desespero, atirou-se ao mar, o qual recebeu seu nome, Egeu.

Vê-se em Teseu um homem piedoso, com integridade moral, um herói, acima de tudo. Quanto a Ariadne, o fato de ser consagrada ao deus Dioniso em sua ilha de nascimento não pode ser visto como um elemento ocasional. Ela é filha de Pasifae e, enquanto sua mãe gerou um monstro, representando o retorno ao primitivo, ao instintivo, Ariadne fez exatamente o oposto, pois venceu o primitivo, ajudando Teseu a derrotar o Minotauro. Vê-se assim um dos aspectos femininos mais importantes: a evolução. Ariadne conseguiu vencer um instinto selvagem para chegar ao Eros sagrado e por isso ela será consagrada a

Dioniso.

É graças ao ardil usado por Ariadne que Creta se livra do Minotauro. Portanto, ela abre o retorno ao Eros de Dioniso. Observe-se que a palavra Minotauro significa “touro de Minos”, ou seja, Minos transformado em touro. Quando se entende que Minos é o rei-sacerdote, que deveria representar o mais elevado grau espiritual, ele é rebaixado ao nível do touro, ao instinto animal. O touro era uma ameaça constante. Portanto, o rei representa o retorno ao instinto selvagem. Ariadne, por sua vez, representa sua superação. Por isso foi entregue ao deus Dioniso e, como tal, tornou-se uma de suas seguidoras. Existiam, na antiguidade, as Dionisiacas de Ariadne. Eram jogos consagrados aos jovens que celebravam a vitória de Ariadne sobre o animalismo. Teseu, ao contrário de Ariadne, parte para Atenas e lá será o unificador da Ática, o herói evoluído que unirá, segundo as leis arcaicas, os doze demos, ou seja, as doze tribos que viviam guerreando entre si. Pois Atenas não era uma cidade unificada, e coube a Teseu unir as doze tribos, instituindo a pólis de Atenas, tornando-se um homem conhecido por seu grande heroísmo e sua capacidade unificadora. Ele representa um herói mais refinado que o próprio Hércules, pois vem do anonimato, mostra sua coragem e valor e defende os ideais helênicos. Provou que a arte de se tornar um herói está no sacrifício, e não nas graças de possuir sangue nobre. Conta ainda o mito que ele se casou com Hipólita, a rainha das Amazonas, com a qual teve um filho, Hipólito, que significa “o liberto do hipos”, “aquele que não se entrega ao instinto animal”.

Não se deve simplesmente reduzir à psicologia, sociologia ou antropologia os mitos. Eles são o que são, uma narração universal, cuja simbologia nos arremete entre os limites do real e do imaginário, e, com isso, são uma lição para a arte de viver. Por exemplo, o labirinto não é uma questão apenas psicológica, mas a vivência do homem em seu cotidiano, pois todos se envolvem em labirintos na vida. O mito é a arte de amar, e os deuses ensinam essa arte. O trabalho que Jung faz em

trazer à tona aspectos psicológicos da mitologia é uma forma de enriquecer a vida dos homens. Mas a parte mais bela do mito é a poética. Trata-se de um poema que bate no coração e que, de alguma maneira, transforma o homem, e ciência alguma poderá explicar. O mito é absurdo em sua essência e, como tal, deve-se preservar esse absurdo poético, sem que isso elimine todas as explicações científicas que o enriquecem. Na linguagem de Píndaro, as coisas são e não são, ao mesmo tempo, no mito. Ele é uma linguagem absurda e real ao mesmo tempo.

O labirinto colocado entre Teseu e Ariadne é o desafio do masculino e do feminino frente ao encontro, pois a relação entre homens e mulheres é um verdadeiro labirinto. Essa questão é fundamental, mas chocante ao mesmo tempo, pela sua veracidade e beleza. Sete rapazes e sete moças serão devorados por um labirinto se forem incautos. O aforismo é claro, pois o amor devora os imprudentes. O mais belo dos amores será devorado por aqueles que não tiverem a sutileza de transformar esse amor selvagem em delicadeza dionisíaca. É por isso que Ariadne será entregue a Dioniso. Um amor, para sobreviver, tem de elevar-se, senão devora a carne, e qualquer amor que buscar somente o físico se tornará um devorador implacável. Assim, Ariadne é entregue a Dioniso, e Teseu a Atenas, a cidade da sabedoria. O Minotauro como figura é belo, pois possui corpo poderoso e forte, mas ele é instinto puro e devorador. A simbologia do labirinto é fundamental, pois todos têm, em sua relação com o outro, o Minotauro pela frente e o labirinto a enfrentar, mas às vezes perde-se o fio da meada, ou seja, o fio da vida. O homem deve saber tecer esse fio, e Ariadne é grandiosa porque oferece o novelo a Teseu, sendo a parte que lhe cabe, pois, sendo ela uma sacerdotisa, tem relação com as Parcas, com o novelo que dá e tira a vida. (As Parcas eram três e determinavam o quanto cada mortal poderia viver: a primeira tecia o fio da vida, a segunda enrolava o fio no fuso e a terceira cortava-o.)

É importante salientar que o jovem, desde o início, era ensinado a

fazer acrobacias com o touro. Era a arte de vencer o touro, a arte de exercitar o corpo e o instinto para torná-lo delicado, mas forte e elegante. Era ensinado às jovens ter o novelo nas mãos, ou seja, obterem a sabedoria e usarem-na bem para poderem seguir em seu caminho.

O grande prêmio de Ariadne é ser entregue a Dioniso. A história do labirinto é a de uma heroína divinizada, e isso não significa que Teseu não fosse um grande herói. Ele é o herói de Atenas, dos grandes feitos, mas é em Ariadne que está a divinização. É ela que, por fornecer o novelo, dá os meios a Teseu para encontrar a saída, e este é um aspecto do feminino que deve ser pensado. Ela tem o novelo, que para os antigos era símbolo do fio da vida. Ariadne é tão grandiosa que os deuses a querem. A história se repete com Jesus Cristo. Os grandes pertencem aos deuses, e os comuns permanecem na Terra.

JASÃO E MEDEIA

PARA ENTENDER A FORÇA DO AMOR E DO ÓDIO

O tosão de ouro desse carneiro maravilhoso significava a chave de um grande segredo: era o ouro alquímico que transmutaria a alma dos mortais e faria com que alcançassem a eternidade. Mas, para tanto, seria preciso conhecer o segredo para conquistá-los, e esse tema está presente até os nossos dias.

Jasão era filho de Ézon, rei de Iolcos da Tessália, que foi destronado por seu irmão Pélias. O pobre rei teve tempo de esconder seu filho da gana de Pélias e enviou-o para uma floresta da Tessália, para ser educado pelo sábio centauro Quíron. Quando atingiu a maioridade, o mestre revelou-lhe sua verdadeira identidade, exortando-o a reclamar o trono que de direito lhe pertencia. Partiu então de volta para Iolcos, mas no caminho ocorreu um pequeno acidente. Ao atravessar um rio caudaloso, perdeu uma de suas sandálias, tendo de prosseguir com um só pé calçado. Entrementes, o usurpador do trono, Pélias, temeroso com o retorno de Jasão, quis precaver-se e consultou o Oráculo de Delfos, para saber se seu trono corria algum perigo. O Oráculo respondeu-lhe que somente deveria temer alguém calçando uma única sandália. Aliviado, retornou a Iolcos e ordenou que seus soldados procurassem por toda a parte alguém sem uma sandália e o prendessem imediatamente. Era a ocasião das grandes festividades em honra aos deuses protetores da cidade, que incluíam jogos, como era costume. Jasão chegou à cidade quando os jogos estavam se iniciando. Participou de diversas competições, vencendo todas. O rei, surpreso com tão extraordinário atleta, mandou chamá-lo em sua presença. Qual não foi sua surpresa quando, aterrorizado, viu que Jasão calçava uma única sandália. Obviamente, não podia mandar prender um vencedor, pois ele nada fizera de errado. Muito ao contrário, merecia todas as honras.

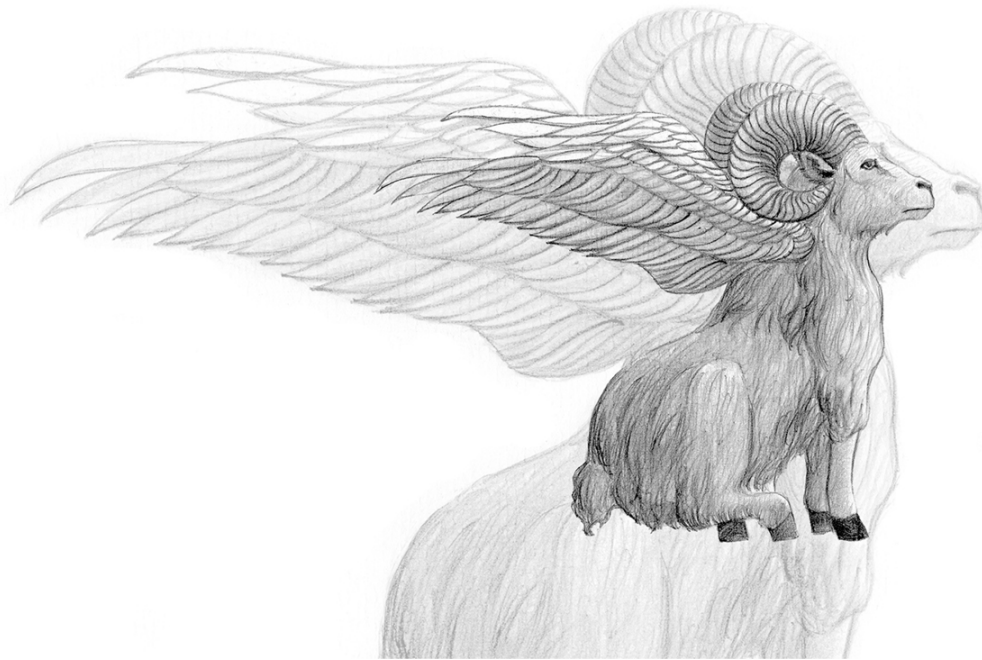
Arquitetou então um stratagema para se livrar dele. Disse-lhe: “Se queres de volta teu reino, terás de buscar o toão de ouro; se voltares vivo dessa empresa, o trono será teu”.

O toão de ouro pertencera a um carneiro maravilhoso que o deus Hermes enviara por ordem de Zeus para salvar dois irmãos, Frixo e Hele, das ameaças de morte que seu próprio pai lhes fizera, quando abandonou sua mãe para desposar uma nova mulher. É que esta desejava que uma nova estirpe nascesse de sua união com ele, querendo livrar-se dos filhos do casamento anterior. Esse animal era alado, e os dois irmãos foram colocados em seu dorso para fugir. O carneiro voou então em direção a Cólquida, mas durante o trajeto, apesar das recomendações do deus Hermes de não olharem para baixo, Hele não resistiu. Ao fazer isso, sentiu enorme vertigem e acabou caindo no mar. Desde então, o mar em que caiu passou a chamar-se Helesponto (que em grego significa “mar de Hele”).

Jasão tratou de preparar a expedição em busca do toão de ouro. Argos de Orcômeno, grande construtor naval, deu-lhe um navio com cinquenta remos, construído sob a orientação da própria deusa Atená. Muitos heróis acompanharam-no nessa empreitada. Apolodoro de Atenas conta que entre eles estavam Orfeu, Teseu, os Dióscuros e até o próprio Hércules. Partem então para a conquista do toão de ouro, e terão de superar muitos obstáculos até chegar à Cólquida. É que a descoberta de uma verdade, simbolizada pelo toão de ouro, não era fácil de ser alcançada, e aqui vale observar, mais uma vez, que o ouro se opõe ao ferro e, na tradição alquímica, isso simboliza a luz interior em oposição à ignorância da condição humana.

Das várias etapas e aventuras que viveram durante o trajeto, merece menção uma ilha chamada Lemnos, povoada somente por mulheres. Elas haviam sido punidas por Afrodite, pois, ao flagrarem seus maridos com outras mulheres, os mataram em uma emboscada. Afrodite considerou extrema a punição e castigou-as de modo exemplar: fez com que exalassem, a partir de então, um cheiro muito desagradável,

de modo que homem algum ousava aproximar-se delas.



Chegaram finalmente à Cólquida, onde o precioso manto do carneiro estava guardado por dois touros de pés de bronze que vomitavam chamas, num bosque sagrado. É que Frixo, ao chegar à Cólquida, foi recebido pelo rei Eétes, que lhe deu a mão de sua filha em casamento. Agradecido aos deuses por ter sido salvo, sacrificou o carneiro para Zeus Xenias (o deus que protege os estrangeiros). O rei colocou então o precioso manto nesse bosque sagrado, entendendo que era uma dádiva dos deuses para a felicidade de seu reino.

Quando Jasão aportou e dirigiu-se ao palácio de Eétes requisitando o toção, o rei enfureceu-se e preparou-lhe um ardil. Disse-lhe que, caso conseguisse prender os dois terríveis touros de pés de bronze e que vomitavam fogo numa canga e com eles semeasse dentes de dragão, então lhe entregaria o toção. Mas era um ardil e, mais que depressa, o rei trouxe os terríveis touros, colocando em seu lugar, para vigiar o toção, um terrível dragão de mil olhos, que jamais adormecia.

Entrementes, a outra filha do rei, ninguém menos do que a terrível

Medeia, viu Jasão e imediatamente apaixonou-se por ele. Afrodite acendera em seu coração a chama do amor, e Medeia fez Jasão jurar que se casaria com ela e a levaria consigo se o ajudasse a conseguir o toção. Ela era uma sacerdotisa da deusa Hecate (divindade consagrada à magia) e tinha extraordinários poderes, além de ser muito ardilosa. Jasão concordou, e ela deu-lhe um unguento que o protegeria das chamas dos touros, dizendo: “Dos sulcos semeados com os dentes do dragão surgirão homens armados que te atacam. Tu jogarás pedras no meio deles, o que os fará lutarem entre si, encontrando a morte”.

Esses dentes eram de um dragão que Cádmo matara para poder fundar a cidade de Tebas e representavam a violência e a barbárie, que deveriam ser extirpadas para que pudesse nascer uma cidade. No entanto, ele havia guardado alguns dentes, para utilizá-los em caso de guerra contra seus inimigos, e numa ocasião deu alguns de presente ao rei da Cólquida, para que se defendesse caso precisasse.

Jasão teve sucesso com a ajuda de Medeia. Domou os touros, semeou os dentes e venceu os homens armados, mas mesmo assim o rei recusou-se a entregar-lhe o velo. Jasão e Medeia partiram, então, para o bosque sagrado e, graças a uma poção mágica, ela fez o dragão adormecer, retirando assim o velo. O rei imediatamente enviou um exército em seu encalço, mas a astuta maga não titubeou em matar seu próprio irmão Absirto e fazê-lo em pedaços, obrigando o rei a parar, durante a perseguição, cada vez que encontrava uma parte do corpo de seu filho. Tiveram tempo assim para fugir e chegar à nau Argos, que os aguardava.

Celebraram suas bodas na ilha dos Feácios, retornando em seguida a Iolcos. Lá chegando, Pélias, no entanto, recusou entregar o trono, e Medeia, mais uma vez, vale-se de um ardil para obtê-lo.



Usando de magia, encheu um caldeirão com ervas e colocou um galho seco para misturá-las, chamando à sua presença as três filhas de Pélias. Quando retirou o galho do caldeirão, a parte que estivera submersa rejuvenesceu, tornando-se verde como um broto. As filhas do rei, maravilhadas com a mágica, perguntaram-lhe se não poderia fazer o mesmo com seu pai, que estava tão velho. Medeia, para confirmar seu poder, tomou uma ovelha idosa, matou-a, cortou-a em pedaços e colocou-a para ferver na mesma mistura. Logo depois, retirou do caldeirão um jovem cordeirinho, para espanto de todos. Convencidas da eficácia da magia de Medeia, as filhas de Pélias correram para cortar seu

pai em pedaços, entregando seu corpo desfeito para ser “rejuvenescido” pela magia. Medeia pôs os restos do rei para ferver no caldeirão. Só que ficaram fervendo, fervendo, fervendo... e lá se foi o rei.

Jasão e Medeia não contavam, no entanto, com a reação dos súditos do rei, que se revoltaram, pois, embora fosse um usurpador do trono, o monarca era muito amado por seu povo. Tiveram então de fugir às pressas, para não cair nas garras da ira popular, e dirigiram-se para Corinto.

O mito conta que viveram juntos durante dez anos, até que um dia Jasão enamorou-se de Gláucia, filha do rei de Corinto. Esse fato deu origem à famosa história de Medeia, que matou seus filhos como vingança pela traição de Jasão com Gláucia. Vale a pena relatar brevemente esse episódio, imortalizado na tragédia de Eurípedes, *Medeia*.

Trata-se aqui do ódio sobre-humano que toma conta do feminino ultrajado e de seu direito de retaliação. Medeia fará de tudo para reconquistar Jasão, mas, mesmo com sua poderosa magia, será inútil. É que parece que a força do amor é mais poderosa do que todas as magias para destruí-lo. Medeia parte então para sua vingança fatal. Chama Jasão que, a essa altura, vive no palácio do rei, e mente dizendo-lhe que decidira aceitar essa condição e que partiria em exílio, deixando-os em paz. Pede apenas para entregar-lhe um presente de casamento, em reconhecimento e na esperança de que sejam felizes. Jasão ingenuamente aceita, e há diferentes versões para o final da história, mas a mais conhecida conta que Medeia enviou para a jovem princesa Gláucia uma túnica de fios de ouro envenenados. A princesa, logo que a viu, ficou encantada e imediatamente vestiu-a, para sua desgraça, pois seu corpo foi envolto no fogo e ela morreu. Seu pai, tentando arrancar a túnica do corpo da filha, também morreu queimado. Como se não bastasse, no mesmo instante Jasão recebe uma caixa toda cravejada, como presente de casamento, e também, mais do que depressa, abriu-a. Qual não é seu horror quando vislumbra o conteúdo

da caixa: as cabeças de seus filhos. Desesperado e aterrorizado, corre para matar Medeia, mas ela havia recebido de seu avô, o deus Hélios (o Sol), um carro alado para que pudesse partir. Jasão chegou apenas a tempo de vê-la alçar voo para o céu. O mito conta ainda que, desesperado, ele voltou para seu navio Argos e deitou-se no convés. Na mesma noite, o mastro principal caiu sobre ele, esmagando-o.

Talvez choque a todos como a terrível Medeia pôde cometer um infanticídio e ainda assim permanecer impune. Trata-se aqui de entender as leis e os direitos do casamento no pensamento arcaico. A traição de Jasão era considerada um crime contra os deuses e estes se vingaram, mas o que tinham os filhos a ver com isso? É que Medeia sabia que, se seus filhos permanecessem em Corinto, seriam transformados em escravos, por serem filhos de uma estrangeira exilada. Dessa maneira, preferiu vê-los mortos do que ultrajados. Portanto, não podemos ver Medeia apenas sob o ponto de vista de que era uma mãe desnaturada e assassina. Muito ao contrário, trata-se no caso de uma honra ultrajada, que seguia a arcaica lei de que, se não é possível viver com dignidade, é melhor a morte.

Claro que a questão psicológica também tem enorme força, e a literatura e a história das relações humanas mostram-nos quão imenso é o ódio e a vingança do feminino ultrajado. A modernidade construiu uma falsa ideia sobre esse feminino, inspirada nos contos de fadas que o cinema americano tanto propalou, transformando a mulher em um ser delicado, doce e frágil. Isso é uma parte da história do feminino, mas menospreza todo o seu poder, tão bem retratado em Medeia e no poder mágico que o caldeirão representa. Esquecemos, na modernidade, que a força do feminino não reside na lança ou na brutalidade física, mas em seu extraordinário poder mágico-encantatório. Não é demais ressaltar que os chamados “movimentos feministas” estiveram completamente equivocados ao tentar equiparar os direitos femininos aos masculinos, conferindo atributos próprios do homem para a mulher, descaracterizando-a assim completamente. O verdadeiro retorno e

reconquista dos direitos legítimos do arquétipo feminino somente serão possíveis quando ela compreender e reconquistar sua força mágico-encantatória, há milênios esquecida.

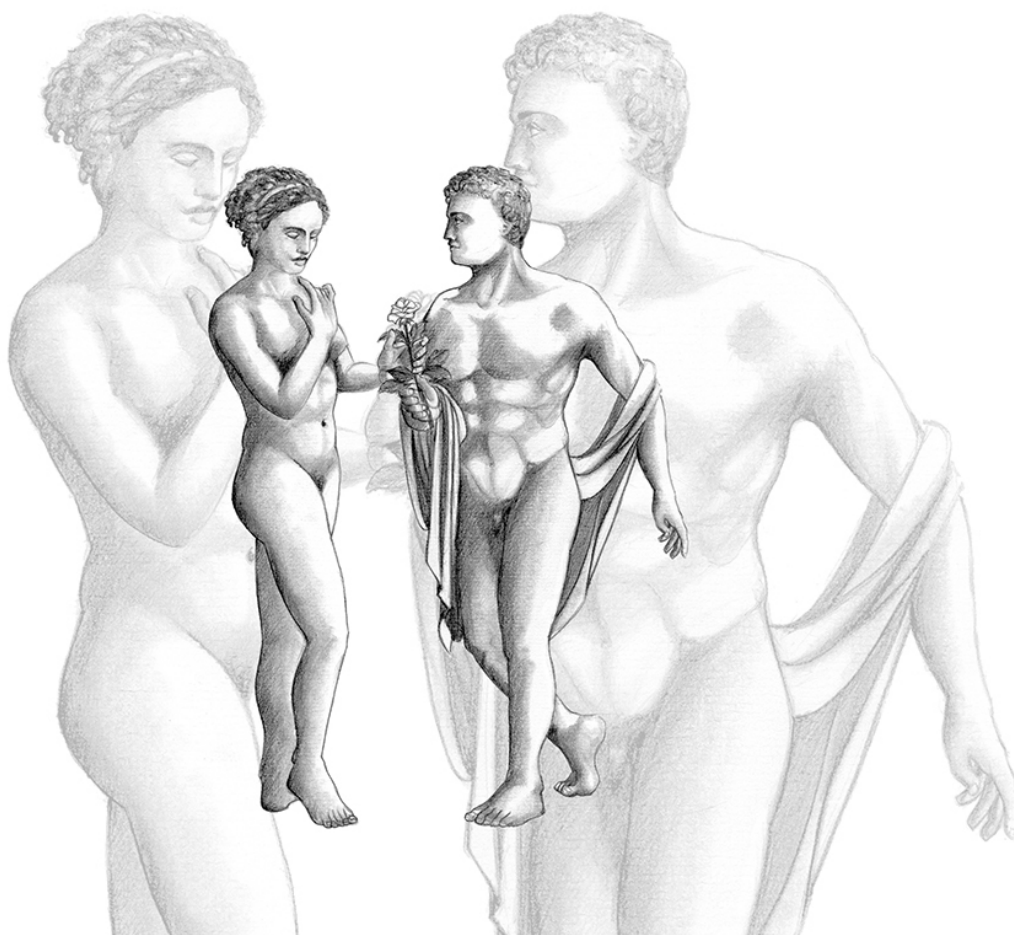
AFRODITE E ADÔNIS

PARA APRENDER QUE A BELEZA E O AMOR FORAM FEITOS PARA SER DADOS,
E NUNCA GUARDADOS

O mito de Adônis tem origem oriental e deriva de “Adonai”, denominação bíblica do velho testamento que designa Deus. Afrodite zangou-se com uma jovem virgem chamada Mirra, filha do rei da Assíria, Teias, que não lhe rendia culto, e resolveu vingar-se. Inspirou-lhe então uma paixão irresistível pelo próprio pai, e Mirra, graças à cumplicidade de sua ama, pôde durante doze noites satisfazer seu incesto. Mas quando seu pai descobriu que involuntariamente deitou com a própria filha, desembainhou a espada para matá-la. Esta, suplicando aos deuses, pediu que a fizessem desaparecer. Ela foi então metamorfoseada em uma árvore, que tem até hoje o nome de mirra.

Passados dez meses, a árvore entreabriu-se e dela nasceu um menino. Sua fulgurante beleza cativou Afrodite que, para subtraí-lo da vista de todos, encerrou-o num baú que confiou à juíza infernal, Perséfone. Deu-lhe a recomendação de que o guardasse no mundo subterrâneo do Hades até que crescesse, quando então retornaria para buscá-lo. No entanto, à medida que o menino crescia, sua beleza mais e mais aumentava, a tal ponto que a própria Perséfone enamorou-se dele. Quando Afrodite foi buscá-lo, Perséfone não quis devolvê-lo, criando-se uma disputa entre as duas deusas pelo belo Adônis. Resolveram então chamar seu próprio pai, o grande Zeus, para resolver a contenda. Segundo Apolodoro de Atenas, o senhor do Olimpo resolveu dividir o ano em três partes e disse: “Uma parte será de Perséfone, a outra de Afrodite e a última será de livre uso de Adônis”. Mas o belo jovem decidiu então presentear essa parte que lhe cabia para a deusa Afrodite. E aqui vemos um mito cujo significado é completamente oposto do mito de Narciso, pois aqui a beleza não só é entregue, como também a

parte que poderia ficar livre e sem destino é entregue à deusa do amor. Assim, Adônis não apenas obedece, mas consagra a lei de Afrodite, que reza: “O belo foi feito para ser dado, como também o amor; aquele que os guarda para si, considerarei traidor”. A mensagem aplica-se tanto ontem como hoje, uma vez que podemos dizer que o narcisismo (o excessivo amor por si mesmo) é um dos males de nossa era, que se alia ao individualismo, provocando os estragos nas relações humanas que tão bem conhecemos.



Voltando ao mito, o belo efebo apaixonou-se também pela caça e, apesar das advertências de Afrodite, não desistia de seus perigos. O deus Ares, que também amava Afrodite, sentiu-se enciumado com a atenção que o jovem recebia da bela deusa e decidiu vingar-se. Um dia,

quando caçava na floresta, Adônis deparou-se com um enfurecido javali, que não era senão o próprio deus Ares disfarçado. Inadvertidamente, tentou enfrentar o animal e foi mortalmente atingido por ele. Os pássaros da floresta presenciaram o ataque fatal e correram a alertar Afrodite do que acontecera. Ela imediatamente acudiu em socorro de Adônis, mas na pressa esqueceu de calçar as sandálias e feriu os pés nos espinhos de uma roseira. Imediatamente elas se tingiram com o sangue de Afrodite, tornando-se para sempre vermelhas, e não mais brancas, como eram originalmente. A deusa ainda teve tempo de colher algumas para levá-las ao belo Adônis, mas, quando chegou, ele já agonizava. Dizem ainda que das lágrimas de Afrodite sobre o corpo de Adônis nasceram as anêmonas. Vemos aí a razão por que, desde tempos imemoriais, as rosas vermelhas são o símbolo da paixão ardente, sendo que na antiguidade só era permitido ofertá-las a alguém intensamente amado.

Adônis tornou-se, na antiguidade, objeto de grande culto e em sua honra eram celebradas pelas mulheres grandes festas e jogos que ficaram conhecidos como “As Adonias”. Plutarco conta que nessa ocasião “as mulheres atenienses expunham em público simulacros dos mortos que enterravam, batiam no peito e, imitando os funerais, acompanhavam essas cerimônias com canto fúnebre”. A seguir, tinha lugar a festa da ressurreição de Adônis. Teócrito conta, em seu décimo quinto idílio, como a festa era organizada em honra a Adônis, em Alexandria, por Arsinoe, mulher de Ptolomeu Filadelfo, rei do Egito nessa ocasião. Eis a transcrição de um pequeno trecho: “Aqui em torno de Adônis temos reunidos os mais belos frutos, os mais belos vasos adornados e os mais perfumados óleos da Síria. Tudo para a glória e ressurreição de Adônis”.

O significado dessas festas e dos jogos consagrados a esse belo jovem pelas mulheres tinha a intenção de reviver o amor de Afrodite pelo belo e ensinar que todos deveríamos imitá-la. Sua ressurreição simbolizava que o amor e o belo nunca morrem, mas que é de nossa

responsabilidade mantê-los vivos, mesmo que isso seja (e é) um risco.

Finalmente, vale notar que o fato de seu nome derivar da palavra “deus” em acadiano (idioma em que a Bíblia foi originalmente escrita) revela seu significado arcaico, ou seja, “paixão”. É que, antes do massacre, que a tradição judaico-cristã-islâmica perpetrou com seu falso moralismo, deus, amor e paixão significavam a mesma coisa.

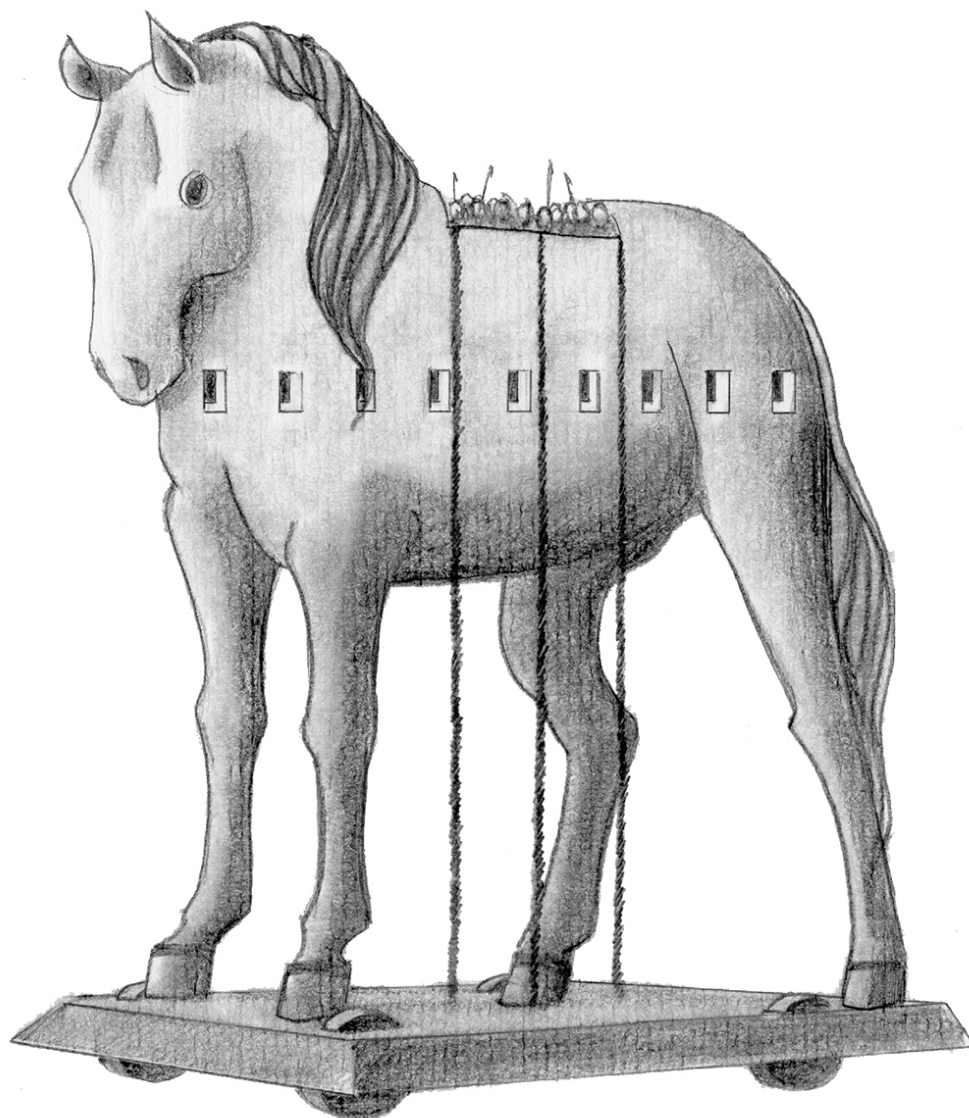
HELENA DE TROIA E PÁRIS ALEXANDRE

PARA ENTENDER OS DESVARIOS DO AMOR

Os antecedentes desse mito remontam a épocas muito remotas, quando, segundo a tradição, ocorreram as núpcias entre uma deusa (Tétis) e um mortal (Peleu). O mito conta que nem Zeus nem Poseidon ousaram aproximar-se da belíssima deusa Tétis, pois sua avó, a grande deusa-mãe Gaia, alertara-os de que, se algum deus tivesse um descendente dessa deusa, ele nasceria mais poderoso que o pai e o destronaria. Mais que depressa, os deuses deixaram de cortejá-la, e o grande Zeus tratou ainda de livrar-se dela usando o seguinte stratagema: tratou de encontrar um mortal que com ela se casasse, pois assim a profecia de Gaia não poderia cumprir-se. O escolhido foi Peleu, que muito teve de lutar para conseguir a anuência de Tétis.

Assim, conta-nos o mito que pela segunda vez os deuses desceram do Olimpo para a Terra e celebraram as núpcias de uma deusa com um mortal.

Esse foi o famoso casamento de Peleu e Tétis. Dessa união nasceu o famoso Aquiles, que se tornou invulnerável, menos em um ponto do corpo: o calcanhar. Daí nasceu a famosa expressão “calcanhar de Aquiles”. É que sua mãe, Tétis, banhava-o no rio Estige, cuja água tinha o poder de tornar imortal qualquer ser vivo. Os deuses, no entanto, descobriram e, temerosos de que Aquiles se tornasse mais poderoso do que eles, impediram-na. Como a mãe o segurava pelo calcanhar, para submergi-lo na água, essa parte de seu corpo não recebeu os efeitos da água. Além disso, seus efeitos iniciais tornavam invulnerável quem se banhasse nas águas do rio para depois alcançar a imortalidade. Como o processo foi interrompido, Aquiles tornou-se invulnerável e não imortal, mas seu calcanhar permaneceu igual ao de qualquer mortal.



Esse casamento teve consequências funestas mais tarde. Durante a ceia, uma única deusa, que não fora convidada, atirou do Olimpo um pomo de ouro, que caiu sobre a mesa dos convivas. Essa deusa não era ninguém menos do que Éris (a disputa). Alguém gostaria de convidar a disputa para a festa de seu casamento?

Quando lhe perguntaram de quem era o pomo, ela simplesmente respondeu: “Pertence à mais bela das deusas presentes”. Esse episódio ficou conhecido como “O Pomo da Discórdia” (na verdade, Éris significa disputa, e não discórdia, como tem sido erroneamente

traduzido), uma vez que Hera, a esposa de Zeus, e Afrodite e Atená, filhas dele, reivindicaram para si o pomo de ouro. A disputa logo tomou grandes proporções, e o próprio Zeus foi convocado para decidir a qual das deusas o pomo deveria ser entregue. Sabendo a dor de cabeça que arrumaria se escolhesse uma das três, Zeus declinou do pedido, alegando que somente um mortal poderia eleger a mais bela das deusas, não lhe cabendo, portanto, essa decisão. Como vemos, muito argutamente ele escapou da impossível tarefa de agradar simultaneamente as três deusas.

Zeus enviou então o deus Hermes para encontrar o mais belo dos mortais e trazê-lo para o julgamento. Hermes partiu imediatamente e encontrou, aos pés do monte Ida, um belíssimo camponês de nome Páris Alexandre, que na verdade era filho do rei Príamo, soberano de Troia. Quando sua esposa Hécuba dele engravidara, os oráculos revelaram que essa criança seria a ruína de Troia. Desesperados diante de tão terrível vaticínio, trataram de livrar-se dela tão logo nasceu. Para tanto, enviaram-na para o distante monte Ida, onde o menino cresceu como um pastor, desconhecendo sua origem real.

Voltando, Hermes convocou-o para que, sendo o mais belo dos mortais, procedesse ao julgamento para a escolha da mais bela das deusas, para que esta pudesse receber o pomo de ouro. O humilde pastor ficou imediatamente aterrorizado e alegou: “Mas aquelas que eu preterir haverão de perseguir-me pelo resto de meus dias. Eu não passo de um humilde pastor. Que poderes tenho eu para realizar tão grandiosa escolha?”. Hermes, no entanto, tratou de acalmá-lo, prometendo-lhe que Zeus garantiria que nenhuma das deusas preteridas o perseguiria e se vingaria. Como não tivesse escolha, o pobre Páris concordou, mas, ao contrário do que lhe disse Hermes, isso haveria de custar-lhe caro. Afinal, deusas são mulheres também, e jamais uma mulher aceitou ser preterida em sua beleza por outra... sem se vingar!

Os dois partiram e logo chegaram ao local onde se realizava o banquete. Imediatamente, as três deusas trataram de seduzir Páris com

belas promessas, caso alguma fosse eleita em detrimento das outras. Atená prometeu-lhe toda a sabedoria do mundo caso fosse escolhida como a mais bela. Hera não se deu por vencida e ofereceu-lhe todas as terras da Ásia Menor. Já Afrodite, como deusa do amor e da beleza, ofereceu-lhe simplesmente o que todo jovem mais cobiça: a mais bela das mulheres.

Adivinhem quem venceu? Pois é, o instinto do jovem é poderoso e não resiste à beleza do amor, perdendo-se por ela. Afrodite foi a deusa escolhida, para desgraça de Páris. Assim é o amor: é intenso, mas traz desgraças para o saber e para o poder. Ninguém é rico, sábio, poderoso e ainda feliz no amor.

Afrodite cumpriu sua promessa e revelou a Páris sua origem real, exigindo que retornasse a Troia para reivindicar seu devido lugar. Assim fez Páris, que foi recebido com horror e espanto pelo rei Príamo e sua esposa. Estes, para se livrar dele novamente, trataram de nomeá-lo embaixador e arranjaram-lhe uma missão, para que ficasse bem longe de Troia. Entrementes, Afrodite fizera com que Menelau, rei da Esparta e marido de Helena, partisse para uma missão de guerra.

Helena era a mais bela das mortais e era protegida por um pacto. Devido a sua extraordinária beleza, um sem-número de príncipes cobiçou desposá-la, mas, como ela escolhesse Menelau, seu pai fez com que todos os pretendentes por ela preteridos assinassem um pacto pelo qual, se alguma coisa acontecesse a Helena, todos acudiriam em seu socorro. Conseguiu assim evitar uma disputa sangrenta pela mão de sua filha, unindo todos a sua volta. O pacto foi ideia de Ulisses, cujo nome em grego é Odisseu e significa “aquele que vê de muitas formas”, ou seja, o que sempre acha uma saída. Será dele também a ideia do cavalo de Troia.

O rei Príamo enviou Páris a Esparta para requisitar a devolução de sua irmã, que fora raptada há muitos anos, durante uma disputa entre Esparta e Troia. É desnecessário dizer que, por detrás de todos esses acontecimentos, estava a intenção de Afrodite de engendrar um

encontro entre Helena e Páris.

E, assim, de fato ocorreu esse encontro, com a ausência de seu esposo Menelau. Imediatamente os dois se apaixonaram. Afinal, era um encontro entre o mais belo e a mais bela dos mortais. Antes que Menelau retornasse, Páris raptou Helena, retornando para Troia, sendo recebido com horror e temor por seu pai, o rei Príamo.

Quando Menelau retornou, imediatamente convocou todos os príncipes da Grécia para resgatarem Helena, exigindo o cumprimento do pacto que tinham assinado. Muitos tentaram escapar da obrigação, e Ulisses fingiu-se de louco, semeando sal no lugar de sementes. Mas os príncipes que tinham ido buscá-lo desconfiaram do estratagema e colocaram o recém-nascido filho de Ulisses na frente do arado. Ele imediatamente parou para salvá-lo, o que demonstrou que de louco não tinha nada, sendo assim desmascarado seu ardil. Já Aquiles, também para fugir das obrigações da guerra, escondeu-se no palácio de uma princesa, vestindo-se de mulher. Mas foi descoberto, porque os príncipes que tinham ido buscá-lo simularam investir contra as damas da corte, e Aquiles imediatamente sacou de sua espada, que estava escondida debaixo da saia, para defendê-las, sendo assim também desmascarado.

Antes de partir, sua mãe Tétis visitou-o para saber o que buscava para sua vida e perguntou-lhe: “Que preferes, meu filho: uma vida curta porém gloriosa, como convém a um herói, ou uma vida longa e obscura, própria dos mortais vulgares?”, e Aquiles respondeu-lhe: “Uma vida curta e gloriosa, como convém ao filho de uma deusa”.

E assim partiram, juntamente com uma imensa expedição que reuniu os exércitos de nada menos de cento e cinquenta cidades-estado e uma frota de mil e quinhentos navios. O enorme exército reuniu-se em Áulis, local que será o cenário de um episódio imortalizado pela tragédia escrita por Eurípedes, *Ifigênia em Áulis*.

O mito conta que seu pai, Agamémnon, fora eleito comandante de todos os exércitos dos aqueus (assim eram chamados os gregos naquela

época), tendo Aquiles como segundo comandante. Sentindo-se poderoso, ousou adentrar um bosque sagrado que havia nas proximidades, interdito aos homens e consagrado à deusa Ártemis, a protetora do sagrado da natureza. Lá habitava seu animal predileto e pela deusa protegido, a corça de Ártemis. Agamémnon não só profanou o bosque, adentrando-o, como também matou a corça.

Entrementes, uma enorme calmaria tomou conta da região, impedindo a partida da imensa frota em direção a Troia. Passados dois meses, os generais decidiram consultar o Oráculo sobre como ou o que deveriam fazer para que os ventos voltassem a soprar. Com horror, no entanto, ouviram do Oráculo que a calmaria fora enviada pela própria deusa Ártemis, como castigo pelo fato de Agamémnon ter matado sua corça, e que somente se este sacrificasse seu bem mais precioso em seu altar os ventos voltariam. Ora, nas tradições antigas, o bem mais precioso que um homem poderia ter era seu primogênito, e neste caso ela se chamava Ifigênia. Pressionado por seus generais, Agamémnon teve de ceder e arquitetou um estratagema para trazer a própria filha até Áulis. Enviou um mensageiro para dizer a sua mãe, Clitemnestra, que arranjava para noivo de Ifigênia ninguém menos do que o grande Aquiles e que aguardava por elas no acampamento dos aqueus. Mas, tão logo elas chegaram, perceberam o ardil, ficando estarecidas com a notícia de que a bela jovem seria sacrificada no altar de Ártemis para redimir a arrogância e a heresia do pai. É em torno dessa questão que gira a tragédia de Eurípedes. Vemos aí que Ifigênia aceita corajosamente ser sacrificada, mesmo sem ter culpa de nada. No exato momento em que está para ser depositada na pira sacrificial, a própria deusa Ártemis, condoída com a grandeza e o heroísmo da jovem, retira-a do altar, colocando um carneiro em seu lugar, e transforma-a em imortal, levando-a consigo para torná-la sua seguidora no seu templo principal, em Táuris.

Serão dez anos de guerra, e não conhecemos sua história completa. Homero, em sua obra imortal *A Ilíada*, narra apenas quatro dias de

batalhas do último ano, e na *Odisseia* ficamos sabendo de vários outros episódios, inclusive o do famoso cavalo de Troia. Páris encontrará a morte pelas flechas de Ulisses, mas antes matará Aquiles, atingindo-o no calcanhar, ironicamente devido a sua má pontaria. Finalmente, com o ardil do cavalo de Troia, dentro do qual ficam escondidos os soldados aqueus, são abertos os portões da cidade, que é destruída e arruinada. Na verdade, não foram os soldados que causaram a derrota abrindo os portões, mas sim o fato de que, para que o cavalo pudesse adentrar a cidade, os troianos tiveram de destruir parcialmente os muros que a protegiam, pois o cavalo fora propositadamente construído de tal maneira a exceder a largura dos portões. Desse modo, quando foi levado para dentro da cidade, os portões estavam precariamente refeitos, havendo enormes buracos nos muros.

O tema de Helena de Troia é milenar. Um grande amor pode levar à ruína um homem ou um Estado – tanto faz, porque é feroz e indiferente. Além disso, os amores poderosos estão carregados de cobiças ou de maldições. Essa vitória dos gregos contra os troianos é na verdade uma “vitória de Pirro” (é a vitória em que todos saem arruinados, inclusive o vencedor). Isso porque, embora vitoriosos, os aqueus perderam praticamente todos os seus exércitos, e mais: lemos na *Ilíada* que o grande Zeus estava determinado a fazer sofrer tanto os gregos como os troianos, devido ao fato de sua opulência tê-los tornado arrogantes e indiferentes à condição humana.

Outros autores consideram Helena um “simulacro” (um fantasma enviado por Zeus). É que ele queria castigar a humanidade e, em determinado momento, lemos na *Ilíada* as seguintes palavras atribuídas ao grande deus: “Castigarei tanto os aqueus como os troianos, embora no final envie a vitória aos primeiros. É que somente quando tiverem perdido muitos dos seus amados poderão recuperar a humanidade que lhes ofereci. É que os excessos e as riquezas torna-os gordos, preguiçosos e arrogantes. Até quando terei eu de sofrer por esta condição humana?”.

Mais uma vez, a reflexão de Zeus é de uma atualidade extraordinária, colocando-nos também a questão: será que a conquista desvairada dos bens materiais, do chamado conforto da vida moderna, não está fazendo de nós verdadeiros monstros desumanos?

NARCISO, ECO E PAN

PARA APRENDER A NÃO AMAR QUEM SÓ AMA A SI MESMO E NÃO ENTREGAR A VIDA POR UM AMOR

Pan que amou Eco que amou Narciso que não amou ninguém a não ser a si próprio” (autor anônimo, século VII a.C.). Quem não passou por algo parecido em sua vida? Quantos de nós não amamos em algum momento da vida sem sermos correspondidos? E quantos de nós deixamos de corresponder ao amor alheio? Podemos dizer que, entre a indiferença total perante o amor do outro e a entrega absoluta por um amor – que pode custar até a vida –, estão as histórias de amor de toda a humanidade.

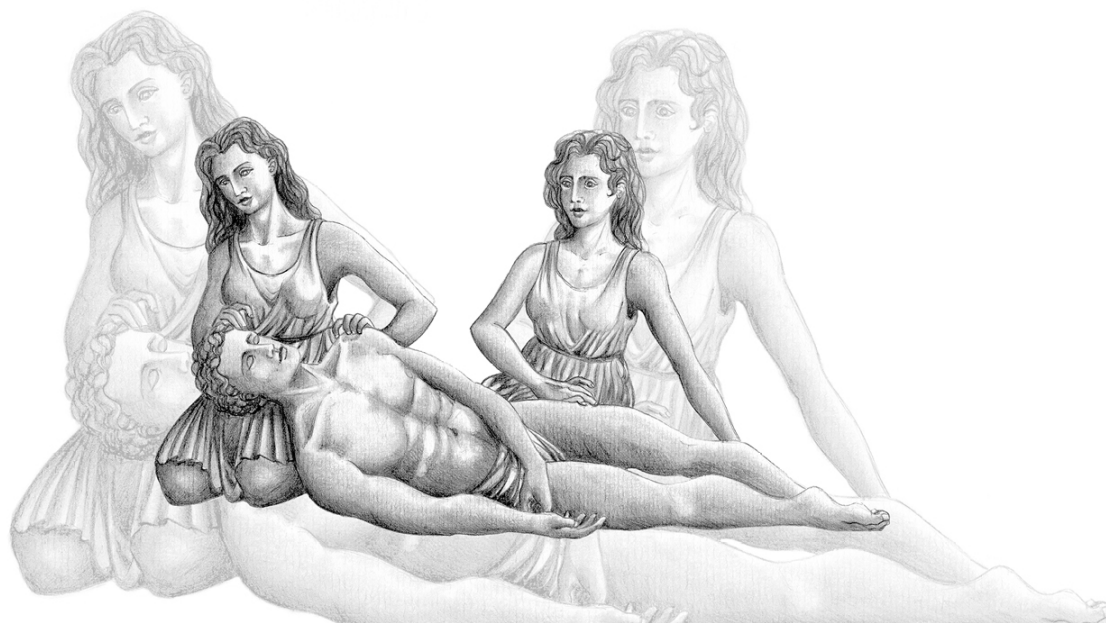
Pan é filho de Hermes e representa aquele que tudo ama. Vive nas florestas, perseguindo as ninfas e por todas se apaixonando. É o poderoso impulso sexual e de amor que caracteriza a juventude. É feio, mas de uma alegria enorme, e pouco se importa de ser rejeitado. É uma semidivindade da alegria e da fecundidade da natureza por excelência.

Eco é divindade Olímpica, e é aquela que entrega todo seu amor e sua dedicação sem nada pedir em troca. Mas ela não ama Pan, que não se cansa de persegui-la. Sua história será trágica, pois ela há de se apaixonar por aquele que não a amará.

Narciso é filho de Céfiso e da ninfa Liríope, da Beócia. Foi por ordem de Afrodite, a deusa do amor e da beleza, que ele nasceu, pois ela queria que descesse à terra um enviado seu, possuidor da mais extraordinária beleza, para dissuadir os homens das disputas e das guerras e atraí-los para o amor. No entanto, quando nasceu, o adivinho Tirésias declarou: “Viverá enquanto não se ver”. Ou seja, estava fadado a destruir-se no exato momento em que visse sua imagem.

Vale a pena observar a etimologia da palavra “Narciso”, porque ela nos revela muito de sua natureza e essência: Vem do grego *narkissos*,

que significa “aquele que foi narcotizado, paralisado”. A palavra “narcótico”, em nossa língua, daí deriva, por ser o narciso um dos mais antigos narcóticos que se conhece, tendo efeito próximo dos extratos retirados da papoula.



Podemos agora contar a sua história. Quando já era um jovem de rara beleza, voltando um dia da caça inclinou-se em uma fonte para beber e viu-se pela primeira vez. Imediatamente apaixonou-se por si mesmo e passou a desejar intensamente unir-se a si próprio. Desesperado por não conseguir, caiu extenuado e desfaleceu. Os pássaros da floresta imediatamente informaram Afrodite do acontecimento, e esta, que desejava intensamente que Narciso percorresse todos os lugares, para atrair e despertar o amor na humanidade, tratou de fazer de tudo para que ele despertasse e saísse desse encantamento de si próprio. Enviou então Ninfas, Dríades e Náíades (belíssimas semidivindades que habitavam as florestas) para tentar despertá-lo do sono mortal com a sua beleza e sedução. Mas de nada adiantou e, mais uma vez, a deusa enviou-lhe os mais belos efecos (jovens rapazes de grande beleza consagrados ao deus Apolo)

para que tentassem, quem sabe, despertá-lo, mas também foi em vão.

Como último recurso, então, enviou-lhe a deusa Eco, pois esta tudo entregava sem pedir nada em troca. Quem sabe assim seu amor pudesse seduzi-lo. Mas também foi em vão, e o mito conta que Eco, desesperada e triste por não ter sido correspondida – ninguém jamais havia recusado seu amor –, atirou-se montanha abaixo, e desde então todos os que pronunciam algo nas montanhas ou nos desfiladeiros ouvem a repetição do que dizem. Assim nasceu o eco, que representa o entregar-se de modo tão radical que se torna igual àquele que se entrega (e este é o grande risco!).

Afrodite então quis castigar Narciso, e o fez de modo muito severo, mas também muito revelador. Há duas versões, ambas com o mesmo sentido. Na primeira versão, ela o transformou em estátua e disse-lhe: “Este será o destino daqueles que só amam a si próprios: morrer paralisados por sua beleza”. Já na outra versão, transformou-o na flor que ficou conhecida como narciso e que tem o mesmo significado, pois é a flor que paralisa, “narcotiza”.

Afrodite havia declarado que destruiria quem guardasse a beleza para si próprio. “O belo e o amor foram feitos para ser dados. Quem guardá-los será traidor de meu culto.” Ordenou que os mortais deveriam distribuir e espalhar a beleza e o amor. Era a maneira de dissuadi-los das disputas e das guerras. Determinou também que ninguém deveria entregar seu amor se isso lhe custasse a vida, pois o amor deveria espalhá-la, jamais destruí-la, como aconteceu com Eco.

Vemos assim que o destino de Narciso é a morte pela paralisia, pois morre quem só ama a si próprio. Da mesma maneira, o destino de Eco é morrer, porque quem não ama a si próprio, dando tudo de si ao outro, esvazia perigosamente sua vida. Mais uma vez, é entre esses dois extremos que se encontram todas as histórias de amor da humanidade. Há aqueles que amam demais a si próprios, sem entregar nada ao outro (isto é o que modernamente se chama de narcisismo), e os que não amam a si próprios, entregando perigosamente sua própria vida no

amor.

Cabe agora perguntar em que ponto nos encontramos entre esses dois extremos e aprendermos o quanto devemos guardar para nós e o quanto devemos dar para o outro. E a resposta nunca estará no meio-termo, mas no “termo próprio”, que é o mais adequado para cada um. O certo é que aquele que se guarda demais ironicamente acaba destruindo-se no egoísmo de conservar tudo para si próprio. E aquele que tudo entrega também se destrói, pois esquece de guardar para si a chama da vida, que não pode ser dada a ninguém.

PROMETEU E PANDORA

AS QUATRO ERAS CÓSMICAS E A ORIGEM DO MASCULINO E FEMININO – UM MITO BELO E EXEMPLAR

Segundo as mais arcaicas tradições míticas gregas e egípcias, houve um tempo em que tudo era eterno, pois os homens e os deuses viviam lado a lado. Esta foi chamada a Idade de Ouro. Não era a marca da riqueza, mas simbolizava os deuses e os homens imortais. Aliás, os homens dessa era foram chamados de Raça de Ouro. Mas, conta o mito, alguns homens, de modo imprudente, uniram-se aos ímpios titãs, os deuses devastadores. Quiseram a luz e a inteligência que o titã Prometeu lhes dera, mas não a medida de seu uso (a ética), que Zeus lhes oferecera.

Assim começou a Raça e a Idade de Prata, que gerou nova raça e espalhou homens terríveis por milênios. Eram os poderosos Homens de Prata, de poder devastador. Eles usaram e aprimoraram a arte de destruir, como fazemos até hoje. O mito conta que Zeus, irado, enviou um grande dilúvio para varrê-los da Terra. Mas nem todos morreram. Alguns sobreviveram, tornando-se até reis e príncipes, generais e presidentes, enfim, poderosos destruidores de toda sorte, pois tinham algo em comum: o desvario do poder.

Zeus condeou-se dos poucos e justos que ainda vagavam pela Terra e fez nascer nova raça, mas esta revelou-se igual ou pior que a Raça de Prata. Assim nasceu a Raça de Bronze, que era o ouro degenerado, ou seja, era aquela que queria fazer justiça com as próprias mãos, com a lança e a espada. Negavam as leis dos deuses, escritas ou não escritas, e sua lei era a força, o egoísmo e o interesse. Pois é, ainda há tantos por aí... Nasciam e morriam guerreando, matando sempre uns aos outros. O mito conta ainda que essa foi a única raça que Zeus não precisou destruir, porque eles próprios se mataram, como continuam fazendo até hoje.

Finalmente, Zeus dividiu os poucos humanos que restavam em duas metades. Numa colocou o masculino e na outra o feminino, e ordenou-lhes que buscassem eternamente a parte perdida, para guerrear menos e amar mais e quem sabe se encontrar por meio dos filhos e do lar. Finalmente, tirou-lhes a imortalidade, transformando-os em pobres criaturas mortais. Essa foi a origem da Raça de Ferro, a raça que nasce, cresce, envelhece e morre; a raça que as doenças carcomem, a raça da fome e da solidão, da inveja, do rancor e do abandono.

Por ironia, Hesíodo, em sua obra *Os trabalhos e os dias*, conta que uma raça ainda pior poderia nascer daquela que envelhece e se carcome. Seria uma raça que já nasceria gasta e velha, para a qual a eternidade não duraria senão minutos, ou seja, seria o exato oposto da raça de ouro, que era a eternidade por excelência. Essa seria a raça que podemos chamar ironicamente “de plástico”. E é justamente o que encontramos no século XXI: tudo tem de ser novo, e o novo não dura senão minutos. Morremos buscando o novo. Envelhecemos fugindo da velhice (*sic*).

Mas vamos contar a história do nascimento dos homens, não do ponto de vista da teoria da evolução de Darwin, mas da tradição mítica, pela qual eles foram criados pelos deuses, feitos à sua imagem e semelhança. Não custa lembrar que a teoria da evolução é apenas isto: uma teoria que ainda está longe de ser comprovada e que muitos de seus aspectos não passam de pura especulação. É que seu aspecto “lógico” confere-lhe uma verossimilhança que nos fascina; confundimos com extrema facilidade hoje o lógico com o verdadeiro.

O mito conta que o titã Prometeu moldou um boneco de barro, procurando dar-lhe todos os atributos dos deuses. Estes, ao vê-lo moldando o boneco, resolveram presentear-lo cada um com uma dádiva. Assim, dizem que um concedeu-lhe a vaidade do pavão, outro a timidez da lebre, outro a ferocidade do tigre, outro a astúcia da raposa e assim por diante. Finalmente, o grande Zeus decidiu animar o boneco, permitindo ainda que Prometeu moldasse muitos outros, para que não

ficasse só. Assim nasceu o “humano primordial,” que não era nem homem nem mulher, pois era imortal e não precisava multiplicar-se.



Esses humanos passaram a seguir os deuses, que eram sua medida por excelência. Mas, um dia, Prometeu quis para os homens mais do que isso, pois sonhava com eles conquistar o Olimpo e destronar Zeus. Declarou ainda que assim não precisariam dos deuses, nem para obedecer nem para cultuar. “Seriam a medida de todas as coisas”... (*sic*). Tentou também enganar a Zeus, oferecendo-lhe um presente. Para tanto, matou um belo touro e separou as carnes e gorduras e os ossos da pele do animal. Envolveu os ossos na gordura e as carnes na pele, de tal modo que um fardo ficasse maior que o outro. Ofereceu então um banquete ao grande Zeus, pedindo-lhe que escolhesse um dos fardos para servi-lo. O senhor do Olimpo, naturalmente, escolheu o maior, mas ficou muito irado quando descobriu ter sido enganado por

Prometeu. Além disso, Prometeu roubara o fogo divino (símbolo da inteligência) para dá-lo aos homens.

Zeus chamou o Titã e perguntou-lhe: “Roubaste o fogo para dá-lo aos homens. Com que medidas justas governarás seu uso? Como impedirás o desvario do poder que dele emana? Como conseguirás que as criações do fogo divino não resultem em destruição nas mãos dos homens desmedidos?”. Não é preciso estender-se muito para perceber a atualidade da questão.

Em resposta, Prometeu tentou enganar Zeus, oferecendo-lhe o banquete de ossos e gorduras, ou seja, praticou o primeiro ato símbolo da condição humana: o engano e a mentira. Alguns dirão que Zeus foi ingenuamente enganado por Prometeu, sendo este mais esperto. Mais é uma observação ingênua, pois Zeus, ao aceitar o maior, quis mostrar que os deuses estão acima da falsidade, das aparências e da mentira. O que estava à vista (ou seja, o fardo maior) deveria conter a maior oferenda, que era a justa parte para o maior dos deuses. Prometeu, ao esconder as carnes no fardo menor, inaugurou a condição humana e justificou a separação entre homens e deuses, pois iniciou a era que separava a essência da aparência.

Assim, Zeus declarou: “Provaram o poder e a seu desvario sucumbiram. Fizeram da aparência um engano da essência. Criaram o duplo e cercaram-se do ambíguo. Espalharam o escândalo e semearam a perplexidade”.

Decidiu então castigar Prometeu e os homens. Ordenou que Prometeu fosse acorrentado no Cáucaso com uma águia a comer-lhe o fígado durante trinta anos ou trinta séculos, conforme a versão. Condenou os homens à perda da imortalidade, dizendo-lhes: “Eu vos abandonarei à sua própria sorte e sina. De ora em diante, ordeno que os deuses partam e se retirem para o céu e que os homens sejam abandonados. Não é isso que queriam?... De ora em diante, os deuses apenas sugerem o destino a cumprir. Aqueles que o seguirem, acalantados serão, mas aqueles que o negarem, arrastados serão.

Declaro ainda que na terra tudo agora se paga; o homem obterá alimento com o suor do seu rosto. Uma desgraça nunca virá só, ela será tripla. Ordeno finalmente que se vistam, pois sua nudez não revela a essência, ao contrário, na aparência escondem a verdade”.

Vale notar que aqui aparece a questão do “pecado original” e da nudez, escondida pela folha de parreira no relato bíblico da expulsão do paraíso de Adão e Eva. O que está em jogo é uma interpretação muito mais factível do que representa a vergonha. Em outras palavras, a vergonha dos homens perante Deus não reside em expor seus genitais, mas em sua capacidade de mentir. Ou seja, o que representa a verdadeira separação entre homens e deuses é que os primeiros mentem e falsificam a essência na aparência, e por isso devem vestir-se. Encontramos aqui o verdadeiro significado do sentimento de vergonha perante Deus, que foi tão distorcido pelo falso moralismo judaico-cristão-islâmico até nossos dias.

Voltando ao mito, Zeus ordenou que Héstos separasse o humano primordial, agora condenado à mortalidade, em duas partes, determinando que uma procurasse eternamente a outra. Entregou-lhes porém a esperança de renascer, fazendo surgir uma bela mulher, Pandora, que lhes trouxe a famosa “caixa de Pandora”. Ao contrário do que muitos autores propalaram, não é a mãe das mulheres, pois elas já existiam. Pandora traz a maternidade para as mulheres. Por isso seu nome significa “todos os dotes”, sendo o maior a esperança, “aquela que o homem em criança se renova” (Hesíodo, *Os trabalhos e os dias*).

Pandora ganhou de Atená vestes de ouro, para com dignidade proteger seu ventre; de Afrodite recebeu o carisma, “a irresistível graça de seduzir todo homem e para seu leito conduzir”; já Apolo concedeu-lhe a voz do rouxinol, “que adoça o mais cruel coração”; Hermes, por sua vez, concedeu-lhe a famosa “língua de Hermes”. Isso tinha duplo sentido na antiguidade, pois significava a capacidade da mulher de tecer maledicências (fofocar), usando a língua como terrível arma destrutiva, mas também de guardar silêncio, preservando como ninguém os

segredos do lar. Citamos a seguir um pequeno trecho da obra de Hesíodo, *Os trabalhos e os dias*, onde é relatado o surgimento de Pandora:

“Pandora! Tens todos os bens, mas és um belo mal! Um mal amável, o reverso de um bem. És o contrário e a companheira dos humanos. Tu trazes a esperança no ventre, mas também o amanhã incerto. Incitas ao trabalho, pois não suportas a miséria. Em teu ventre armazenas o fruto do esforço e gastas a força do macho. Consomes seu fogo num dessecamento lento e implacável”.

Zeus, ao dar a famosa caixa a Pandora, alertou-a: “Cuida bem para que jamais seja aberta, pois nela reside a esperança, mas também todos os males”. Pandora casou com Epimeteu, irmão de Prometeu. Vale a pena elucidar o significado etimológico desses dois nomes: “Prometeu” significa *pro* e *mitos*, ou seja, “aquele que aprendeu a ir em direção aos mitos”, que na antiguidade eram as verdades dos deuses. Portanto, é aquele que aprendeu primeiro a pensar e depois a agir. Já Epimeteu quer dizer exatamente o contrário, uma vez que o prefixo *epi* significa, em grego, “depois”. Portanto, Epimeteu é o pai dos tolos, ou seja, daqueles que primeiro agem e depois pensam.

Dessa maneira, Epimeteu, curioso e tolo, abriu a caixa de Pandora, e assim deixou escapar todos os males, que se espalharam pela Terra e entre os homens. Só teve tempo de reter a esperança quando fechou a caixa. Não é demais observar que, ao contrário do que muitos autores erroneamente observaram, foi Epimeteu, e não Pandora, quem abriu a terrível caixa. Desse modo, vemos que, ao menos na tradição antiga, a curiosidade não é atributo apenas das mulheres, mas também dos homens.

E assim será agora a vida aqui na Terra: cheia de males, muitos males, mas sempre haverá uma esperança.

Mas Zeus determinou ainda, como já vimos, que os homens buscassem sua parte perdida, na esperança de que a atração pelos opostos não só lhes trouxesse filhos, para superar sua condição de

mortais, deixando-lhes descendentes, mas que o amor entre eles os desviassem das discórdias, dos desvarios e das guerras. Determinou assim a separação em masculino e feminino do humano primordial, que relatamos neste breve poema dedicado ao masculino e ao feminino:

POEMA COROLÁRIO DO MASCULINO E DO FEMININO

Eu, o grande Zeus, determinei que:

“Não houvesse homem totalmente masculino

Não houvesse mulher totalmente feminina

De ora em diante:

Há homens que buscam na mulher sua parte feminina

Há mulheres que buscam no homem sua parte masculina

Há homens que buscam seu masculino na mulher

Há mulheres que buscam seu feminino no homem

Há homens que buscam seu masculino no homem

Há mulheres que buscam seu feminino na mulher

Há homens que buscam seu feminino no homem

Há mulheres que buscam seu masculino na mulher

Há homens que buscam no homem e na mulher seu masculino e seu feminino

Há mulheres que buscam no homem e na mulher seu masculino e seu feminino

Há homens que não buscam nem o homem nem a mulher

Há mulheres que não buscam nem o homem nem a mulher

Há homens que buscam a si mesmos tão-somente

Há mulheres que buscam a si mesmas tão-somente

Há homens que não buscam

Há mulheres que não buscam

Há os mortos e as mortas!”

A grande questão colocada aqui, naturalmente, é: Onde estamos nós? Vemos que a traição dos homens foi desprezar a verdade, eros (o amor) e a criação, e assim é até hoje. Espanta-nos que, há milhares de anos, o caminho do homem para retornar aos deuses já foi proposto, mas ainda

hoje, com toda a nossa arrogância tecnológica, nos afastamos cada vez mais e mais dele.

O HERMAFRODITA

PARA CONHECER OS PRINCÍPIOS MASCULINOS E FEMININOS QUE REGEM A VIDA

Assim como existem na tradução antiga dois Eros, um mais metafísico e profundo, como já vimos em capítulos anteriores, e outro mais popular, como vimos no casamento de Eros e Psiquê, existiam também dois Hermafroditas: o primeiro simbolizava a história do humano primordial, que Prometeu moldou com barro e que Zeus, ao condená-lo a ser abandonado na Terra e tornar-se mortal, cortou-o em duas metades – uma tornou-se o homem, e a outra, a mulher, como vimos no tópico anterior. Já o segundo Hermafrodita refere-se ao filho de Hermes e Afrodite – daí seu nome, que é uma junção dos nomes dos dois deuses. O significado, na antiguidade, dessa figura divina que tinha ambos os sexos é totalmente diferente do que a modernidade lhe atribuiu.

Vejamos primeiro aquele que se convencionou chamar de “Hermafrodita Primordial”. Refere-se à história do nascimento do *Anthropos* (o humano original). Vimos que Prometeu moldou-o de barro, mas copiou tudo que podia dos deuses. Ele era de “ouro”, simbolizando isso que vivia ao lado dos deuses e era imortal. Mas foi por eles abandonado pelo seu desvario e ainda por cima foi separado em duas metades, que foram condenadas a procurar uma à outra eternamente. Essa seria a origem da atração do homem pela mulher, e vice-versa; na verdade, ambos buscam eternamente sua parte perdida. O Hermafrodita era assim simbolizado, mostrando-nos a origem da condição humana e a irreversível necessidade da busca pelo sexo oposto.

Já o outro Hermafrodita, mais “popular”, refere-se à união entre Hermes e Afrodite. Aqui, os símbolos são também bastante claros: Hermes representa os caminhos para a superação de si mesmo, e esses

caminhos necessitam do outro. Já Afrodite simboliza que essa superação só será possível com a força de Eros. Vemos assim que o Hermafrodita não é mero símbolo sexual, mas representa exatamente sua realização, uma vez que mostra o caminho para a reconquista da imortalidade perdida. E essa evolução só será possível quando o homem conhecer e integrar o seu contrário – para que aprenda a não buscar espelhos de si mesmo, mas conhecer o diverso. Essa era a função principal desse símbolo, que procurava lembrar que somos incompletos e indicava o caminho para sua superação. Só os imortais podem integrar os dois sexos, mas cabe ao homem encontrar no simbólico essa superação. Assim mostra a psicologia profunda de Jung, quando explica que o homem que não conhece seus aspectos femininos e, da mesma maneira, a mulher que não conhece seus aspectos masculinos acabam buscando no sexo oposto espelhos ideais de si mesmos, tendo como resultado a grosseira projeção de seus desejos e esperanças no sexo oposto, que na verdade não conhecem.

Na antiguidade, grandes festas eram consagradas ao Hermafrodita, chamadas “As Hermafroditias”. Eram festividades e jogos que consagravam a transformação e a ressurreição do Hermafrodita. Vale notar que numa delas havia cerimônias em que os jovens casais trocavam de roupas e de papéis durante determinado período. Note-se que as atividades sexuais eram proibidas nessa ocasião, uma vez que a finalidade desses exercícios não era trocar de sexo, mas oferecer a oportunidade de conhecer o outro. Hoje chamaríamos isso de psicodrama. Quem diria, já era uma atividade profundamente educativa, exercida milhares de anos atrás, ou seja, a troca de papéis. Mas somente quando nos colocamos na pele do outro é que podemos entendê-lo.

Havia ainda um mito muito celebrado em festividades na antiguidade, referente ao Hermafrodita: o mito de Cibele e Átis, que passamos a relatar.

“O homem só tem um caminho para evoluir: superar a si próprio. Aquele que quiser retornar a si próprio, atrairá a ira dos deuses”

(Teócrito, *Idílios*).

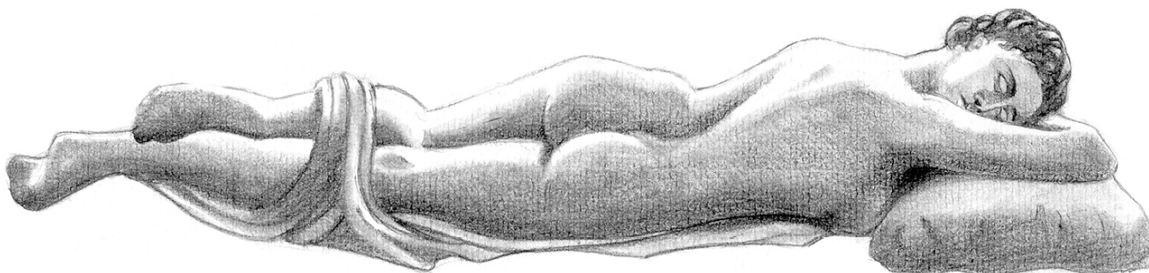
O mito conta que Zeus teve uma perda de líquido seminal quando tentou em vão seduzir a deusa Cibele. Mas o líquido tocou-a e caiu na terra. Nasceu daí Ágdistis e este, por sua vez, foi embriagado por Dioniso, que o castrou. Do sangue dos genitais castrados nasce uma romãzeira.

Uma ninfa chamada Naná, filha do deus-río Sangários, tomou o fruto dessa árvore e ocultou-o em seus seios. Como consequência, ficou grávida e deu à luz um menino que abandonou e que foi criado por uma cabra. Chamou-se Átis e, quando cresceu, desposou uma bela jovem de nome Ia. Sendo de uma fantástica beleza, um dia tanto a deusa Cibele como Ágdistis por ele se apaixonaram. A última foi rejeitada por Átis. Num acesso de desespero e de ciúmes, ela enlouqueceu Átis, que se castrou debaixo de um pinheiro, para resistir à atração que tanto a deusa Cibele como Ágdistis nele despertavam. Cibele sepultou o membro de Átis, e dizem que do sangue que escorreu nasceram as violetas. Sua esposa Ia, ao saber do ocorrido, matou-se e do membro sepultado nasceu a amendoeira, símbolo da tristeza e da amargura.

Para relembrar esse acontecimento surgiram as festas em honra de Cibele e Átis nas quais, em uma cerimônia, praticava-se a mutilação simbólica do membro. Todos esses símbolos representam a metamorfose fantástica que a natureza nos propicia, mas, acima de tudo, está aí representada a esperança de não recriar a si próprio no outro, que é justamente o que a mãe, Ágdistis, tenta fazer com o filho, Átis. Celebra-se a castração para que possa nascer o masculino e o feminino, pois, mais uma vez, não podemos ser os dois, devido a nossa condição de mortais. É importante ressaltar que essa questão nada tem a ver com símbolos da homossexualidade, nem é esse seu propósito. Aqui temos uma reflexão sobre a incompletude da condição humana, que aflige tanto os heterossexuais quanto os homossexuais, pois ambos procuram algo diverso de si, ainda que no mesmo sexo. Somente o

narcisista não procura ninguém.

Esse é um rito de apaixonar-se pela sua parte perdida, que um dia foi sua, mas que hoje gera outro ser, e aí está o risco: quanto mais próxima de nós, quanto mais idêntica a nós mesmos for essa paixão, mais furiosa e louca ela poderá ser. Mas há outros riscos, e talvez o maior seja amarmos a nós mesmos, mas travestidos no outro sexo. O homem não se completa enquanto não conquistar essa sabedoria de não buscar no outro a si próprio, mas o fascínio do diverso e do desconhecido.





V

OS GRANDES MITOS DOS HERÓIS PARA SE APRENDER A ARTE DE VIVER E EVOLUIR

OS DOZE TRABALHOS DE HÉRCULES

AS ETAPAS DA PAIDEIA PARA FORMAR UM HOMEM “OBRA DE ARTE, ÉTICO E CRIADOR”

Os trabalhos de Hércules foram objeto de inúmeros mal-entendidos. O principal era que se tratava de alguém com uma força descomunal, o que teria permitido a realização das doze etapas. Essa ideia é totalmente falsa, uma vez que a educação arcaica procurava mostrar que Hércules teve sucesso não por causa da extraordinária força física, mas em detrimento dela. A construção do homem não se dava pela sua força muscular, mas pela evolução em direção à sabedoria, e este era o grande desafio nos doze trabalhos de Hércules.

Um segundo aspecto tratava da própria educação – a Paideia –, que para o pensamento antigo significava, antes de tudo, formar um homem “obra de arte, ético e criador”. Mas o que queria dizer isso? Qual é o conceito, na modernidade, de educação e formação, para que possamos fazer uma comparação?

Há muitas falácias, e a primeira é a ilusão de que o conhecimento forma o homem e lhe confere dignidade. Essa ideia ganhou especial ímpeto desde o iluminismo até nossos dias: quanto mais conhecimento o homem obtivesse, mais bem formado e pronto para enfrentar a vida estaria. Mas, para o pensamento arcaico, formar um homem não era uma questão de conhecimento, que ocupava um honroso segundo lugar. E desde já devemos deixar claro que a “obra de arte viva” – ética e criadora – nada tinha a ver com a ideia moderna de obra de arte. No século XXI, obra de arte seria algo muito bem acabado, caro e perfeito, uma espécie de “Rolls Royce humano”. Seria considerada obra de arte por ser cara e luxuosa, enquanto um homem malformado seria algo como um carro velho, barulhento e superado. Essa é a nossa concepção materialista e consumista de obra de arte, a qual projetamos no modelo

de educação.

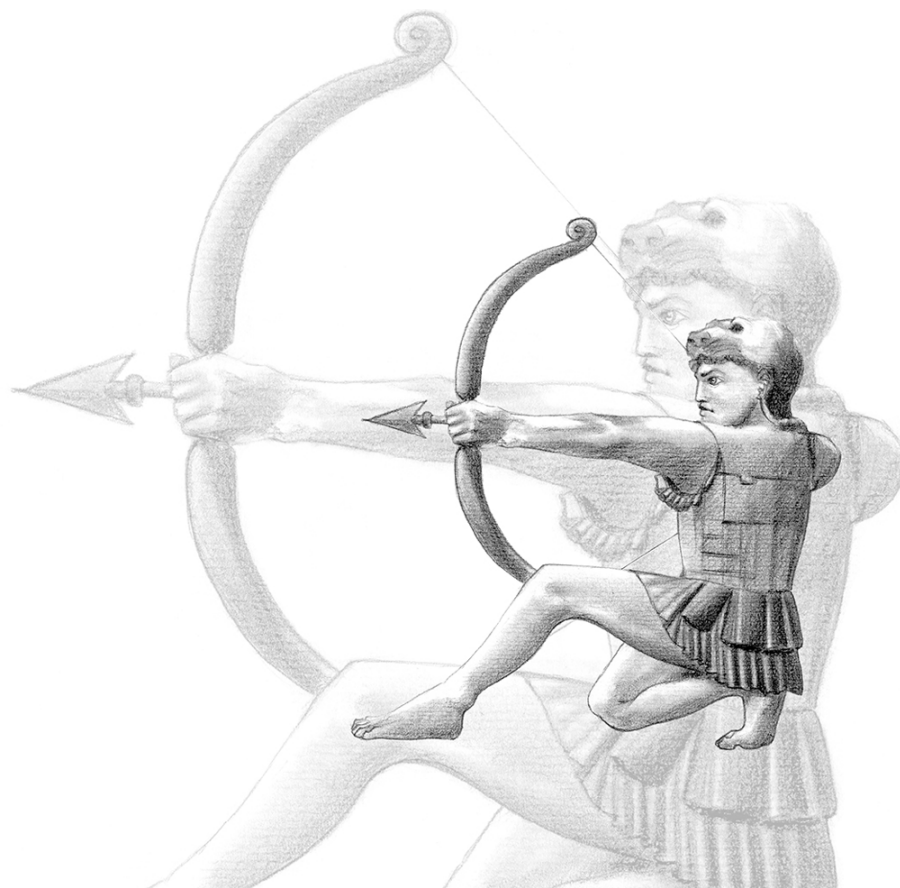
Esse conceito não coincide absolutamente com a ideia arcaica de obra de arte, que significava aquele homem capaz de imitar os deuses no plano ético e criador. Claro que isso nada tem a ver com roupas ou materiais caros utilizados para valorizar-se. Tratava-se de um acabamento espiritual e criador, de um aperfeiçoamento interior para que se pudesse imitar e se assemelhar aos deuses na imensa obra da criação. Diziam os antigos que não era atributo nem função do homem a morte e a destruição, mas o cultivo da vida e da criação. Assim, na concepção arcaica, a obra de arte atingia o plano divino no homem, enquanto no pensamento moderno reflete-se na aquisição de um conhecimento, na criação sem ética e na conquista dos bens materiais como o objetivo principal da educação e da vida, não importando frequentemente quantas injustiças e massacres possam custar.

Vejamos agora o que seria formar um jovem, de acordo com essa arcaica concepção, nos doze trabalhos de Hércules. Os trabalhos eram as etapas da transcendência, ou seja, eram degraus consagrados a cada um dos doze deuses. Eram também chamados de “as doze evoluções do Zodíaco”, que em grego arcaico significava “a roda da evolução da vida”, de onde se originou a astrologia dos antigos egípcios. Nem mesmo o mais forte dos homens poderia cumpri-los apenas com força física, sendo essa a grande ironia. A imensa força de Hércules mostrava-se inútil no cumprimento dessas tarefas, portanto ele teria de usar outros recursos. Vemos em cada trabalho que todos os elementos primitivos, materiais e hedonistas (a busca do prazer como um fim em si mesmo) do ser humano eram inúteis para a execução dessas tarefas. Cada vez que Hércules tentava utilizá-los, fracassava, e somente quando compreendia que deveria buscar os recursos da sabedoria é que conseguia obter sucesso.

A lição era bastante clara para o jovem que tanto admirava esse herói na antiguidade: de nada adiantava a força dos braços e das pernas, que não faria dele um homem ético e criador (um dos significados de

anthropos, em grego). Ao contrário, permaneceria um simples selvagem, como nascera. Isso retratava a visão que esses povos tinham da criança: encaravam-na como um bárbaro selvagem antes de submeter-se à Paideia, e somente esta poderia arrancá-la desse estado e convertê-la em humano (*anthropos*). Consideravam-na ainda potencialmente perigosa, devido a sua ignorância e inconsequência, e, se pensarmos bem, tinham razão. Um exemplo haverá de ilustrar esse ponto de vista.

Se deixássemos uma criança sozinha ou algum paranoico que sonhasse dominar o mundo na sala do Pentágono onde se encontram os malditos botões que podem explodir o planeta, quem seria o mais perigoso dos dois? É claro que seria a criança, uma vez que com o paranoico seria possível negociar – mesmo à custa de quantias astronômicas de dinheiro –, mas a criança poderia apertá-los por puro divertimento, uma vez que não tem noção do que está fazendo, não sabe distinguir entre o bem e o mal, como tantos adolescentes de hoje e tantos adultos sem ética alguma. Alguém ainda se lembra daquele índio queimado vivo por adolescentes da classe média alta, em Brasília? Eram bem “educados” e frequentavam as melhores escolas... Para não citar inúmeros outros exemplos de barbárie e morte nas escolas no mundo moderno.



Esse é o desastre gerado por uma civilização cuja educação está pautada somente no conhecimento como instrumento das conquistas pessoais (o sucesso na vida...), que não cultiva o aprendizado do que é a vida e a morte, a destruição e o sofrimento. Ninguém parece preocupar-se com essas “questões menores”. Para os pais e a escola, o que interessa mesmo é que o jovem esteja preparado para passar no vestibular e ter sucesso na vida, não importando seus valores e sua dignidade, se é que os terá. Vemos que, com razão e sabedoria, os antigos consideravam o jovem alguém potencialmente perigoso se não passasse por uma formação ética, a qual não se ensinava em quadros-negros e menos ainda pela Internet.

Durante séculos, vários educadores – entre eles Jean-Jacques Rousseau – defenderam a ideia de que o homem e por extensão a criança eram naturalmente bons... Que doce ilusão! Podem vir a se

tornar bons somente se houver um imenso esforço para a formação ética. Para agravar as coisas, grassa entre nós o pseudoconceito cristão de que a criança é um anjinho. No entanto, com a mesma doçura que ela acaricia um gatinho, atira-o do oitavo andar, para citar apenas mais um exemplo de sua candura...

A concepção arcaica de criança pode parecer-nos implacável, porém é muito verdadeira. A criança é potencialmente perigosa porque não tem nenhuma formação ética ainda e, se assim a deixarmos, será o adulto violento de amanhã, que hoje tanto encontramos em nosso cotidiano. Assim, abrimos a porta para o que é fundamental para se formar um homem: dar-lhe a capacidade de ter limites, conhecer seus vícios e como governá-los, para que não seja por eles governado. É também o conhecimento de seu potencial para praticar a violência, que não se expressa apenas por murros e pancadas, mas também pela mentira, falsidade e hipocrisia e ainda pela “arte” de se aproveitar do outro para o próprio benefício.

A Paideia buscava essa formação ética que se fundava na construção da consciência – não intelectual, mas ética –, buscando o direito natural cósmico de nascer, viver e morrer com dignidade e honra. Nossa educação é inconsequente como a criança, além de cega para essas questões, enquanto na Paideia era a primeira coisa que se perseguia, relegando a alfabetização e o conhecimento para um segundo plano. Era o que Sócrates chamava de educação da virtude, ou seja, o reconhecimento do valor supremo da vida e sua preservação com dignidade. Só muito mais tarde (após os quatorze ou quinze anos) é que tinha início o aprendizado da escrita. Os antigos sabiam muito bem que o conhecimento, por si só, jamais preservaria e cultivaria esse bem precioso chamado vida, que ele de nada valeria sem ética. Já no século VI a.C., Píndaro alertava os mestres: “A sabedoria é o conhecimento temperado pela ética”. E devemos ainda acrescentar que ética não deve ser confundida com moral: esta se refere aos costumes, que variam em cada época e cultura. Trata-se aqui do aprendizado do valor supremo,

que é o direito ao nascimento, à vida e à morte dignas, como já enfatizamos. Sócrates também alertava os mestres: “Temos pouco tempo para a virtude e toda a vida para o conhecimento, pois o vício e a mentira logo se instalam no caráter do jovem, sendo tarefa quase sempre fadada ao fracasso tentar extirpá-los mais tarde”.

Vemos assim por que a ética deve anteceder o conhecimento, se quisermos formar o jovem para a dignidade e a superação da violência, enfim, torná-lo capaz de ser verdadeiro e respeitar a si mesmo e ao outro. Não é demais insistir que, num ambiente de violência, falsidade, medo e falta do direito de ser, nunca será possível a construção do homem criador – à imagem e semelhança de Deus –, mas somente a disseminação da destruição e da competição desleal e selvagem – exatamente o que acontece hoje. Soa irônico que, com tanta tecnologia e tantos avanços da medicina, nunca o direito de viver esteve tão ameaçado. Basta sair na rua para conferir.

Os três pilares para a construção do *homem civilizado* (mais um dos significados arcaicos da palavra *anthropos*) e da civilização naturalmente resumiam-se com muita clareza num único mandamento: o direito de nascer, viver e morrer com dignidade e honra. Esse era o objetivo primordial da Paideia, e é por onde toda a educação do jovem deveria iniciar-se, em qualquer época, em qualquer cultura. Mas o que seria a dignidade e a honra? Não estamos falando de conceitos variáveis, mas daqueles que qualquer um reconhece de imediato: ser ameaçado, temer pela própria vida, ser agredido, ser rejeitado, passar fome e sofrer doenças por falta de recursos. Enfim, são coisas universais e eternas. A dignidade e a honra existem quando tudo isso é vencido, e podemos viver sendo amados e aceitos em nossa diversidade. Será que em nosso século, com toda a ciência e a tecnologia, as crianças não podem ser educadas para isso? Se não, para que servem tais avanços, então? Para matarmos uns aos outros com mais sofisticação e eficiência?

Vemos assim que a dignidade é essencial ao homem. O que pode e deve ser ensinado é o respeito e o direito intocável de exercê-

-la e os meios para que não seja destruída. Não é possível falar em educação e menos ainda em formação de um homem sem esse ponto de partida. Somente assim poderemos lançar os fundamentos para a construção do homem “obra de arte”.

Os doze trabalhos de Hércules eram um precioso instrumento do mestre para a tarefa de transformar esse selvagem chamado criança em obra de arte ética e criadora. É a grande lição que esquecemos na modernidade: criamos monstros viciados em computadores, videogames violentos e Internet, esquecendo que eles não podem se tornar e não se tornarão humanos verdadeiros (*anthropos*) se não aprenderem a respeitar o direito e a dignidade de ser. E colhemos o que plantamos: violência e drogas por toda a parte e em todas as classes. E é uma ilusão pensar que a lei e a repressão poderão, por si só, se impor e coibir. Somente a reconquista da Paideia para a modernidade poderá lançar uma luz no quadro sombrio deste século que mal se inicia.

Outra questão fundamental para a Paideia na formação do jovem residia nos talentos, tema pleno de falácias na modernidade. Pensa-se hoje que os talentos são dons inatos ou adquiridos. Sabe-se lá de onde vieram e, malgrado as especulações sobre sua origem, seja dos geneticistas e evolucionistas, seja dos teóricos da psicologia da aprendizagem, continua sendo impossível rastrear ou explicar a origem dos talentos de Einstein, Mozart, Shakespeare, Sófocles, Michelangelo e tantos e tantos outros. Temos, além disso, uma visão utilitarista, pela qual os talentos serviriam para se escolher uma profissão.

Não era assim para o pensamento arcaico. Os talentos tinham uma função libertadora e criadora, ajudavam o homem a descobrir quem era e o que viera fazer na Terra, de modo que permitiam que se aproximasse de seu destino a cumprir e dos deuses. O homem deveria usar seus talentos para servi-los, e isso queria dizer que estava a serviço da criação. Devem ser feitas duas ressalvas aqui: a primeira concerne à ideia que temos de destino como sendo algo que se confronta com nossos ideais de liberdade e autodeterminação. É preciso que se

esclareça que, para o pensamento antigo, cumprir seu destino era exatamente encontrar em si mesmo essa autodeterminação, coisa que tão poucas pessoas conseguem nos dias de hoje. E não devemos confundir esse conceito com a ideia moderna de liberdade, que é totalmente irresponsável, individualista e baseada no poder financeiro para ser obtida. Assim, cumprir seu destino era o máximo de liberdade responsável que alguém poderia almejar, de acordo com o pensamento arcaico. Significava ainda entender o que veio fazer aqui, qual era sua função e natureza, e ajudava a compreender seu mistério de existir.

Eram vistos como dádivas, presentes dos deuses, e indicavam, assim, seu destino, que era exatamente cumpri-los. Ao fazê-lo, o homem realizava tal destino, visto como a consolidação plena e máxima de seus talentos. Portanto, liberdade e destino coincidiam totalmente. Começamos agora a entender o que significava a construção do homem “obra de arte, ético e criador”. Tratava-se da construção e formação do homem a partir dele mesmo, do que tinha de mais próprio e essencial, mas a serviço da criação e não da destruição. Esse era o plano ético por excelência: *seja você* do modo mais pleno e belo possível, mas lembre-se de que a vida não é negociável, que pertence aos deuses, e cabe a você honrá-la e recriá-la com todos os seus talentos, educados e expandidos ao máximo.

Isso remete à segunda questão, que era o papel da criação na Paideia. A descoberta dos talentos e a educação por meio deles eram o ponto de partida, abrindo as portas para todo e qualquer jovem tornar-se criador. Que educação maravilhosa era essa, que formava a partir do que se era e aperfeiçoava até os píncaros da obra de arte, tornando o jovem o máximo de si mesmo, ensinando-o ainda a reverenciar a vida e o direito de nascer, viver e morrer com dignidade e honra! Com toda a nossa tecnologia, como estamos atrasados... Como é burra a educação dita moderna... E ainda achamos que os antigos eram atrasados e nós é que somos avançados (sic).

Mais uma vez, não se trata de conservadorismo e menos ainda de

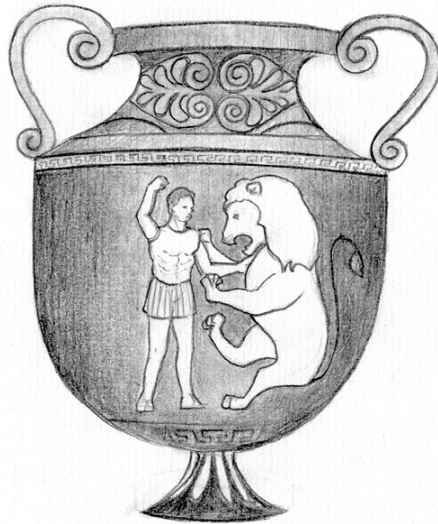
saudosismo. Trata-se de resgatar para a modernidade uma educação e formação do homem plena, ética e criadora. É tolo pensar que tudo o que é moderno é melhor. É preciso ter a humildade de reconhecer que houve épocas na história da humanidade que superaram a que vivemos em vários aspectos. E isso é especialmente verdadeiro para a educação e a formação do homem.

Quando Pausânias visitou Atenas no século II d.C., escreveu em sua obra *Descrição da Grécia*: “Houve uma época nesta cidade em que existiam mais estátuas que homens, mais filosofia e sabedoria que homens”. Terá sido uma civilização de gênios, por algum milagre genético? Nada disso! O que houve e tornou isso possível foi a Paideia, que em linhas gerais tentamos descrever e resgatar. Educar o jovem a partir de seus talentos e de sua natureza e essência abre as portas para uma formação que, acima de tudo, respeita-o e preserva seu direito de ser. É prepará-lo não apenas para trabalhar e ganhar dinheiro, é formá-lo para que se orgulhe de si, para que sua existência seja plena de sentido, criação e ética. O grande desafio continua sendo encontrarmos respeito e podermos praticá-lo, saber que existimos porque temos um direito inalienável de estarmos aqui com dignidade e honra. Não somos a engrenagem de uma máquina qualquer, cujas consequências, com tanta ironia, Charles Chaplin mostrou em *Tempos modernos*. Essa nulidade corrói, e querer transpor o anonimato, possuindo uma bela casa, um automóvel caro ou um iate, leva apenas a uma existência truculenta e plena de “pequenos assassinatos”, no afã de conseguir a qualquer custo esses objetos. Sair do anonimato não é obter fama e glória, mas poder ser amado não por dez mil pessoas – isso é ilusão e delírio narcisista –, mas por duas ou três, e já é muito, e basta quando temos uma verdadeira formação ética. Não é assim que a educação prepara o jovem hoje, mas “para enfrentar um mercado cada vez mais competitivo”, plantando o vale-tudo e a competição desleal para que vença a qualquer custo e de modo truculento. E, infelizmente, os pais são os primeiros a colaborar para essa educação da violência e do

individualismo desvairado. Colhemos o que plantamos: um mundo cada vez mais agressivo, no qual vivemos atrás das grades de nossas casas... Tinha razão Nietzsche quando ironizava a educação pelo conhecimento, alertando-nos que o brilho da civilização helênica estava no fato de que educavam primeiro o instinto para depois se voltarem ao conhecimento. Já entre nós os instintos mais bárbaros correm soltos, desde a pré-escola até os mais brilhantes doutores e homens do poder. De nada adianta o conhecimento que adquiriram, a não ser para tirar vantagens e mais vantagens, em detrimento e à custa dos menos favorecidos. Essa é a pior das violências.

Para a educação do instinto e seu progressivo aperfeiçoamento em ética e capacidade criadora, eram utilizados os doze trabalhos de Hércules, divididos em quatro grandes etapas, as quais descrevemos brevemente neste tópico. Para quem quiser aprofundar-se no estudo dessas questões, recomendo meu livro: *Paideia: para formar um homem “obra de arte, ético e criador no século XXI”* ou *Os doze trabalhos de Hércules para o caminho do herói em busca da eternidade*, Edições Viktor D. Salis, 2002.

É de fundamental importância observar que Hércules é acompanhado e aconselhado em todos os trabalhos por Atená (a deusa da sabedoria), Hermes (o deus que ensina a encontrar os meios e os caminhos) e Eros (o deus que ensina a fazer tudo com paixão e total dedicação). Somente com sabedoria, meios e paixão pode vencer os desafios propostos, o que continua sendo um excelente conselho para a modernidade em geral e para o jovem em particular.



- **Primeiro trabalho:** o Leão de Neméia. Era um terrível animal que assolava uma região da Grécia chamada Neméia. Tinha pele invulnerável, o que tornava inútil o uso de armas para matá-lo. De fato, após várias tentativas inúteis, Hércules descobre que somente poderá matá-lo se entrincheirá-lo em seu refúgio e sufocá-lo. O significado é que esse leão representa a violência que há em nós e que o único meio para contê-la é aprender a governá-la. Sem isso não pode existir a civilização.



- **Segundo trabalho:** a Hydra de Lerna. Era um monstro aquático de nove cabeças, sendo uma delas imortal. E mais: cada vez

que uma cabeça era cortada, renasciam duas no lugar! Parecia uma tarefa impossível vencê-la, mas, seguindo os conselhos dos deuses, Hércules cortou-as, queimando imediatamente o local, impedindo assim que renascessem. Mas, e aquela que era imortal? Mesmo cortada, não morreria.

Vejamos o que significam essas cabeças. Elas nada mais são senão o próprio vício que tenta multiplicar-se quanto mais lutamos contra ele. A cabeça imortal é a própria essência do vício, ou seja, não morre nunca. Mas o que fazer então para dominar nossos vícios, já que são imortais? Basta seguir os conselhos de Atená: “É no fogo da coragem que se vencem os vícios” (Apolodoro de Atenas). E Sócrates completava: “O exercício da virtude não é senão a eterna vigilância do vício”. Esse era seu conselho para lidar com a cabeça imortal, que personifica o vício. Hércules, a conselho de Hermes, enterrou-a, colocou uma pesada pedra sobre ela e recebeu a incumbência de sempre vigiá-la. Entendemos assim por que a virtude somente se conquista no vigiar dos vícios, e pobre daquele que se julga livre deles: é o mais sujeito a ser atacado. O verdadeiro virtuoso é aquele que humildemente os reconhece, mas arregaça as mangas e põe-se a vigiá-los.



- **Terceiro trabalho:** o javali de Erimanto. Era também um animal terrível e poderoso, que não respeitava os territórios e as fronteiras. Por onde passava, tudo devastava. O mito conta que Hércules levou dois anos para conseguir cercá-lo e matá-lo. Seguindo o conselho de Atená, perseguiu-o em campos nevados para que se cansasse e pudesse alcançá-lo. A metáfora do monstro sem fronteiras mais uma vez refere-se ao ser humano, tanto no plano material como no espiritual. Nada é mais urgente no processo de formar um homem do que ensiná-lo a respeitar as fronteiras e os limites de si e do outro, pois somente assim poderá nascer o respeito. A fórmula usada (vencer pelo cansaço) mostra a dificuldade da tarefa de ensinar limites, mas também dá a receita. É tarefa longa e árdua, porém inadiável. A modernidade está colhendo os terríveis frutos de uma educação imediatista e voltada para colher resultados. Não é demais ressaltar que a falta de limites é a semente da violência, em qualquer classe social.

Primeiro, segundo e terceiro trabalhos: constituíam a primeira etapa – eram dedicados à educação da violência, dos vícios e virtudes e da aquisição de limites.



- **Quarto trabalho:** a corça Cerinita. Ao contrário dos trabalhos anteriores, esse era um animal sagrado dedicado à deusa Ártemis e devia ser capturado vivo, sem ser ferido, e depois ser devolvido ao lugar que habitava, o monte Cerineu. Tinha pés de bronze – o que o tornava inalcançável na corrida – e chifres de ouro. Depois de tentar persegui-lo em vão, Hércules ouviu o conselho dos deuses: “Somente pelos chifres poderás pegá-lo, e isso deverá ser feito com serenidade e delicadeza”. E, realmente, um dia viu o animal no templo de Ártemis, aproximou-se e tocou-os com brandura. O animal deixou-se então levar sem tentar fugir. O significado torna-se claro quando entendemos um conselho de Atená: “Seu caminho está na cabeça, e não nos pés”. Isso quer dizer que devemos perseguir os chifres de ouro – símbolo arcaico de sabedoria

(veja-se o *Moisés* de Michelangelo, com seus chifres na cabeça). Jamais o caminho do homem poderá ser construído pelo que os pés simbolizam: brutalidade e burrice. A corça representava o caminho para se conquistar o sagrado: na natureza, sem feri-la, e com delicadeza.



- **Quinto trabalho:** os estábulos de Augias. A tarefa de Hércules era limpar o esterco acumulado nos estábulos durante anos, num só dia. Isso ocorreu porque esse rei era muito ganancioso e queria tirar o máximo proveito de suas terras. Para tanto, adubara-as em excesso, o que acabou tornando-as estéreis. Desse modo, foi condenado pela deusa protetora da natureza, Deméter, a não plantar durante sete anos em suas terras, o que acabou provocando o acúmulo do esterco em seus estábulos.

Hércules aceitou o desafio e, para limpá-los, desviou o curso do rio Alfeu, construindo um dique e cavando um atalho que desembocava nos estábulos. Quando abriu suas comportas, o ímpeto das águas invadiu-os, levando para o mar todo o esterco.

Mas o significado desse trabalho reside na chave “limpar num só dia”. Esse ato representa o esforço que temos de fazer para limpar o corpo e a alma: devem ser “limpos” todos os dias e completamente.

É fatal deixar que o “esterco” se acumule em nosso interior durante anos e, além disso, não basta a higiene do corpo – esta é sem dúvida essencial –, mas é preciso conferir igual importância à higiene da alma, que nada mais é do que jogar fora os rancores, os mal-entendidos, as tristezas e as angústias e tanto lixo que acumulamos no dia a dia. Sem essa faxina diária, não haverá saúde que aguente o passar implacável dos anos. Mais uma vez, o imenso débito da modernidade reside aqui: corremos para as academias para cuidar do corpo e caprichamos nas dietas “naturais” (que de natural não têm nada, na maioria das vezes), mas esquecemos de cuidar de nosso interior, de nossos conflitos e anseios – aliás, estes quase sempre se resumem a objetos do desejo, que nada têm a ver com a busca de uma harmonia interior e cósmica.



- **Sexto trabalho:** os pássaros do lago Estínfalo. Eram pássaros antropófagos, com pés, bico e penas de bronze (o símbolo da guerra e da destruição). Atiravam suas penas como se fossem flechas, sendo por todos temidos. Além disso, eram muitos e, quando ameaçados, espalhavam-se por todos os lados, tornando difícil abatê-los.

Hércules recebeu de Atená dois chocalhos que tinham o poder de produzir ruídos ensurdecedores. “Esta será sua arma”, disse-lhe a deusa. E, de fato, ao sacudi-los seu ruído estourou os tímpanos de muitas aves, matando muitas delas, enquanto outras conseguiram fugir aturdidas.

Que significam essas aves antropófagas que matam com suas penas de bronze? E que poder têm esses chocalhos para matar aves tão poderosas? As aves são nossos voos ou sonhos que temos de conquistar mais e mais, e isso pode devorar a nós e aos outros. Os chocalhos de Atená são o alarme da intuição, que soa para avisar-nos de que estamos voando alto demais, o que no mínimo há de custar nossa saúde. São mais do que a consciência moral: são o aviso de que é preciso cumprir o destino, caso contrário seremos atravessados mortalmente pelas penas de bronze ou levados pelos ares.

Quarto, quinto e sexto trabalhos: completam a segunda etapa. Eram dedicados à descoberta dos talentos, aos ritos de higiene física e mental e à transformação do instinto cego em intuição iluminada.



- **Sétimo trabalho:** o touro de Creta. Era um touro belíssimo, enviado pelo deus Poseidon para castigar Minos, rei de Creta, pelo seu desprezo aos deuses. Simbolizava o cego instinto sexual e tornou-se o pai do Minotauro, como já vimos no Capítulo IV. Enfurecido, devastava tudo a sua frente, e Hércules só teve sucesso em sua empreitada quando o encurralou num desfiladeiro onde exauriu suas forças de tanto correr sem achar por onde sair. Representa o primeiro passo em direção à educação do instinto sexual. Cego e deseducado, é um touro furioso, que causa estragos por onde passa. Contê-lo não é castrá-lo, mas também não adiantará deixá-lo à solta. Nosso século está cheio de exemplos de sexualidade desvairada que não vai a lugar algum. É o sexo transformado em objeto de consumo – e somos os primeiros a ser consumidos nesse banquete macabro onde se usa e se joga fora. A arte de governar os instintos sexuais – sem castrá-los, como fez a tradição judaico-cristã-islâmica – é sem dúvida um desafio para nosso tempo. Caso contrário, ele estará condenado a ser esgotado num labirinto em que a falta de sentido e o excesso destruirão todo o prazer e a alegria que a sexualidade contém.

Finalmente, vale ressaltar o sentido iniciático dos chifres. Eles são a possibilidade da luz de transformar-se em força. Mas também podem ser a força sem luz: é preciso impor-lhes o caminho da luz.



- **Oitavo trabalho:** as éguas de Diômedes. Era rei da Trácia e alimentava suas éguas com carne humana. O desafio de Hércules era domá-las, o que conseguiu seguindo o conselho de Atená de não se deixar seduzir por elas, devendo mantê-las a distância. Assim o fez, mas confiou a seu amante Abdero que cuidasse dos animais. Este, no entanto, incauto como todo jovem, deixou-se fascinar, aproximando-se das éguas perigosamente. Como resultado trágico, foi por elas devorado.

O rei Euristeu, de quem Hércules recebia as ordens para realizar seus trabalhos, recebeu as éguas e, não sabendo o que fazer com elas, deixou-as em liberdade. Elas passaram a devorar todos que encontravam em sua volta. Hércules não teve outra opção senão matá-las. Elas representam o amor inadvertido e ingênuo, que destrói a personalidade dos infelizes que por elas se apaixonam. Domá-las é não ceder a suas seduções. Devemos notar aqui que o feminino é impropriamente utilizado, uma vez que no grego antigo não existe masculino e feminino diferenciados para a palavra “cavalo”. Portanto, o mais correto seria “os cavalos de Diômedes”, podendo indicar macho ou fêmea, indistintamente. Isso quer dizer que o risco das seduções ingênuas e perigosas pode ocorrer com

ambos os sexos.

Esse mito trata dos limites da fraqueza humana. Não se pode entregar o coração a quem o devora e, na verdade, essa é a maneira mais fácil de se entregar, na ilusão de possuir, mas na verdade de devorar. O amor ingênuo é devorador da individualidade (que não deve ser confundida com individualismo). É preciso, portanto, lutar para superá-lo, pois o perigo é real: “a égua ou o cavalo” alimenta-se de carne humana. É preciso estar alerta para não cair em paixões em que seremos devorados.



- **Nono trabalho:** o cinto de Hipólita. É o símbolo do limite e da posse: na antiguidade, a mulher ou o homem que desatasse o cinto declaravam seu amor ao outro. Portanto, é símbolo de entrega, e esse trabalho ensina as artes e os segredos para se conseguir ou conquistar a entrega. O homem ou a mulher,

mesmo o mais hostil, cederá seu cinto àquele que usar a verdadeira sedução. Mais do que isso, o cinto de Hipólita representa o desafio da arte de seduzir. Hércules não poderá usar suas armas nesse trabalho (alguém poderia realizar uma conquista amorosa pelas armas?). Ele terá um desafio ainda maior: o cinto deverá ser-lhe entregue por Hipólita de livre e espontânea vontade.

Todo ser humano tem seu cinto, e o segredo de desatá-lo está na arte de mostrar-se verdadeiro e intuir a verdade alheia. Somente assim se abre o cinto. E essa arte requer profunda sabedoria e paciência, pois o cinto só se abre à verdade – embora possa até ser aberto pela falsa sedução, mas esta resultará, cedo ou tarde, em ódio e vingança. O cinto somente se abrirá pela nobreza, beleza e bondade, e esta é a grande lição que tiramos desse trabalho: não há arte de amar sem a verdade de si e do outro. Quem vende ilusões e aparências para conquistar o ser amado cedo ou tarde descobrirá que é amado pelo que não é.

Sétimo, oitavo e nono trabalhos: constituíam a terceira etapa, sendo dedicados à educação da sexualidade e da arte de amar.



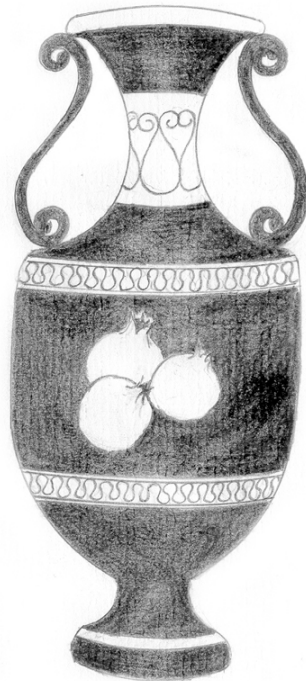
- **Décimo trabalho:** os bois de Gerião. Eram bois magníficos e raros, com pelo de ouro, que somente esse rei possuía. Gerião

era um gigante monstruoso, com três troncos e um par de asas sólidas (representação perfeita do homem materialista). O rebanho era guardado por um cão de duas cabeças, irmão do leão de Neméia e da Hydra de Lerna. Hércules matou com um golpe de clava o pastor e seu cão bicéfalo, e com as flechas impregnadas com o veneno do fel da Hydra fulminou Gerião.

Essa prova significa desapego, pois Hércules deve levar os magníficos bois para a deusa Hera (símbolo da fecundidade) e resistir à tentação de se apoderar de alguns. É justamente isso o que esses bois significam: terra e posse material. Superar a prisão às coisas materiais será o aprendizado desse trabalho.

No caminho de volta, o gigante Anteu roubou algumas cabeças. Ele tinha uma força descomunal e, toda vez que era derrubado na terra, reerguia-se com forças redobradas, sendo portanto inútil jogá-lo contra o solo. É Atená quem dá a solução a Hércules: “Levante-o no ar, pois é lá que morrem os que se apegam à matéria”. Hércules entendeu que deveria erguê-lo, não permitindo que tocasse o solo. De fato, assim que o fez, o gigante morreu sufocado. Esse trabalho indica que aqueles que se apegam às coisas materiais morrem no encontro com as forças espirituais. É muito triste a velhice e a morte daquele que somente se apega às coisas materiais.

A luta com Anteu simboliza o desafio para combater e superar as forças monstruosas da matéria e abre as portas para o caminho da espiritualidade que se inicia no desapego.



- **Décimo primeiro trabalho:** os pomos de ouro dos Jardins das Hespérides. Partiu Hércules (sempre por ordem de Euristeu) em busca dos pomos de ouro, que eram presentes da grande deusa-mãe Gaia para a sua neta Hera no dia de suas bodas com Zeus. Estavam guardados no extremo limite do mundo, e Hércules deveria levá-los para a deusa Atená e a seguir devolvê-los ao seu lugar de origem. Ao passar pelo Cáucaso, libertou Prometeu, que tinha sido acorrentado por Zeus por ter roubado o fogo divino para dá-lo aos homens. Em troca, Prometeu ensinou-lhe o caminho a seguir e os meios para se apoderar dos frutos.

Ao chegar aos Jardins das Hespérides, encontrou o titã Atlas sustentando a abóbada celeste. Este fora o castigo que Zeus lhe impusera pela sua arrogância em considerar-se mais forte que o próprio Zeus. Hércules pediu-lhe para colher os frutos, oferecendo-se para sustentar o céu em seu lugar enquanto fosse buscá-los. Quando retornou com os frutos, Atlas recusou-se, no entanto, a

sustentar novamente o céu, dizendo a Hércules que estava cansado e que decidira ele mesmo entregar os pomos para Atená. Hércules fingiu aceitar, dizendo-lhe que então segurasse por alguns instantes o céu, enquanto colocava uma almofada no ombro, para ajudá-lo na difícil tarefa. O tolo Atlas concordou e, assim que recebeu a abóbada celeste nos ombros, Hércules partiu com Prometeu rapidamente.

Os pomos são as romãs e representam o fruto secreto que dá – para quem souber colhê-lo no momento exato – a chave da fecundidade, física e espiritual – ou seja, o conhecimento do bem e do mal e o acesso à luz interior de nosso poder criador. São de ouro porque são incorruptíveis, e este deverá ser o caminho de nossa energia criadora.



- **Décimo segundo trabalho:** a captura de Cérbero. Hércules teve de empreender sua última e mais difícil de todas as tarefas: capturar o cão tricéfalo, Cérbero que significava a captura do limite da morte. É o último passo em direção à espiritualidade,

pois trata-se precisamente da superação da morte, ou seja, vencer quem a guarda. Cérbero era dócil com quem adentrava os portões do Hades, mas implacável com quem tentasse sair.

O homem deve aprender a transitar além da porta da morte, subtraindo-se à fatal lei (Cérbero) que impede o regresso à eternidade e exige a mortalidade. Suas três cabeças representam o poder de julgar o quanto de nobre, bom e belo pôde cada mortal praticar enquanto em vida. Se tivesse dedicado integralmente sua vida para a consecução desses três princípios, nada deveria temer, ficando livre para seguir em seu caminho para uma nova existência. Hércules procurou Eumolpo, grande sacerdote da deusa Deméter, para ser iniciado nos mistérios de Eleusias (os mistérios da libertação da alma). Depois, guiado por Hermes, desceu ao Hades, pedindo a Plutão autorização para levar o terrível cão para fora do mundo das trevas. Ele consentiu, contanto que o domasse sem armas (alguém poderia domar a morte com armas?).

Agarrou-o de sopetão, levando ainda uma terrível mordida e um forte golpe da cauda, mas conseguiu levá-lo para a luz e para o rei Euristeu. O sopetão significa a força e a determinação necessárias para as ações em direção à espiritualidade. A mordida e o golpe da cauda mostram claramente o custo e o risco: não será nunca suave e sem dor o caminho para a iniciação e a espiritualidade, muito menos a árdua conquista da imortalidade.

Este último trabalho encerra as doze etapas de Hércules em busca da imortalidade.

Décimo, décimo primeiro e décimo segundo trabalhos: constituíam a quarta e última etapa. Eram dedicados à arte da criação, do desapego e da conquista da espiritualidade.

Esses eram os quatro degraus da formação do homem grego. Note-se que, para eles, a sexualidade e o amor eram a base para a conquista da espiritualidade e não podiam ser separados. Por isso, eram chamados de povos mítico-eróticos: míticos porque desenvolviam a capacidade

criadora a partir do imaginário; eróticos porque a arte de amar era a base para a formação do já referido *anthropos*. É preciso que se diga que essa arte não se resumia ao sexual, como muitos autores erroneamente interpretaram, mas tratava-se da capacidade de amar tudo o que a vida representava, sendo este o significado original de “erótico”. Nada a ver com o sentido pejorativo que a modernidade lhe conferiu.

Essas quatro grandes etapas, quando confrontadas com a educação moderna, fazem-nos sentir como se estivéssemos no tempo das cavernas, verdadeiros bárbaros. Na primeira etapa, que tratava da violência, dos vícios, das virtudes e dos limites, salta aos olhos como os dois últimos faltam no jovem de hoje (e nos adultos também!). Deparamos com um sem-número de vícios – veja-se, por exemplo, o consumismo doentio e a ganância. E que diremos então da violência, praticada em todas as suas variações? Já é tragicamente corriqueiro matar colegas e professores nas escolas de todas as classes sociais, sem falar do tráfico e do uso de drogas.

Na segunda etapa, que tratava do nascimento da intuição, que grande débito temos! Não sabemos mais nos guiar por ela. Criamos na escola monstros lógicos e competitivos, custe o que custar. Não sabemos mais ouvir nossa voz interior nem permitimos que o jovem aprenda a fazê-lo.

Na terceira etapa, que tratava da educação sexual e da arte de amar, vemos nas escolas de hoje uma abordagem ridícula e moralista. Ensinam a fisiologia dos órgãos genitais e outras tolices, quando o que interessa realmente é explicar o prazer, a atração e por que o coração bate forte quando gostamos de alguém e sentimos raiva por isso, muitas vezes, quando jovens! Como resultado, não nos deveria espantar por que os jovens – e não só eles – comportam-se sexualmente do modo mais precário e instintivo: as relações tornaram-se efêmeras e imediatistas. Tinha razão o saudoso Vinícius de Moraes quando escreveu em seu poema *O dia da criação*: “Os bares estão cheios de homens vazios...”.

Mais importante do que aprender química, geografia, gramática e outras disciplinas, tantas vezes inúteis, é aprender a arte de amar com dignidade, e não usando o outro como objeto. É discutir as horrorosas novelas e *reality shows* da televisão, assistindo a esses programas com mestres competentes, que apontem, para que entendam, as barbaridades praticadas, o desrespeito à privacidade, o falar mal da vida alheia, enfim, o espetáculo de invasão ao direito de ser e da dignidade.

Finalmente, é na quarta etapa, a educação para o desapego e para a espiritualidade, que estamos mais despreparados. Não imaginamos sequer o que possa ser a reflexão sobre o mistério da existência, que dirá trazê-la para o cotidiano! O verdadeiro homem espiritual pode ter qualquer religião – todas são belas e profundas, mas não precisa nem deve ser um recluso ou não sair da igreja. Basta que pratique, para si e para o outro, o direito de nascer, viver e morrer com dignidade e honra. Ou, como explicavam os antigos sacerdotes egípcios aos incautos sobre o poder mágico da pirâmide: “Seu poder reside em praticar o que ela significa: a nobreza, a beleza e a bondade”.

PERSEU E A MEDUSA

A MORTE NOS OLHOS E O TERROR DO OUTRO; SOBRE A CORAGEM PARA ENFRENTAR O MEDO DO DESCONHECIDO

A história da Medusa centra-se num desafio que ela teria feito à deusa Atená. O mito conta que se tratava da única das três irmãs (as Gorgós) que era mortal. Era de uma extraordinária beleza e gabava-se de seus belíssimos olhos azuis e cabelos dourados. Chegou mesmo a declarar que era mais bela do que a deusa. Atená ouviu e resolveu castigá-la, pois a Medusa valia-se de sua beleza para seduzir e se apoderar dos outros. Disse-lhe então: “Revelarei a verdadeira intenção de sua beleza: você dela se vale para benefício próprio. A verdadeira sedução deve ser usada para libertar, e não para aprisionar. Você se vale de seus poderes encantatórios para paralisar o outro e torná-lo seu escravo. De agora em diante, seu olhar, que era quente langor, será transformado em gélido clarão. Você é agora o olhar que mata e petrifica. Afinal, esse é o verdadeiro significado de seus olhos. Além disso, seus cabelos, dos quais tanto você se gaba, serão transformados em serpentes, pois é assim que você sempre os utilizou. Seu amor é o amor da serpente, que encanta para petrificar, e assim poder devorar sua presa. De ora em diante, você não esconderá mais a morte que carrega nos olhos e nos cabelos”.

E, assim, a belíssima Medusa foi transformada na horrorosa figura que tão bem conhecemos: um rosto assustador com cabelos de serpente e olhos que matam e petrificam quem ousar encará-los. Além disso, ela sempre era representada fazendo uma monstruosa careta com a língua de fora. O significado desse rosto assustador e de sua transformação é que representa o desconhecido: ele sempre nos é assustador e paralisante. A careta representa o diferente, o diverso, e o mostrar a língua remete a nossa infância, quando tínhamos medo de caretas.

Trata-se de uma máscara que simboliza o medo que temos do desconhecido e como ele pode matar-nos. E isso vai do simples medo de enfrentar uma autoridade até o desconhecimento da natureza. Nossa reação sempre é ficar petrificados ou simplesmente assustados. O caminho proposto por Atená não deixa dúvidas. Primeiro, não se pode utilizar a beleza para encantar e matar o outro, ou ao menos tirar vantagens; segundo, o caminho do homem deve ser o da coragem para enfrentar o mistério do outro ou do desconhecido em geral. A reação do ignorante será sempre ou fugir e renegar ou ainda tentar destruir o desconhecido. Já o caminho da sabedoria deverá ser o da coragem de enfrentar a Medusa, ou seja, o mistério deve ser desvendado e aceito, jamais destruído. E isso inclui uma das reações mais comuns do ser humano frente à diversidade do outro: é a atitude que conhecemos como preconceito, desprezo ou rejeição.

A história de Perseu, jovem herói consagrado a Atená, mostra o caminho que todos deveremos seguir para enfrentar as Medusas que haverão de surgir em nossa vida. A deusa confere-lhe a missão de matar a Medusa e trazer-lhe sua cabeça. Perseu é um jovem herói que deve cumprir a missão proposta pela deusa: não se conquista a sabedoria sem vencer a Medusa. Parte então para alcançar seu objetivo, mas não conhece o caminho para chegar até o local onde viviam as Gorgós. É o deus Sol (Hélios) que lhe dá a chave. Deve procurar as três Graias, pois somente elas saberão indicar-lhe o caminho. E realmente Perseu vai inquiri-las, mas elas recusam responder-lhes.

As três Graias eram três velhas que tinham cometido uma terrível imprudência: quando jovens e belas, Zeus concedera-lhes uma graça, e elas pediram-lhe para nunca morrer. No entanto, embora fossem imortais, nunca pararam de envelhecer. É que as tolas esqueceram-se de que a imortalidade não bastava para conservar a eterna juventude. Assim, envelheciam cada vez mais, sem, no entanto, poderem morrer. Já estavam tão decrepitas que tinham somente um único olho e um único dente para as três poderem ver e se alimentar. Desse modo, tinham de

passá-los uma para a outra para poderem ver ou comer.



Diante da recusa, Perseu não hesitou em roubar-lhes o único olho e o único dente que possuíam, para forçá-las a revelar a morada da Medusa e de suas irmãs. Desesperadas, diante da perda de seu único olho e seu único dente, revelaram-lhe o caminho a seguir. Perseu não lhes devolveu o único olho e o único dente na hora, dizendo que o faria somente quando retornasse, pois queria ter certeza de que não haviam mentido. E assim partiu até chegar onde estavam as Gorgós. Sabia, no entanto, que não poderia encarar a Medusa de frente, pois se o fizesse morreria imediatamente petrificado. Também não poderia agarrá-la pelas costas, pois as serpentes de sua cabeça picariam-no mortalmente. Utilizou então um estratagema que a própria deusa Atená lhe ensinara. Aguardou que adormecesse e, polindo seu escudo até se transformar em um espelho, viu a imagem da Medusa nele refletido. Pôde assim aproximar-se dela sem vê-la e sem que ela percebesse também. Assim, de uma distância segura, desferiu-lhe um golpe certo,

cortando-lhe a cabeça. Colocou-a imediatamente num saco e partiu a toda pressa, sem que as irmãs pudessem alcançá-lo. No caminho de volta, devolveu o olho e o dente às Graias e dirigiu-se ao Olimpo para entregar a terrível cabeça para a deusa da sabedoria Atená. Esta colocou-a no centro de seu escudo, o que significava que o escudo tinha agora o poder de afastar e vencer o desconhecido, uma vez que representava a força da prudência necessária para abrir as portas da sabedoria.

O mito de Perseu representava o caminho que todo jovem teria de seguir para vencer o desconhecido e encontrar a sabedoria. Tratava-se de uma empreitada para a coragem de conhecer a diversidade que o outro representa. O estratagema que usou foi a imagem refletida no espelho, o que revela seu significado: é só pela “re-flexão” que se chega ao saber e se supera o desconhecido, ou seja, o refletir do espelho simboliza o refletir do pensamento. Esse é o único caminho possível ao homem para vencer o horror do desconhecido, o medo das caras feias, os preconceitos, os estereótipos, enfim, tudo aquilo que representa a terrível careta da Medusa. Vale notar que o poder de sua cabeça, mesmo morta, não cessava, pois assim é o poder do terror que o outro nos pode causar: mesmo morto, ou em nossa fantasia, seu poder não cessa. Nos teatros antigos, a cabeça da Medusa estava presente logo na entrada, indicando que lá era o local para aprender a vencer o desconhecido.

Trata-se assim de um mito pedagógico e civilizador por excelência, cujo desafio está mais do que nunca presente na modernidade.

UMA INTRODUÇÃO A ÉDIPO E ANTÍGONA

Desde o advento da psicanálise, nos fins do século XIX, consolidou-se a ideia de que Édipo e sua contrapartida Electra representavam o desejo inconsciente de relacionamento incestuoso entre mãe e filho, e pai e filha.

É pouco, muito pouco para o significado e a grandeza contidos nos mitos de Édipo Rei e Antígona. Seu verdadeiro sentido compreende a história de um homem maldito e condenado à morte antes mesmo de nascer e que, pela sua coragem de ser verdadeiro, alcança o mais alto grau oferecido aos homens pelos deuses: a imortalidade, somente concedida aos Messias, os filhos de Deus. Édipo é, portanto, o antecessor de Moisés, Buda, Cristo e Maomé – para citar somente alguns.

A problemática fundamental do homem – existencial, psicológica e social – nunca poderia centrar-se num desejo incestuoso inconsciente (o complexo de Édipo ou de Electra; a questão sexual segundo a psicanálise), mas sim no desejo natural cósmico de ter direito à vida, e como tal poder exercê-lo com dignidade. Mais do que tudo, o horror – o horror dos horrores da condição humana – é não ser amado, ser rejeitado e excluído pelo outro, não importando se são os pais, o cônjuge, o amigo ou quem quer que seja. Quer dizer, toda e qualquer rejeição pode ser fatal. Não, a questão essencial da existência não é e nunca poderia ser sexual, consciente ou inconscientemente. É do direito natural cósmico nascer, viver e morrer com dignidade e amor.

ÉDIPO REI

PARA APRENDER QUE MESMO O MAIS MALDITO DOS HOMENS PODE TORNAR-SE O MAIS EVOLUÍDO E SER ELEITO IMORTAL PELOS DEUSES

Ficou conhecido sob o cognome “Rei” quando Sófocles encenou sua história e foi o protagonista. Mesmo sendo uma das mais extraordinárias reflexões da condição humana, não venceu o concurso teatral ao qual concorreu, ficando em segundo lugar. O vencedor foi um certo Fóclois, cuja obra não sobreviveu. Relataremos aqui os antecedentes e a saga de Édipo.

Laio, filho de Lábdaco, nutria em sua juventude uma paixão enorme por Crísipo e raptou-o, sendo amaldiçoado pelo seu pai, Pélops. Não sabemos até que ponto esse mito reedita o costume cretense de raptar o jovem para iniciá-lo sexualmente. O rapto e a iniciação eram praticados por alguém do mesmo sexo, com ou sem a anuência velada dos pais do raptado. Na verdade, ocorria com mais frequência com a anuência dos pais, que costumavam deixar uma janela da casa aberta para facilitar a entrada do raptor. Pélops desejou em sua maldição que Laio morresse sem deixar descendentes. Mais tarde, ele casou com Jocasta, irmã de Creonte, e tornou-se rei de Tebas. O Oráculo de Delfos anunciou, numa ocasião, que se tivesse filhos e entre eles nascesse um homem, este o mataria, confirmando assim a maldição de Pélops.

Realmente, o casal teve um menino e, para livrar-se da maldição do Oráculo, Laio mandou que Jocasta entregasse a criança a um pastor que, furando seus pés e amarrando-os, deveria abandoná-lo no monte Cíteron, para que lá morresse. Esse pastor, cheio de piedade, no entanto, entregou a criança a um companheiro que costumava apascentar os rebanhos de Pôlibo, rei de Corinto, nas pastagens do vale do Cíteron. A criança foi então levada a seu senhor Pôlibo e sua mulher Mérope, que a chamaram de Édipo (pés inchados) e criaram-na como

se fosse seu filho, pois o destino ainda não lhes tinha dado um.

Já maior de idade, um dia Édipo foi chamado de bastardo por um habitante de Corinto que estava embriagado. Assombrado com a revelação, dirigiu-se ao Oráculo de Delfos para consultá-lo. O Oráculo, no entanto, nada lhe disse a respeito de sua origem, mas revelou-lhe que um dia mataria seu pai e se casaria com a própria mãe. Supondo então que Pôlibo e Mérope eram seus pais verdadeiros, decidiu não mais retornar a Corinto, para evitar a consecução de tão hediondo crime.



Naquela época, os habitantes de Tebas estavam aterrorizados com a Esfinge, pois devorava os tebanos, incapazes de decifrar os enigmas propostos por ela. Diziam que a cidade toda estava correndo perigo.

Esse é o primeiro ponto fundamental na história de Édipo. Por que a Esfinge devora quem não a decifra? Esfinge é *Sfinx* em grego e significa “aquela que aperta e sufoca”, literalmente. Representa, desde a mais remota antiguidade, o aperto do peito que sentimos quando a angústia nos invade. É aquilo que nos sufoca quando nossa vida não vai bem.

Para os antigos, o devorar da Esfinge era o devorar da angústia, que acaba por matar, e a maior de todas as angústias era não saber de si, exatamente como ocorre com Édipo. Ela devorava quem não respondia a suas famosas questões, já citadas. Mas, na peça, Sófocles apresenta outras perguntas que foram apresentadas a Édipo e que têm como resposta o próprio homem.

Sim, Édipo mata a Esfinge. Ou pensa que a matou? Eis a charada que Sófocles apresenta. O conhecimento ilude-nos: pensamos que com ele dominamos a angústia, mas somente a sabedoria pode fazê-lo. O primeiro dá-nos respostas meramente materiais, enquanto a segunda faz-nos atingir a espiritualidade. Por isso, modifica a pergunta da Esfinge, de modo a permitir uma resposta que o simples conhecimento fornece. Édipo e os tebanos não poderiam responder às reais questões (Quem és tu, de onde vieste e para onde vais?), porque não buscavam a espiritualidade. Assim, pensavam que se livravam da desgraça ao matarem a Esfinge, mas não, a Esfinge não está morta, porque não sabem de seu destino (Para onde vais?), e muitas desgraças piores os aguardam.

O segundo ponto fundamental é o encontro de Édipo com Laio, seu pai desconhecido. Em sua fuga, Édipo passava por uma estrada quando, em uma encruzilhada de três caminhos, avistou um carro no qual vinha um homem seguido por seus criados. Este ordenou-lhe com insolência que deixasse o caminho livre para seus cavalos passarem. Um dos criados empurrou Édipo, que reagiu, matando todos, exceto um que escapou.

Naturalmente, a menção de uma encruzilhada de três caminhos não é casual e faz referência ao valor sagrado do número três. São inúmeras as composições ternárias com a simbologia iniciática que encontramos, desde a mais arcaica tradição mítica até a recente tradição cristã, como por exemplo a Santíssima Trindade. O três ou o triângulo é o número do espírito por excelência e é a superação do quatro ou do quadrado, que é o número da matéria. (Água, terra, ar, fogo são os elementos que

a compõem.) Três é o número da transcendência, portanto, e significa as três Cárites (Graças): A nobreza, a beleza e a bondade. E essa é a história de Édipo: um bode expiatório (pois sofre sem merecer) que supera e transcende o mundo material, após cair em suas malhas e desgraças.

Ao chegar a Tebas, é coroado rei e casa-se com a viúva Jocasta, que é sua mãe, mas sem saber. Esse é o prêmio por ter afugentado a Esfinge de Tebas. Realizaram-se assim as duas predições do oráculo: matou o pai e casou-se com a mãe, porque não quis saber, não buscou a verdadeira sabedoria. Tiveram quatro filhos: dois homens (Polinices e Etéocles) e duas mulheres (Antígona e Ismene).

Passaram-se anos, até que os deuses fizeram tombar sobre Tebas uma peste que dizimou seus habitantes. Para saber as razões divinas da desgraça, Édipo enviou seu cunhado Creonte a Delfos para consultar o oráculo e saber o que fazer para livrar-se dela.

É nesse ponto que a peça de Sófocles começa, pois a cena inicial traz Creonte declarando o vaticínio do oráculo: “Deve ser expiado o crime de Laio que pesa sobre a cidade. O assassino terá de ser encontrado e castigado”. E aqui adentramos a terceira questão fundamental.

É o próprio Édipo que quer descobrir, não importando o custo e as consequências. Despontando como aquele que se prepara para a iniciação, busca a verdade e somente a verdade sobre a questão da Esfinge, que ele nunca respondeu: “Quem és tu?”. O sentido é claro: o homem só pode ser construído alicerçado na verdade sobre si mesmo. O resto, qual.... O resto não são homens, são fantoches. E mais: ela dói e é árdua conquista. Édipo mostra o caminho do homem para a sabedoria.

A peça termina com a apresentação da quarta questão fundamental. Sabendo da verdade, Édipo cega-se e exila-se (o exílio será o tema principal da peça *Édipo em Colono*). O ato de cegar-se abre uma dupla perspectiva. A primeira, mais óbvia, representa o castigo por utilizar os

olhos erradamente. Os olhos são a razão, o intelecto racional, que fracassou em dar-lhe as respostas sobre quem era. Aliás, com vários ardis “racionais” tentou escapar dos vaticínios délficos, desafiando os deuses. Assim, o cegar-se é um ato que declara inútil o poder da razão pura e fria (o calculista, diríamos hoje), para decifrar a Esfinge. Ao responder-lhe, Édipo dominou apenas o número quatro – o quadrado da matéria –, mas não se elevou para o triângulo sagrado da espiritualidade.

E assim abre-se o segundo aspecto do cegar-se: cegou-se porque os olhos agora seriam inúteis para o caminho que deverá seguir. E, realmente, eles agora serão inúteis para o caminho iniciático, como também a razão. É necessária agora a chama da iluminação de Apolo, que se adquire com o que os orientais chamam hoje de uma “terceira visão”. Os olhos não são apenas inúteis para a iniciação: eles atrapalham e impedem a transcendência. É Hermes quem recorda: “O caminho da sabedoria vai do visível para o invisível”. Mais uma vez, a atualidade das questões propostas em Édipo nos espanta, e não nos estamos referindo à vulgarização da psicanálise com o chamado “complexo de Édipo”, pelo qual nutriríamos uma paixão erótica inconsciente por nossos genitores. O que está em questão aqui é que todos estamos sujeitos a sofrer e padecer por algo que não fizemos, sendo esse o tema do bode expiatório. Além disso, é árduo o caminho para atingir a sabedoria e a espiritualidade, e elas não serão alcançadas apenas com o conhecimento racional, mas com a busca incansável da verdade, que começa com o desvendar de nosso Enigma da Esfinge. Não é demais recordar que Édipo, mesmo desconhecendo sua origem e tendo cometido os mais hediondos crimes (matou o pai e deitou-se com a mãe), buscou desvendar seu enigma. Quando soube quem era realmente, não hesitou e não escondeu sua verdade. Ao contrário, mostrou toda a sua grandeza enfrentando as consequências. Partirá para o exílio onde, após longa peregrinação e purificação, será declarado pelos deuses o mais sábio e verdadeiro dos homens, recebendo a

imortalidade como prêmio.

Sim, mesmo o mais errado ou maldito dos homens pode redimir-se. E quanto a nós, que não somos tão malditos assim? Que tal um esforço em busca da verdade de nós mesmos?

ANTÍGONA

PARA SE CONHECER A VERDADEIRA NOBREZA DO FEMININO

Após a morte de seu pai por Édipo, que Antígona seguira por toda a vida, ela volta com a irmã, Ismene, a Tebas. Entrementes, seus irmãos Etéocles e Polinices passarão a revezar-se no trono. Etéocles é o primeiro a começar a reinar. No final do primeiro ano de governo, no entanto, ele não entrega o poder, e Polinices procura por todos os meios recuperar o trono. Casa-se então com a filha de Adrasto, rei de Argos, e consegue convencer os chefes argivos a invadir as sete portas de Tebas. Trava-se uma grande batalha entre os dois irmãos, até que um mata o outro, sem que Polinices consiga penetrar em Tebas. Em vista disso, o tio deles, Creonte, assume o poder e, exatamente na noite seguinte à morte de Polinices e Etéocles, anuncia dois decretos fundamentais: proíbe o sepultamento do primeiro, condenando à morte quem ousasse desobedecer, e, ao mesmo tempo, ordena funerais de herói para o segundo.

O tema fundamental desse mito procura antepor o direito cósmico (direito natural dos deuses) ao direito de Estado (dos homens): a razão dos deuses não é a dos homens. Pretende mostrar ainda que o direito natural e divino pertence às arcaicas leis não escritas, que são muito superiores e mais poderosas que as de qualquer ser humano, que qualquer lei escrita. Pois o que é lei não é necessariamente justo.

Antígona não aceitará que seu irmão Polinices seja abandonado aos cães, insepulto, e que o outro seja enterrado com honras de Estado, numa evidente manipulação de que é o “salvador”. Trata-se da fabricação de um herói e de um “inimigo” para o povo. Os dois devem ser sepultados, pois, para os antigos, sepultar (ou seja, honrar os pais, parentes etc.) é um ato fundamental de sagração. A lei não escrita exige que ele seja sepultado, não importando quem é. A lei escrita não tem

valor para *Antígona*, que enfrentará o poderoso rei Creonte, afrontando-o em sua ordem de não sepultar seu irmão.

Brecht observa que a peça *Antígona*, de Sófocles, é um dos maiores poemas do Ocidente, uma vez que aborda a questão fundamental de a ética não ser uma ciência normativa, mas sim cósmica. Está dentro de cada ser humano e não precisa de nenhuma exegese especial. Ela se intui e não há lei escrita pelos homens que possa sobrepujá-la. Ao retomar a questão da tradição oral, mostra a identificação e a aproximação que existe entre a tradição oral e a intuição e a pobreza da escrita e a sua consequente distorção.

Creonte representa o Estado poderoso, que quer fazer a lei dos homens como lhe convém. Antígona representa a dignidade de obedecer, mesmo que à custa de sua própria vida, às leis não escritas. E aqui também aparece uma crítica: nessa época (441 a.C.), as mulheres não podiam ir ao teatro quando quisessem, porque muitas peças lhes eram proibidas. Estamos numa “falocracia” (predomínio do masculino), e esse drama desenrola-se em torno de uma pessoa que desafia não só um homem, mas um rei, e que é mulher e não é submissa como as da época. Aqui, evoca-se o esquecido caráter heroico e sacerdotal da mulher, e essa é uma das críticas que Sofocles faz em sua peça.

É um desmascarar, e mostra que a lei está dentro de nós e que não há nada que possa escondê-la. É o drama do homem diante das leis do divino e da conveniência. Vemos num diálogo entre Antígona e Ismene a contraposição entre a covardia e a comodidade de viver bem no palácio e a ousadia de enfrentar a morte por um cadáver insepulto. Mais de dois mil anos depois, Jorge Del Vecchio, em sua *Filosofia do direito*, ainda recorre a Sófocles para ilustrar ideia semelhante: o confronto entre legalidade e justiça. Antígona é uma tragédia ética por excelência. Vale a pena fazer um breve relato de seus principais momentos. A peça pode ser subdividida em cinco partes:

Na primeira parte, Antígona já aparece como uma iniciada. Acompanhou seu pai Édipo, aquele que paradigmaticamente sofreu

para nos ensinar e que representa para os antigos algo próximo ao que Moisés é para a tradição judaica e Cristo significa para a tradição cristã, ou seja, Édipo é um messias. É o caminho da luz, e por isso cega-se, porque abandona o caminho do ver concreto e parte para o caminho iniciático. Nasce a terceira visão, a luz de Apolo, e Antígona é a única dos filhos que o segue – ela tem claro para si o enigma da Esfinge e em nenhum momento abre mão de suas crenças: é a questão da honra, mesmo à custa da vida (conceito arcaico de morrer dignamente).



Na segunda parte, inicia-se o contraponto entre Antígona e Creonte. Ela quer a qualquer custo que seja mantida a honra, pois não há sentido maior na vida do que ter uma morte honrada.

Na terceira parte, contrapõe-se a obediência cega à coragem de ser com sabedoria. Hêmon, filho de Creonte e noivo de Antígona, primeiro mostra-se submisso e depois enfrenta corajosamente o pai, defendendo o direito sagrado de enterrar.

Na quarta parte, Creonte confronta-se com o adivinho Tirésias. Amaldiçoa o adivinho, mas nada pode ser feito, quando já não há mais controle. Creonte tenta voltar atrás em sua ordem de condenar Antígona à morte, mas a corda do destino não se puxa mais depois de certo tempo. Agora ele passa a ser o poderoso, o arrastado pelos fatos. Quando decide parar, encontra seu filho ao lado de Antígona, ambos mortos. Revela-se aqui o sentido prometeico (pensar antes de agir): de nada adianta pensar depois. E Creonte é epimeteico aqui (primeiro age e depois pensa), ou seja, custa a tomar consciência.

Na quinta e última parte, Creonte cai em si, mas é tarde. Quão difícil é a arte de aceitar a lição do destino! E a desgraça não para aí: a esposa mata-se ao saber da morte do filho e, no verso final, temos a sagração cantada pelo coro, na qual são mostradas as diferenças entre as leis dos homens e dos deuses, mais uma vez.

Na oposição entre Antígona e Ismene, vemos a luta entre covardia e honra e a questão da essência *versus* aparência. Enquanto Antígona arrisca a vida para enterrar o corpo abandonado do irmão, Ismene não aceita arriscar nada. Aparece a questão fundamental da honra perante a morte e a crença na sequência e no futuro. Sua vida hoje responde pelo seu futuro além da vida e se coloca claramente nessa posição heroica de Antígona, que deve ter causado estremecimento na Atenas decadente e falocrata do século V a.C.

Logo após, mandam chamar os guardas (pois o corpo amanheceu enterrado) e inicia-se longa discussão. Prendem Antígona: sabem que foi ela que cobriu o corpo. No diálogo com Creonte, ela se declara publicamente autora do fato e sublinha sua transparência. Aqui se vê a responsabilidade do homem perante o divino e a sociedade e surge a pergunta: é ela (a sociedade) o reflexo das leis divinas, ou é justamente a deturpadora dessas leis?

A peça de Sófocles atinge uma dimensão ainda maior com a entrada de Hêmon, que enfrentará Creonte. De início jura a cega obediência que todo filho deve a seu pai e a seguir, lentamente, ocorre uma

transformação no seu diálogo. O rei não aceita sua pretensão, e observamos aqui que o conflito entre sabedoria e juventude já é colocado desde os mais remotos tempos. E o tempo não é condição suficiente para ser sábio. Há uma crítica de Sófocles contra o conselho de anciãos (gerusia) de Atenas, que nessa época nada mais era que uma aristocracia que manipulava o poder como lhe convinha e pretendia com isso ser sábia.

Quando Antígona se antepõe a Ismene, vemos a imagem do conformismo antepor-se à limpidez da heroína arcaica, que não existia mais já naquela época. Hêmon se revela o jovem que ainda procura viver e morrer por um ideal, que não é o amor por uma mulher, mas a dignidade que ela representa. Creonte muito comodamente interpreta isso como capricho, e assim vai mostrando sua cegueira, incapaz de ver os reais valores que Antígona representa. E ainda virá Tirésias, para completar seu desespero. O adivinho aparece quando há um confronto com Creonte. Nessa passagem, observa-se uma dupla crítica de Sófocles: uma é a Creonte, que só quer saber do que lhe interessa e não da verdade, e a outra é à situação mais do que escandalosa da Confederação de Delos e de todos os adivinhos de Delfos, que eram venais nessa época, sendo até a Pítia subornada. Era a decadência da religião e do sagrado.

Tirésias deixa Creonte quando ele acaba caindo em si, mas o drama a partir daí desenrola-se completamente fora de seu controle. Já é tarde. Corre para salvar, mas encontra Hêmon e Antígona mortos. E existem passagens notáveis de ironia: Creonte havia mandado enterrar Antígona viva, deixando-lhe alguma comida. Se ela sobrevivesse, bem, senão... É que não queria ofender os deuses infernais. Mas, quando quer corrigir a situação, encontra a morte cercando-o por todos os lados. E o drama prossegue até que, no final, ele se considera um desgraçado. Perde sua herança e continuidade. No verso final, surge o coro ironizando essa situação: “Destaca-se a prudência sobremodo...” (Prudência – deusa Métis, a que está ao lado de Zeus). Cultivar a divina Métis é condição

para a felicidade, e a sabedoria deve ser cultivada desde a mais tenra idade.

Vemos então em Antígona uma crítica em relação a Atenas, numa tentativa de recuperar os valores femininos e suas funções. Antígona aparece como sacerdotisa, com todo o valor sagrado da mulher. Ismene é a figura da mulher acomodada, e as duas são filhas de Édipo. É que não basta ter pais brilhantes para o filho ser brilhante: é preciso estar junto e aprender a transcendência. Ninguém nasce genial ou herói: ele é feito, assim como se faz o imbecil. Antígona é uma heroína por excelência, e isso é um tapa na cara de uma Atenas, orgulhosa e falocrata, como para nós é ainda hoje.



OS GRANDES MITOS EXEMPLARES PARA APERFEIÇOAR A ARTE DE VIVER

O FÊNIX REDIVIVO

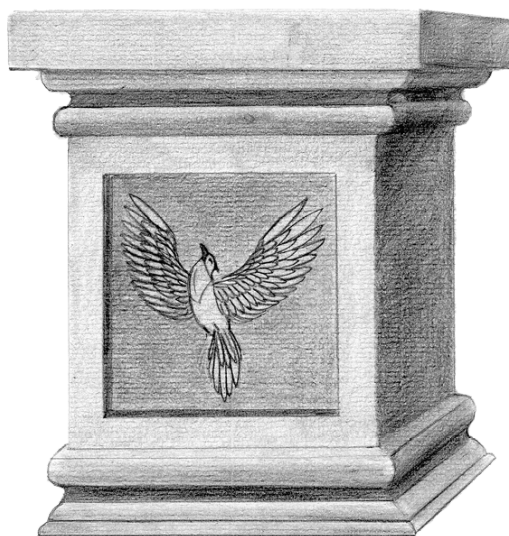
PARA APRENDER COMO RENASCER DAS CINZAS

Os relatos que chegaram até nós sobre o Fênix são, em sua maior parte, advindos do historiador Heródoto. Mas existem outras referências, que encontramos em papiros e inscrições oriundas do Egito antigo. Trata-se de um mito que aí se originou e foi transportado para a antiga Grécia.

O Fênix era uma ave fabulosa, e seu mito tinha enorme importância no antigo Egito. Estava ligada aos cultos do Sol (Amon-rá), e as cerimônias religiosas tinham lugar na cidade egípcia que ficou conhecida entre os gregos como Heliópolis (cidade do Sol). O mito conta que sua pátria era a Etiópia, cujo nome em grego é *Ethi* (de “etos”, “ética”) e *Ópis* (“vista”, daí “óptica” ou “ótica”). Vemos então que essa terra tinha um valor sagrado para os antigos egípcios, significando o lugar onde se ia buscar a ética. Segundo a tradição, essa ave maravilhosa vivia muitos séculos. Segundo alguns, mais de cinco; de acordo com outros, até cento e vinte séculos ou doze mil anos. Assemelhava-se a uma imensa águia de plumas vermelhas, azuis e púrpura. O mito conta ainda que era única e não podia reproduzir-se, mas somente recriar-se. No final de sua vida, recolhia-se num ninho de ervas aromáticas, para então atear-lhe fogo e arder até não restarem senão cinzas. Mas é justamente dessas cinzas que ela renascerá ou se recriará. Outra versão conta ainda que, enquanto ardia, morria impregnada pelo seu próprio sêmen, que espalhara no ninho.

Nascia então uma nova Fênix, que recolhia as cinzas do cadáver de sua vida anterior, colocando-as num tronco de mirra e levando-as para Heliópolis, onde tinha lugar uma grande cerimônia anual. Eram postas então num altar do Sol, e a fabulosa ave sobre elas sentava: esta era a garantia de seu renascimento. Esses rituais estavam ligados àquilo que os egípcios chamavam de “grande ressurreição” ou “ciclo das

metamorfoses”. O Fênix representa morte e ressurreição, mas, mais exatamente, remete ao tema da metamorfose e da metempsicose (metamorfose significa “a forma que evolui”, e metempsicose, “a psiquê que volta a viver”).



Agora podemos compreender melhor o significado do Fênix: trata-se aqui da questão de que o homem deverá encontrar durante toda a sua vida meios para recriar-se e evoluir, mesmo quando não houver, aparentemente, a menor esperança. Eis o desafio proposto pelo Fênix: renascer das cinzas. E quem for capaz de fazê-lo terá então encontrado os meios para vencer os entraves e os fracassos que a vida muitas vezes nos impõe. Mas há mais. Está em jogo outra questão fundamental. Trata-se aqui de uma criação desvinculada das leis da reprodução, ou seja, não é nos filhos que encontraremos a garantia para a nossa continuidade – isso apenas garante a continuidade da espécie humana. O recriar-se é um desafio proposto para o caminho da evolução espiritual do homem e, dessa forma, compreendermos que caberá a cada um de nós sempre renascer, ou seja, evoluir. O destino individual é um compromisso do homem com os deuses, e seus filhos nada têm a ver com isso.

Essas questões colocam, mais uma vez, desafios para a modernidade.

Já se tornou lugar-comum os homens depositarem suas esperanças e conquistas em seus filhos, desistindo assim de buscar em si mesmos sua evolução. Dessa maneira, abandonam seu projeto pessoal para evoluir e ainda por cima impedem que seus filhos busquem os seus, tornando-os depositários de esperanças e anseios que não lhes pertencem. Como resultado, vemos os pais abandonando a si próprios para viver somente para seus filhos, e estes impedidos de buscar a si próprios, no afã de realizar os anseios neles depositados. Assim morre o Fênix de cada um, sem possibilidade de renascer. Somente quem tiver a coragem de buscar seu próprio destino e enfrentar os desafios propostos pela metamorfose, ou evolução pessoal, poderá alcançar a grandeza e a beleza que essa ave significava.



QUIMERA E BELEROFONTE

PARA APRENDER A NÃO BUSCAR IDEAIS IMPOSSÍVEIS QUE NOS DESTROEM

Belerofonte significa em grego “aquele que matou Béleros”. Conta o mito que foi morto acidentalmente por aquele que era seu irmão e este fato trouxe-lhe má fama, passando a ser conhecido por esse nome. O mito conta que se hospedou no palácio do rei de Argos, Proeto. Sua esposa, Anteia, acusou Belerofonte de tentar seduzi-la, e o rei, para vingar-se, enviou-o à Alícia, numa missão difícil, com a esperança de que nela morresse. Como ele obteve sucesso, no décimo dia enviou-lhe a ordem de combater a Quimera. Era um monstro com cabeça de leão, cauda de dragão, corpo de cabra e asas. Deitava fogo pela boca, destruindo qualquer arma que dela se aproximasse. Gaia entregou-lhe um cavalo alado, Pégasus, para combatê-la. Nasceu da cabeça da Medusa, uma das três Górgonas. Esse cavalo simbolizava o sonho do homem em poder voar cada vez mais alto, e o fato de ter nascido da cabeça cortada da Medusa é revelador, porque mostra que, ao vencermos o medo do desconhecido que ela representa, abrem-se as portas do conhecimento, para podermos voar cada vez mais alto.

O tema da Quimera é uma reflexão justamente sobre esses voos. Pode o homem sempre voar mais alto? E de que modo deverá fazê-lo? Já a Quimera representa os terríveis monstros que podemos encontrar quando voamos muito alto em busca do desconhecido. Belerofonte valeu-se de um estratagema para matá-la. No lugar de utilizar armas de ferro ou de bronze, fabricou uma lança de chumbo e montou no seu cavalo Pégasus para combatê-la. Quando dela se aproximou, jogou-lhe a lança, e esta imediatamente derreteu sobre ela quando lançou suas chamas. Como resultado, o chumbo derretido caiu sobre seu corpo, ferindo-a mortalmente. Orgulhoso de sua vitória, considerou-se capaz de ir ainda mais alto e elevar-se até os céus. Fez com que Pégasus,

então, alçasse voo em direção ao Olimpo. Mas, quando se aproximava, o grande Zeus percebeu e fulminou-o com seu raio, dizendo-lhe: “Não é desse modo que chegarás aos céus”. A soberbia dos homens faz com que eles frequentemente queiram voar alto demais, mas não será pelo caminho do conhecimento, que esse cavalo representa, que chegarão aos deuses. O voo para alcançá-los é outro, e somente o caminho da iniciação e da espiritualidade é que o permite.



E, realmente, aqui se coloca o verdadeiro significado da Quimera. É um monstro que representa o desafio em alcançarmos altos ideais, mas, quando conseguimos, podemos encontrar nossa própria destruição. Aliás, chegou até a modernidade a famosa expressão “perseguir ideais quiméricos”, que significa justamente isso. A Quimera pode ser vencida com estratégias como a lança de chumbo, que representa a nossa condição mortal, mas nunca alcançaremos o céu, por mais poderosos

que sejam nossos cavalos. A superação dessa condição só pode ser feita por outras vias, como bem mostra a advertência de Zeus a Belerofonte.

A história da humanidade relata bem as consequências de perseguirmos ideais quiméricos. Quantos e quantos não se destruíram nessa busca! Veja-se desde a história de Alexandre Magno (cujo império ruiu logo após sua morte), a França esfacelada por Napoleão Bonaparte (cujos loucos ideais queriam transformá-la num imenso império), à história da Alemanha nazista (cujos horrores tão bem conhecemos) e agora, mais recentemente, às loucuras que o imperialismo americano tenta impor ao mundo.

Já no plano individual, a história também se repete. A busca por ideais materialistas, de conquistar mais e mais, frequentemente leva o homem a sacrificar a saúde e mesmo a vida nessa busca. Sim, ele consegue grandes fortunas, muitas vezes, ou então conquistas materiais com as quais sonha, voando em seu cavalo e matando as quimeras que porventura ameacem a realização de seus sonhos. Mas, no entanto, trabalha como um alucinado, sacrifica a saúde e especialmente o prazer de viver para poder conquistar status e objetos de consumo. Não é preciso muita reflexão para perceber o altíssimo custo que paga para realizar seus ideais quiméricos e que, além disso, não se aproxima dos deuses. Ao contrário, afasta-se, sendo a qualquer momento por eles fulminado, seja por doenças inesperadas ou outras formas de perder a alegria de viver.

ÁCTEON E AUTONÓE

PARA RESPEITAR O SAGRADO DA NATUREZA

Ácteon era filho de Autonóe. O mito conta que, quando caçava um cervo ou um javali (segundo outra versão), nas montanhas, deparou com um vale rodeado por densa vegetação de ciprestes e pinheiros. Mas era um lugar interdito, por ser uma floresta consagrada à deusa Ártemis e, portanto, vetada aos homens e à caça. Na extremidade do vale havia uma gruta de extraordinária beleza, e a abóbada de seu teto parecia cravejada de brilhantes. De um de seus lados jorrava uma fonte e suas águas cristalinas serviam para banho e repouso da deusa.

Um dia, enquanto se banhava acompanhada de suas ninfas, Ácteon deparou-se com ela. Vagava sem destino, pois, tendo se separado de seus companheiros, dispusera-se a conhecer o fascinante vale. Sabia que era interdito, mas assim mesmo aventurou-se a explorá-lo. Ao encontrar a maravilhosa gruta, por ela adentrou. As ninfas, vendo-o, correram para junto da deusa para cobri-la com seus corpos. Mas a deusa Ártemis era muito mais alta do que elas e, assim, Ácteon cometeu a profanação de ver a deusa nua. Uma cor cinzento-avermelhada, semelhante às nuvens crepusculares, cobriu o rosto e o corpo de Ártemis, apanhada de surpresa. Foi o vento Bóreas que lhe enviou essa capa em seu socorro.

Altiva, a deusa fez com que as águas da fonte se atirassem contra Ácteon e exclamou: “Agora vai e dize – se te atreves – que viste o sagrado nu, sem suas vestes, sem a forma que convém”. E, então, um par de chifres cresceu em sua cabeça, seu pescoço encompridou e suas orelhas tornaram-se pontudas, com o corpo de um quadrúpede e coberto de um pelo espesso. Sua ousadia agora era medo intenso, e Ácteon precipitou-se em fuga incontida, mas foi inútil. Seus próprios cães haviam-no farejado e, em louca disparada, já o perseguiam para

cercá-lo numa ravina próxima e despedaçá-lo – sem reconhecê-lo como seu dono, mas como sua própria caça. Ele gemeu e gemeu, mas era um gemido que não era humano, e também não era de um cervo. Finalmente, caindo de joelhos, ergueu os olhos para o céu, e teria erguido os braços em súplica, se os tivesse ainda. Por ironia, todos os seus amigos festejaram a caçada, chamando por Ácteon para com eles comemorar...



Esse mito mostra como deve ser visto o sagrado: jamais com os olhos, pois estes são símbolo de profanação, buscando ver o que há de concreto no divino, sendo esta tarefa absurda e impossível. Sua mãe, Autonóe, educara seu filho como um valente que nada temia, nem mesmo os deuses. Aliás, seu nome revela muito bem quem ela era: *auto* (“por si mesma”) e *nóe* (“o sentido”, “o significado”). Ou seja, queria dizer que ela não precisava dos deuses para encontrar nenhum sentido

nem significado para o mistério da vida. E assim educou seu filho, o qual, cheio de arrogância e soberbia, achava que nada existia além do que seus olhos pudessem ver. E seu nome é igualmente revelador: Ácteon vem de *Ac* e *Theon*, ou seja, “aquele que não precisa de deus”. De seu nome derivou em nossa língua a palavra “ateu”...

Agora o significado do mito fica claro: aquele que não crê despreza o sagrado, e este encontra-se na própria natureza. Profaná-lo, no entanto, custa a própria vida. É muito triste o final da vida de um ateu, pois, quanto mais a morte se aproxima, mais ele se desespera, apegando-se às coisas materiais, uma vez que para ele nada existe depois da morte. Esse é o suplício do ateu, pois ele mesmo construiu um vazio insuplantável para si próprio.

O REI ERISICTÃO

PARA NÃO DEVORAR OS OUTROS E ACABAR DEVORANDO A SI PRÓPRIO

Ovídio, em seu livro *As metamorfoses*, conta a história desse rei, filho de Tríopa, a quem Deméter infligiu o mais terrível dos castigos. Tinha ele um desprezo sacrílego pelos deuses e jamais queimara incenso em seus altares. Um dia, ousou profanar com seu machado um bosque sagrado dedicado a Deméter. É que lá existia um imenso carvalho, que por si só já era um bosque, e que todos os habitantes da região veneravam e enfeitavam com fitas e guirlandas, como testemunho de sua adoração e gratidão à deusa. Vale notar aqui que as árvores tinham valor sagrado na antiguidade, sendo severamente castigado, inclusive com a morte, quem ousasse derrubar uma sem motivos importantes. Outra curiosidade refere-se à origem da árvore de Natal em nossa tradição: trata-se do costume arcaico de enfeitar as árvores que não feneciam no inverno, exatamente como relatamos aqui.

Voltando ao mito, Erisictão não se importou e ordenou a seus servos que derrubassem o carvalho sagrado, proferindo as seguintes palavras: “Quer esta árvore seja cara a Deméter, quer seja ela a própria Deméter, sua copa verdejante logo se espalhará pela terra”. Ditas essas palavras, começou ele mesmo a golpear o carvalho com o machado. Ocorreu então um milagre: de suas feridas começou a correr sangue, o que aterrorizou todos os presentes. Um deles, o único que teve a audácia, tentou impedir a consumação do crime, detendo a mão do rei. Este, por sua vez, disse-lhe: “Toma o prêmio do teu piedoso zelo”. E desferiu-lhe uma machadada, cortando-lhe a cabeça. Redobrou então os golpes contra o carvalho, quando de uma cavidade da árvore saiu uma voz que lhe disse: “Sou uma ninfa cara a Deméter e esta árvore era o meu asilo. Minha voz moribunda anuncia que é eminente o castigo por teus crimes. Tua morte consolará a minha”.

Mas a ameaça não deteve seu ardor assassino. Após muitos golpes e puxões de cordas, ele derrubou o carvalho sagrado, destruindo em sua queda grande parte do bosque. Indignadas, e chorando pela injúria ao bosque e pela morte de sua irmã, as Dríades, ninfas que habitavam os carvalhos, foram de luto pedir a Deméter a justa punição para o ímpio rei. Deméter impôs-lhe então um castigo, entregando-o aos suplícios da fome eterna. Ordenou aos ventos que levassem a fome (*Pênia*, em grego) a seu palácio, e esta penetrou-o, indo direto a seu leito.



Era noite, e o rei estava em profundo sono. A fome leva alento a sua boca, garganta e entranhas. Cumprida a tarefa, abandona o local, onde reinava a abundância, e retira-se de volta para o deserto, que era seu antro estéril. O rei, enganado por um sonho, pede para comer. Sua boca se abre e se fecha sem parar, os dentes rangem e a garganta insaciável devora manjares de sua imaginação, mas o vazio é o único alimento que encontra durante o sonho para sua voracidade. Ao despertar, sua fome é uma raiva enlouquecida, que tudo quer engolir. Ordena no mesmo instante que o ar, a terra e as águas sejam despojadas de tudo que possuem para ele. Os manjares chegam a sua

mesa, e ele os devora sem cessar. O que bastaria para alimentar cidades e povos inteiros, para ele não era suficiente. Seu apetite cresce à medida que devora os alimentos. Enquanto mastiga a carne em sua boca, pede mais e mais, e cada manjar desperta-lhe novo e maior desejo.

Finalmente, no fundo de suas entranhas desaparece seu patrimônio e, depois de ter esgotado todas as riquezas, não lhe resta senão uma filha, digna de outro pai. É que todos os servos e habitantes tinham abandonado o seu reino, que se havia transformado em um deserto. Mas o rei, insaciável em sua fome, vende a filha como escrava para poder comprar mais comida. Ela, porém, sendo muito amada por Poseidon, é transformada em pescadora e assim salva da escravidão. Volta para seu pai, mas ele a vende novamente. O deus então transformou-a em égua, e ela novamente retorna ao palácio. Seu pai mais uma vez tenta vendê-la, mas o deus Poseidon fará com que ela parta e não retorne mais. Finalmente, Erisictão, cada vez mais enlouquecido pela fome, começa a devorar suas próprias carnes, até que nada mais dele reste.

Esse mito encantador dispensa explicações quanto a seu significado. Quem destrói a natureza e não a respeita acabará devorando a si próprio, já que esta não se vinga da devastação que lhe impomos: simplesmente transforma-se em um deserto. É de se lamentar, mais uma vez, que a modernidade ainda esteja tão surda e cega para essa questão, envolvida em sua alucinada ânsia consumista.

SÍSIFO: O MAIS ASTUTO DOS MORTAIS QUE TENTOU ENGANAR A MORTE

PARA APRENDER QUE QUANTO MAIS SE ECONOMIZA A VIDA MAIS SE ENCONTRA A MORTE

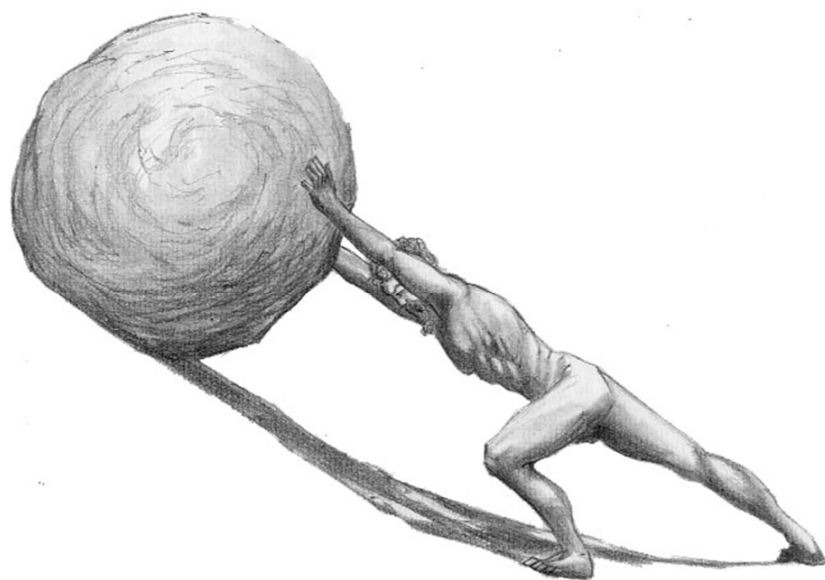
O mito conta que Sísifo era o mais astuto dos mortais e o menos escrupuloso. Amava a vida, com todos os prazeres materiais que ela lhe pudesse oferecer. Sua maior tristeza era saber que haveria de morrer, deixando tudo aqui. Era filho de Éolo, e este pertencia à raça de Deucalião e Pirra, considerados a origem da raça dos homens mortais. Era ainda fundador de Corinto e pai de Odisseu.

Traiu Zeus ao revelar uma de suas aventuras, quando este raptara Égina, filha do deus-rio Asopo, dando-lhe a nascente de um rio para Corinto em troca. Zeus já estava encolerizado com Sísifo por seu hedonismo (buscava o prazer na vida como um fim em si mesmo) e seu desdém pelos deuses. Decidiu então enviar-lhe a Morte como castigo, mas o astuto Sísifo, percebendo sua aproximação, conseguiu aprisioná-la. Assim, não só ele, mas todos os mortais puderam continuar vivendo indefinidamente.

Acontece que o Hades (o mundo subterrâneo dos mortos) era um lugar onde eles passavam e depois partiam em direção a seu astro-guia, para se preparar para voltar a viver. Desse modo, não permaneciam lá. Esse mundo devia receber sempre novos mortos para habitá-lo. Como a Morte estava aprisionada, os homens deixaram de morrer, o que acabou por esvaziar esse tenebroso local. Hades ou Plutão, que governava esse mundo, queixou-se para Zeus de que seu reino estava praticamente vazio. Este imediatamente descobriu o ardil de Sísifo em aprisionar a Morte. Decidiu então dar-lhe o mais terrível dos castigos: fulminou-o com seu raio e, após libertá-la, aprisionou-o no Hades, condenando-o a

rolar eternamente uma pedra colina acima e, quando ela estivesse quase no topo, rolasse de volta para baixo, para tudo começar de novo.

E aqui encontramos o significado central desse mito. A pedra rolando eternamente e sendo levada outra vez colina acima simboliza a mais inglória das tarefas: é inútil rolá-la para cima, pois ela retornará a seu ponto de partida; mas, embora sem sentido, é preciso rolá-la novamente. Isso representa o pior dos castigos que um homem pode ter: realizar um trabalho de modo insano e sem sentido. Para o pensamento antigo, tinha um significado ainda maior. Permanecer no Hades, sem poder retornar para seu astro-guia e voltar a viver, era o pior dos castigos, pois significava perder o mais sagrado dos direitos de uma alma: o de prosseguir em seu destino, evoluindo cada vez mais numa nova existência, para finalmente reconquistar a imortalidade perdida. Assim, Sísifo sofre o pior dos castigos, pois perde o direito de ter um destino a cumprir. Representa a perda da busca e da evolução: tudo que ele realiza é inútil e de nada serve para sua elevação; ao contrário, ele ironicamente atingiu a “imortalidade”, só que da pior forma, e não vai a lugar algum. Podemos compreender que, mais uma vez, esse é o sentido e o destino daqueles que estão presos ao material e à busca incessante do prazer como um fim em si mesmo: estão condenados a não ir a lugar algum, ou seja, estão rolando uma pedra sem sentido, e só eles não foram avisados.



Os MONSTROS MÍTICOS

PARA CONHECER E APRENDER A LIDAR COM AS FORÇAS DA PSIQUÊ CÓSMICA

Na tradição mítica, os chamados monstros eram entidades que destruíam, que infligiam castigos ou mesmo produziam milagres. Gerados pelos deuses ou por semidivindades, tinham como função opor-se e/ou complementar as funções cósmicas. Serviam, além disso, como desafio para o aperfeiçoamento do homem em seu caminho em direção aos deuses.

Gaia, a grande mãe cósmica primordial, gerou muitos monstros. É que, sendo a fecundidade cósmica primordial, “ela é todo o possível” (Hesíodo, *A Teogonia*). Podemos citar, entre eles, o terrível gigante Tifoeu, que cortou os tendões de Zeus para tirar-lhe a força. Daí originou-se a palavra “tufão”, em nossa língua, que simboliza as terríveis forças cósmicas que desafiam a criação.

Ela gerou outros monstros também, como a Esfinge, cujo significado e função examinamos no início desta obra. Outro monstro terrível por Gaia gerado foi Cérbero, o guardador dos juramentos, conforme vimos no capítulo dedicado ao deus infernal, Hades. O leão de Neméia, tema do primeiro trabalho de Hércules, é também gerado por Gaia, e ele representa as forças instintivas e brutais que devem ser dominadas para poder construir um homem civilizado. Gerou também a terrível serpente Python, origem da palavra “piche” em nossa língua, que representa a escuridão da ignorância que Apolo, o deus da luz, teve de vencer. Claro que isso também representa um caminho para o homem: para alcançar a luz, a única possibilidade é vencer a ignorância.

Gaia gerou ainda os gigantes e os ciclopes, monstros a serviço dos deuses. Eles representam forças cegas da natureza que podem ser postas a serviço da criação. Os gigantes, como o próprio nome sugere, são potências monumentais, e os ciclopes, “aqueles que têm um único

olho”, representam também forças primordiais e concretas, uma vez que seu único olho simboliza a visão concreta, enquanto os dois olhos representam a visão lógica e racional e, finalmente, a chamada “terceira visão” representaria a mais elevada forma de compreensão, ou seja, a intuição e a profecia. Note-se que a palavra “profeta” é a união de dois radicais gregos: *pro*, que significa “ir em direção”, “anteceder-se”, e *fos*, “luz”, ou seja, profeta é aquele que vai em direção à luz, podendo mesmo precedê-la.



Há outros monstros que servem exclusivamente aos deuses, com função auxiliar na ordem cósmica. Vejamos os principais:

- **Parcas ou Moiras:** Zeus é seu condutor, e elas governam a vida que está disponível para cada mortal. São elas:
- **Láquesis**, aquela que tece o fio da vida e representa nosso passado cósmico.
- **Clotó**, aquela que enrola o fio no fuso ou na roda da vida e

representa nosso presente.

- **Atropos**, aquela que corta o fio da vida e representa o futuro incerto.

Elas aparecem sempre representadas com um tear em que exercem a função de distribuir o fio da vida e cortar quando Zeus ordena. Os símbolos aqui contidos são muito significativos e mostram que, embora ninguém possa fugir da condição mortal, cada um é em parte por ela responsável. Assim, nosso passado cósmico é de nossa responsabilidade, ou seja, o que fizemos nesta e em outras vidas haverá de pesar em nosso presente e futuro. Da mesma maneira, somos responsáveis em boa parte pelo que ocorre em nosso presente, e este haverá de influir em nosso futuro. Vemos assim que, embora o ser humano não possa responder plenamente pelo que ocorre em sua existência e muito menos fugir de sua condição mortal, em grande parte também é responsável.

Outras divindades de grande importância eram as Erínias ou Fúrias ou ainda Eumênides. Estas estavam a serviço do deus Hades e participavam do julgamento de cada alma em presença da grande juíza infernal, Perséfone. Sua função era vingar os juramentos falsos e examinar se cada homem havia cumprido, enquanto em vida, a exigência de ser verdadeiro e realizar todos os dotes e talentos que recebera dos deuses. São elas:

- **Tisífone**, a vingadora dos falsos juramentos.
- **Megera**, aquela que semeia a discórdia entre os injustamente vitoriosos e os castiga.

Esse nome é tão famoso que chegou até os nossos dias, indicando uma mulher particularmente rancorosa e má. Claro que, originalmente, sua função era outra, como já vimos. Mas é que, pelo fato de ser implacável, ela ganhou essa fama na modernidade.

- **Álecto**, aquela que atormenta sem descanso os falsos, os injustos e os mentirosos. Podemos dizer que daí originou-se a ideia moderna de “dor na consciência”.

Essas três terríveis semidivindades tinham, portanto, uma função fundamental não apenas para julgar as almas dos mortos, mas para alertar os mortais enquanto em vida.

As Hárpias são enviadas por Zeus e Hera para semear a fome e disseminar as desgraças decorrentes dos vícios entre os mortais. Também eram três:

- **Selsênio**, que representa a obscuridade.
- **Aelo**, que representa os tormentos.
- **Ocitre**, que representa a pressa.

Suas funções dispensam maiores explicações, ou seja, a obscuridade ou a ignorância, o atormentar-se e a pressa em obter mais e mais são vícios tão presentes na modernidade, e a humanidade ainda insiste em desprezar.

As Górgonas ou Gorgós são monstros terríveis que desafiam a sabedoria, a deusa Atená. Já vimos em outro capítulo que o jovem herói Perseu foi enviado pela deusa para cortar a cabeça daquela que a desafiou, a Medusa, cujo olhar petrificava até a morte aquele que ousasse encará-la e cujos cabelos eram serpentes.

- **Estênio**, a mais velha das três Gorgós, significa “aquela que oprime”.
- **Euríale**, significa “o que é desconhecido e não se vê”.
- **Medusa**, que, como já sabemos, é “o olhar que petrifica”.

Todas elas representam o sufoco e a angústia que o desconhecido provoca. A palavra “Gorgó” ou “Górgona” originou em nossa língua “garganta”. E essa semelhança não é casual, pois ela representava o

risco de morte que está contido ao se apertar a garganta. E isso vai desde o bote fatal de um predador para matar sua vítima até o “engasgar”, que simboliza nosso embaraço e confusão diante do desconhecido.

As Graias são as irmãs mais velhas das Górgonas e representam a decrepitude e a insanidade de quem quer viver mais do que o necessário. Cometeram a tolice de pedir a Zeus, quando este lhes concedeu um favor, para não morrer, mas esqueceram de pedir-lhe para não envelhecer também. O deus concedeu-lhes a imortalidade, mas não a eterna juventude. De tal modo envelheceram, então, que restou um único olho e um único dente para servir as três. O símbolo não poderia ser mais claro. Vale a pena viver com um único olho e um único dente, ainda por cima dividido entre três?

- **Enio**, a mais velha das três, representa a preocupação.
- **Pefredo**, aquela que nunca descansa.
- **Dino**, a força bruta.

Mais uma vez, os significados são evidentes, ou seja, quem pratica o que elas representam pode até viver além da conta, mas será uma vida que dificilmente valerá a pena.

As sereias são outras semidivindades cuja fama chegou até a modernidade. É bastante conhecido seu ímpeto sedutor e assassino, pois, ao encantarem os homens com suas doces melodias, atraíam-nos para a morte. Ao contrário do que ficou popularmente estabelecido, na antiguidade não eram figuras metade humanas e metade peixes, mas pássaros com cabeça de mulher. De todo modo, seu significado era que os homens morriam porque, encantados com suas belas melodias, esqueciam de alimentar-se. E podemos dizer que, até hoje, as paixões desvairadas contêm esse risco.

Há ainda muitos outros monstros, alguns dos quais já conhecemos nesta obra, tais como a Quimera, o Fênix e o Minotauro. Vale notar que a maioria das divindades monstruosas tem caráter feminino,

especialmente aquelas que auxiliam os deuses em ordenar a criação. Mais ainda, representam as forças terríveis da criação, que nos ensinam a arte de viver. O fato de serem femininas revela que essa energia cósmica tem um poder extraordinário e que não pode ser medido em “quantidade de músculos” ou racionalmente.



OS GRANDES PRINCÍPIOS MÍTICOS

DO CAOS À CRIAÇÃO

AS ERAS DE URANO E GAIA, KRONOS E REA, ZEUS E HERA. PARA CONHECER AS ETAPAS DA EVOLUÇÃO CÓSMICA

Nossa tradição relata apenas que Deus fez o mundo em seis dias e descansou no sétimo. Mas não conta como fez para se confrontar com o deus Baal (idolatrado pelos hebreus na época de Moisés) e estabelecer sua primazia. Na *Teogonia* vamos encontrar essa temática muito mais desenvolvida. Não vemos uma força divina única que se impõe, mas encontramos nela a história de inúmeras forças – titânicas – que lentamente lutam contra o caos, ou contra forças anteriores para se impor.

As divindades anteriores, substituídas pelas posteriores, não morrem. São imobilizadas no Tártaro (região abissal, próxima do caos primordial), significando guardar vigilância para que essas forças não venham à tona. A afirmação “no princípio era o Caos, e então se fez o mundo” é aqui desenvolvida e explicitada no mais arcaico texto que dispomos: o livro de Hesíodo, *A Teogonia*, onde são descritas quatro eras cósmicas e três dinastias divinas que se sucedem. As eras cósmicas são: a Era de Caos, a Era de Urano e Gaia, a Era de Kronos e Rea, a Era de Zeus e Hera.

Dessas quatro, as três últimas são dinastias divinas, porque a primeira é ôntica (não representa um esforço em direção à criação, sendo apenas a possibilidade, ou seja, o chamado não ser).

A condição de que “no princípio era o caos” é admitida em todas as teogonias conhecidas. Mas o que significa essa era anterior e as três dinastias que se sobrepõem? Caos, para o pensamento arcaico, não significa desordem, e sim o cósmico aglomerado de matéria primordial. É aquilo que dá condições para o ser – o abissal, o obscuro do inconsciente universal, o que antecede o ser. Esta é a matéria primordial

que antecede o ser e que tomará forma, e é ela que se transformará num universo ordenado. A primeira dinastia é então a emergência do caos em direção a algo, porque o universo torna-se ordenado quando cada potência recebe um nome e uma função (para o pensamento arcaico só se nomeia algo que tem função no plano do ser; nomear é uma função sagrada).

A segunda era cósmica e primeira dinastia – cada potência, ao receber uma função e um nome, passa de potência pura para potência matriz. Já existe uma direção, uma possibilidade – está nomeada, e esta é a característica da passagem da primeira era para a segunda e para a primeira dinastia, que é a de Urano e Gaia.

Em grego, Urano significa céu, o grande céu estrelado, a imensidão cósmica, as possibilidades infinitas. Urano é gerado por Gaia, o imenso seio da terra. “...é todo o possível, de amplos seios e largas cadeiras” (Hesíodo, *A Teogonia*). Podemos esquematizar da seguinte maneira:

2ª ordem cósmica e 1ª dinastia	Urano	ovo cósmico	Eros = potência, a força criadora do universo, princípio motor cósmico
	Eros		
	Gaia		

Urano une-se a Gaia e gera o ovo cósmico. Em seu interior nasce “Eros, o princípio motor cósmico”. Daí a antiquíssima proibição de comer ovos na Páscoa – que surge em antagonismo ao costume moderno de comê-los nessa época. Para os egípcios, como já vimos, não era permitido comer ovos – o princípio criador –, pois fazer isso significava impedir seu fluxo, sendo portanto um sacrilégio. Devemos ressaltar que Eros terá papel fundamental na criação, sendo considerado

a mola propulsora dos deuses e dos homens.

A segunda era cósmica e primeira dinastia tem como característica o ôntico (o ser das coisas) aprisionado. Observa-se que, do possível ao ser, um longo caminho deverá ser percorrido. É uma era que imobiliza a criação na escuridão abissal, por isso ele aprisiona no Tártaro seus filhos, os titãs, que são doze (seis titãs e seis titânesas). São estas as forças primordiais, que descrevemos a seguir:

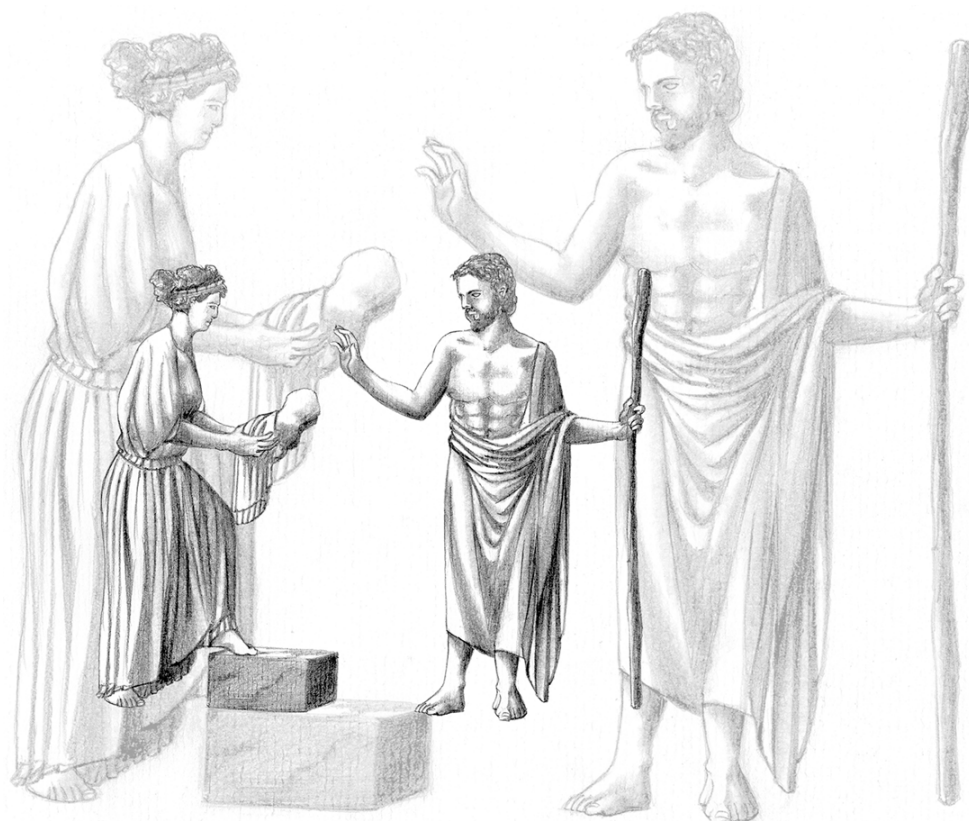
Masculinas	Representação	Femininas	Representação
Okeanos	Líquido	Téthys	Nutriz
Krios	Frio	Theia	Luminosidade
Keos	Terrestre	Thêmis	Honra, Justiça
Ypérion	Superlativo (sobrenatural)	Mnemosine	Memória do Eterno
Yápeto	Espacialidade	Febe	Terror do Real
Kronos	Temporalidade	Reia ou Rea	Duração

A terceira era cósmica e segunda dinastia – segundo a tradição, Urano é castrado por seu filho mais jovem, com a ajuda de sua mãe, Gaia. Dos órgãos atirados ao mar surgem as Fúrias, e de seu sêmen, Afrodite. Inicia-se uma nova era e a segunda dinastia – de Kronos e Rea –, sua irmã mais velha, que tem seis filhos (três deuses e três deusas).

Masculinas	Representação	Femininas	Representação
Hades	O infernal	Héstia	Lar; o interior do ser
Posseidon	Os mares	Deméter	Fecundidade da terra
Zeus	O céu; a terra	Hera	Casamento

É a era da foice recurva ou do curvo pensar, que representam a temporalidade a nos consumir e o pensamento que, em lugar de criar e construir, dá voltas e mais voltas, sem chegar a nada. Em sua obra *Os trabalhos e os dias*, Hesíodo recomenda ao homem a ética da vida. Ensina como cultivar a boa Éris (a luta construtiva) e afastar a má Éris (a disputa). Alerta sobre os perigos de cair nas malhas de Kronos e ser por ele devorado. Alerta ainda para não se deixar enredar no curvo pensar. Kronos está no próprio homem. A qualquer momento se pode cair nas

malhas da potência contida ou da potência recurva; pode ainda ser subjugado por Urano. Pertencer a Zeus é uma conquista árdua para os mortais. O homem nasce esquecido de seu passado cósmico e deverá, com muita luta, conquistar a era de Zeus. Já na nossa tradição parece que nascemos prontos, expulsos do Paraíso, e pertencemos a um Deus único. Na *Teogonia* encontramos o homem pertencendo a todas as eras e perdendo-se em uma ou mais delas. É outra concepção do humano, um desafio para os homens encontrarem seus deuses, e é sua obrigação espiritualizar-se. Sempre correremos o risco de nos perder nas cavernas do Tártaro ou nos círculos viciosos do curvo pensar. Assim como foi árduo para os deuses consolidar a criação, será também para nós. Nosso inconsciente psicológico é idêntico ao inconsciente cósmico, contendo as mesmas armadilhas e/ou possibilidades. Mais uma vez, Hermes deve ser lembrado aqui, ao enunciar que “o microcósmico é idêntico ao macrocósmico e segue as mesmas leis”.



A castração de Kronos por seu filho mais novo leva-nos à quarta era cósmica e terceira dinastia: É a ascensão de Zeus, que escapa de ser engolido por seu pai graças a um ardil de sua mãe Rea. Esta, desesperada porque seu esposo engolia os filhos tão logo nasciam, deu-lhe uma pedra envolta em um lençol no lugar de Zeus. O devorar os próprios filhos representa o estágio intermediário da criação: eles não são jogados no Tártaro, como na era anterior, quando isso significava um impedimento da criação de seguir seu curso, mas são devorados pela temporalidade, que é Kronos. Quer dizer, agora a criação não é impedida, mas consumida – daí a representação da foice recurva, pois ela parte mas retorna ceifando, mutilando tudo que tenta expandir-se como criação. Kronos será castrado e destronado por seu filho mais jovem, com a ajuda de sua mãe Rea. Tem seus genitais atirados no Tártaro – a força recurva deve ser atirada ao Tártaro. É isso que deve ser contido e dominado, mas esse recurvo deve ser substituído pela força da criação (superação da contenção em direção à expansão). Estava inaugurada a era criadora por excelência.

Zeus é energia criadora que se une com as outras potências parciais e se multiplica. É a potência retilínea, a força da criação, a flecha, a linha reta do templo, a retidão de caráter (caráter é igual a régua, “o ser que foi traçado pela retidão”, sendo o oposto do recurvo, em que tudo parte e retorna, jamais se expandindo em obra criada).

Mas não basta castrar Kronos e imobilizar seus genitais no Tártaro. Zeus deve vencer a força devoradora da temporalidade, usando a força da criação. Só ela é imortal, e esta é outra chave do pensamento helênico. Kronos, o tempo, não cria, só flui à deriva, por isso se curva e não tem a retidão. Aqui está o princípio da imanência: a negação da transcendência e da criação.

Zeus será a era do retilíneo fluir. Esta é também a fatal destruição do tempo que gera os anos e nos corrói. Será o conúbio entre o temporal e o eterno e a chave do ser humano: superar sua condição mortal por meio de suas criações, imitando assim os deuses. Hesíodo recorda que

os homens são mortais e imortais ao mesmo tempo.

Temos uma ideia cristã acerca disso e achamos que somos só mortais aqui na Terra, esquecendo a parte imortal – a divina, que é nossa energia criadora.

Temos, pois, uma parte mortal e outra imortal, e aí está nosso desafio: a superação da mortalidade, para a qual só há uma saída – servir a Zeus e ser criador. A energia criadora, a serviço da vida, é um ato religioso por excelência, e espiritual. Mas não é um ato erudito como é para a modernidade, muito menos está desvinculado da ética da vida. É a mais elevada e obrigatória das funções que todo cidadão tem o dever de atingir, caso contrário sequer será visto como pessoa e não pertencerá à era de Zeus – será um bárbaro. Não ser criador é não ser helênico, civilizado, é pertencer à era de Kronos, é ser devorado pelo instintivo, pela torpe temporalidade.

O homem helênico só se define quando transcende a temporalidade, isto é, na era de Zeus, e é por isso que representa para os antigos a onisciência e a onipotência. É um erro confundir a onipotência de Zeus e Hera com a força dos demais deuses. Não são doze deuses, mas sim a onipotência de Zeus e Hera mais suas doze manifestações (como Urano e Gaia e os doze titãs). Não é um politeísmo no sentido clássico, mas essa potência, para os humanos alcançar, tem degraus. É impossível chegar à onipotência e à onisciência. Antes há degraus, que serão os deuses; abaixo dos deuses, os semideuses; e abaixo deles, os mortais. Os deuses enviam seus filhos para indicar-lhes caminhos que devem e que não devem ser seguidos. São os messias aqueles que indicam os caminhos, e também o que não devemos fazer.

A partir de Zeus, portanto, essa potência será potência matricial, nem contida, nem devoradora, mas criadora. É energia que se multiplica, é temporalidade a serviço do eterno. “É o tempo que fabrica o eterno”, porque ao criarmos no tempo uma obra, produzimos algo imortal (eterno). É no tempo que está a grande lição: cria-se a imortalidade. É este conúbio entre o mortal e o imortal a característica da era de Zeus.

A dinastia de Zeus será iniciada com a luta chamada “Titanomaquia” (luta entre Titãs), em que Zeus se recolhe, com aqueles que estarão ao seu lado, no Olimpo, e os demais ao lado de Kronos, no monte Otris. Durante dez anos será travada uma enorme luta que ora penderá para um lado, ora para outro. Nela os famosos centímanos (os gigantes com cem braços) lutarão a favor de Zeus e conseguirão vencer. Essa é a primeira etapa da manifestação da força da transcendência. É uma longa luta e, para manter-se como tal, não bastará o poder criador, pois as forças titânicas estarão sempre se opondo. Zeus aprisiona todos os titãs vencidos no Tártaro. O exercício da virtude passa a ser a eterna vigilância do vício, que nada mais é do que impedir que a energia criadora seja por nós aprisionada nas profundezas de nosso inconsciente ou nas manias e no conformismo, que esgotam e ceifam (também temos uma foice recurva em nosso interior!). A vigilância é a própria iniciação. Essa mesma vigilância será exercida por Zeus, que os aprisiona no Tártaro, ou seja, o poder criador depende de uma vigilância contínua.

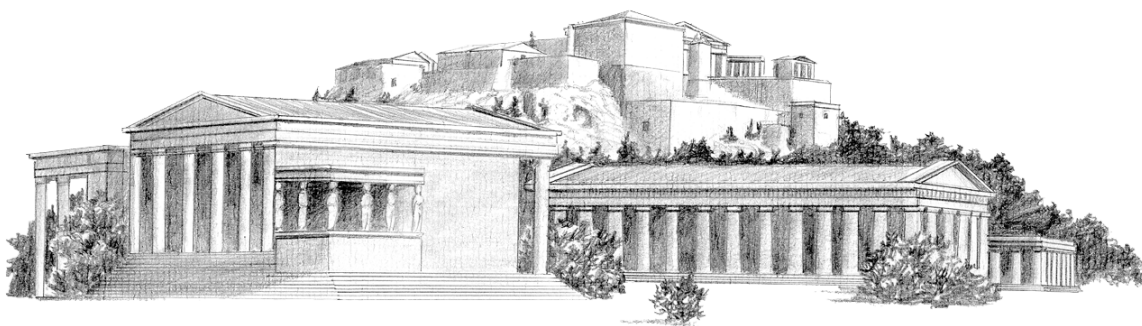
Haverá ainda, num segundo momento, a “gigantomaquia” (luta contra os gigantes). São filhos de Urano aprisionados no Tártaro, e aqui encontramos algo interessante: há três níveis de transcendências, que são representados pelos gigantes em seu primeiro nível. Os filhos de Urano são os Ciclopes (um único olho), e a tradição é claríssima: a Urano, um só olho; a Kronos, os dois; a terceira visão é de Zeus. Por que um olho só? Porque só vê o imediatamente concreto. A visão estereoscópica representa Kronos, a temporalidade – é um passo maior sim, é a razão que nos deslumbra, mas que é lamentavelmente limitada.

O terceiro olho é a verdadeira transcendência, a força criadora que pertence a Zeus. É a visão iluminada da intuição. As primeiras forças que se levantam contra Zeus são exatamente as ciclópicas, porque serão sempre as mais primitivas e estúpidas que se levantarão contra a criação.

Vemos então que, na *Teogonia* de Hesíodo, além da história da criação, temos também a história da criação no homem – de seu desenvolvimento – e uma psicologia voltada para o crescimento, unido a uma pedagogia e a uma ética.

Os MISTÉRIOS DE ELEUSIAS

UMA INTRODUÇÃO PARA SE APRENDER A ARTE DA LIBERTAÇÃO DO CICLO DA VIDA E DA MORTE



Falemos agora sobre um tema que, na tradição antiga, tinha imensa importância: os Mistérios de Eleusias. Antes, uma pequena introdução etimológica se faz necessária, para esclarecer as significações. Essas raízes nos revelam preciosidades tão grandes quanto as descobertas arqueológicas, porque as línguas antigas têm uma estrutura semântica hoje perdida. De um único radical derivava uma família de palavras extremamente próximas entre si, indicando a ação com total precisão, o que não se aplica nos idiomas da atualidade.

Nossas línguas, chamadas discursivas lineares, têm um discurso extremamente encadeado, sacrificando a configuração do símbolo. Isso nos obriga a somar as partes para poder remontar uma ideia, e com isso parece-nos que nossa linguagem é mais precisa. Diz-se que as línguas primitivas eram mais ideogramáticas, porque reuniam numa palavra uma estrutura simbólica complexa, de modo que eram mais primárias. Na verdade, possibilitavam um poder de memorizar extraordinário. Se conhecemos uma raiz, somos capazes de derivar inúmeras palavras dela, pois, conhecendo as regras de formação dos derivados, é mais

lógico do que a “decoreba”, a que somos obrigados para aprender uma língua. Isso nos ajuda a compreender a origem e o sentido real das palavras, perdidos no tempo.

Devemos ter em mente que as línguas evoluíram no decorrer de milhares e milhares de anos. Por exemplo, o grego de Homero não é o mesmo de Hesíodo que, por sua vez, difere do de Platão. São muitos os dialetos que surgiram no decorrer dos séculos. Imagine o português de quatrocentos anos atrás... Quantas diferenças existem em relação ao idioma contemporâneo! Muitas vezes, perdemos-nos nas tentativas de retornar ao passado linguístico, o que não é uma tarefa fácil. Porém, algumas evidências abrem o caminho.

Esse tópico se inicia com uma palavra bastante conhecida: mito. Até onde conseguimos retornar, remonta à raiz sânscrita *mous*, da qual surgiu a palavra “mantra”.

Das línguas mortas, o sânscrito é a mais fácil de rastrear. O antigo sumério, acadiano, e mesmo o egípcio arcaico acumularam estruturas e guardaram palavras-chave fundamentais. O grego arcaico, em grande parte, tem ligações com essas línguas antigas. A palavra Apolo, por exemplo, significa “deus da luz”, o que em sânscrito quer dizer “totalidade da luz”. *Ap* é “luz” e *ollon*, “totalidade” (daí holístico).

A raiz *mous* decorre de um som primordial e em volta dela há uma família de palavras importantíssima. Essa raiz indica um comportamento e uma ação cuja expressão é até hoje utilizada para o ato de calar-se, ou seja, colocar a mão na própria boca, fazendo o som “mm”. Esse ato, para os antigos, era a primeira atitude para receber a divindade. O “m” é um som primordial, cósmico, indicando a arte de calar-se.

A raiz *mithos* também daí derivou. Os mitos nasceram dessa arte de calar-se para ouvir os deuses. É preciso aprender a silenciar, e isto é uma arte. De *mithos* derivou *meyin*, que significa “calar” as vozes mentais e emocionais (traduzimos como “a linguagem do desejo”). Enquanto não se consegue calar essas vozes, o *meyin* não aparece. É uma relação única do homem com o cosmos e permite o nascimento

dos mitos que, para os antigos, são a linguagem universal: as verdades universais, por excelência.

Da raiz *meyin* originou-se *mayêutica*, que em grego significa “encantamento”. Daí também derivou “magos”, “magia”. Também é sinônimo de “fermentação”, porque a arte do encantamento passa pela fermentação que é a arte do nascer da interioridade, que cresce lentamente, com um grande esforço.

Sócrates utilizou a palavra *mayêutica* para designar sua forma de ensinar, associada à teoria da reminiscência. Ele dizia que nada tinha a ensinar aos alunos, mas podia ajudá-los a recordar, referindo-se às existências passadas.

As tradições reencarnacionistas procedem do Egito e foram espalhadas pela Terra há milênios. Toda a tradição mítica grega, como os “Mistérios de Eleusias”, torna-se difícil de ser compreendida sem que tenhamos isso muito claro em mente. Estamos aqui para realizar uma missão e voltaremos neste processo de aperfeiçoamento.

A função dessa recordação é proporcionar meios para o indivíduo se conhecer, porque, quando se calam as vozes mentais e emocionais, vem à tona o passado cósmico. “Religamos” (o sentido da palavra religião é “religar” o homem com Deus) o destino individual ao cósmico, e podemos responder agora às questões fundamentais que são o enigma da Esfinge: De onde vim? Quem sou? Para onde vou? Essas questões encontram-se na famosa Esfinge que está no templo de Apolo, em Delfos. Na sua base se lê: “Conhece-te a ti mesmo, depois aos outros e depois aos homens, e quem sabe um dia te tornarás um homem”.

Essas afirmações abrem as portas de um saber considerado a etapa fundamental da formação do homem, a chamada “Psicagogia” (educação do psiquismo), segunda etapa da Paideia. A primeira seria a Paideia ou Pedagogia, quer dizer, formação da ética e da virtude. A terceira etapa é a *Misteia* ou Mistagogia, que prepara para o conhecimento dos deuses. Podemos resumir assim:

- **Primeira etapa:** (dos 6 aos 18 anos) – o conhecimento ético (Paideia).
- **Segunda etapa:** (dos 14-15 aos 28 anos) – o conhecimento de si (Psiqueia).
- **Terceira etapa:** (dos 28 aos 40-60 anos) – o conhecimento dos deuses (Misteia).

Essas etapas eram necessárias para se tornar um iniciado nas Escolas dos Mistérios.

Vale notar que um terço dos cidadãos da *pólis* atingia a última etapa.

Eles estudavam os mistérios dos ritmos (chamados de *máthimas*), resultando daí a matemática. Estamos diante da origem da música e da matemática, que eram vistas como uma mesma ciência, sendo impossível separá-las.

A matemática não era considerada uma ciência humana, mas uma ciência dos deuses, assim como a música. Apolo era o deus da música, e foi quem trouxe os sons primordiais, com a lira de sete cordas (as sete vibrações da alma), e que encontramos na tradição hindu como os sete chacras.

A matemática não pode ser uma ciência humana porque é um saber em que, para uma simples operação como $1 + 1$, é preciso suspender o espaço e o tempo. $1 + 1$ é igual a 2, mas isto é, rigorosamente falando, uma falsificação do real, porque para que $1 + 1$ resulte em 2, na dimensão do espaço e do tempo, a temporalidade flui e, portanto, transforma as coisas. Então, enquanto realizamos essa simples operação, numa questão de frações de segundos, o 1 torna-se diferente de si próprio daí a instantes e, quando terminarmos a operação, será um absurdo dizermos que $1 + 1 = 2$, uma vez que os componentes da operação serão outros...

Essa operação somente é possível porque suspendemos o espaço e o tempo; fazemos de conta que os números em questão são eternos e não sofrem a ação do tempo. Como só os eternos não se modificam, essa é

uma ciência dos deuses. Nessa hora, fazemos de conta que somos deuses e realizamos a operação. Com os símbolos acontece o mesmo, e isso abre as portas para a semelhança dos homens com os deuses. Assim, não sendo imortais, podemos aproximar-nos dos que o são.

A raiz de Eleusias vem do radical sânscrito *eleph* (ou *aleph*, a primeira letra do alfabeto hebraico). Indica aproximação com o divino e representa “ir em direção a”. A raiz *eleph* é também sinônimo de abertura, voo. Portanto, é muito bem traduzida por “libertação”. Os Mistérios de Eleusias são os mistérios da libertação da alma.

No tema bíblico sobre a perda da imortalidade, as tradições mais arcaicas contam que os homens viviam ao lado dos deuses e que a perderam. O humano primordial foi dividido em duas metades, e Zeus condenou-as a procurar uma a outra eternamente, até se encontrarem. Enquanto elas estavam envelhecendo, surgiu Pandora com uma caixa que Zeus enviou aos homens. Continha todos os males, mas também a esperança. Assim será a vida na Terra: “Cheia de males, porém sempre restará uma esperança”. Quem abriu a caixa foi Epimeteu, aquele que primeiro faz e depois pensa. Esse é o presente de Zeus: perdem o direito à imortalidade, mas têm a esperança da renovação pelo reencontro de si próprios e de seu destino.

Os Mistérios de Eleusias serviam para libertar o homem desse ciclo de ir e vir, de nascer e morrer, e reconquistar a imortalidade. Todas as escolas dos mistérios da antiguidade tinham essa função: ensinar aos homens a arte de reencontrar seu destino, a arte de libertar-se do ciclo da mortalidade, sair da roda da vida, da necessidade, e reencontrar o caminho do herói que, em grego, significa “aquele que encontra o caminho do sagrado”.

Para entender os mistérios, temos de recapitular a história de Deméter. Não só a dela, mas a das divindades femininas, que desapareceram da tradição judaico-cristã-islâmica. Quando mandaram a mulher para casa, não deixaram nada para ela. A religião monoteísta só pode consolidar-se se um arquétipo for eliminado – e neste caso foi o

feminino. O divino recai sobre o masculino. A Virgem Maria, como símbolo do feminino divinizado, não tem uma função de ação, sendo de uma passividade total.

Mas o arquétipo feminino é fecundo, tem energia e realidade própria divinizadas, da mesma maneira que o masculino. São funções diversas, porém complementares e indissociáveis.

O mito da criação, na tradição helênica, tem início com Gaia e Urano, como vimos no tópico anterior e aqui recapitulamos; ou seja, encontramos o masculino e o feminino divinizados. Gaia é também chamada de Titeia ou Titanesa, em grego, e Urano de Titã, que quer dizer força cósmica primordial. Gaia é a primeira evolução a partir do caos. Dessa evolução ela se criou e se dividiu, gerando um imenso ovo cósmico. Surgiu então Urano sobre si mesma, daí “o grande céu estrelado” imenso espalhando-se para todos os lados. De seu interior nasceu Eros, o princípio motor cósmico. É um princípio que tudo une, que atrai desde os planetas até uma garrafa sobre a mesa. Esse princípio cósmico representa a determinação que unirá os contrários. O masculino e o feminino são parte inalienável da criação, e ambos devem reinar. As divindades masculinas e femininas sempre estarão presentes e equiparadas: elas reinam juntas. Após Urano e Gaia, surgirá a dinastia de Kronos e Réa. Kronos significa a temporalidade, e Réa, a duração. Finalmente, a evolução criadora levará para a dinastia de Zeus, surgindo Deméter, a terceira etapa da divindade feminina, a mais evoluída.

Gaia é todo o possível, pois é a primeira passagem do Caos em direção ao ser. Tudo que toca nela se fecunda. Os deuses, quando fazem um juramento, evocam o nome de Gaia, pois eles não mentem, e a eternidade de seu juramento é garantida por ela.

Réa representa a segunda dinastia, a terra divinizada; é o fecundo que tem uma função e ganha uma direção. Pode trazer o que há de mais maravilhoso e o mais monstruoso também. O fecundo desgovernado é o princípio feminino fundamental, sendo Deméter o

fecundo mais evoluído. É a terra cultivada, renascida. Ela preside os mistérios da ressurreição, o caminho do que morre e volta a nascer, a metempsicose e a metamorfose.

A metamorfose é a transformação com o passar dos anos, é o que se faz durante a vida e o que se vai levar dela. Esse julgamento será feito por sua filha Perséfone: é a ela que prestará contas de tudo o que se fizer nessa vida.

Os Mistérios de Eleusias eram consagrados às metamorfoses, à arte de aprender a realizar ao máximo seus talentos, cumprindo o destino, de tal maneira que, no final da vida, o corpo estivesse completamente gasto, porque se usou bem tudo o que ele oferecia para a evolução da alma. Não guardou “ferro” nenhum e metamorfoseou-se em ouro. A imortalidade é, portanto, árdua conquista pessoal. Vale notar que a tradição cristã, no que tange à morte e ao renascimento de Cristo, traz toda a tradição órfico-pitagórica “nas costas”.

Deméter preside essa metamorfose, e ela própria passará por ela. Uniu-se a Zeus na cerimônia denominada “Hierogamia”, ou casamento sagrado, da qual nascerá Perséfone, que revelará os segredos. Todo mortal, ao descer ao Hades, prestará contas à juíza infernal. Prestam-se contas daquilo que se tem como destino, e verifica-se o quanto se cumpriu dele.

Perséfone é raptada por Hades ou Plutão. Este representa o mundo da esfera interior, o “não visto”. Deméter, desesperada, desce do Olimpo em busca de sua filha. Hades raptara Perséfone com autorização de Zeus. Era destino de Deméter perder sua filha, que não tinha como destino permanecer ao lado da mãe. Ela procura a filha por todos os cantos, até chegar a Eleusias. Lá encontra um rei chamado Celeu, sua esposa, suas quatro filhas e um menino. Está disfarçada de velha, e desde sua partida do Olimpo não se alimentava. É chamada ao palácio real, e a rainha pede-lhe que educasse o seu filho.

Deméter apaixona-se pelo menino, passando a queimá-lo no fogo sagrado para que ele se torne imortal. Uma noite, a mãe flagra Deméter

com o menino no fogo e fica apavorada, saindo aos berros, pensando que ela estivesse matando o filho. Com isso, provoca a ira de Deméter, que lhe diz: “A curiosidade tirou a oportunidade de teu filho conquistar a imortalidade. Teu papel de mãe foi além da conta do que deveria, e assim viste o que não deveria ser visto, e teu filho será mais um dos mortais, e conhecerá aquilo que eu lhe ia tirar: as agruras da velhice e o sabor da morte. Eu sou Deméter, e exijo que aqui se levante um santuário em minha glória”. Parte então em sua busca incessante e ordena que a terra seque, porque é ela quem traz a fertilidade. A terra fenece, os campos param de florescer, e os deuses então se preocupam, porque os homens começam a perecer. Quem irá cultuá-los nos santuários? Precisamos deles, mas eles também precisam de nós.

Finalmente, Deméter recebe a mensagem de Zeus de que, se ela concordar, sua filha viverá metade do tempo no Hades e a outra metade na Terra, ou um terço do tempo no Hades e dois terços na Terra, e ela aceita.

Mas Plutão havia dado sete grãos das sete romãs do Hades para Perséfone comer. Ao retornar, sua mãe lhe pergunta: “Comeste das romãs do Hades? Se o fizeste, terás de retornar”. Ela responde afirmativamente e, então, fica sabendo que poderá ir, devendo retornar.

A romã, como símbolo do retorno, era o fruto sagrado da fecundidade, e na antiguidade também era o fruto da ressurreição, do ir e vir. Os antigos tinham o costume de encher a casa de romãs quando nascia uma criança; quando alguém morria, colocavam-se as romãs sobre o esquife, para que Gaia fosse bondosa com esse morto e lhe concedesse a ressurreição. A fecundidade, aqui, tem o sentido de renascimento, e não de ter filhos. O mesmo significado se aplica quando do casamento de Hera com Zeus. A avó da noiva, Gaia, presenteou Hera com pomos de ouro, que na verdade eram romãs de ouro dos jardins das Hespérides.

Perséfone deverá retornar para o Hades e viverá na Terra. Ela é aquela que presidirá a ressurreição, e isso era feito revelando os

segredos, o caminho. Só aquele que realiza seu destino poderá alcançar a ressurreição. Deméter, feliz com o retorno da filha, ordena que se erga um templo em Eleusias e lá sejam celebrados os mistérios da libertação.

Os Mistérios de Eleusias morreram com seus sacerdotes. Pouco se conhece sobre o que eram esses mistérios. Sabe-se, entretanto, que eram divididos em pequenos e grandes mistérios. Os pequenos eram abertos aos jovens a partir de 18 anos – era a primeira iniciação. Os grandes mistérios só poderiam acontecer após os 28 anos e representavam a grande iniciação; a permanência mínima era de um ano, podendo chegar aos vinte.

Sófocles e Ésquilo eram grandes consagrados dos Mistérios de Eleusias. Todos os grandes trágicos gregos eram mistagogos e iniciados. A tragédia grega nos espanta por seu grande valor ético, pois foi escrita por pessoas de enorme elevação espiritual.

A primeira iniciação era o tema do bode expiatório. É aquele que “paga o pato”: nada fez ou fez tanto quanto os outros, mas o castigo recai sobre ele. A comida é o bode expiatório mais comum em nosso cotidiano. Vivemos à custa da morte alheia.

A primeira coisa que faz o homem lamentar sua condição mortal é essa, porque os imortais são pura criação, e o homem é criação e morte.

O ato destrutivo começa em nossa própria mesa e rezar é agradecer pelo prato de comida tendo origem arcaíssima e significa: “Agradeço por ser o privilegiado, sem merecer, por estar aqui comendo alguém que morreu imerecidamente e está sendo servido”. Esse é o sentido fundamental da oração à mesa e da Santa Ceia: agradecer por esta vida.

O princípio da iniciação é a arte de viver sem causar a morte, de manter a vida. Se o homem quiser reconquistar sua imortalidade, terá de aprender a cultivar esse princípio. Esta é a única possibilidade do homem: a criação, em que sua vida recria a vida constantemente e não espalha a morte. Esse é o primeiro mistério. Portanto, o mistério da

libertação passa pela arte de criar a vida, e não destruí-la.

Assim, começa na mesa, porque Deméter é uma divindade que dá, mediante a perda de sua filha, que foi o bode expiatório, o segredo para se viver sem causar a morte. Serão os segredos da terra cultivada que esparge e traz o “fruto sem morte”, que é aquele que a árvore nos dá, sem tirarmos sua vida. É aquela parte de cima do trigo que se corta e não mata o trigo, e com ela se faz o pão. O cereal e o fruto são os presentes mais sagrados da Terra, mostrando que é possível viver sem matar. Quem aprendeu a cultivar, conheceu o primeiro passo da arte de viver sem espalhar a morte. Essa é a lei dos mistérios, que era chamada de “transcendência da condição mortal”. Mas essa arte vai além do comer à mesa.

O juramento solene dos mistérios era tornar intocável o nascimento, a vida e a morte, ou seja, nascer, viver e morrer com dignidade. Dignidade é viver sem causar a morte. Esse era o mandamento único dos Mistérios de Eleusias.

É muito fácil prestar contas aos homens; o difícil é fazê-lo aos deuses. É mais difícil ainda levar uma vida em que estejamos em paz com os deuses e com os homens. Estar em paz com os deuses é estar em paz com a verdade, com a ética – não na questão moral, mas na da dignidade que reside na nobreza de não ter tocado nunca no direito de nascer, da vida, e de permitir uma morte digna. Deméter dizia: “Tudo o que tiraste da terra, debes devolver. Devolverás à terra a matéria que retiraste, para que a terra possa ser fertilizada e gerar outras vidas”.

O tema do bode expiatório é a arte de preservar. Só que aquele que preserva a vida e a criação (mantém a honra acima de tudo) é prato cheio para se tornar um bode expiatório. Todo aquele que expõe sua verdade tem tudo para ser esquartejado, enforcado, crucificado etc. A história de Cristo é exemplar. Esse despedaçamento, que é a crucificação, mostra os riscos que corre um indivíduo que semeia e espalha sua força criadora pelo amor.

Dizia a antiga tradição que os homens não suportam os filhos dos

deuses. Matam-nos para no dia seguinte erguerem-lhes estátuas. Estas, sim, poderão ser adoradas. Não os suportam vivos, pois seriam a grande prova de sua insensatez.

A grande questão é que o bode expiatório tem de estar preparado para morrer pelos outros.

A libertação aumenta os riscos dos homens; só o covarde vive longamente mas o herói não pode seguir um caminho conformista. E aquele que cultua, efetivamente, os mistérios da libertação, tem o risco constante em sua vida.

GEOMETRIA SAGRADA E OS SEGREDOS DAS PIRÂMIDES

PARA CONHECER A MAGIA DOS NÚMEROS 1, 3, 7, 9 E 12

As figuras 1 e 2 descrevem o que na antiguidade era chamado de “a geometria sagrada das pirâmides”. O que vemos na figura 1 é uma pirâmide vista de cima. A base é o quadrado, que representava os quatro elementos fundamentais e materiais que compunham a chamada psiquê na antiguidade. Era o princípio que animava todo e qualquer ser vivo. Cada lado da pirâmide, que era um triângulo, indicava o caminho para a ascensão da matéria em espírito. Em seu topo existia, na antiguidade, uma esfera de ouro, que representava o divino, porque a esfera não tem começo, meio e fim, sendo qualquer ponto dela seu início, meio ou fim possível. Assim, representava o eterno.

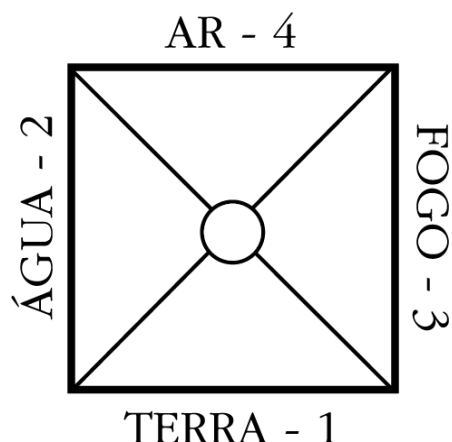


Figura 1

Os quatro elementos fundamentais originaram o Zodíaco entre os antigos egípcios e a tão conhecida Astrologia. Qualquer ser humano poderia nascer sob um signo, seja da água, da terra, do fogo ou do ar, e de qualquer um deles poderia ascender espiritualmente. Como

sabemos, ainda hoje a Astrologia divide assim os doze signos do zodíaco, sendo três signos para cada elemento.

O desafio proposto pela geometria das pirâmides era transformar o quadrilátero da matéria, que seria a base da pirâmide, no triângulo do espírito, que eram os lados da pirâmide e indicavam a ascensão. Como vimos, a base da pirâmide representava os quatro princípios (elementos) fundamentais da matéria dos quais somos constituídos: água, terra, fogo e ar. Note-se que esses são princípios qualitativos da chamada “psiquê cósmica” e constituíam a base de nossa personalidade.

Qualquer um dos lados (que eram símbolos e caminhos zodiacais) levaria para cima – era o triângulo da pirâmide. Note-se que “Zodíaco”, em grego, significa caminho dos seres vivos, sendo que *zóon* quer dizer “vida”, daí zoológico em nossa língua, por exemplo.

Todos os caminhos, seja a terra, o fogo, a água ou o ar, poderiam levar ao triângulo da espiritualidade, ou seja, à ascensão. Cada triângulo representa o número três sagrado, que era “o nobre, o bom e o belo”. Eram as três forças da espiritualidade, que transformavam a matéria de nosso corpo em espírito, não importando sua origem. Os alquimistas falavam da quadratura do círculo, porque no topo da pirâmide estava uma esfera de ouro, símbolo do divino e do eterno, e de qualquer lado se poderia a ela ascender. O poder da pirâmide está na prática da nobreza, da beleza e da bondade, sendo o caminho proposto ao homem para sua escalada em direção à imortalidade.

Todas as “Escolas dos Mistérios” da antiguidade grega e egípcia estavam voltadas para a conquista da espiritualidade, ou seja, para a chamada “quadratura do círculo” de que tanto os alquimistas falavam e também da transformação do ferro ou chumbo em ouro, através da pedra filosofal. O ferro ou chumbo eram símbolos de nossa condição meramente material e mortal e sua transformação em ouro nada mais era do que o caminho da espiritualidade, uma vez que este representava o divino. A pedra filosofal era o “caminho de Hermes”, uma vez que pedra, em sânscrito, é *hermu* e filosofal queria dizer

sabedoria. Podemos agora traduzir assim: “Pela sabedoria, para encontrar os caminhos da transformação de nossa parte material em nobreza, beleza e bondade, reconquistaremos nossa imortalidade perdida e um lugar ao lado dos deuses”. Esse era o chamado caminho do herói na antiguidade, proposto a todos os homens, não importando seu signo ou sua origem. Esse caminho também era chamado de caminho astral, pois os antigos acreditavam que viemos dos astros e que eles eram responsáveis também pela nossa formação. Isso era também chamado de “psiquê cósmica” e originou a Astrologia, ou seja, a energia dos astros participando das formações psíquicas.

Vejamos algumas “coincidências” do número doze:

- Doze são os signos do Zodíaco.
- Doze são os deuses olímpicos.
- Doze são os meses do ano.
- Doze são as horas do relógio.
- Doze são as tribos de Israel.
- Doze são os apóstolos de Cristo.

Será tudo isso casual? Mais ainda, a base da pirâmide tem quatro lados, como vemos nas figuras 1 e 2, e seus lados são triângulos. Como já vimos, quatro é o símbolo da matéria e três, o do espírito. Se multiplicarmos a base por um lado, teremos o número doze, ou seja, o caminho para os deuses. Se somarmos o quatro com o três teremos o sete, que é o número de dias da semana e o das cordas da lira de ouro de Apolo. Esta representava as sete vibrações da alma, cada qual indicando um caminho para o homem.

A figura 2 mostra os elementos geométricos da pirâmide ou, ainda, a importância que tinha para Pitágoras o estudo das figuras sagradas – o quadrado, o círculo e o triângulo. Longe de se preocupar apenas com fórmulas e relações trigonométricas, Pitágoras, que era iniciado nas escolas dos mistérios do antigo Egito, buscava em seus estudos compreender e elucidar as relações sagradas e matemáticas entre o

material, o espiritual e o divino. Assim, o grande desafio seria o caminho da ascensão do homem, partindo de sua natureza material e transformando-a em espírito pela nobreza, beleza e bondade. Somente assim ele poderia alcançar os deuses.



Figura 2

Um dos mais belos mitos que examinamos nessa obra foi “o casamento de Eros e Psiquê”. Representava um caminho proposto ao homem: somente a força de Eros, unida a sua natureza material, que é o quadrado, poderá transformar essa matéria em espírito. No livro atribuído a Hermes, *A tábua das esmeraldas*, encontramos uma série de aforismos referentes a essa questão. Citamos alguns: “O corpo e a riqueza são destinados ao uso; gaste-os, mas gaste-os com paixão. Guardá-los ou acumulá-los é tolo e vão; o corpo deve partir daqui completamente gasto, transformado em puro espírito”. Por isso, os

antigos egípcios, por ocasião da morte de alguém, pesavam o coração do morto na divina balança de Anúbis, tendo como contrapeso de seu coração uma pena. Esta era o símbolo por excelência do que deveria ter restado de material para que o espírito pudesse voar em direção aos deuses.

Finalmente, não podemos deixar de observar que o número um representava o uno, ou seja, o divino. Para a modernidade, os ensinamentos contidos na geometria sagrada das pirâmides são os mesmos há milênios: de nada adiantará valer-se de amuletos em forma de pirâmide “para captar sua energia positiva”. Isto, sim, é tola superstição e magia barata. O único modo de captar a sagrada energia das pirâmides é praticar o que sua geometria indica há muitos milênios: “a nobreza, a beleza e a bondade”.



SOBRE O AUTOR

Viktor D. Salis nasceu em Atenas, Grécia. Formou-se em Psicologia em 1970 pela PUC-SP e estudou Epistemologia Genética com Jean Piaget em Genebra, Suíça, onde completou seu primeiro doutorado em 1977. Em 1981 estudou “A Fenomenologia dos Mitos” com Igor Caruso na Universidade de Salzburg, obtendo seu segundo doutorado.

Daí em diante, dedicou-se cada vez mais ao estudo das tradições e mitos das antigas civilizações gregas, egípcias, judaico-cristãs, caldaicas e orientais, buscando recuperar seu significado original, ou seja, fornecer chaves ao homem para a arte de viver e amar, tema fundamental da presente obra.